



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DEDC I
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E
CONTEMPORANEIDADE**

KATIUSCIA DA SILVA SANTOS

**HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO EM ARACI: ELOS ENTRE A REMINISCÊNCIA
DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E A REMANESCENTE
(IN)VISIBILIDADE DOS SUJEITOS NA CONTEMPORANEIDADE**

**SALVADOR – BA
2019**

KATIUSCIA DA SILVA SANTOS

**HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO EM ARACI: ELOS ENTRE A REMINISCÊNCIA
DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E A REMANESCENTE
(IN)VISIBILIDADE DOS SUJEITOS NA CONTEMPORANEIDADE**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia, como requisito para obtenção do grau de mestre em Educação e Contemporaneidade.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo José Fernandes Nunes

Linha de Pesquisa: Educação, Gestão e Desenvolvimento Local Sustentável

Grupo de Pesquisa: Teoria Social e Projeto Político Pedagógico

SALVADOR – BA
2019

FICHA CATALOGRÁFICA
Sistema de Bibliotecas da UNEB
Dados fornecidos pelo autor

S237h

Santos, Katiuscia da Silva

História da Educação em Araci: elos entre a reminiscência da Educação de Jovens e Adultos e a remanescente (in)visibilidade dos sujeitos na contemporaneidade / Katiuscia da Silva Santos.– Salvador, 2019.

234 fls.

Orientador(a): Eduardo José Fernandes Nunes.

Inclui Referências

Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade - PPGEDUC, Câmpus I. 2019.

1.História da Educação. 2.Araci. 3.Educação de Jovens e Adultos. 4.Contemporaneidade.

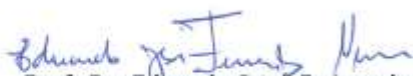
CDD: 370.9

FOLHA DE APROVAÇÃO

**HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO EM ARACI: ELOS ENTRE A REMINISCÊNCIA
DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E A REMANESCENTE
(IN)VISIBILIDADE DOS SUJEITOS NA CONTEMPORANEIDADE**

KATIUSCIA DA SILVA SANTOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, em 10 de abril de 2019, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia, composta pela Banca Examinadora:



Prof. Dr. Eduardo José Fernandes Nunes
Universidade do Estado da Bahia - Uneb
Doutorado em Análise Geográfica Regional
Universidade de Barcelona, UB, Espanha



Prof. Dr. Davi Silva da Costa
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano - IFBA
Doutorado em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, UFRRJ, Brasil



Profa. Dra. Tânia Maria Hetkewski
Universidade do Estado da Bahia - Uneb
Doutorado em Educação
Universidade Federal da Bahia, UFBA, Brasil

Dedico este estudo aos meus pais, que
como tantos outros brasileiros não tiveram
a oportunidade de estudar enquanto jovens;
à meu esposo e filhos pelo apoio
incondicional e, aos sujeitos da Educação
de Jovens e Adultos da Escola João Pereira
de Pinho, Comunidade de Tapuio, Araci –
BA, instituição que leciono há 15 anos.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela vida e pelas oportunidades que vem me concedendo durante esses trinta e quatro anos de vida.

Ao meu esposo Paulo pelo companheirismo nos diversos caminhos que escolhemos trilhar, me incentivando e colaborando para que nossos projetos se realizem.

Aos meus filhos Paulo Ricardo e Paola Sofia, pelo amor, pela alegria e presença quando compreensivamente participam adocicando cada momento de minha vida, me fazendo sentir mais forte para seguir além.

À minha família, em especial a meus pais, por terem me concedido a vida, a oportunidade de estudar, não apenas o ensino básico, mas à educação superior e pela parceria e dedicação que tiveram em cuidar dos meus pequenos enquanto estudava e pesquisava. E a meu irmão Vinicius, que me acolheu em sua casa durante os dois anos do Mestrado.

À Universidade do Estado da Bahia - UNEB, pela oportunidade de um ensino público de qualidade desde a graduação.

Ao professor orientador Eduardo José Fernandes Nunes pela orientação, amizade e maestria em aceitar o desafio de alterar o objeto do projeto inicial.

Aos estudantes e aos colegas de trabalho da Escola Municipal João Pereira de Pinho (gestores, coordenadores, professores e profissionais de apoio) que colaboraram cada um de sua forma para que este projeto fosse concluído. Sem esquecer de Lucivânia, Kátia, Cassia, Joângelo e Elizane, colegas de trabalho que sempre se dispunham a trocar as aulas para que a pesquisa fosse concluída sem prejudicar os estudantes, à Glaucia pela colaboração e às diretoras Damiana e Marta, que foram sempre parceiras e compreensivas.

À parceira de orientação, Nadja, com quem dividi por muitas vezes a aflição da escrita.

Aos amigos Selma, Társis, e Lílian, que sempre se dispunham e sugeriam leituras colaborando com a feitura do trabalho.

Aos Grupos de Pesquisa TSPPP e GEOTEC pela oportunidade de aprendizagem.

Aos colegas de pesquisa do projeto RedePub – História e Memória, que me motivaram a enveredar por caminhos divergentes a minha formação.

À FAPESB, que ajudou no financiamento do projeto deste trabalho.

Ao APEB, IGHB, NRE 4, SEDUC, CDA, SINTRAF e tantos outros colaboradores para este estudo.

E à banca, aos queridos Professores Tânia e Davi, pelas pertinentes contribuições e aprendizagens que nos proporcionaram outros espaços que tive a honra de compartilhar (GEOTEC e IFbaiano).

“A memória é uma atualização do passado ou a presentificação do passado e é também registro do presente para que permaneça como lembrança.” (CHAUI, 1997, p. 128).

RESUMO

Este trabalho dissertativo apresenta o estudo sobre a História da Educação de Jovens e Adultos (EJA) na cidade de Araci - Ba, para obtenção do título de Mestre em Educação e Contemporaneidade. Observando as altas taxas de analfabetismo, abandono escolar precoce e baixa escolarização dos jovens e adultos no município apontadas pelo OBEJA (2015), IBGE (2010), INEP (2012), SEI (2010), PNUD (2010), aliado à diminuição de oferta da modalidade EJA, surge a necessidade de realizar uma pesquisa histórica que evidencie a relação entre a memória da EJA e a permanente (in)visibilidade de seus sujeitos. Esta pesquisa fez uso da metodologia da pesquisa histórica, utilizando o método do Snowball (VINUTO, 2014). Na construção historiográfica utilizou-se o testemunho, através das entrevistas e depoimentos orais de 12 entrevistados (ex-estudantes, ex-professores, ex-gestores e representantes de movimento sociais), como também a análise de documentos escritos encontrados no Arquivo Público do Estado da Bahia – APEB, Biblioteca do Sistema Eletrônico de Informações -SEI, Instituto Geográfico e Histórico Bahia-IGHB, Núcleo Regional de Educação de Serrinha – NRE 4, além da Biblioteca, Museu, escolas e secretaria de educação do município. Os autores colaboradores do estudo são: Freire (2011, 2002, 2001, 1996, 1992, 1979, 1976), Arroyo (2005, 2012) e Gadotti (2000 e 2007) por proporcionarem uma reflexão sobre os sujeitos da Educação de Jovens e Adultos, Aranha (2006), Fávero (2006), Farraro (2009), Perez (2013) e Romanelli (2002) que colaboraram nos aspectos históricos da Educação de Jovens e Adultos no Brasil, como também Burke (1992), Candau, (2012), Certeau (1982), Deleuze (1988), Halbwachs (1990), Ricoeur (2007), Tompson (1992) e Arroyo (2017) que dialogam conosco a respeito da Memória e da História, além de Silva (1985) e Mota (2015) sobre a história e memória de Araci. O estudo vem revelar os elos históricos entre a precariedade da educação e suas contribuições para a perpetuação de altos índices de analfabetismo e a não escolarização dos sujeitos excluídos da escola ou excluído na escola. A partir da nudez do que está posto, foi possível desvelar uma tríade de fragilidades que se perpetuam durante a história, mas que podem ser investidas políticas públicas que proporcionem esperança da efetivação de uma educação emancipatória.

Palavras-chave: História da Educação. Araci. Educação de Jovens e Adultos. Contemporaneidade.

RESUMEN

Esta disertación presenta el estudio sobre Historia de la Juventud y Educación de Adultos (EJA) en la ciudad de Araci - Ba, para obtener el título de Máster en Educación y Contemporáneo. Tomando nota de las altas tasas de analfabetismo, abandono escolar prematuro y baja escolarización de jóvenes y adultos en el municipio señalado por OBEJA (2015), IBGE (2010), INEP (2012), SEI (2010), PNUD (2010), aliado a la disminución en Al ofrecer la modalidad EJA, es necesario realizar una investigación histórica que resalte la relación entre la memoria del EJA y la permanente (in)visibilidad de sus sujetos. Esta investigación hizo uso de la metodología de investigación histórica, utilizando el método de bola de nieve (VINUTO, 2014). La construcción historiográfica utilizó el testimonio, a través de entrevistas y declaraciones orales de 12 entrevistados (ex alumnos, ex docentes, ex gerentes y representantes de movimientos sociales), así como el análisis de documentos escritos que se encuentran en el Archivo Público del Estado de Bahia - APEB, Biblioteca de Sistemas de Información Electrónica -SEI, Instituto Geográfico e Histórico de Bahía-IGHB, Centro Regional de Educación Serrinha - NRE 4, además de la Biblioteca, Museo, escuelas y departamento de educación del municipio. Los autores contribuyentes del estudio son: Freire (2011, 2002, 2001, 1996, 1979, 1979, 1976), Arroyo (2005, 2012) y Gadotti (2000 y 2007) por proporcionar una reflexión sobre los temas de Educación de Jóvenes y Adultos. , Aranha (2006), Fávero (2006), Farraro (2009), Pérez (2013) y Romanelli (2002) que colaboraron en los aspectos históricos de la Educación de Jóvenes y Adultos en Brasil, así como Burke (1992), Candau, (2012).), Certeau (1982), Deleuze (1988), Halbwachs (1990), Ricoeur (2007), Tompson (1992) y Arroyo (2017) que dialogan con nosotros sobre Memoria e Historia, además de Silva (1985) y Mota. (2015) sobre la historia y la memoria de Araci. El estudio revela los vínculos históricos entre la precariedad de la educación y sus contribuciones a la perpetuación de las altas tasas de analfabetismo y la no escolarización de sujetos excluidos de la escuela o excluidos de la escuela. Desde la desnudez de lo que se pone, fue posible desvelar una tríada de debilidades que se perpetúan a lo largo de la historia, pero en las que se pueden invertir políticas públicas que ofrecen la esperanza de la realización de una educación emancipadora.

Palabras -Chave: Historia de la Educación. Araci. Educación de Jóvenes y Adultos.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Snowball da pesquisa.....	27
Figura 2 - Estrutura do sistema educacional gerado pelas reformas pombalinas	36
Figura 3 -Trajetória da taxa de analfabetismo entre as pessoas acima de 5 anos no Brasil, entre 1872 a 2000.....	44
Figura 4 – Mapa do Território de Identidade do Sisal -TIS	50
Figura 5- Mapa de abrangência da pesquisa do OBEJA.....	54
Figura 6 - Gráfico com taxa de analfabetismo das pessoas com 15 anos ou mais.	56
Figura 7 - Divisão de currais da Casa da Ponte e da Casa da Torre.	57
Figura 8 - Evolução Territorial e Administrativa do Território de Identidade do Sisal.....	60
Figura 9- Mapa do Município de Araci	61
Figura 10- Foto aérea de Araci em 2014.	62
Figura 11- Mapa Político-Administrativo da Bahia: situação em 1827.	64
Figura 12- Mapa Político-Administrativo da Bahia: situação em 1889.	65
Figura 13- Mapa Político-Administrativo da Bahia: situação em 1940.	65
Figura 14- Mapa Político-Administrativo da Bahia: situação em 2000	66
Figura 15- Ata de eleição para senador do Império – 1888.	67
Figura 16 - Mapa da Bahia – 1895.	70
Figura 17- Mapa Geral da República dos Estados Unidos do Brasil -1908.....	71
Figura 18- Foto da posse do primeiro prefeito de Araci após a restauração – 1958.....	74
Figura 19 – Cópia de Documento de aprovação de estudantes do Professor Pedro Ferreira Borges – 1878.	76
Figura 20- Entrega de Certificação do HAPROL.	84
Figura 21-Linha do tempo das ações municipais para EJA em Araci.	92
Figura 22- Reportagens sobre o Mobral em Araci – 1972.....	94
Figura 23- Reportagens sobre o MOBRAL em Araci – 1973.....	94
Figura 24 - Oferta de Turmas do TOPA 2011- 2016.....	98
Figura 25 - Layout do Projeto JIPFO.	100
Figura 26 - Gráfico de matrículas EJA 2010-2018.....	104
Figura 27- Gráfico diagnóstico da oferta de EJA no Ensino Fundamental 2012 e 2017.....	105
Figura 28- Foto do Centro Educacional Oliveira Brito, Araci (BA).....	105
Figura 29 - Foto da Escola Don Jackson Berenguer Prado.....	106
Figura 30- Foto da Escola Municipal João Pereira de Pinho, Araci (BA).	107
Figura 31- Imagem satélite do Povoado de Tapuio, Araci (BA).....	107

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Entrevistas realizadas	26
Tabela 2 - Estrutura do Colégio Jesuítico	34
Tabela 3 - Situação da educação primária no Brasil Império (1867)	38
Tabela 4 - Taxa de analfabetismo Território de Identidade do Sisal (2000 e 2010).....	53
Tabela 5 - Taxa de analfabetismo e abandono escolar precoce.	55
Tabela 6 - Emancipação dos municípios do Território de Identidade do Sisal – TIS.	59
Tabela 7 - Professores Efetivos da Cadeira Pública de Araci.	77
Tabela 8- Lista de estabelecimentos de Ensino Primário da divisão II Região 5.	86
Tabela 9- Taxa de analfabetismo e atendimento escolar - 1991/2000/2010.	87
Tabela 10- Número de habitante e estabelecimentos de ensino - 1950/1970/2018.....	90
Tabela 11 – Equivalência entre Tempos Formativos e Séries.....	103

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AEE - Atendimento Escolar Especializado
AFS – Arquidiocese de Feira de Santana
CCA – Centro Cultural de Araci
CDA – Central de Desenvolvimento das Associações de Araci
CEAA- Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos
CEMOB – Centro Educacional Oliveira Brito
CEPLAR - Campanha de Educação Popular da Paraíba
CETEBÁ – Centro de Educação Técnica da Bahia
CGMA - Coordenação-Geral de Monitoramento Atuarial
CPC - Centro Popular de Cultura
DS – Diocese de Serrinha
EJA - Educação de Jovens e Adultos
EMJPP – Escola Municipal João Pereira de Pinho
EDJBP – Escola Dom Jackson Berenguer Prado
FACITE Faculdade de Ciências, Tecnologias e Educação
FAPESB – Fundação de Amparo à Pesquisa da Bahia
FARESI – Faculdade da Região Sisaleira
FASB – Faculdade do Sertão Baiano, em Monte Santos
FCG- Faculdade Capim Grosso
FSAQ- Faculdade Santo Antônio de Queimadas
GEOTEC - Geotecnologias, Educação e Contemporaneidade
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICP- Instituto de Cultura Popular
IDH - Índice de Desenvolvimento Humano
IES – Instituição de Ensino Superior
IGHB - Instituto Geográfico e Histórico da Bahia
INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
JAC – Juventude Agrária Católica
JURC – Juventude Rural Católica
LBA - Liga Baiana Contra o Analfabetismo
LBCA - Liga Brasileira Contra o Analfabetismo
MCP- Movimento de Cultura Popular

MEB- Movimento de Educação de Base
MEC – Ministério da Educação
NRE 4 – Núcleo Regional de Educação de Serrinha
OBEJA - Observatório de Educação de Jovens e Adultos no Território de Identidade do Sisal
PNA - Programa Nacional de Alfabetização
PNAC – Programa Nacional de Alfabetização e Cidadania
PNUD- Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PROCARTA – Programa da Carta Escolar
SEDUC – Secretaria de Educação de Araci
SEI - Sistema de Educação Integral
SEI - Sistema Eletrônico de Informações
SINTRAF – Sindicato de Trabalhadores e Trabalhadoras em Agricultura Familiar de Araci
TIS – Território de Identidade do Sisal
TOPA – Todos Pela Alfabetização
TSPPP - Teoria Social e Projeto Político Pedagógico
UNE - União Nacional de Estudantes
UNOPAR- Universidade Norte do Paraná

SUMÁRIO

LISTA DE ILUSTRAÇÕES.....	10
LISTA DE TABELAS.....	11
INTRODUÇÃO.....	16
1 PERCURSO METODOLÓGICO.....	23
2 A CONSTITUIÇÃO HISTÓRICA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	29
2.1 HISTÓRIA E MEMÓRIA COMO MOBILIZADORAS DA EJA	29
2.2 HISTÓRIA E MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO JOVENS E ADULTOS NO BRASIL	
33	
2.1.1 Da colonização à república.....	33
2.1.2. História da Educação Jovens e Adultos no Brasil.....	38
3 CONTEXTUALIZANDO A PESQUISA	49
3.1 O TERRITÓRIO DE IDENTIDADE DO SISAL - TIS	49
3.1.1 Observatório de Educação de Jovens e Adultos do Território de Identidade do Sisal	54
3.1.2 Ocupação do sertão baiano: idas e vindas no processo de emancipação no território de	
identidade do sisal	56
3.2. ARACI: HISTORICIDADE DA CIDADE MÃE DO DIA	61
4 FRAGMENTOS DA HISTÓRIA E MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO DE ARACI	75
4.1 A GÊNESE DA EDUCAÇÃO NO MUNICÍPIO	75
4.2 A REMINISCÊNCIA DA EDUCAÇÃO DE PESSOAS JOVENS E ADULTAS	
EM ARACI	91
4.2.1 Dos programas de alfabetização à atualidade	91
4.3 REMANESCÊNCIAS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: ENTRE O	
SIMULACRO E A REALIDADE	101
5 REFLEXÕES PARA UM RECOMEÇO.....	111
BIBLIOGRAFIA.....	115
APÊNDICES	121
APÊNDICE A – TERMO LIVRE DE CONSENTIMENTO ESCLARECIDO PARA	
PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA	121
APÊNDICE B – CARTA DE ANUÊNCIA.....	123
APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA EX-ESTUDANTE	124
APÊNDICE D – ROTEIRO DE ENTREVISTA EX-PROFESSOR	125
APÊNDICE E - TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA E1	126
APÊNDICE F- TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA E2	128
APÊNDICE G - TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA E3	132
APÊNDICE H - TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA E4.....	134
APÊNDICE I- TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA E5	136
APÊNDICE J- TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA E6.....	141
APÊNDICE K- TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA E7.....	143

APÊNDICE L- TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA E8	145
APÊNDICE M- TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA E9	146
APÊNDICE N- TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA E10.....	167
APÊNDICE O- TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA E11	184
APÊNDICE P - TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA E12	191
APÊNDICE Q - ESCOLAS QUE OFERTAM A EJA EM ARACI (2018).....	192
APÊNDICE R – DADOS DA EJA DO MUNICÍPIO DE ARACI-BA (2010-2018)	193
APÊNDICE S – PERCURSO METODOLÓGICO EM SNOWBALL	194
APÊNDICE T - RELATÓRIO QUANTITATIVO DE TURMA E ALFABETIZANDO POR ENTIDADE/ 2011- 2016.....	195
APÊNDICE U- MAPA LIMITES TERRITORIAIS DE ARACI (2019)	196
ANEXO V- MAPAS HISTÓRICO COM A REPRESENTAÇÃO DE ARACI.....	197
ANEXO W - VINCULAÇÃO POLÍTICA-ADMINISTRATIVA DE ARACI E COMARCAS NOS REGISTROS CIVIS DE ARACI DE 1885 - 1882	199
ANEXOS.....	202
ANEXO A - CÓDIGOS DAS ESCOLAS POR REGIONAL E DIREÇÃO – ARACI (2016).....	202
ANEXO B – RELATÓRIO DE TODAS AS ATIVIDADES PROCARTA ARACI.....	208
ANEXO C – RELATÓRIO SÍNTESE DAS ATIVIDADES PROCARTA ARACI.....	210
ANEXO D – ESTABELECIMENTOS DE ENSINO PROCARTA ARACI.....	213
ANEXO E – ESTABELECIMENTOS DE ENSINO PROCARTA (Manuscrito).....	216
ANEXO F – MAPA DE MATRICULAS DAS ALUNAS DO SEXO FEMININO ARACI - 1902	219
ANEXO G – MAPA DE MATRICULAS DAS ALUNAS DO SEXO MASCULINO ARACI - 1902.....	220
ANEXO H – PROFESSORES ANTIGOS DE ARACI (1880 A 1960)	221
ANEXO I – QUADRO DE PREFEITOS DE ARACI.....	224
ANEXO J - COPIA DE APROVAÇÃO DOS ESTUDANTES DE PEDRO BORGES ...	226
ANEXO K – ORIENTAÇÕES CORRETIVAS PARA A CONCLUSÃO DOS RESULTADOS PARCIAIS - EJA.....	227
ANEXO L –FICHA INDIVIDUAL DO ALUNO DA EJA - ANOS INICIAIS - 2018....	229
ANEXO M –FICHA INDIVIDUAL DO ALUNO DA EJA - ANOS FINAIS - 2018.....	230
ANEXO N - QUADRO DE OFERTA DE VAGAS DE EJA NA REDE MUNICIPAL 2012 -2018	231
ANEXO O – CERTIFICADO DO HAPROL.....	233
ANEXO P – FOTOS ANTIGAS	234

INTRODUÇÃO

“Para o educador-educando, dialógico, problematizador, o conteúdo programático da educação é [...] a devolução organizada, sistematizada e acrescentada ao povo daqueles elementos que este lhe entregou de forma desestruturada.” (FREIRE, 2002, p. 83-84).

A presente pesquisa intitulada “História da Educação em Araci: elos entre a reminiscência¹ da Educação de Jovens e Adultos e a remanescente (in) visibilidade dos sujeitos na contemporaneidade” é proveniente de indagações surgidas a partir de três momentos relacionados ao meu desenvolvimento profissional, pessoal e acadêmico.

Reflexão sobre a experiência profissional

No primeiro momento, destaco o que considero mais importante: as experiências docentes que vivenciei na Educação de Jovens e Adultos - EJA, nos relatos ouvidos dos estudantes da Escola Municipal João Pereira de Pinho - EMJPP, escola rural do município de Araci, ao qual leciono há 15 anos e 13 deles na EJA. Estes relatos me fizeram refletir sobre os sujeitos da EJA, sujeitos sociais, que tiveram seus direitos amplamente negados, e dentre estes o de cursar uma educação escolar na “idade certa”, seja por interferência pessoais/sociais (questões familiares, trabalho ou questões financeiras), gerenciais (falta de oferta, ou oferta sem estrutura física e pedagógica) e que ficaram à margem da escolarização, “excluído da escola, ou excluídos na escola” (FERRARO, 2009, p. 18), e estes, mesmo com tantas intercorrências na sua vida diária, se matriculam na Escola depositando esperanças na escolarização.

¹Reminiscência que significa aquilo que se conserva na memória, lembrança. Do latim *reminiscentia*, (CUNHA, 1982)

A marca pessoal na escolha do estudo

Uma origem marcada pela luta e desejo de oferecer uma escolaridade aos filhos. Na crença que a escola poderia mudar a vida e o fazer histórico da nova geração ser outro, conquistado pela escolarização dos familiares.

De um lado, ter um pai semianalfabeto, que passou de um peão de obras asfálticas a encarregado de turma de terraplanagem, detentor de um conhecimento prático, e mesmo escrevendo com erros ortográficos e às vezes ilegíveis, era corriqueiramente solicitado e consultado pelos engenheiros da firma. E, do outro lado, as dificuldades sofridas por minha mãe em enfrentar já adulta e com filhos, três turnos diários: as atividades domésticas, pela manhã, o trabalho de meio turno como merendeira, e durante a noite frequentando a escola, estudando para concluir o Ensino Fundamental e Médio. Além desses eventos recorro também de minha avó materna, que aprendeu a escrever seu nome já idosa. Histórias que se repetem e retratam uma realidade corriqueira de tantos outros jovens, homens e mulheres, pais e mães, avôs e avós encontrados na EJA de todo Brasil, em especial nas regiões do nordeste e norte.

Articulação entre a proposta de investigação, a produção acadêmica e a linha de pesquisa escolhida

E num terceiro momento, evidencio o contato com a Universidade, na especialização, na experiência como pesquisadora, quando fui bolsista da CAPES–OBEJA² em 2013, que, ao percorrer os seis municípios integrantes da pesquisa (Araci, Conceição do Coité, São Domingos, Santaluz, Serrinha e Valente), percebi o quão frágil é o sistema de ensino que oferta essa modalidade, em especial no campo e nas periferias.

²O OBEJA é um observatório coordenado pelo Grupo de Pesquisa Teoria Social e Projeto Político Pedagógico, da Linha de Pesquisa Educação Gestão e Desenvolvimento Local Sustentável do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, que realizou estudos e proposições sobre a organização e a oferta da Educação de Jovens e Adultos (EJA) nos sistemas de ensino de seis municípios do Território de Identidade do Sisal na Bahia (Conceição do Coité, Serrinha, Santa Luz, Araci, São Domingos e Valente).

Quando passei a frequentar os grupos de pesquisa Teoria Social e Projeto Político Pedagógico - TSPPP³ em 2012 e Geotecnologias, Educação e Contemporaneidade - GEOTEC⁴ em 2016, me deparei com discussões teóricas, que propuseram observar a minha prática de maneira mais crítica, iniciando um processo de estranhamento, tão importante nas pesquisas que têm o sujeito pesquisando seu próprio cotidiano. Agregando o exposto às indagações propostas pelo projeto RedePub⁵, que tem o lugar como contexto de análise (LEÃO, 2017), pude indagar-me sobre a valorização da cultura, histórias e memórias dos sujeitos, da comunidade, da Educação (formal, não-formal e informal), e conseqüentemente seus impactos na educação escolarizada, consolidando o desejo de aprofundar investigações sobre o lugar da história e da memória da EJA na constituição atual da oferta no município ao qual trabalho – Araci-BA.

Minha participação no Mestrado do PPGEduc/UNEB é o compromisso com a educação da região sisaleira. Registrar os discursos de sala de aula e ampliar para uma reflexão sobre a educação da região, em especial do município de Araci, abre a possibilidade de contar a história de um povo que produz cultura e busca o desenvolvimento local sustentável, sendo a educação essencial para esse feito.

A questão “Como os dados históricos introdutórios sobre a História da Educação no município de Araci evidenciam os elos entre a reminiscência da Educação de Jovens e Adultos e a remanescente (in) visibilidade dos sujeitos na contemporaneidade?” é articulatória com o Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade e o objeto de investigação transcorre na dinâmica da constituição do Observatório da Educação de Jovens e Adultos no Território de Identidade do Sisal.

A História da Educação de Araci precisa ser contada porque a memória oral requer uma sistematização escrita para não se perder com o tempo.

³Grupo de Pesquisa vinculado aos Programas de Pós-Graduação: Educação e Contemporaneidade (PPGEduc), e à Linha 3: Educação e Desenvolvimento Local Sustentável.

⁴Grupo de Pesquisa vinculado aos Programas de Pós-Graduação: Educação e Contemporaneidade (PPGEduc) e Mestrado Profissional Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação (GESTEC), do Departamento de Educação (DEDC I) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Tem como objetivo difundir o desenvolvimento de ciência e tecnologia nas escolas através da formação de jovens pesquisadores, no que se refere às discussões, reflexões, usos, potencialidades e redimensionamento das TIC como meios de comunicação entre a Escola e a Comunidade.

⁵ Desenvolvido pelo grupo de pesquisa GEOTEC, tem como objetivo contribuir, significativamente, na preservação das relações interpessoais ao longo do tempo que compõe a História do espaço educativo, se constituindo como lugar de memória, onde estão registradas as marcas da trajetória dos sujeitos aprendizes, difundindo as produções para além dos muros da Universidade e centros de excelências, atribuindo valores e sentido as práticas do cotidiano em instituições formais e não formais.

A pesquisa...

A partir do diagnóstico e do contexto atual da Educação de Jovens e Adultos no Território de Identidade do Sisal, mais especificamente do município de Araci, observando a taxa analfabetismo de 31,10%, abandono escolar precoce de 50,50% e escolarização apontados pelo OBEJA (2015), IBGE (2010), INEP (2012), SEI (2010), , PNUD (2010), aliado à diminuição de oferta da modalidade EJA em mais de 80% entre os anos de 2012 (INEP) e 2018 (SEDUC-Araci), propus realizar uma pesquisa histórica sobre a Educação de Jovens e Adultos sem entrar na dinâmica do aprofundamento que são as Políticas Públicas.

Esta investigação traz como foco central os sujeitos sociais, em especial àqueles que experienciaram de alguma forma a educação mais tardia, com a pretensão de abordá-los a partir de suas experiências de escolarização (seja como professores, estudantes ou gestores) tendo como referência depoimentos e registros escritos. O diálogo com autores na história (LE GOFF, 1996), na filosofia (RICOEUR, 2007), na antropologia (CANDAUI, 2012), na psicologia (ECLA BOSI, 2015), e na sociologia (THOMPSON, 1992; MAURICE HALBWACHS, 1990) que empreenderam estudos acerca do trabalho com a memória, com o uso de fontes orais permitindo encarar com certa segurança a subjetividade que este tipo de material apresenta. Pois, a memória é uma construção individual e coletiva do passado seletivo de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, cultural. É importante destacar que as memórias para as análises históricas, embora seja individual, estão inseridas em um contexto social que recebe influências passíveis de alterações concernentes ao tempo.

A proposta de estudo apresentada tem por finalidade proporcionar, através dos depoimentos orais, interpretações acerca das experiências que vivenciei com a temática da Educação de Jovens e Adultos a salvaguarda da História da Educação de Araci, através da análise da percepção dos sujeitos entrevistados sobre a educação, suas expectativas educacionais, bem como refletir sobre a escolarização no município, situando-o no contexto histórico estadual e nacional.

Através das entrevistas foi possível entender o papel da educação escolar para os sujeitos, associada à lacuna nos documentos e a teoria dos autores consultados, possibilitando, assim, uma melhor triangulação, o que confere a uma pesquisa científica

educacional uma maior credibilidade. O detalhamento da metodologia será apresentado no primeiro capítulo.

Reconhecer a memória coletiva (CANDAU, 2012) de uma determinada comunidade, nesse caso da escolarização, geralmente vem acompanhada da valorização de uma identidade local. Uma reflexão sobre a memória é importante como afirmação de identidade, pois sem ela o sujeito se esvazia, vive unicamente o momento presente, perde suas capacidades conceituais e cognitivas, sua identidade desaparece (CANDAU, 2012, p. 59-60). Os espaços educativos são lugares de memória, lugares socialmente instituídos pela relação entre seus pares. Portanto, preservar a história da escolarização dos sujeitos e, das comunidades escolares e acadêmicas, valorizando as narrativas dos diversos sujeitos, possibilitando seu acesso, também, é uma prática pedagógica libertadora.

Assim, o problema ou pergunta da pesquisa é: Como os dados históricos introdutórios sobre a História da Educação no município de Araci evidenciam os elos entre a reminiscência da Educação de Jovens e Adultos e a remanescente (in) visibilidade dos sujeitos na contemporaneidade?

No campo epistemológico, esse estudo abre espaço para ouvir a produção de saberes e do conhecimento dos sujeitos que vivenciaram a educação municipal de Araci. Quais as lembranças da trajetória educacional municipal, especialmente da Educação de Jovens e Adultos? A sistematização desse conhecimento preenche uma lacuna sobre o registro escrito da história educacional municipal.

Assim, o objeto de estudo é a Educação de Jovens e Adultos no município de Araci – BA com o recorte da (in) visibilidade dos sujeitos da Educação de Jovens e Adultos na contemporaneidade. O objetivo geral de fornecer os dados históricos introdutórios sobre a Educação no município de Araci com foco na Educação de Jovens e Adultos, de modo a dotar o leitor de conhecimento histórico educacional do município, bem como, reconhecer os elos entre a reminiscência da Educação de Jovens e Adultos e a remanescente (in) visibilidade dos sujeitos na contemporaneidade. Este objetivo demuda pelos objetivos específicos: salvaguardar a história e memória da educação de Araci de 1812 a 2018; reconstruir fatos históricos que demonstrem a evolução da Educação de Jovens e Adultos; refletir sobre o processo de escolarização dos sujeitos da Educação de Jovens e Adultos no município.

Na fundamentação teórica-conceitual o eixo da discussão é a memória da Educação de Jovens e Adultos e a escolarização dos sujeitos na contemporaneidade no município de Araci - BA, e os autores colaboradores para o estudo são: Freire (2011,

2002, 2001, 1996, 1992, 1979, 1976), Arroyo (2005, 2012) e Gadotti (2000; 2007) por proporcionarem uma reflexão sobre os sujeitos da Educação de Jovens e Adultos, Aranha (2006), Fávero (2006), Farraro (2009), Perez (2013) e Romanelli (2002) que colaboraram nos aspectos históricos da Educação de Jovens e Adultos no Brasil, como também Burke (1992), Candau, (2012), Certeau (1982), Deleuze (1988), Halbwachs (1990), Ricoeur (2007), Tompson (1992) e Arroyo (2017) que dialogam conosco a respeito da Memória e da História, além da educação no Brasil e contemporaneidade.

A argumentação do estudo apoia-se nos seguintes pressupostos teóricos: Primeiro pressuposto – A educação municipal de Araci-BA está registrada na memória de seus cidadãos e merecem um registro sistemático. Segundo pressuposto – A educação escolar é almejada por muitos municípios, mas nem todos têm a oportunidade de acesso ao estudo. Terceiro pressuposto – os elos entre a memória da Educação de Jovens e Adultos e a recorrente (in) visibilidade dos sujeitos na atualidade são manifestados nas ações e experiências dos sujeitos.

Esse estudo tem relevância, pois trata da História da Educação do município de Araci-BA que é carente de registros históricos escritos, com ênfase nas especificidades da Educação de Jovens e Adultos. Essa produção científica deve implicar benefícios à comunidade na qual traz o histórico e para a sociedade, possibilitando a reflexão sobre a acessibilidade acerca da escolarização municipal.

O estudo está estruturado em cinco capítulos. O capítulo primeiro trata das questões metodológicas, apresentando detalhadamente a metodologia da pesquisa histórica, utilizamos o método do *snowball* para a construção o percurso trilhado na feitura deste trabalho. Para a construção historiográfica utilizamos a fase do testemunho, através de entrevistas e depoimentos orais de 12 sujeitos (ex-estudantes, ex-professores, ex-gestores e representantes de movimento sociais), além da análise de documentos escritos encontrados no Arquivo Público do Estado da Bahia – APEB, Biblioteca da Sistema Eletrônico de Informações SEI, Instituto Geográfico e Histórico Bahia-IGHB, Núcleo Regional de Educação de Serrinha – NRE 4, além da Biblioteca, Museu, escolas e secretaria de educação de Araci.

O capítulo segundo apresenta a discussão teórica sobre a Educação de Jovens e Adultos, refletindo sobre a história e memória como mobilizadores dos sujeitos da EJA; além de apresentar conceitos fundamentais na Educação de Jovens e Adultos, rememorando sua historicidade no Brasil. Dialogando com autores como Freire (2011; 2002; 2001; 1996; 1992; 1979; 1976), Arroyo (2005; 2012), Gadotti (2000; 2007) sobre

suas reflexão sobre os sujeitos da Educação de Jovens e Adultos; Aranha (2006), Fávero (2006), Farraro (2009), Perez (2013) e Romanelli (2002) que colaboraram nos aspectos históricos da Educação de Jovens e Adultos no Brasil, como também Burke (1992), Candau, (2012), Certeau (1982), Deleuze (1988), Halbwachs (1990), Ricoeur (2007), Tompson (1992) e Arroyo (2017) a respeito da Memória e da História, além da educação no Brasil e contemporaneidade.

O terceiro capítulo, há a contextualização da pesquisa, com a apresentação do território que se insere o *lócus* da pesquisa e sua constituição, como também dos processos emancipatórios dos municípios em especial de Araci, fazendo uso de diversas imagens de documentos e mapas, além de apresentar as pesquisas e atuação do Observatório de Educação de Jovens e Adultos - OBEJA, .

O quarto capítulo, apresenta o levantamento histórico da Educação em Araci; desvelando as reminiscências da EJA, na visão de documentos do PROCARTA e nas falas dos sujeitos que fizeram parte da pesquisa, percurso que possibilitou a construção de linha do Tempo dos programas e projetos sobre a Educação de Jovens e Adultos no município. E dados atuais, possibilitando compreender as remanescências da oferta da modalidade.

E o capítulo quinto, analisa traz a análise e processamento do conhecimento adquirido durante a realização do trabalho, fazendo a conexão, elo entre as reminiscências e remanescências que implicam na atual situação educacional no município, expondo a tríade de fragilidades: o desinteresse, a não gestão e a necessidade de políticas públicas acertadas e permanentes.

1 PERCURSO METODOLÓGICO

“A contemporaneidade do passado nos dá a razão do presente que passa.”

(Deleuze, 1968, p. 85)

Esta é uma pesquisa histórica realizada por uma pesquisadora não-historiadora, mas uma docente pesquisadora, graduada em Letras, que buscou alcançar os objetivos através de diversas técnicas de pesquisa, para desvelar as questões da História da Educação do município de Araci para compreender a situação atual da Educação de Jovens e Adultos - EJA. Envoltos pelo desejo de conhecer e partindo de um projeto inicial embasado teoricamente no estudo de caso, percebi no desenvolver das ações da pesquisa que o que fizera seria um estudo histórico.

Por considerar caráter holístico da investigação, busquei fazer uso de diversas técnicas metodológicas, utilizando o percurso epistemológico da operação historiográfica apresentada por Ricoeur (2007, p. 18), ele propõe três fases “do estágio do testemunho e dos arquivos, passa pelo uso do ‘porquê’ na figura da explicação e da compreensão, terminando no plano da escrita da representação historiadora do passado”.

Como fonte primária histórica, visitei vários locais para recolher dados históricos, em documentos escritos do município a exemplo da Biblioteca Municipal e Museu de Araci, Arquivo Público do Estado da Bahia – APEB; Biblioteca da Sistema Eletrônico de Informações SEI; Instituto Geográfico e Histórico Bahia-IGHB, Núcleo Regional de Educação de Serrinha – NRE 4; Paróquia de Araci; Diocese de Serrinha e Arquidiocese de Feira de Santana, Movimentos Sociais (Central de Desenvolvimento da Associações de Araci – CDA, Sindicato dos Trabalhadores Agricultores Familiares de Araci – SINTRAF e Movimento de Organização Comunitária - MOC) e também foram usadas entrevistas semiestruturadas e depoimentos pessoais com doze colaboradores, com ex-professores, ex-alunos, e ex-gestores⁶ (prefeitos e secretário de educação), descrito mais adiante na tabela 1.

A priori iniciei a pesquisa documental na Escola Municipal João Pereira de Pinho, escola que leciono e, na Secretaria Municipal de Educação - SEDUC de Araci, nas escolas mais antigas, na Biblioteca Central de Araci e acessei o museu virtual Vila do Raso⁷ com

⁶ A atual gestão foi convidada a participar da pesquisa, sendo procurada várias vezes (2 presenciais e 3 por mensagem de texto), em todas as vezes a secretária da SEDUC informou que a Secretária de Educação não tinha disponibilidade naquele momento, e não marcou data para entrevista.

⁷www.viladoraso.com.br

a esperança de encontrar elementos relevantes da História da Educação de Jovens e Adultos (nesta fase encontrei dois importantes livros sobre a história local⁸, contudo a História da Educação apareceu de forma geral, sem detalhes e sem a especificidade que me interessava: a EJA). Thompson (1998) aponta para este primeiro ponto: a preparação de informações básicas, por meios de leitura ou de outras maneiras. Para completar a lacuna encontrada sobre os elementos da história da Educação de Jovens e Adultos fiz uso de entrevistas e depoimentos pessoais, que como aponta Thompson (1998, p. 24-25) “escrever qualquer outro tipo de história a partir de fontes documentais continua a ser tarefa muito difícil” e requer criatividade, “a utilização da história oral fornece imediatamente uma fonte rica e variada para o historiador criativo.” Ainda para o autor, a entrevista propicia um meio de descobrir documentos escritos e fotografias que de outro modo não teriam sido localizados.

A reminiscência deve promover além da obtenção de informações relevantes, evidências críticas para estruturar o debate e a interpretação histórica. O valor histórico do passado lembrado apoia-se em três pontos fortes:

[...] Primeiro... pode proporcionar, e de fato proporciona, informação significativa, e por vezes, única do passado. Em segundo lugar, pode também transmitir a consciência individual e coletiva que é parte integrante desse mesmo passado.

Mais do que isso, a humanidade viva das fontes orais atribui-lhes uma terceira força que é excepcional. [...]. (THOMPSON, 1998, p. 195).

Com o objetivo de conhecer as informações não reveladas pelos documentos escritos, a entrevista trouxe grande relevância como instrumento metodológico. Para tanto, iniciei o trabalho de entrevista à luz das orientações de Thompson (1998). Para o autor, a melhor maneira de iniciar um trabalho é mediante entrevistas exploratórias, mapeando o campo e colhendo ideias e informações. Nesse fazer do percurso metodológico, através de entrevistas exploratórias, recorri ao recurso do *snowball*. Para Biernacki e Waldorf (1981) quando o método *snowball* (bola de neve) é usado, o respondente pode virar assistente de pesquisa, este deve entender a pesquisa e ajudar a divulgá-la. De acordo com os autores:

[...] When the snowball sampling method is used and study respondents are enlisted to help find other potential respondents they become de facto research assistants [...]The characteristics of study

⁸História de Araci: Período de 1812 a 1956 (LIMA, 1985); e Memórias de Araci (SANTOS, 2015);

respondents differ and so do their abilities to help with the shearch effort. Probably the most important factor used the select to assist regularly in the research, in addition to those characteristics mentioned above, is the extent to which the resresearchs can trust the person to understand the goals of the shearch and present the project to others in an acceptable and serious manner. respondent-resresearch assistant to represent the project in the comunity and it is important that in the information they disperse be credible and compatible the shearch effort. [...] ⁹. (BIERNACKI; WALDORF, 1981, p. 153).

Por conhecer a comunidade, identifiquei uma mostra de sujeitos que foram denominados “informantes”, que indicaram sujeitos potenciais para serem entrevistados, e estes concordaram em contribuir com a pesquisa. Sobre a amostragem em bola de neve, Vinuto (2014, p. 203) aponta que:

[...] A execução da amostragem em bola de neve se constrói da seguinte maneira: para o pontapé inicial, lança-se mão de documentos e/ou informantes-chaves, nomeados como sementes, a fim de localizar algumas pessoas com o perfil necessário para a pesquisa, dentro da população geral. Isso acontece porque uma amostra probabilística inicial é impossível ou impraticável, e assim as sementes ajudam o pesquisador a iniciar seus contatos e a tatear o grupo a ser pesquisado. Em seguida, solicita-se que as pessoas indicadas pelas sementes indiquem novos contatos com as características desejadas, a partir de sua própria rede pessoal, e assim sucessivamente e, dessa forma, o quadro de amostragem pode crescer a cada entrevista, caso seja do interesse do pesquisador. Eventualmente o quadro de amostragem torna-se saturado, ou seja, não há novos nomes oferecidos ou os nomes encontrados não trazem informações novas ao quadro de análise [...].

Fazendo o levantamento da historiografia da Educação, e percebendo as lacunas existente no que dizia respeito a EJA, e após a qualificação ocorrida em 19 de junho de 2018, tive o contato com a primeira semente, escolhido dentre os nomes encontrados na Ata da primeira turma noturna do Escola Municipal João Pereira de Pinho. Por ter o perfil para a pesquisa, fiz uma entrevista exploratória, informal e sem gravar, este por sua vez me indicou outras pessoas para continuidade da pesquisa, que me indicaram outras pessoas, e assim sucessivamente fui construindo a amostragem por bola de neve. Assim

9 [...] Quando o método de amostragem bola de neve é usado e os respondentes do estudo são recrutados para ajudar a encontrar outros respondentes potenciais, eles se tornam assistentes de pesquisa de fato. [...] As características dos respondentes do estudo diferem e suas habilidades para ajudar no esforço de pesquisa. Provavelmente, o fator mais importante usado pelo seletor para auxiliar regularmente na pesquisa, além das características mencionadas acima, é a extensão em que as pesquisas podem confiar na pessoa para entender os objetivos da pesquisa e apresentar o projeto a outros de forma aceitável e de maneira séria. **Assistente de pesquisa-respondente para representar o projeto na comunidade** e é importante que na informação que eles dispersam seja e credível compatível com o esforço de pesquisa).

somou-se 39 sementes, destes 12 foram entrevistados (escolhidos de acordo com seu envolvimento com o tema central da pesquisa, além, de terem se predispostos a contribuir com a pesquisa). No momento da seleção de possíveis entrevistados fora incluída a atual secretária de educação do município, mas por motivos adversos a nossa vontade, infelizmente não foi possível a realização da entrevista. Veja a tabela 1, com a descrição dos colaboradores entrevistados:

Tabela 1 - Entrevistas realizadas

Entrevistados	Quantidade
EX-PROFESSORES¹⁰	5
EX- ALUNOS	4
EX- GESTORES	1
MOVIMENTO SOCIAL	2

Fonte: Pesquisadora, 2019.

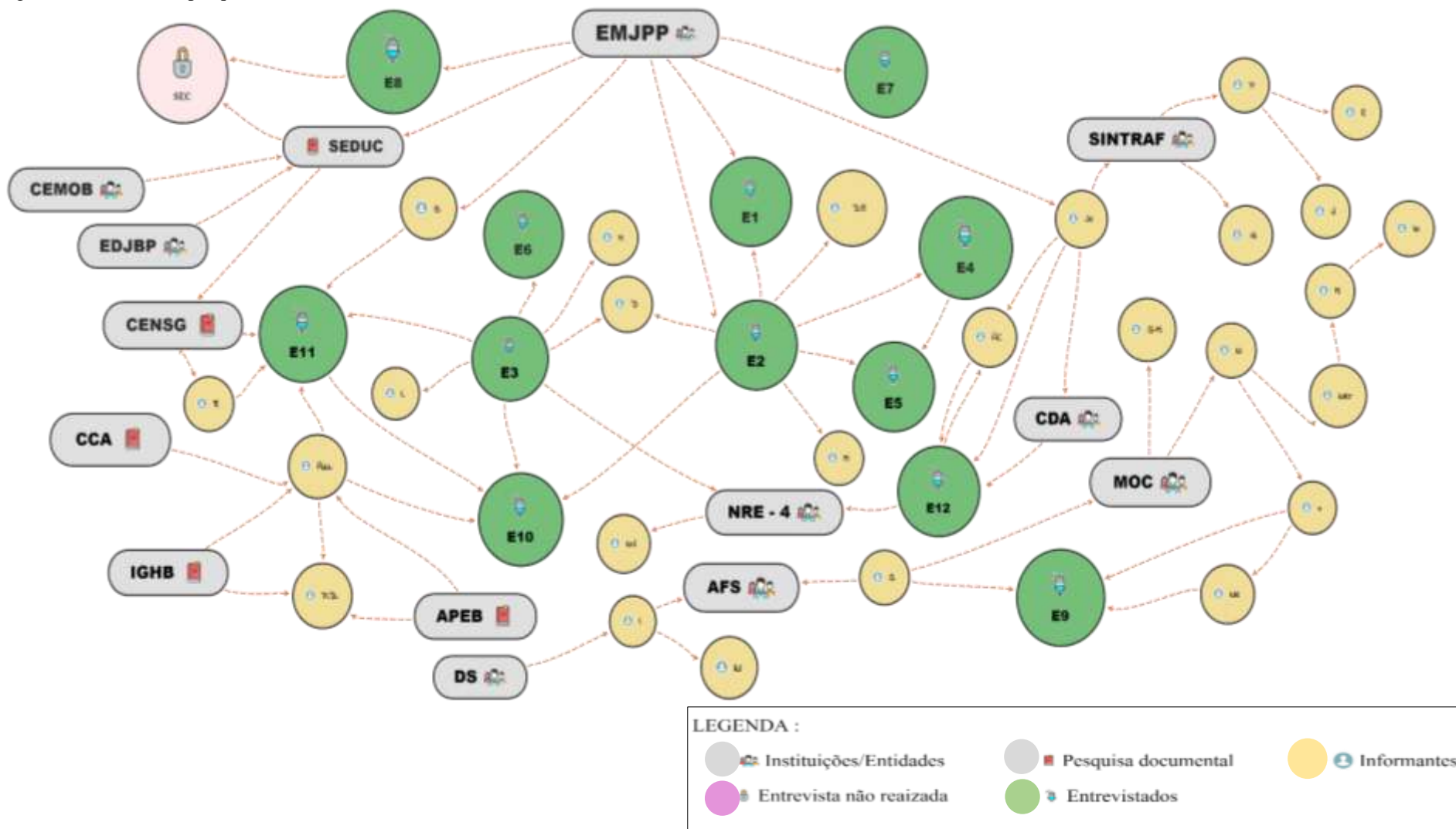
As entrevistas foram realizadas individualmente, e na oportunidade os entrevistados responderam questões semiestruturadas a respeito dos aspectos históricos da sua escolarização. Os resultados desta fase da pesquisa serão apresentados detalhadamente e analisados no capítulo três e quatro.

A proposta deste trabalho foi de caráter inovador, já que não havia outros trabalhos com a mesma temática ou similar, ocasionou grandes dificuldades na sua realização, em específico no relacionado ao estudo da arte; contudo, as técnicas de pesquisa utilizadas possibilitaram a triangulação dos dados da literatura existente; com os documentos encontrados e entrevistas realizadas, proporcionando, assim, múltiplas evidências, que conferem a uma investigação científica maior credibilidade.

A figura 1 (ver próxima página) representa o *snowball* do percurso realizado. Ela apresenta todas as fases de pesquisa de campo, pesquisa documental e entrevistas. Ao realizar as adaptações no projeto inicial, redesenhando-o para o trabalho atual foi perceptível a falta de fontes para fundamentá-lo, e logo neste início foi perceptível a necessidade da busca e salvaguarda das informações da história da educação da EJA local, já que não foi encontrado estado da arte sobre a mesma, foi necessário realizar concomitantemente com as entrevistas. O percurso está descrito na figura a seguir:

¹⁰ Todos os professores que participaram da pesquisa foram estudantes do município, contudo alguns priorizaram apenas à docência, enquanto outros oscilavam em suas falas entre a docência e discência.

Figura 1 - Snowball da pesquisa



Fonte: Pesquisadora, 2019.

À medida que novos informantes eram contatados e novas entrevistas eram realizadas, novos fatos iam sendo descobertos, e surgiam novas indicações para entrevistas; contudo, nem todos os indicados tinham informações de interesse da pesquisa, estes não foram entrevistados, mas colaboraram com novas indicações de informantes ou de locais/instituições que poderiam contribuir com a temática. Nesse processo surgia a necessidade de visitar ou revisitar instituições para coleta de documentos e assim a rede de colaboração foi sendo construída.

Na pesquisa documental várias instituições colaboraram fornecendo documentos: Escola Municipal João Pereira de Pinho - EMJPP, Secretaria de Educação e Cultura de Araci – SEDUC, Colégio Estadual Nossa Senhora das Graças – CENSG (atualmente Centro Territorial de Educação Profissional Sisal II - CETEP Sisal II), Núcleo Regional de Educação - NRE 4, Centro Cultural de Araci – CCA, Arquivo Público da Bahia – APEB, Instituto Geográfico e Histórico da Bahia – IGHB; nas outras instituições foi encontrado colaboradores forneceram informações e indicaram novos informantes para entrevistas: Escola Municipal João Pereira de Pinho – EMJPP, Colégio Municipal Oliveira Brito – CEMOB, Escola Don Jackson de Berenguer Prado – EDJBP, Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Araci - SINTRAF, Centro de Desenvolvimento das Associações de Araci - CDA, Diocese de Serrinha - DS, Arquidiocese de Feira de Santana – AFS e Movimento de Organização Comunitária – MOC.

O próximo capítulo apresenta a fundamentação teórica sobre a Educação de Jovens e Adultos, a História da Educação no Brasil e uma rápida reflexão sobre os sujeitos da EJA.

2 A CONSTITUIÇÃO HISTÓRICA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Este capítulo vem apresentar o arcabouço teórico que fundamentou a pesquisa, a partir da visão de diferentes autores que teorizam sobre a História e Memória, além de fazer uma rememoração da História da Educação no Brasil, com enfoque acentuado para a Educação de Jovens e Adultos.

É comum a realização de pesquisas educacionais que tentam desvelar as problemáticas da Educação de Jovens e Adultos (EJA) na atualidade, apontando causas e possíveis soluções para os altos índices de jovens e adultos que estão fora da escola, ou que frequentemente se matriculam, evadem ou que persistem se matriculando intermitentemente. Contudo, tais reflexões teóricas não implicam em alterações nos contextos educacionais. Isso se repete continuamente, até que em algum momento o estudante percebe o ciclo infinito o qual sua classe social está perversamente submetida e então opta por abandonar a educação escolar por completo, ou, o que ainda parece ser pior, são abandonados pela escola, quando há o fechamento ou nucleação de escolas pelas gestões municipais ou estaduais de Educação, impedindo o seu acesso. As gestões reproduzem um discurso de economia financeira sem levar em consideração as especificidades de cada comunidade e indivíduo.

2.1 HISTÓRIA E MEMÓRIA COMO MOBILIZADORAS DA EJA

Antes de iniciarmos a prosa sobre Educação de Jovens e Adultos e suas reminiscências, é importante fazer uma reflexão anterior, que verse sobre a história escrita, e retroceder, refletindo sobre a mesma. Muito antes de se considerar fatos como históricos, sejam nas concepções positivistas, materialistas ou das Escolas dos Anales, pautados em documentos, fotos, anais, entrevistas, etc., os sujeitos já existiam organizados socialmente, e mesmo sem a representação escrita, tiveram histórias que se perpetuaram sem registro escrito.

A história definida por diversos filósofos e historiadores teve, a princípio, sua base nos registros escritos, em especial documentos oficiais, assim, desconsideravam os fatos anteriores a essa história, a pré-história. Mas o que vem antes dos escritos? Ricoeur (2018, p.165) aponta para a importância do testemunho, “[...] não esquecer que tudo tem início

não nos arquivos, mas com o testemunho, e que, apesar da carência principal de confiabilidade do testemunho não temos nada melhor que o testemunho, em última análise como para assegurar-nos que algo aconteceu”, e assim iniciamos a reflexão sobre a importância das outras histórias, e neste aspecto, deixamos de lado as teorias da História tradicional, refletindo sobre aspectos da nova história que busca desvelar as histórias vistas de baixo, e como apontou Aldane (*apud* BURKE, 1992, p. 11) que “tudo tem história”, o que era considerado imutável, agora é percebido como uma constituição cultural, sujeitos a variação do tempo e espaço.

Para Certeau (1982, p. 13) “A história moderna ocidental começa efetivamente com a diferenciação entre o presente e o passado”. Esta nova História é uma história escrita como uma reação contra o paradigma tradicional antigo (BURKE, 1992) que pode ser percebido em seis pontos de contraste: Em primeiro, a história na perspectiva tradicional que diz respeito essencialmente ao político, sendo mais nacional e internacional do que regional; na perspectiva da nova história, há o interesse por toda a atividade humana, a base filosófica da nova história percebe que a realidade é socialmente ou culturalmente construída.

Num segundo ponto, se por um lado os historiadores tradicionais veem a história como essencialmente narrativa de acontecimentos, do outro se há análise das estruturas, tendo as mudanças sociais a longo prazo ou a geo-históricas a muito longo prazo são as que mais importam. Em terceiro, em contraposição com a história vista de cima, há a preocupação com a história “vista de baixo” com opiniões de pessoas comuns e sua experiência de mudança social. Deixando de considerar apenas os documentos escritos. No quarto, destaca-se maior possibilidade de evidências visuais e orais, representando uma maior variedade de atividades humanas.

No quinto ponto há a falha na avaliação de variedades de questionamentos, num novo paradigma. Há a frequente preocupação com os movimentos coletivos, ações individuais e acontecimentos. O sexto, aponta que para concepção tradicional a história é objetiva, e o historiador apresenta aos leitores os fatos, como realmente aconteceram.

A História e a memória são conceitualmente diferentes, mas há entre elas relação, elo e/ou dinâmicas que por vezes as aproximam. A história se apodera da memória coletiva e a transcreve em palavras; seu uso como metodologia transdisciplinar facilita, principalmente, para os sujeitos da EJA, uma possibilidade de criação de sua identidade cultural partindo da sua própria história, memória pessoal ou memória autobiográfica

(HALBWACHS, 1990) e da história do lugar em que vivem memória social ou memória histórica¹¹.

Arroyo (2017, p. 195) assinala a importância de se deixar falar a memória para a EJA, é preciso reconhecer o passado, rememorá-lo, apontando que “as fortes e trágicas memórias por libertação trará dimensões formadoras positivas de suas identidades. **Trazer a memória traz dimensões políticas. Liberdades.**” (grifo nosso).

Apesar de vários estudos o Estado, a máquina pública gestora, não reconhece as peculiaridades, mantendo condições perversas para o acesso e permanência desses sujeitos à educação escolarizada. Tal situação nos faz refletir: Nesse contexto apresentado, os sujeitos e suas histórias são considerados? Será que as escolas que atendem/atendiam a EJA salvaguardam sua história e memória e as valoram?

Em um mundo pós-moderno, onde a fluidez, as transformações e o movimento são característicos, a definição de “ser” e de “pertencer” não é bem definida. O ser humano, com influências das tecnologias digitais em especial, passou a ser mais global. Com a globalização, e influências das Tecnologias da Informação e Comunicação - TIC, cresce a possibilidade de uma homogeneização de cultura planetária (DOWBOR, 2016), e nesse tempo de transformações e múltiplos espaços de memória não há tempo para se enraizar (ARROYO, 2017). Contudo, também, através das tecnologias, abrem-se novas possibilidades para o protagonismo local e a colaboração em rede.

A escola é uma instituição social e histórica (FREIRE; GUIMARÃES, 2002), e nela a criança, o jovem e o adulto, sujeitos histórico-sociais e culturais, aprendem em comunhão, aprendem na prática geral de qual fazem parte, trazendo algo da sua individualidade. Ninguém aprende fora da história e esquecer essa subjetividade é um imenso erro. Para os autores:

[...] a experiência de rememoração funcionou como a possibilidade de produção de um conhecimento novo. Não apenas eu pegava o que ocorreu, mas, ao perceber agora, no esforço da memória, como aquilo ocorreu, eu fazia a percepção daquela percepção anterior. E a percepção nova com que eu percebia o antigo me ensinava coisas que eu não sabia quando primeiro percebi. [...]. (FREIRE; GUIMARÃES, 2002, p. 34).

Portanto, uma prática pedagógica que inclua o registro da história e da memória, não é apenas importante para salvaguardar tais acontecimentos, para que os seus tenham

¹¹ A expressão memória histórica associa termos que se opõem em alguns pontos, Halbwachs esclarece a oposição entre memória coletiva e história. (HALBWACHS, 1990, p. 80-84).

o direito de conhecer e de saber o seu passado, mas principalmente possibilitar novos aprenderes com o que já foi ocorrido. Candau (2014, p. 16) enfatiza que:

[...] a memória, ao mesmo tempo que nos modela, é também por nós modelada. Isso resume perfeitamente a dialética da memória e da identidade que se conjugam, se nutrem mutuamente, se apoiam uma na outra para produzir uma história de vida, uma história, um mito, uma narrativa. [...].

Possibilitar o acesso à fonte de memória também é uma prática pedagógica libertadora. Proporcionar o contato das escolas e também da EJA, com a memória materializada no patrimônio material e imaterial, é direito dos educadores e dos educandos, “contudo é importante trabalhar até onde esses reconhecidos reconhecem ou ignoram os patrimônios memórias dos grupos sociais mantidos à margem da história.” (ARROYO, 2017, 2010). Santos (2016, p. 35) discorre sobre a possibilidade de constituir uma escola como lugar de memória:

[...] Compreendemos a escola enquanto lugar de memória, por agregar em suas estruturas os 03 elementos suscitado por Nora (1993), lugares materiais, funcionais e simbólicos. Aduzirmos a Escola como lugar de memória, pois na instância da materialidade, compondo/reunindo produtos que possuem relação simbiótica entre o sujeito e o lugar, como: uniforme escolares, brinquedos, livros, material de higiene; a escola assume a acepção de Lugar simbólico quando por apenas existir em um determinado lugar, já suscita lembranças, sendo símbolo *sui generis* (sem semelhança, peculiar) aflora o sentimento de pertença e conjuras memórias vividas, experienciadas, dotada de relevância na vida cotidiana do sujeito.[...]

Percebendo que a escola é um espaço formativo que promove a transformação nos contextos sociais, políticos, econômicos e culturais, faz-se necessário valorizar as ações que ocorrem no âmbito da escola, ligadas às histórias e memórias dos sujeitos que a compõem, criando um sentido de identidade e pertença.

É preciso que haja uma educação que valorize as histórias e memórias das comunidades, das escolas e de sujeitos, e que essas instituições sejam consideradas também como patrimônio imaterial, pois esse sentimento de pertença, assumindo e acolhendo a escola, e a modalidade da EJA como parte de sua história, percebendo e aceitando suas nuances, possibilita que os sujeitos adquiram sentimentos de pertença, se sintam parte integrante e importante, passando a ocupar os espaços escolares que são seus por direito.

2.2 HISTÓRIA E MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO JOVENS E ADULTOS NO BRASIL

Pensar a Educação para uma população trabalhadora ou não, não é simples, e principalmente não deve ser feita apenas a partir da situação atual, mas levar em consideração todo o processo que envolveu a constituição da Nação Brasileira. São 518 anos de história, mas não necessariamente implica em 518 anos de presença de Educação¹². Historicamente, a educação escolar no Brasil sempre foi excludente e elitista. A complexidade na EJA deve ser observada através de várias nuances, diversos focos, e em especial com a sensibilidade de perceber a “escuridão” (AGAMBEN, 2009), através das peculiaridades regionais, locais e individuais, considerando os aspectos sócio-histórico-cultural de cada um.

Para iluminar e perceber a escuridão da educação na atualidade faz-se necessário rememorar a precariedade da história da educação no Brasil, para possibilitar a reflexão de sua reverberação na atualidade.

A Educação (BRANDÃO, 1985) promovida pelos primeiros habitantes do nosso país, processava-se de maneira informal, no cotidiano da vida, em tarefas bem definidas entre o homem e a mulher, contudo com uma relação de participação comunitária entre ambos. A subserviência e a subalternidade vieram posteriormente com a vinda dos europeus.

2.1.1 Da colonização à república

Em 22 de abril de 1500 os portugueses chegaram ao Brasil, numa pseudo-descoberta, e com ajuda dos padres Jesuítas iniciaram e investiram na catequização dos índios, com a intenção de domesticá-los, tornando-os bons selvagens de corpo dócil (FOUCAULT, 2009) para as atividades necessárias do reino. Contudo, realizar esse “ensino” a uma população com uma cultura já enraizada e latente não seria fácil, portanto, as crianças foram as escolhidas. Intensificada no período de colonização os preceitos educacionais religiosos e europeus foram implantados, em especial pela Companhia de

¹² Nesse caso educação refere-se à instrução e não ao conceito amplo de Educação proposto por Brandão (1985)

Jesus, baseada numa pedagogia tradicional ou de evangelização dos princípios *Ratio Studiorum*. Posteriormente, veio a Pedagogia Pombalina, com as “Aulas Régias”, que possuía vertente religiosa e leiga da pedagogia tradicional.

O processo de criação dos colégios no Brasil Colonial, mantidas pelas fazendas de gado e cana de açúcar, efetivou-se concomitante com o método Jesuítico *Ratio Studiorum*, que tinha um plano de estudo que normatizava todos os aspectos relativos à vida nos colégios. Observe o quadro com a estrutura do Colégio Jesuítico:

Tabela 2 - Estrutura do Colégio Jesuítico

Administração	Currículo	Método
Reitor e prefeito de Estudos	As classes correspondentes a cada uma das disciplinas ministradas	Ensino Mnemônico (Memorização do conhecimento)

Fonte: Ferreira, 2010.

O método de aprendizagem mnemônico foi herdado a partir dos princípios pedagógicos da Universidade Medieval e tinha como princípio segundo Ferreira (2010, p. 25):

1. Controle disciplinar rígido das normas pedagógicas estabelecidas;
2. Repetição (leitura por meio da memorização/aprendizagem mnemônica);
3. Disputas (emulação entre os grupos de alunos da mesma turma tendo como conteúdo as obras lidas, ou seja, exercícios coletivos de fixação dos conhecimentos por meio de perguntas e respostas);
4. Composição (redação de textos tendo como referência os temas de estudo);
5. Interrogações (questões formuladas sobre as obras clássicas latinas estudadas);
6. Declamação (exposição oral dos conhecimentos aprendidos por meio da retórica);
7. Prática sistemática de exercícios espirituais.

Após a colonização, ainda não existindo escolas, a “educação formal” acontecia nos grandes casarões de senhores, onde ensinavam às crianças as letras. A educação era apenas para aqueles que tivessem condições de pagar, e permaneceram assim por um bom tempo. Com o objetivo maior de evangelizar, a Companhia de Jesus recomendava expressamente a conversão dos indígenas à fé católica pela catequese, pela instrução. As mulheres, quer fossem, brancas ricas, pretas pobres ou indígenas foram excluídas do processo de escolarização desde a primeira escola de ler e escrever, erguida pelos Jesuítas

por volta de 1549, a instrução era reservada aos filhos homens de indígenas e posteriormente colonos. Para Ferreira (2010) a Educação Jesuítica Colonial se divide em duas fases distintas entre si, a primeira ligada à catequese os índios e a segunda aos filhos dos colonos.

Os indígenas, reconhecendo o papel companheiro da mulher foram pioneiros a reivindicar o acesso feminino as letras, contudo, os europeus viam as mulheres, crianças e doentes mentais como *imbecilitus sexus*, e não aceitaram a reivindicação, assim as mulheres tiveram um acesso à educação nulo, ou restrito às prendas domésticas e a vida religiosa, pensando em prepará-las para o casamento.

Na segunda metade do Século XVII, os Colégios da Companhia de Jesus eram verdadeiros redutos educacionais frequentados pelas elites econômicas coloniais, ficando excluídos o grande contingente da população colonial (escravos desafricanizados, índios, mestiços, e brancos pobres), inaugurando sua marca de elitismo e exclusão que perdura até os dias atuais. Para Romanelli (2002, p. 34):

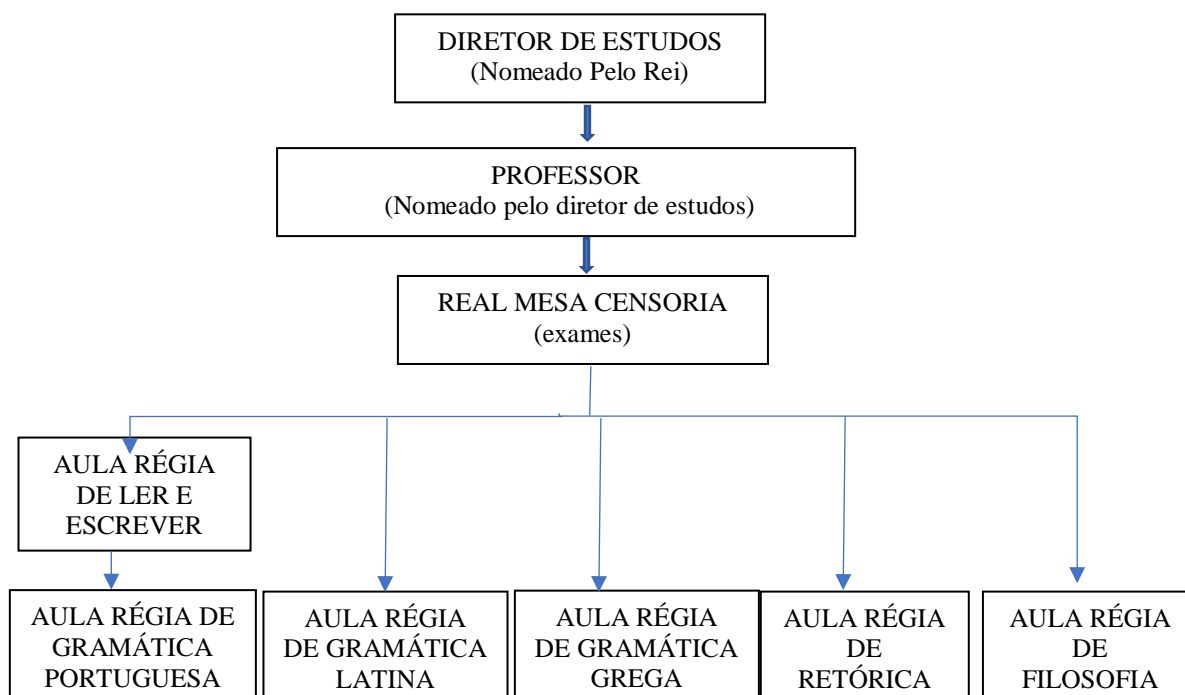
[...] Foi ela, a educação dada pelos Jesuítas transformada em educação de classe, com as características que tão bem distinguiam a aristocracia rural brasileira, que atravessou todo o período colonial e imperial e atingiu a período republicano, sem ter sofrido em suas bases, qualquer modificação estrutural, mesmo quando a demanda social de educação começou a aumentar atingindo as camadas mais baixas da população e obrigando a sociedade a sua oferta escolar. [...].

O Período Jesuítico durou 210 anos (1549 – 1759), e com a denúncia do Marquês de Pombal sobre a preponderância de ordem religiosa sobre o Estado, em 1759, o Estado passou a assumir a educação em Portugal e no Brasil, de modo a realizar concursos, verificado a literatura que deveria ser usada e/ou censurada e assim por diante.

Com a Pedagogia Pombalina, surgiram as “Aulas Régias”, que possuía vertentes religiosa e leiga da pedagogia tradicional. As escolas régias iniciaram a abertura para as meninas, e o ensino era feito separadamente; neste aspecto, inicia-se a abertura de um mercado de trabalho para as mulheres. Por volta de 1755 o governo português determinou que houvesse duas escolas para ensinar a ler e escrever, uma para os meninos e outra para as meninas. Tal lei originada do Norte do país foi, posteriormente, em 1758, estendida a todo o território brasileiro.

Segundo Ferreira (2010), após o Alvará Régio de 1759, passa a assumir a estrutura de um “novo regime” que extinguiu o Sistema de Ensino Jesuítico, assim a educação pós-jesuítica ou educação pombalina assumiu a seguinte estrutura:

Figura 2 - Estrutura do sistema educacional gerado pelas reformas pombalinas



Fonte: Ferreira, 2010.

A expulsão dos Jesuítas significou a saída dos professores restando apenas os padres-mestres e os agregados à aristocracia agrária (senhores de terras e escravos) que haviam sido educados pela Companhia de Jesus. Então, na prática, as aulas régias continuaram ensinando os conhecimentos herdados dos Jesuítas, visto que as reformas pombalinas não haviam pensado numa política de formação de professores, portanto a natureza pedagógica da educação colonial continuava a mesma. Neste contexto, “a educação escolarizada era destinada a uma pequena elite agrária e escravocrata que estava desassociada do mundo do trabalho, e para ela cabia apenas a instrução como mecanismo de ilustração e manutenção do poder político.” (FERREIRA, 2010, p. 32).

Nesse período, as relações sociais de produção foram marcadas pelo baixo desenvolvimento tecnológico das máquinas, mão de obra analfabeta e matérias-primas manufaturadas, não havendo a necessidade de uma instrução para o trabalho já que era uma sociedade tecnologicamente atrasada.

O ensino teve alterações mais profundas quando, em 1807, a Família Real deslocou a sede da Corte portuguesa para o Brasil. Com a instalação da sede do Império

em 1808, diversos cursos profissionalizantes, em nível médio e superior, bem como militares, além da Imprensa Régia e Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Nesse período houve uma grande mudança no sistema educacional, o ensino passou a ter três níveis: Primário, Secundário e Superior. Sendo que o ensino primário, escola de Ler e Escrever, ganhou várias cadeiras¹³.

O Império no Brasil iniciou em 1822, um ano antes da promulgação da Primeira Constituição de 1824, a Comissão de Instrução Pública começa a elaborar a “legislação particular” para a Educação. Porém, as ideias de um sistema nacional de educação não tiveram êxito, e no que compete à educação a Constituição de 1824 dispensou apenas um artigo:

[...] Art. 179. A inviolabilidade dos Direitos Cíveis e Políticos dos cidadãos brasileiros, que tem por base a liberdade, a segurança individual e a propriedade, é garantida pela Constituição do Império, pela maneira seguinte: [...] XXXII – A instrução primária é gratuita a todos os cidadãos. XXXIII – Colégio e universidades onde serão ensinados os elementos das Ciências, Belas-Artes e Letras (BRASIL, 1924).

Para Ferreira (2010, p. 38) a primeira Constituição, em 1824, manteve as relações sociais escravistas de produção. Em 15 de outubro de 1827 foi a primeira lei brasileira que tratava exclusivamente da educação:

Lei de 15 de outubro de 1827

Manda criar escolas de primeiras letras em todas as cidades, vilas e lugares mais populosos do Império.

D. Pedro I, por Graça de Deus e unânime aclamação dos povos, Imperador Constitucional e Defensor Perpétuo do Brasil: Fazemos saber a todos os nossos súditos que a Assembleia Geral decretou e nós queremos a lei seguinte:

Art. 1º Em todas as cidades, vilas e lugares mais populosos, haverá as escolas de primeiras letras que forem necessárias.

Na década de 1850 consolidou-se uma série de realizações importantes, e em 1854 foi criada a Inspeção Geral da Instrução Primária e Secundária do Município da Corte. Por este regulamento de 1854, o ensino primário na Corte seria obrigatório, com matrícula entre cinco e 15 anos, vedada aos escravos. O método empregado nesse período foi o método “mutuo”.

¹³ Escolas, cursos e/ou classes, na maioria das vezes unidocentes.

Tabela 3 - Situação da educação primária no Brasil Império (1867)

População brasileira	População e idade escolar	Matrículas nas escolas primárias
Mais de 8 milhões	Cerca de 1,2 milhão	107 mil

Fonte: Ferreira, 2010.

Durante o Brasil Império (1822- 1889) foi evidente a educação excludente e de negação de direitos a massa populacional brasileira. Exclusão que se perpetuou e continuou em destaque, apesar de várias leis educativas. Podemos perceber na fala de Josetti e Araujo (2012, p. 185), a tentativa ainda no império de uma alfabetização da população:

[...] Podemos ilustrar essa ação descentralizadora em relação à alfabetização do povo brasileiro, apontando a conduta que incentivou a disseminação por todas as províncias daquilo que se convencionou chamar de casas-escola, que nada mais eram que espaços totalmente improvisados – podemos dizer até precários – (sacristias, salas em câmaras municipais, residências dos mestres etc.) para os quais os alunos se dirigiam para aprender a ler, escrever e contar. [...]

Durante a Primeira República, mesmo sendo um período marcado pela rica legislação educacional, não resultou na universalização do ensino. As amplas ideias positivistas de Benjamim Constant, então chefe do Ministério da Instrução Pública, Correios e Telégrafos, propunham mudanças na educação primária; contudo, devido à resistência elitista e da Igreja católica, ele acabou abrindo lugar para novas propostas, dentre elas uma paulista que organizou o ensino em séries e agrupou por faixa etária. Os republicanos paulistas sistematizaram uma proposta de ensino primário que virou referência no país; ideias associadas às ideias de educação popular que implementam o ensino simultâneo em classes graduadas.

2.1.2. História da Educação Jovens e Adultos no Brasil

Na república, iniciam-se as mudanças na instrução pública, e no início do século XX acontece a abertura de escolas primárias nos estados e pela primeira vez se põe em questão a formação de professores, com a consolidação do Ensino Normal; contudo, a

escola não chegava a todos, especialmente nas regiões rurais, e do interior do país. Mas ainda influenciada pelas tendências europeias e norte-americanas, o Brasil nesse início de século foi solo fecundo para as diversas tendências que vieram substituir as concepções dos princípios *Ratio Studiorum*, a exemplo das concepções Liberais (Tradicional, Escola Nova e Tecnicista). A diversidade na adoção do modelo pedagógico é um problema adicional ao componente histórico da Educação no Brasil. Para Saviani (*apud* STIGAR; SHUCK, 2009), o modelo educacional tradicional procura ensinar e transmitir conhecimento, a escola nova evidencia apenas o aprender a aprender, e a técnica destina-se a considerar o que for necessário ao ensino da técnica.

Romanelli (2002) aponta dois fatores fundamentais na formação do modelo educacional brasileiro, a organização social e o conteúdo cultural vindo das colônias. De um lado apenas a minoria tinha direito à educação, donos de terra, senhores de engenho restrito a classe dominante e por outro lado o conteúdo jesuítico se caracterizava contra o pensamento crítico.

A escola voltada para o “povo”, população menos favorecida, e, por conseguinte, os adultos trabalhadores, foi forjada pela necessidade das indústrias, a *posteriori* da revolução industrial, teve em vista que os trabalhos nas indústrias necessitavam de mão de obra com conhecimentos básicos para operacionalizar algumas máquinas. E apenas após quase 450 anos de colonização/exploração/imposição, começa-se a ensaiar um sistema educativo próprio brasileiro.

A primeira constituição brasileira, ainda no Império foi em 1824, abordava brevemente e de forma bem genérica um movimento sobre a educação e a instrução primária e gratuita a todos os cidadãos. Contudo:

[...] infelizmente ficou só no papel. Havia uma grande discussão em todo o Império de como inserir as chamadas camadas inferiores (homens e mulheres pobres livres, negras e negros escravos, livres e libertos) nos processos de formação formais. (STRELHOW, 2010, p. 51).

Já na República, a primeira constituição dessa era, passa a delegar a responsabilidade do ensino Básico às províncias e aos municípios, e à União responsabiliza-se pelo ensino secundário e superior. Sobre ela e corroborando o pensamento de Haddad e Di Pierro (2000, p. 109) que,

[...] Mais uma vez garantiu-se a formação das elites em detrimento de uma educação para as amplas camadas sociais marginalizadas, quando novamente as decisões relativas à oferta de ensino elementar ficaram dependentes da fragilidade financeira das Províncias e dos interesses das oligarquias regionais que as controlavam politicamente.

Esta mesma constituição de 1891 negou o voto aos analfabetos, sendo que era essa a maioria da população adulta do país. E mesmo malvisto pela sociedade, surge uma comoção para transformar essa situação.

Com o advento do capitalismo e da industrialização no país, há uma crescente tendência migratória para o sudeste, até então havia a primazia da agricultura e o avanço da indústria e do capitalismo no país propiciou a expansão das classes médias e operárias urbanas, em regiões como as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. Assim, constituiu-se o Movimento Operário, uma força trabalhadora de “dimensões nacionais modestas e as transformações ensejadas e impelidas pela modernização mundial que estava ocorrendo acumularam pressões no sentido do avanço da indústria e do capitalismo brasileiro.” (CANO, 1993, p.16).

O nascente proletariado, inicialmente formado pelos operários imigrantes, em busca da defesa de seus interesses, tiveram várias iniciativas como as escolas, a imprensa escrita (jornais) e as atividades culturais (músicas e poesias). Felix (2011, p.7) aponta que:

[...] Os libertários não acreditavam que a educação poderia propiciar, por si só, um mundo melhor, eles lutavam pela educação popular por considerá-la parte fundamental do projeto de ruptura social. O compromisso do movimento era com uma transformação social e a educação poderia criar mentalidades e vontades libertárias que tivessem o poder de impulsionar o processo de mudança. [...].

A educação pública era restrita e destinava-se a criar ‘cidadãos-soldados’ prontos para obedecer e defender a ordem estabelecida. A passividade e a criticidade eram pontos fundamentais na educação das classes populares.

Esses grupos que se autodeclararam socialistas, davam ênfase em seus programas partidários o “ensino laico, obrigatório e tecno-profissional.” (GHIRALDELLI, 1986, p. 32). O autor cita que em 1890 surgiu o Partido dos Operários em várias regiões: em Porto Alegre, o Partido Operário do Rio Grande do Sul, que possuía em seu programa três de seus quarentas artigos voltados para a Educação; no Rio de Janeiro, o Partido Operário

Brasileiro, tinha em seu programa o desejo de “criar escola teóricas e práticas a fim de ajudar as classes a adquirirem conhecimentos profissionais” (GHIRALDELLI, 1986, p. 32); e em São Paulo o Partido Operário de São Paulo, influenciou para que não fossem admitidos operários analfabetos nas oficinas, salvo provando frequência das aulas noturnas, e falavam em “promover a criação de escolas teóricas e práticas”. Mesmo com poucos recursos, a nascente organização sindical fundou escolas para adultos e crianças.

As Escolas Operárias¹⁴ desenvolviam seus trabalhos em vários estados brasileiros, e segundo Ghiraldelli (1986), o Centro Operário da Bahia abriu escolas para o proletariado e, tal feito foi publicado no Jornal *A Imprensa Social em 1904* “as aulas, noturnas e diurnas, tão bons serviços têm prestado à instrução proletária desta terra foram reabertas a 15 de janeiro com frequência regular dos alunos” (GHIRALDELLI, 1986, p. 32). Ghiraldelli (*ibid*) apontou que em 1919 foi publicada no Jornal Folha Nova a informação sobre o funcionamento da escola operária de Petrópolis:

[...] Este Liceu, fundado por um grupo de sócios do Partido Operário está progredindo admiravelmente. Apesar de não ter ainda nove meses de existência está com frequência de mais de cem alunos, que todas as noites vão se instruir no Liceu à rua 15 de Novembro 964. Concorrem as aulas homens de idade e crianças e a cota é de 1\$000 mensais, havendo muitas pessoas que recebem instrução gratuita por falta de meios. Esses alunos de todas as idades, grandes e pequenos, são dirigidos e instruídos por um abnegado e instruído operário, o sr. Manuel Gonçalves Dias, que todas as noites, após trabalhar um dia inteiro, vai ao Liceu, por 3 ou 4 horas a fim de instruir os que não sabem gratuita e desinteressadamente.

Propagar o Liceu e torná-lo conhecido é uma obra meritória, tanto mais que em Petrópolis o governo estadual não tem quase escolas sem as quais os operários petropolitanos e seus filhos ficariam para sempre na ignorância, se não existisse essa benemérita instituição. [...]

O movimento social do sindicalismo operário foi pioneiro na preocupação de formação de adultos, que até então não havia legislação que assegurasse a educação gratuita para esses sujeitos. Com índices de analfabetismo chegando a 82,6% em 1890, e a 69,4 % em 1900, surge em 1915 a Liga Brasileira Contra o Analfabetismo - LBCA, no Rio de Janeiro, então capital da república tendo como propósito a eliminação do analfabetismo.

¹⁴ Fundadas e mantidas pelos agrupamentos socialistas, que se desenvolveram em vários estados brasileiros. (GHIRALDELLI JR., 1986).

Assim, como em diversos outros estados surge no mesmo ano, em 12 de outubro de 1915, a Liga Baiana Contra o Analfabetismo - LBA, fundada pelo Major Cosme de Farias, que tinha como bandeira a defesa do direito à alfabetização e a escolarização das pessoas jovens e adultas. Sua trajetória de luta pela democratização da educação é iniciada há quase meio século antes da popularização das escolas públicas. Por sua trajetória de vida é considerado o pioneiro na luta contra o analfabetismo na Bahia (FARIA, 2008). Segundo Celestino (2005, p. 66-8):

[...] De acordo com o jornal *A Tarde* e a revista *Realidade*, a LBA manteve cerca de 200 escolas públicas de ensino primário, implementou medidas que propiciaram a alfabetização de mais de 10 mil pessoas e editou cerca de 2 milhões de cartilhas, até 1972. Pode ter havido falhas nas estimativas da imprensa quanto os resultados – o *Jornal da Bahia* cita a emissão de 20 mil cartas por ano e de 2 mil escolas -, mas o trabalho da instituição frutificou, de fato. [...] Em geral, a Liga incentivava a alfabetização de pessoas por professores leigos, em casa mesmo, e a criação de escolas através de iniciativas de juízes, promotores, delegados, vigários, pastores, espíritas, membro de sociedades beneficentes, esportistas, vereadores, prefeitos, advogados, médicos, comerciantes e donas-de-casa, oferecendo como contrapartida o apoio às atividades e cartilhas. [...].

Além da oferta gratuita da Carta do ABC, a LBA distribuía material escolar (lápiz, borracha, régua e, às vezes, cópias do livro *A Sciencia do Bom Homem Ricardo*, de autoria de Benjamin Franklin), tendo funcionado até 1975 (CELESTINO, 2005). A autora aponta que Cosme de Faria protagonizou em 1892, a campanha do ABC pela erradicação de ignorância. (*ibid*, p. 65).

Em 1920, os renovadores da educação passam a exigir que o estado se responsabilize definitivamente pela oferta desses serviços (HADDAD; DI PIERRO, 2000). Assim, na Constituição de 1934, pela assembleia constituinte, mais precisamente da criação do Plano Nacional de Educação (PNE) a Educação de Jovens e Adultos passa a ser tratada de forma mais sistemática:

Parágrafo único - O plano nacional de educação constante de lei federal, nos termos dos arts. 5º, nº XIV, e 39, nº 8, letras a e e, só se poderá renovar em prazos determinados, e obedecerá às seguintes normas:
a) ensino primário integral gratuito e de frequência obrigatória extensivo aos adultos;

A partir da Reforma de Capanema, no início da década de 1940, começam a ser tratadas respostas às demandas que vinham surgindo, afetando diretamente a trajetória

escolar dos trabalhadores e seus familiares, surgia mesmo que precariamente, a tentativa de suprir a necessidade no ensino profissional, comandado pelo empresariado (sistema S – SENAI e SENAC) principiando a formação técnico-política da classe operária.

Em 1938 cria-se o INEP – Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, e com ele em 1942, institui-se o Fundo Nacional do Ensino Primário, para financiamento apenas da educação básica, e destes recursos o desejo do Fundo Nacional de Ensino de Jovens e Adultos, assim, ainda na década de 40, surge pela primeira vez, o atendimento ao público do segmento jovens e adultos. Sobre a florescência do interesse, a Educação de Jovens e Adultos, Haddad e Di Pierro (2000, p. 111) apontam que:

O movimento em favor da educação de adultos, que nasceu em 1947 com a coordenação do Serviço de Educação de Adultos e se estendeu até fins da década de 1950, denominou-se Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos – CEAA.

Sua influência foi significativa, principalmente por criar uma infraestrutura nos estados e municípios para atender à educação de jovens e adultos, posteriormente preservada pelas administrações locais. Duas outras campanhas ainda foram organizadas pelo Ministério da Educação e Cultura: uma em 1952 – a Campanha Nacional de Educação Rural –, e outra, em 1958 – a Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo. Ambas tiveram vida curta e pouco realizaram.

Nesse contexto, ganha corpo uma política educacional para jovens e adultos com atuações estratégicas. Com verbas vinculadas em todo o território nacional, em 1946 surge a Lei Orgânica do Ensino Primário que regulamenta o Supletivo. A Lei 8.529/46 explicita que:

Art. 2º O ensino primário abrangerá duas categorias de ensino:
a) o ensino primário fundamental, destinado às crianças de sete a doze anos;

b) o ensino primário supletivo, destinado aos adolescentes e adultos.

Art. 3º O ensino primário fundamental será ministrado em dois cursos sucessivos; o elementar e o complementar.

Art. 4º O ensino primário supletivo terá um só curso, o supletivo.

Art. 9º O curso supletivo, para adolescentes e adultos, terá dois anos de estudos, com as seguintes disciplinas:

I. Leitura e linguagem oral e escrita.

II. Aritmética e geometria.

III. Geografia e história do Brasil.

IV. Ciências naturais e higiene.

V. Noções de direito usual (legislação do trabalho, obrigações da vida civil e militar).

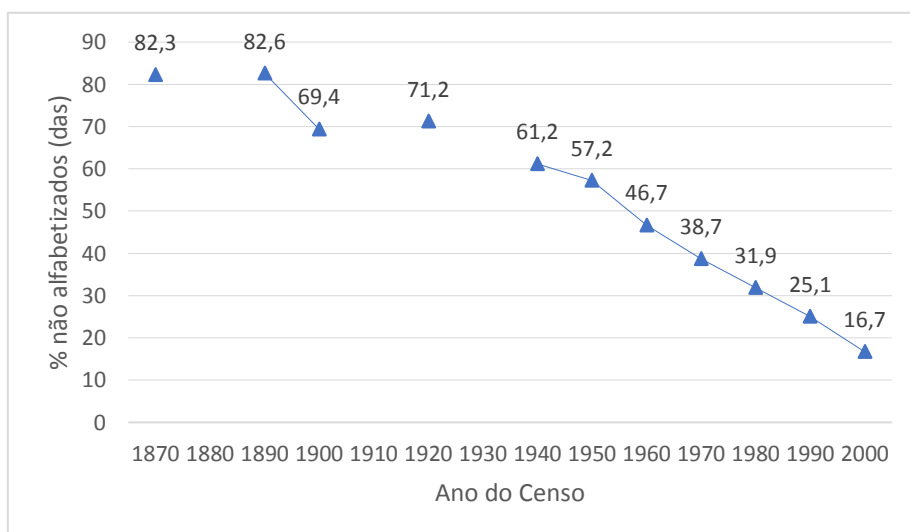
VI. Desenho.

Parágrafo único. Os alunos do sexo feminino aprenderão, ainda, economia doméstica e puericultura.

Art. 11. O ensino primário supletivo atenderá, aos mesmos princípios indicados no artigo anterior, em tudo quanto se lhe possa aplicar, no sentido do melhor ajustamento social de adolescentes e adultos.

Com a crescente cobrança dos organismos internacionais a escolarização básica de jovens e adultos evidencia-se cada vez mais, e com os “esforços empreendidos durante as décadas de 1940 e 1950 fizeram cair os índices de analfabetismo das pessoas acima de cinco anos de idade para 46,7%. No ano de 1960. Os níveis de escolarização da população brasileira permaneciam” (Haddad e Di Pierro (2000, p. 111), mas ainda continuavam altos em relação a outros países.

Figura 3 -Trajetória da taxa de analfabetismo entre as pessoas acima de 5 anos no Brasil, entre 1872 a 2000.



Fonte: Ferraro, 2009, p. 88.

Até o ano de 1947, o ensino era dedicado à extensão do ensino primário, e neste mesmo ano, a partir da Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos – CEAA, passou a atender ao público jovem e adulto analfabeto. Era uma educação primária denominada de ensino supletivo, sendo esta a primeira campanha de iniciativa pública especificamente para o atendimento de adolescentes e adultos. Após 1950, inicia-se a Campanha de Educação Rural, para tentar atender as regiões “atrasadas”; esta campanha ampliou as “missões rurais de educação de adultos”, atuação que Beisingel apontou no prefácio do livro de Fávero (2006, p. 8) como “prenunciam uma atuação mais ambiciosa de intervenção com vistas ao desenvolvimento de regiões atrasadas.” Para Fávero (2006, p. 26), a CEAA apesar de ser fortemente ruralista, estava mais ligada ao equilíbrio

eleitoral no interior do país, do que combater a migração ou a adequação do ensino no interior.

Em 20 de dezembro de 1961, há a publicação da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que instituiu a obrigatoriedade da educação e passou a definir e regularizar o sistema educacional brasileiro. Neste mesmo período, inicia-se um levante tanto por campanhas governamentais como pelos movimentos sociais e culturais, para enfrentar aos altos índices de analfabetismo brasileiro (em algumas regiões circundava os 40%). Foi neste contexto que surgiram então alguns programas de caráter popular e movimentos de Educação, como o Movimento de Cultura Popular – MCP (1960), Movimento de Educação de Base – MEB (1961) - criado pela Igreja Católica -, o Centro Popular de Cultura – CPC (1961) - criado pela União Nacional de Estudantes (UNE) -, Campanha de Educação Popular da Paraíba – CEPLAR (1962), Instituto de Cultura Popular – ICP (1963) e o Programa Nacional de Alfabetização – PNA (1964) que ampliaria o Sistema de Alfabetização de Paulo Freire em todo o Brasil.

O MEB foi criado em 1961 e visava a instalação de escolas radiofônicas. Teve como alvo as regiões mais subdesenvolvidas do país, e segundo Santos (2006, p. 49) esta “prática educativa propiciou condições de desenvolvimento de comunidades conduzido ao surgimento de uma democracia de base na qual se dava substantividade a um poder local, débil, mas efetivo”. Para Santos (2006, p. 50), diferente dos outros movimentos de cultura popular da época, que tinham um discurso que buscava situar o papel da cultura no processo transformador, o MEB propunha mais insistentemente a formação de uma consciência “revolucionária a partir da base”. Em março de 1964, auge do movimento com a participação de 500 pessoas, na Bahia havia 55 atuando, sendo o terceiro estado em participação, ficando atrás de Pernambuco com 106 e Ceará com 83 (SANTOS, 2006). “Na Bahia, Maranhão e Sergipe, diferente dos outros estados do nordeste, a sindicalização rural começou sob a orientação direta do MEB.” (SANTOS, 2006, p. 54).

Segundo Assumpção *et al.* (2014, p. 14), em 1964, o então aprovado “Plano Nacional de Educação” previa a disseminação por todo o Brasil de programas de alfabetização orientados pela proposta de Paulo Freire, não levando adiante, em razão do Golpe Militar. Preso em 1964, por subversão, ficou 72 dias e partiu para o exílio no Chile, onde em 1968 escreve seu mais célebre livro, **Pedagogia do Oprimido**, que dedica “Aos esfarrapados do mundo, e aos que nele se descobrem e, assim descobrindo-se, com eles sofrem, mas, sobretudo, lutam.” (FREIRE, 1987, p. 12).

Durante muito tempo, a educação não formal ficou marginalizada e o MEB foi um dos projetos que mais perdurou, segundo Fávero (2006, p. 4):

[...] Foi a única que logrou intensa penetração no meio Rural, inclusive dando apoio decisivo à sindicalização no meio rural, principalmente no início dos anos 60. E foi o Único Movimento que sobreviveu ao Golpe Militar de 1964 e a repressão dos anos seguintes, devido exclusivamente ao fato de ser um movimento da Igreja [...].

Em 1964, o MEB sofreu adaptações e foi absorvido pelo governo militar, passando assim a não mencionar o sindicalismo, retirado por prudência, no período pós-64. Registrou em 1965 a maior verba recebida de pelo Governo Federal, quando recebeu Cr\$ 800.000.000,00, o que correspondeu a 97,3% do valor solicitado. (WANDERLEY *apud* SANTOS, 2009).

De encontro à “pedagogia do oprimido” de Paulo Freire, surge em 1964 a “pedagogia dos homens livres” (CORRÊA *apud* FERRARO, 2009). O MOBREAL - Movimento Brasileiro de Alfabetização criado em 1967, no Decreto-lei nº 5.379, quando o governo assumiu o controle da alfabetização das pessoas de 15 a 30 anos. Segundo Ferraro (2009, p. 110):

O projeto político do MOBREAL surgiu e se definiu por oposição e como alternativa aos movimentos sociais e educacionais, inspirados na pedagogia de Paulo Freire, reprimidos pelo Regime Militar. Aliás, poderíamos dizer que ali está a definição não só do projeto político do MOBREAL, mas também de toda a proposta educacional da Ditadura.

Vê-se assim que os movimentos de educação e cultura popular foram coagidos, pois estes contrariavam os ideais do Estado autoritário que se afirmara nesta época. Dessa forma, segundo Di Pierro (2000), os poucos programas que não foram interrompidos, perderam o foco primordial de educação para as massas populares. Ou até mesmo, subsistiram porque eram de caráter conservador como a Cruzada de Ação Básica Cristã (ABC), que foi dirigida por evangélicos norte-americanos e atendia aos interesses do Regime Militar (DI PIERRO, 2000).

O MOBREAL surgiu paralelamente a outros programas e se encarregou de executar campanhas nas comunidades, reunindo os analfabetos, providenciando salas de aula, professores e monitores. Em questões territoriais sua expansão ocorreu junto com a Lei das Diretrizes e Base da Educação (5692/71). Na LDB 5692/7. A educação limitou-se à

faixa etária dos 7 aos 14 anos e o ensino supletivo reconhecido como Educação de Jovens e Adultos, mas pouco se alfabetizou neste período.

O MOBREAL em 1970 deu origem ao Sistema de Educação Integrada – SEI, expandiu-se por todo o território brasileiro, sendo extinto em 1985.

E em substituição ao MOBREAL foi criada em 1986 a Fundação Educar, que segundo Haddad e Di Pierro (2000) fora uma instituição muito importante no desenvolvimento de pesquisas, produção de material didático, projetos pedagógicos, retomada de práticas educativas com o ideário de educação popular, além de também propor a descentralização no plano das políticas públicas. A Fundação Educar foi fechada com o início do governo de Collor em 1990 que elaborou o Programa Nacional de Alfabetização e Cidadania (PNAC), que pretendia substituí-lo. Porém, o PNAC, não avançou por não dar continuidade ao que propôs em relação às políticas públicas e logo foi abandonado pelo governo de Itamar Franco (1993). Neste mesmo período estava sendo elaborado outro plano de política educacional, o Plano Nacional (1994), não demorando muito, pois foi deixado de lado no governo de Fernando Henrique Cardoso (eleito em 1994), que priorizou a implementação de reformas políticas para educação pública. Foi neste governo, também, que foi promulgada em 1996 a nova Lei de Diretrizes Bases da Educação Nacional (LDB) na qual os direitos educacionais reservados aos jovens e adultos foram pouco abordados, mas para muitos considerado um avanço porque aparece como uma modalidade de ensino.

A descentralização da Educação de Jovens e Adultos, da esfera federal para a municipal, teve início em 1990 e contribuiu para que as políticas direcionadas para a EJA fossem ampliadas. O que se observa por parte do governo federal são lançamentos de projetos de alfabetização acompanhados de dificuldades de viabilização de recursos financeiros, o que transferiu para os estados e municípios a responsabilidade pela oferta e manutenção do ensino fundamental para jovens e adultos.

E, iniciamos o Século XXI com o desafio de buscar meios para superar os problemas da educação e oportunizar o acesso e a permanência no ensino às camadas populares para que as mesmas possam estar democraticamente inseridas na sociedade. A luta por uma educação de qualidade e equânime ainda é intensa, porém o maior desafio da política do EJA vai para além de garantir o acesso (ingenuamente achávamos ter superado, contudo essa luta retornou aos palcos devido ao crescente fechamento de turmas e escolas da modalidade), mas também a permanência desses sujeitos jovens e

adultos na educação escolarizada. Sua permanência perpassa não apenas as dimensões pedagógicas como também por situações que extrapolam os muros escolares.

As pessoas aprendem ao longo da vida (FREIRE, 1996), em seus trabalhos e atividade ocupacionais cotidianas propiciam uma aquisição de saberes, e, assim, uma interação com as pessoas e o mundo. Esses saberes informais, apesar de diferentes, não são menos importantes que os conteúdos formais da educação escolarizada. Na educação há interlocução de saberes em reconstrução através das aprendizagens no mundo, e das vivências dos sujeitos singularizados, “vivências que se ressignificam nos espaços e tempos sociais dos distintos âmbitos linguísticos e do convívio das alteridades distintas.” (MARQUES, 2002, p. 19).

A escola por sua vez tem um importante papel de incentivar e reconhecer os falares desses sujeitos, sendo necessário perceber o papel do professor frente a esse estudante jovem e adulto que chega à sala de aula cheio de conhecimento de mundo (teorias, explicações, hipóteses...) o texto do produzido pelo MEC (BRASIL, 2006, p. 7):

[...] Sua Família, a comunidade onde vive, seu trabalho e sua religiosidade permite-lhes construir um cem-números de saberes. Cabe ao (à) professor (a) descobrir qual é corpo de conhecimentos, feito de pura experiência e percepção, para a partir dele convidar seus alunos a acenderem outras formas de pensar, explicar, fazer e agir. [...]

Neste aspecto o papel do professor na EJA é de grande importância frente a uma educação de qualidade e emancipatória, desenvolvendo o exercício do “saber escutar”¹⁵, pois escutar paciente e criticamente possibilita falar com o educando¹⁶, mesmo que precise falar a ele. Contudo, para além do professor é preciso que a sociedade ouça as vozes dos sujeitos e da comunidade.

¹⁵ Ver FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia.

¹⁶ ARROYO “ [...] quando se refere à jovens e adultos, nomeia-os não como aprendizes de uma etapa de ensino, mas como educandos, ou seja, como sujeitos culturais e sociais, jovens e adultos.” (ARROYO, 2005, p. 224).

3 CONTEXTUALIZANDO A PESQUISA

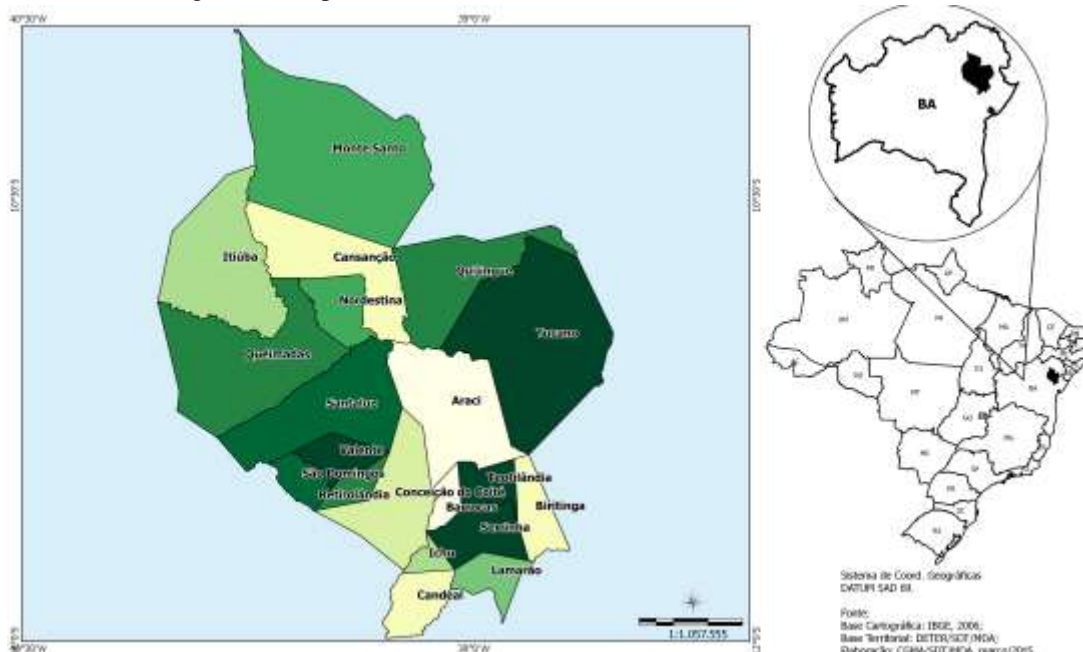
O *locus* escolhido para execução desta pesquisa foi à cidade de Araci-Ba. Localizado no território de Identidade do Sisal. Aqui apresentaremos em detalhes o território de identidade que a cidade está inserida e o município.

3.1 O TERRITÓRIO DE IDENTIDADE DO SISAL - TIS

Localizado no semiárido do nordeste do Estado da Bahia, o Território de Identidade Sisal (TIS), é assim conhecido devido ao destaque que teve por muito tempo no cultivo da *Agave Sisalana*, planta conhecida popularmente como sisal. Compreendendo 20.405 km² de extensão territorial, é composto por 20 municípios¹⁷. Possui 626.265 habitantes de acordo ao IBGE/2017. A região tem o semiárido como clima predominante, além de 15 importantes espelhos d'água, com destaque para os açudes das barragens de Araci e de Rômulo Campos/Jacurici, entre os municípios de Cansanção e Itiúba. A Caatinga, Floresta Estacional, e até mesmo áreas de Cerrado compõem a vegetação do território, e tem como destaque a palma forrageira, pastagens e o sisal, o que justifica a sua identidade.

¹⁷Araci, Barrocas, Biringa, Candéal, Cansanção, Conceição do Coité, Ichu, Itiúba, Lamarão, Monte Santo, Nordestina, Queimadas, Quijingue, Retirolândia, Santaluz, São Domingos, Serrinha, Teofilândia, Tucano e Valente.

Figura 4 – Mapa do Território de Identidade do Sisal -TIS



Fonte: CGMA/2015.

Segundo a Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia - SEI (2016), no TIS há a presença de minérios a exemplos de: bário em Biritinga, Quijingue e Tucano, cobre em Cansanção, Itiúba, Monte Santo, Nordestina, Quijingue e Santaluz e ouro em Araci, Barrocas, Cansanção, Nordestina, Queimadas, Quijingue, Santaluz, Serrinha, Teofilândia e Tucano.

O Povoamento do território aconteceu quando os colonizadores portugueses iniciam a abertura de estradas no início do século XVII, para a passagem das boiadas que ligavam a capital da colônia ao Rio São Francisco. Devido a ser local de moradia dos índios, que inicialmente habitam o litoral da Bahia, ficou conhecido pelos bandeirantes por sertões dos Tocós. Como apresenta o SEI (Bahia, 2016, p. 231):

O sertão de Tocós foi cenário de um processo acirrado de concentração fundiária, dando origem a grandes latifúndios e concessões de sesmarias. As terras concedidas a Guedes de Brito foram denominadas Sesmaria de Tocós e, após o falecimento de seu proprietário, sofreram intenso processo de desmembramento, em decorrência da venda de lotes pelos herdeiros. A sesmaria, que abarcava uma área superior a 20 léguas, foi, ao longo desse processo, desmembrada em inúmeras fazendas, nas quais predominava a criação de gado. A partir dessas fazendas, impulsionou-se o processo de povoamento, dando origem a importantes freguesias, dentre as quais a Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Coité. Os primeiros municípios a serem criados no TI Sisal foram Monte Santo e Tucano, ambos em 1837.

A região é servida por três rodovias Federais, a BR-116, que liga o Nordeste brasileiro até a região Sul do país, passando pela sede dos municípios de Serrinha, Teofilândia, Araci e Tucano. Também há a BR-349, que liga Conceição do Coité e Barrocas à BR-116 e a BR-410 faz a conexão entre os municípios de Tucano e Ribeira do Pombal. E outras estaduais, que vivem em péssimas condições, a BA-408 (que liga Araci e Santaluz), BA-413 (entre Queimadas e Monte Santo), BA-381 (que conecta Itiúba, Cansanção e Quinjingue), BA-411 (que passa por Candéal, Ichu e Conceição do Coité) e BA-233 (entre Serrinha e Biritinga).

No contexto da Educação no Território, assim como aconteceu no restante do país entre 1759 até 1827, haviam as aulas régias, e com a publicação da Lei Geral do Ensino em 1827, aconteceu o aparecimento de professores primários na região, como aponta E10:

E11: “A primeira Lei geral do ensino no Brasil é de 15/10 de 1827, isso é bom você anotar aí. Primeira Lei Geral do ensino, por isso que o dia do professor é no dia 15 de outubro. Ok? Você sabia disso? Agora voltado ao caso. Depois dessa lei foram aparecendo professores primário na região: Tucano, Itapicuru de Cima, Araci, Serrinha, entendeu? Por que já tinha uma lei para favorecer. A função da escola e ler e escrever e contar e também prática de quebrados. Sabe o que é isso? números decimais. Chamava prática de quebrados, que não eram inteiros, certo? Assim é que começam as histórias de Brasil. E naquela época só o espaço pra criar o,o,o. que paisinho atrasado, só quatro faculdades: As de medicina na Bahia e Rio de Janeiro e as faculdades de direito de Olinda e de São Paulo, onde estudou Ruy Barbosa, estudou Castro Alves e a origem de nosso sistema educacional.”

É salutar apontar que no município de Araci, apareceu, um dos primeiros Ginásios da região, apontados pelo ex-estudante E11:

E11: “Araci teve o Primeiro Ginásio da Região, em 1920 ... ele foi para lá no ano de 14, que ele conta por uma questão saudosista, que o pai dele era militar e o pai dele morreu na guerra de Canudos. Como Araci era uma cidade que ficava mais perto de Canudos ele foi prá lá, ficou lá até o ano de 21...Ele que era homem qualificado, professor primário, mas sabia mais do que muita gente hoje com graduação, sabia muito mais.. .E o ginásio dele funcionava ali. Eu tenho foto, funcionava ali na que lá esquina ... Eu conheci, eu nasci naquele pedacinho de rua ali. Ali na esquina. Eu me lembro que era um passeio alto, cheio de janela, ‘meu Deus pra que tanta janela numa casa?’, eu não sabia. Sala de aula, não tem que ter janela sala de aula?!ele tinha internato e subia um sótão pra os meninos dormir em cima. O pessoal dormia em cima, entendeu? Subia um sótão. O nome do colégio se chamava Jean Jacques Rousseau. Eu tenho até a propaganda do colégio, mas aí só outra hora

para lhe passar, posso ver se lhe consigo um livro desse que tem aí, entendeu?”

Ele ainda afirma que (E11, 2019):

E11: “O Brasil naquela época era mais sério, mais organizado. Um professor que se formava em Salvador, ela não podia dar aula em Salvador. Você sabia disso? O professor tinha que ir ao interior, como se fosse um estágio probatório para depois ele vir para Salvador. Consequência, consequência. Grandes professores iniciantes estiveram pelo interior que era obrigado. Foi o caso de Jose Ferreira Filho. Jose Ferreira Filho levou o jornal para a região, o povo de Serrinha aprendeu a fazer jornal com ele: ‘O jornal Serrinhense’ tá certo?”

Atualmente os municípios de Serrinha e Conceição do Coité têm-se consolidado como destaques na oferta do ensino público superior, visto que ambos os municípios possuem campus da Universidade do Estado da Bahia – UNEB (Campus XI – Serrinha; e Campus XIV Conceição do Coité) e do Instituto Federal Baiano - IFbaiano. No território, também há outras Instituições de Ensino Superior -IES presenciais, a exemplo da FARESI – Faculdade da Região Sisaleira, em Conceição do Coité; FASB – Faculdade do Sertão Baiano, em Monte Santos; FSAQ- Faculdade Santo Antônio de Queimadas – em Queimadas; e AGES em Tucano e além de tantas outras a distância (Universidade Norte do Paraná-UNOPAR, Faculdade Capim Grosso -FCG, Faculdade de Ciências, Tecnologias e Educação– FACITE, dentre outras) que possuem polos nestes e em diversas outros municípios.

Ainda segundo o SEI, o território apresentou em 2014 lavouras permanentes de banana, castanha de caju, goiaba, laranja, limão, manga e maracujá, contudo a cultura mais representativa foi a de cultivo do sisal, com 58,4%, e castanha de caju, com 22,0% do total do estado. Na cultura permanente o destaque foi o agave (sisal), que segundo o SEI (2016) os maiores produtores foram os municípios de Conceição do Coité (24,7%), Araci (20,0%) e Santa Luz (15,5%). Enquanto a cultura temporária foi predominante o cultivo de mandioca, feijão, batata-doce, mamona e melancia.

O território apresentou uma grande queda na fecundidade e isso repercutiu no perfil etário na região. Apesar da queda nos índices de analfabetismo no Território entre 2000 e 2010, o TIS ainda apresenta 33,1% de índice de analfabetismo maior do que a média do estado de 23,1%. Comparando os índices de analfabetismo dos municípios,

observa-se que os maiores índices foram os dos municípios de Monte Santo com 34,6% de sua população, Quijingue com 33,7% e Lamarão com 32,7%, e os municípios que apresentaram menores índices foram o município de Valente com 17,1%, Serrinha com 16,5% e Ichu apresentando 15,4% (SEI, 2017).

Tabela 4 - Taxa de analfabetismo Território de Identidade do Sisal (2000 e 2010).

Ano	2000	2010
Bahia	22,1%	16,3%
Território de Identidade do Sisal	33,1%	24,8%
Araci	43,7%	32,1%
Barrocas	-	19,7%
Biritinga	34,1%	25,1%
Candeal	29%	25,2%
Cansanção	39,6%	27,7%
Conceição do Coité	26,6%	19,2%
Ichu	21,1%	15,4%
Itiúba	30,3%	25,6%
Lamarão	36,6%	32,7%
Monte Santo	44%	34,6%
Nordestina	38,1%	29,7%
Queimadas	30%	21,9%
Quijingue	42,4%	33,7%
Retirolândia	28,7%	19,4%
Santaluz	31,58%	23,6%
São Domingos	22,9%	21,5%
Serrinha	24,6%	16,5%
Teofilândia	31,8%	22,6%
Tucano	36,4%	29%
Valente	26,4%	17,1%

Fonte: SEI-Ba/ 2017

O PNUD publicou em 2017 taxa de analfabetismo de pessoas acima de 15 anos, nesta publicação é possível perceber uma diminuição de 8% registrado em 2015 pra 7,2% em 2017, já na Bahia nem 2017 foi de 13,0%; contudo, não conseguimos os dados territoriais e municipais, já que a pesquisa foi realizada por amostra de domicílios e teve apenas divulgado o índice das capitais.

Em relação aos aspectos culturais, o artesanato de sisal, os festejos de padroeiros, Semana Santa e Juninos levam destaque como patrimônio cultural do território, além de possuir culinária elaborada com base de carne de bode e doces de leite de cabra.

No Território ainda há a presença de povos indígenas da a Kiriri, no município de Quijingue, e várias comunidades quilombolas certificadas, com destaque para Nordestina que possui 19 comunidades identificadas e registradas.

3.1.1 Observatório de Educação de Jovens e Adultos do Território de Identidade do Sisal

O Observatório de Educação de Jovens e Adultos do Território de Identidade do Sisal – OBEJA¹⁸ realiza pesquisas nos municípios de Araci, Conceição do Coité, São Domingos, Santa Luz, Serrinha e Valente, desde 2013, e realiza estudos e proposições sobre a organização e oferta da EJA no território (NUNES, 2015), utilizando-se de uma metodologia ao mesmo tempo quantitativa e qualitativa a respeito do sistema estadual e municipal de Educação de Jovens e Adultos.

Figura 5- Mapa de abrangência da pesquisa do OBEJA.



Fonte: NUNES 2017, p. 147.

Nos seis municípios de abrangência da pesquisa do OBEJA, de acordo com os dados disponibilizados pela SEI, apresentaram no censo de 1990 a média de analfabetismo de 40,8% da população, sendo que, a maior taxa concentrava-se na zona rural com 51,6%. No censo de 2000 observa-se que houve uma redução na taxa de

¹⁸ O OBEJA tem como perspectiva realizar estudos e proposições sobre a organização e a oferta da Educação de Jovens e Adultos (EJA) nos sistemas de ensinos de seis municípios do Território de Identidade do Sisal na Bahia (Conceição do Coité, Serrinha, Santa Luz, Araci, São Domingos e Valente); e criar sistema de informações e de monitoramento da Gestão Social de Políticas Educacionais na EJA nas Redes de Ensino Estadual e Municipal dos seis municípios envolvidos na pesquisa.

analfabetismo da população, ficando este percentual em 29,3%, já em 2010 caiu para 21,6% (IBGE/2010), apesar da visível redução nas taxas de analfabetismo, o percentual ainda é alto, e extrapola a média do estado que é de 13% da população. Neste mesmo ano o IBGE identificou que 42,2% da população de 18 a 24 anos abandonaram a escola precocemente.

Observe o quadro que aponta a taxa de analfabetismo (Tabela 5 e Figura 6) e a taxa de abandono (Tabela 5), escolar nos municípios que participaram do OBEJA.

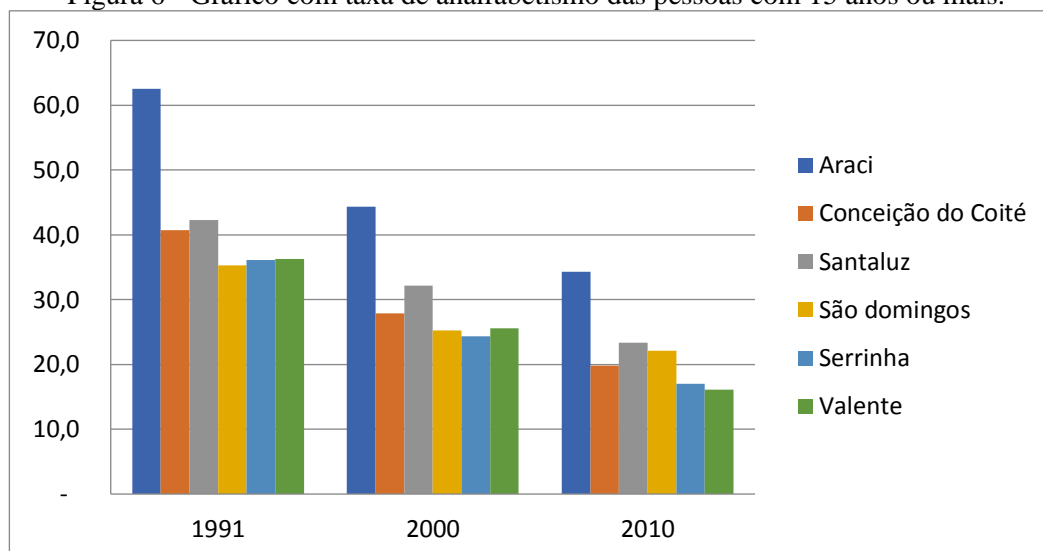
Tabela 5 - Taxa de analfabetismo e abandono escolar precoce.

	Araci	Conceição do Coité	Santa Luz	São Domingos	Serrinha	Valente	Total
Taxa de analfabetismo das pessoas de 15 anos ou mais.	32,10%	19,20%	23,60%	21,50%	16,50%	17,10%	21,67%
Taxa de abandono escolar precoce das pessoas entre 18 a 24 anos	51,50%	40,50%	42,70%	35,30%	40,80%	42,40%	42,20%

Fonte: IBGE/ 2010

Dados do INEP/2012 informam que na região possuíam 112 escolas que ofertavam a EJA para 6456 alunos, que eram lecionados por 632 professores. Em 2013, ano de início das pesquisas do OBEJA, verificou-se que as redes de ensino municipais atendiam a 4.877 alunos em 83 escolas, de acordo com os dados fornecidos pelas Secretarias de Educação dos municípios. Percebemos dessa forma uma queda de 24,5% na oferta de vagas dentre os anos de 2012 e 2013, com uma diminuição de 11,7 % das escolas que ofertam EJA na região pesquisada. Ao relacionar os dados atuais, temos apenas 25 escolas que ofertam a EJA (dados informados pelas Secretarias Municipais de Educação), o que se configura uma diminuição de 88% das escolas que ofertam a modalidade no ano 2018.

Figura 6 - Gráfico com taxa de analfabetismo das pessoas com 15 anos ou mais.



Fonte: SEI – Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia

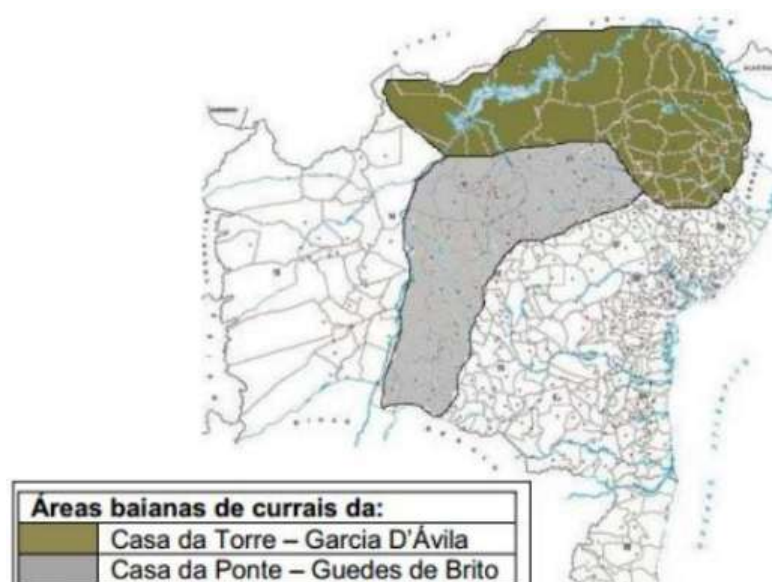
Observando o gráfico acima fica evidente o destaque negativo do Município de Araci, que tem dentre os seis municípios, nas três datas base de referência, a maior taxa de analfabetismo, e conceber suas peculiaridades é importante para fomentar indagações sobre a sua constituição histórica e atual.

3.1.2 Ocupação do sertão baiano: idas e vindas no processo de emancipação no território de identidade do sisal

A região hoje conhecida por Região do Sisal foi denominada pelos bandeirantes como Sertão dos Tocós ou Pindá, e as terras eram habitadas por tribos indígenas Tapuias, Cariris, Tocós e Beritingas.

O primeiro governador da Bahia como forma de prêmio por afugentar e aniquilar os bravos índios baianos, concedeu sesmarias, e dentre elas Guedes de Brito ficou responsável pela fatia de terra que hoje localiza a região do Sisal. Nesse contexto, Guedes de Brito se responsabilizaria por promover a colonização do local, controlando os índios que por aqui ainda teriam permanecido. Assim, diversos caminhos de gado foram abertos no sertão dos Tocós com o principal objetivo de ligar o rio São Francisco (em Juazeiro) à cidade de Salvador, cortando de Norte a Sul o sertão dos Tocós (FREIXO, 2010).

Figura 7 - Divisão de currais da Casa da Ponte e da Casa da Torre.



Fonte: Mata, 2014.

O mapa acima mostra a ocupação do Sertão baiano, no nosso caso em verde pela Casa da Torre e Cinza pela casa da Ponte. Pereira (2011, p. 9) afirma que:

As terras de Guedes de Brito, aqui no sertão dos Tocós, começam onde terminam o agreste (casa da Torre) e começa caatinga (Casa da Ponte) Não havia cercas nem arame farpado. Os limites latifundiários eram feitos pela mudança da vegetação, rios riachos, árvores frondosas, etc. Aos curiosos, o início desta sesmaria fica até o presente, numa encruzilhada, com casas esparsas um pouco acima do povoado do Quererá, com um ponto central denominado “acampamento”. Repetimos: onde termina o agreste (praias) e começa o sertão (a caatinga).

Sobre o povoamento da região de Araci, o ex-estudante E11 nos apontou que:

E11: “Os primeiros brancos europeus chegaram lá em... Ali perto do Quererá. O Quererá era um povoado. Aí é o seguinte, esse homem chamava-se Guedes de Brito, conhece? A casa de Guedes de Brito, que era a casa colonial, né? Então o Guedes de Brito, ele disputava em tamanho de terra com a Casa da Torre, ele possuía as terras, quando livra a área litorânea, pegando ali de Nova Soure, que chamava Natuba, e vai somente até Jacobina, que tal? Olhe bem... Como é que se fazia isso naquela época? Que maluquice era essa? Nera maluquice não, tudo depende do contexto histórico. O Brasil era invadido por holandeses, por franceses, por estrangeiros que queriam tomar posse aqui do território. Então, qual era melhor para o rei? Era doar essas terras a pessoas confiáveis dele ou perder para Holanda e pra Espanha, e pra Inglaterra? Copiou? Como é que faz isso? As sesmarias, tanta terra pra um homem só. Por isso. Que ele tinha a obrigação sabe de que? Aí tinha a obrigação em contrapartida. A obrigação de criar gado, povoar as terras. Se não povoasse, as terras seriam devolvidas. Aí eu queria fazer

aqui um desenho mental com você. Oh, saia você lá de Nova Soure, chamava-se Natuba. Para você criar gado, o que é que é preciso? Comida e água. Então para você entender a origem de Araci você tem que percorrer o caminho da água. Tudo naquela época você estuda pela água, onde tinha água, tinha gado sendo criado, tinha moradores e tinha vida, tinha gente. Tá certo? Aí me acompanhe aqui, você conhece minha região, não? Vamos lá. Nova Soure tem água, tanto que Natuba quer dizer ‘Terra Molhada’ na língua kiriri, a língua dos índios, aí vem pra Quererá. Quererá tem fonte nativa, conhece? Tem lá, era assim, ali então forma um núcleo, o que era o núcleo? Deixava ali uma família de vaqueiros e esses vaqueiros foram gerando outras famílias. Esses vaqueiros quando nasciam os filhos, geralmente adotavam o nome dos patrões: Guedes, Brito. Isso por que? Que era pra mostrar a quem eles estavam ligados e também pra impor respeito. Porque até a Proclamação da República, o sobrenome não era muito comum no Brasil, não era normal.”

Araci fazia parte desta rota de vaqueiros no trajeto que seguia da capital para Jacobina e Piauí, no período do desenvolvimento dos currais surgiram vilas e distritos, após o período de desenvolvimento algumas se emanciparam e tornaram o território que conhecemos hoje. Pereira (2011, p. 13) cita a fala de Guedes de Brito, ao apontar a construção de uma estrada que passa pelo território, para ligar a capital à Jacobina:

“Secundariamente abri outra estrada de Leste ao Este (a Oeste) para Jacobina, que me custou grande número de fazenda e trabalho.” Aqui está a obra mais antiga de Araci, a estrada do Tabueiro, Quererá e Serra Branca, com mais de 350 anos. Vem de Natuba (atua Nova Soure) e prossegue por Araci, Tapuio, Várzea da Pedra, Santa Luz, Queimadas Itiúba, Capim Grosso,, etc. com inúmeras ouyras passagens até Jacobina. Vários São os trechos em que certos riachos recebem o nome Rio dos Tocos ou Riacho do Tocós. (grifo do autor)

A interiorização da Bahia deu-se devido à criação de gado, mostrando a importância dos tropeiros e vaqueiros na constituição histórica do Território do sisal. Araci, foi rota de viajantes e vendedores além de tropeiros como apresenta Lima (1985, 70):

O dito barracão foi construído em 1892. Devia também aos condutores de tropas de animais cargueiros, que vinha de Tucano, Bom Conselho, Cumbé, Uauá, Monte Santo e outros lugares. Os ditos Animais transportavam couros curtidos, fumo cereais, cordas e mercadorias outras para os centros de consumo.

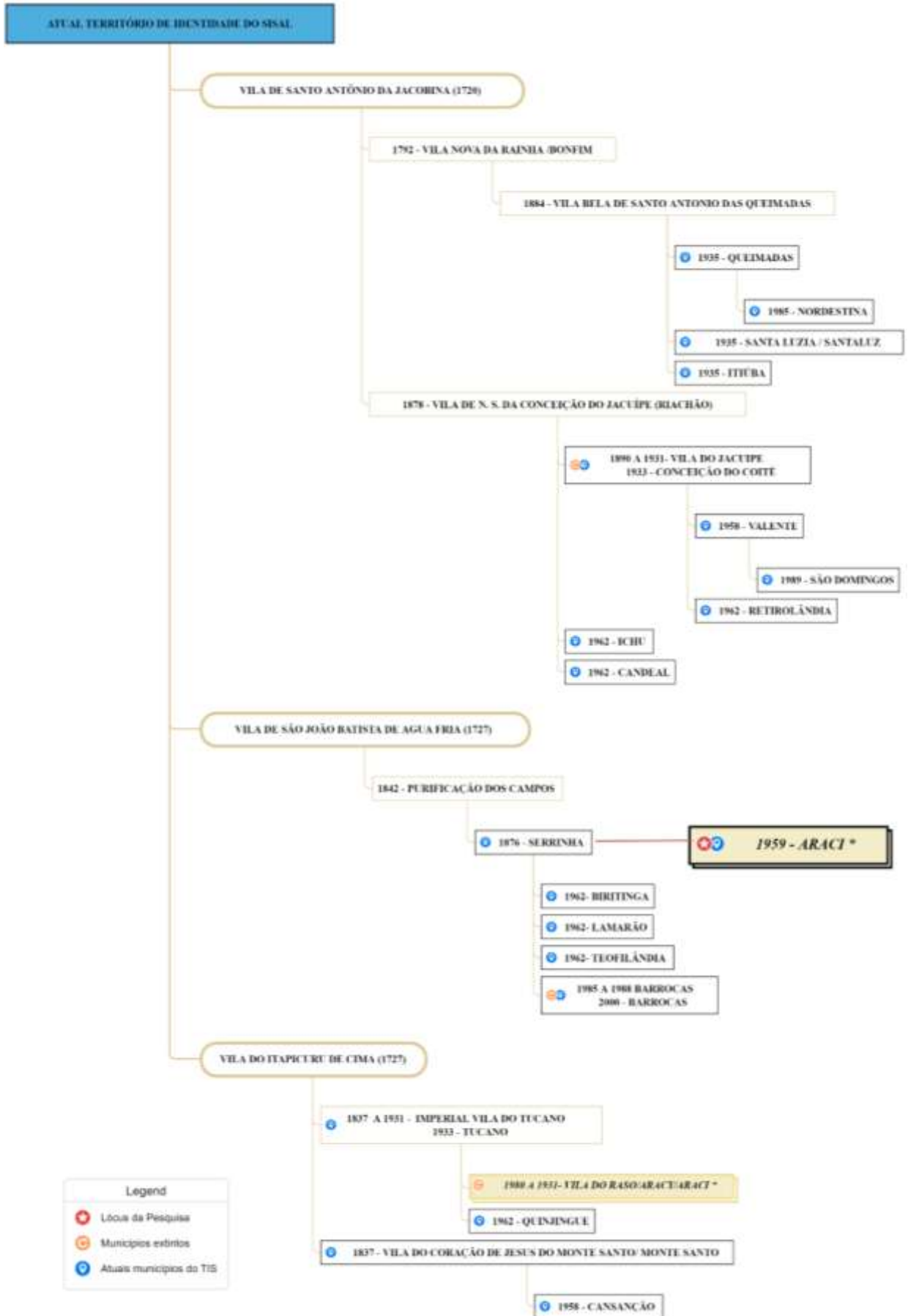
Muito castigada com a seca, as cidades do atual território do sisal sofriam com grandes estiagens, e em “1931 toda a região nordestina da Bahia fora assaltada por uma impiedosa seca que durou mais de dois anos” (LIMA, 1985, 112) e todas as cidades da região sofreram terríveis crises. “As pastagens, a lavoura, os gados foram cruelmente atacados, resultado da fome, a falta de produção agrícola e consequentemente a redução de renda municipal” (*ibid*). Neste contexto, não apenas Araci, mas outros municípios do território e do Nordeste foram surpreendidos com um decreto do governo que ao contrário de procurar “remediar o terrível mal” assinou um, decreto suprimindo os municípios que não rendiam trinta contos de reis (30.000\$000). Sobre as emancipações e vinculação de origem dos 20 Municípios que pertencem ao TIS, observe a tabela 6 e o esquema de evolução territorial na figura 8:

Tabela 6 - Emancipação dos municípios do Território de Identidade do Sisal – TIS.

Município	Origem de	Emancipado em:	Extinção em:	Anexado à	Restauraçã o	Idade
Araci	Tucano	1890	1931	Tucano - Serrinha	1956	65
Barrocas	Serrinha	1985	1988	Serrinha	2000	18
Birtinga	Serrinha	1962	-	-	-	56
Candeal	Riachão do Jacuípe	1962	-	-	-	56
Cansanção	Monte Santo	1952	1954	Monte Santo	1958	60
Conceição do Coité	Riachão do Jacuípe	1890	1931	Riachão do Jacuípe	1933	85
Ichu	Riachão do Jacuípe	1962	-	-	-	56
Itiúba	Queimadas	1935	-	-	-	83
Lamarão	Serrinha	1962	-	-	-	56
Monte Santo	Itapicuru	1837	-	-	-	181
Nordestina	Queimadas	1985	-	-	-	33
Queimadas	Senhor do Bomfim	1887	-	-	-	131
Quijingue	Tucano	1962	-	-	-	56
Retirolândia	Conceição do Coité	1962	-	-	-	56
Santaluz	Queimadas	1935	-	-	-	83
São Domingos	Valente	1989	-	-	-	29
Serrinha	Purificação	1891	-	-	-	142
Teofilândia	Serrinha	1962	-	-	-	56
Tucano	Itapicuru	1837	1931	Cipó	1933	85
Valente	Conceição do Coité	1958	-	-	-	60

Fonte: IBGE Cidades, 2017.

Figura 8 - Evolução Territorial e Administrativa do Território de Identidade do Sisal.



Fonte: Pesquisadora, 2019

A tabela 6 mostra a data de emancipação de todos os municípios do Território de Identidade do Sisal - TIS, e a figura 8 a evolução do território e a vinculação político-administrativa dos municípios. O interessante foi perceber que alguns deles foram emancipados, depois perderam sua categoria de município e foram reintegrados ao município de origem, com exceção de Araci e Tucano. No caso específico de Araci, ela foi integrada aos municípios de Serrinha, tendo em vista que anteriormente pertencia ao município de Tucano, que também teve sua categoria de município retirada, segundo dados do IBGE/2017.

3.2.ARACI: HISTORICIDADE DA CIDADE MÃE DO DIA

O município de Araci¹⁹, anteriormente conhecido como Raso, é pertencente a mesorregião do Nordeste Baiano, a microrregião de Serrinha e ao Território de Identidade do Sisal, possui 51.651 habitantes (IBGE/2010),e tem seus limites territoriais com os municípios de Teofilândia, Barrocas, Biritinga, Conceição do Coité, Tucano, Santaluz, Quijingue, Cansanção e Sátiro Dias (IBGE, 2016).

Figura 9- Mapa do Município de Araci



Fonte: Geopolis/CONDER.

¹⁹ Mãe-do-dia, cigarra. (Cascudo, 1980)

Com 1.495, 554 km² (IBGE, 2016) a cidade tem como principal fonte de renda a agropecuária, destacando a produção de Mandioca, feijão, milho, o sisal, a criação de caprinos e ovinos, além de uma pequena parte da população retirar seu sustento da pesca e também de minério (ouro).

Sua história é marcada por idas e vindas de reconhecimento como município, mas teve como marco inicial a compra de vinte léguas quadradas de terra, situadas no território do município de Tucano, pelo Sr. José Ferreira Carvalho em 1812. Ele “além de construir casas e uma Igreja, ampliou a propriedade e fez vários tanques que abasteciam o Raso” (SILVA, 2015, p.9), com um intuito de morar com sua família na fazenda que em 12 de abril de 1877 foi elevada à categoria de Freguesia da Capela de Nossa Senhora da Conceição do Raso. Com a Lei Provincial n.º 1720, o distrito foi criado com a denominação de Raso, já em 13 de dezembro de 1890 o distrito foi elevado à categoria de vila, desmembrando-se do Município de Tucano, e teve sua instalação como município em 04 de fevereiro de 1891.

Figura 10- Foto aérea de Araci em 2014.



Fonte: Museu Vila do Raso - 2017

Apesar das povoações do município datarem de 1812, Pereira (2011, p.13) aponta registros apostilados na Revista n.º. 42 do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia, para a obra mais antiga:

aqui está a obra mais antiga de Araci: a estrada do Tabuleiro, Quererá e Serra Branca, com mais de 350 anos. Vem da Natuba (atual Nova Soure) e prossegue por Araci, Tapuio Várzea da Pedra, Santaluz, Queimadas Itiúba, Capim Grosso, Etc., com inúmeras outras passagens até Jacobina. Vários são os trechos em que certos riachos recebem o nome Rio dos Tocós ou Riacho do Tocós.

Observando sobre a ótica da literatura local sobre a História do município de Araci, fica claro a relação de dependência administrativa da até então denominado Raso, do Município de Tucano. Lima²⁰ (1985) e Silva²¹ (2015) afirmam em diversos pontos de seus livros a relação política e religiosa que ligavam Araci a Tucano. Observe nos trechos a seguir, segundo Lima:

Quando o então Raso ainda não tinha igreja, seu pai José Ferreira, convidava padres das freguesias vizinhas para celebrarem aqui santa missa [...] Assim, que o raso passou a simples fazenda do povoado, foi o mesmo anexado a freguesia de Tucano, passando então a pertencer política e espiritualmente, aquele município. (LIMA, 1985, p. 23). Embora lentamente, mas sem para a marcha, formou-se aldeia, povoado e mais tarde, a freguesia, passando então a pertencer ao município de Tucano [...]. No dia 18 de novembro 1889, daqui partia, a cavalo, uma caravana composta de dez cidadãos do Raso com destino a Tucano. (LIMA, 1985, p. 59-60).

Silva (2015, p.7) afirma que em “13 de dezembro de 1890 – Assinada a lei que desmembrou o Distrito de Raso do Município de Tucano”, a autora ainda apresenta que (SILVA, 2015, p. 47):

Após uma grande campanha em defesa da emancipação política do Distrito do Raso, levada a efeito pelos filhos da terra com a ajuda do então padre da Freguesia do Raso Julío Fiorentini, foi assinada a lei que desmembrou o Distrito do Raso do Município de Tucano, em 13 de dezembro de 1890, pelo então governador José Gonçalves da Silva, a pedido do Dr. Cícero Dantas, Barão de Geremoabo.

O ato de elevação da Freguesia do Raso foi publicado por Lima (1985, p. 62) e tem o seguinte texto:

1ª seção – ato

O governador do Estado resolve, pelo presente Ato, elevar a Freguesia de N. S. da Conceição do Raso, desmembrado do município de Tucano, à categoria de Vila, com a denominação de Vila do Raso, continuando a fazer parte da Comarca de Serrinha.

²⁰ História de Araci: período de 1812 a 1956 (Lima, 1985)

²¹ Memórias de Araci (Silva, 2015)

Palácio do governo do estado da Bahia, 13 de dezembro de 1890

(assinado): José Gonçalves da Silva
Conforme o Secretário, Manuel Pedro Rezende
Confere: F. Rocha

A autora ainda declara (PEREIRA, 2011, p. 64) que recebeu a coleção de correspondências oficiais de vários poderes do Estado enviados aos representantes dos serviços públicos municipais de Araci, dentre as quais aponta que tinha em sua posse a ata de criação do Município do Raso.

Apesar de dados locais apontarem para a vinculação anterior do município à Tucano, dados da SEI, publicados no CD-Rom Evolução Territorial e Administrativa do Estado da Bahia: Um breve histórico, apontam que o município de Araci, surgiu dos desmembramentos da Vila de São João Batista de Agua Fria, se emancipando em 1890 e em 1956 do município de Serrinha.

Tal proposição pode ser reafirmada ao observar os Mapas Territoriais de 1927 e 1839 do estado da Bahia (SEI, 2003), na figura 11 e 12, percebendo-se assim, de acordo com os referidos mapas, o território atual de Araci pertencia a Serrinha, indo de encontro as fontes encontradas até então.

Figura 11- Mapa Político-Administrativo da Bahia: situação em 1827.



Fonte: SEI, 2003.

Figura 12- Mapa Político-Administrativo da Bahia: situação em 1889.



Fonte: SEI, 2003.

Por um lado, tem documentos que subsidiaram a feitura da publicação da SEI e por outro há os que foram basilares para as publicações das autoras supracitadas, e também para a construção do Museu Virtual Vila do Raso.

Neste caso temos o conflito da memória dos sobreviventes e memória escrita a SEI (2003), mas temos o conflito entre duas memórias escritas. Assim foi necessário recorrer a um aprofundamento nos documentos históricos do município, e da literatura atual, para assim comprovar a sua evolução político-administrativa. Como documentos analisamos os mapas que compõem a Evolução Histórica-Administrativa do Estado da Bahia, em específico da região que abriga o Território do Sisal, expostos a seguir nas figuras 13 e 14.

Figura 13- Mapa Político-Administrativo da Bahia: situação em 1940.



Fonte: SEI, 2003

Figura 14- Mapa Político-Administrativo da Bahia: situação em 2000



Fonte: SEI, 2003.

Observando a figura 14, que compreende a atual divisão Político-Administrativo dos municípios do território do Sisal, e identificando o município de Araci entre os paralelos 11° e 12° e comparando com as figuras 11, 12 e 13 na altura dos mesmos paralelos, é possível perceber as linhas que contornam o referido município, são as mesmas que contornam na parte norte a Vila de São João Batista de Agua Fria na figura 11, sendo seu contorno semelhante ao limites territoriais de Serrinha nas figuras 12 e 13.

Para verificar tal dubiedade, precisamos observar mais criteriosamente os documentos existentes, para Ricoeur (2007) é nessa etapa da operação historiográfica que se coloca a noção de prova documental que designa a porção histórica acessível. O autor (*ibidem*) ainda expõe que:

Se um papel de prova pode ser atribuído a um aos documentos consultados, é porque o historiador vem aos arquivos com perguntas. As noções de questionamento e de questionário são assim as primeiras que devem ser colocadas na elaboração da prova documental. (RICOEUR, 2007, p. 188).

As imagens dos mapas na publicação da SEI (2003), nos levam a uma falsa confirmação da vinculação do Raso à Serrinha. Contudo, considerando outras fontes documentais, passamos a refletir e pensar sobre uma provável interpretação distorcida, ao termo “continuando a fazer parte da Comarca de Serrinha” (LIMA, 1985, p. 62) dada possivelmente na produção dos mapas.

Além da reprodução do ato de elevação do **município**, que explicita o desmembramento de município de Tucano, há vários outros documentos, atas e procuração posteriores a 1887, digitalizados e disponibilizados no Museu Vila do Raso²², documentos que confirmam a referida emancipação de Araci do **município** de Tucano.

O livro de Notas do escrivão de paz da Freguesia de Nossa Senhora do Raso aponta na grande maioria de seus documentos, a vinculação da Freguesia de Nossa Senhora do Raso ao termo de Tucano, as anotações foram realizadas pelo escrivão Juiz de paz José Thomaz Barretto, foram analisados documentos a partir de 19 de dezembro de 1887 até 19 de dezembro de 1892. O trecho da transcrição da Ata de eleição para Senador do Império (ARACI, 1887, p. 3) é exemplo dos documentos analisados:

Transcrição da acta de eleição da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Raso, de um Senador do Império, tudo como abaixo de declara ano do nascimento de nosso senhor Jesus Cristo, de mil oitocentos e oitenta e oito, aos trinta e um dias do mez de janeiro do dito ano, nesta Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Raso, **termo de Tucano, comarca de Monte Santo** e Província da Bahia, na Sacristia da Igreja Matriz, edificio designado por cota do governo na forma do artigo noventa e quatro do decreto de trinta de agosto de mil oitocentos e oitenta e um, para nelle se proceder a eleição de um senador do Império [...] (grifo nosso)

Como é possível perceber, a Freguesia Nossa Senhora do Raso (Araci) pertencia ao termo de Tucano. A figura 13 apresenta imagem do trecho da ata de eleição de 31 de janeiro de 1888, destacando a vinculação da Freguesia ao termo de Tucano.

Figura 15- Ata de eleição para senador do Império – 1888. ..

Transcricao da acta da eleição da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Raso, de um Senador do Império, tudo como abaixo de se declara. - Anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo, de mil oitocentos e oitenta e oito, aos trinta e um dias do mez de janeiro do dito anno, nesta Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Raso, termo de Tucano, Comarca de Monte Santo, Província da Bahia, na Sacristia da Igreja Matriz, edificio designado por cota do governo na forma do artigo noventa e quatro do decreto de trinta de agosto de mil oitocentos e oitenta e um, para nelle se proceder a eleição de um Senador do Império para o termo de Tucano, para preenchimento da vaga que se deu na Comarca do Comandante, com fallecimento do Senador Conselho José Luiz de Oliveira Pinheiro, a

Fonte: Museu Vila do Raso (2018).

²²www.viladoraso.com.br

Contudo, ainda em 13 e 18 de março de 1891, o Governo do Estado da Bahia enviou correspondência com atos administrativos citando a Capella/Vila do Raso vinculando o Foro Civil e Conselho de Jurados ao termo de Serrinha nos atos nº 198 e 204 (BAHIA, 1981, p. 215 - 220):

3ª Seção, Acto nº 198:

O Governador do Estado, tendo em vista que a nova Villa do Raso, termo de Serrinha, foram aprimados ultimamente mais de cinco entajurados, resolve crear na dita Villa Foro Cível e conselho de Jurados; ficando o termo arrentado ao de Serrinha.

Palácio do Governo do Estado federado da Bahia, 13 de março 1891.

(assinado) José Gonsalves da Silva

3ª Seção, Acto nº 204:

O Governador d'este Estado, aprovando a proposta do Dr. Chefe de Polícia, de 14 do corrente, exonera do cargo de Subdelegado 1º e 3º Suplentes da Subdelegacia do districto da Capella do Raso do termo de Serrinha, André Ferreira de Carvalho, José Roque de Oliveira e Eufrasino Ferreira de Carvalho e nomeia para substituir os Cidadãos, José Antonio Pinto, Bevenuto Eloy de Oliveira, e Ricardo de Almeida Barretto.

Palácio do Governo do Estado federado da Bahia, 18 de março 1891.

(assinado) José Gonsalves da Silva

Esses manuscritos de documentos foram encontrados no Arquivo Público da Bahia – APEB, eles são datados de março de 1891, Raso já emancipado, e apresentam a vinculação do foro Cível da vila ao termo de Serrinha. Neste momento surgem algumas questões: a vinculação Jurídica do Foro pode ter gerado a impressão de vinculação política das informações dos mapas da SEI? Explicando assim a inconsistência das informações? Tais questionamentos pedem ser refletidos a partir dos Registros Cíveis anteriores a primeira ata da emancipação. Observe:

Procuração bastante em notas que faz Dona Izabel Carolina de Carvalho para Capital da Bahia o seu procurador abaixo declarado – Saibam quantos este publico instrumento bastante em notas virem que no anno em que o Nosso Senhor Jesus Cristo nasceu, de mil oitocentos e noventa, aos sete dias do mês de julho do dito anno, desta **Freguesia do Raso, Municipio de Tucano, Comarca de Pombal**, em meu cartório compareceu Dona [...] (ARACI, 1890, p. 57) (grifo nosso)

Como também nos registros da ata a seguir,

Transcrição da acta de conclusão dos trabalhos eleitorais secção da Paróquia e Município do Raso, para a eleição de vinte e dois Deputados e três Senadores ao Congresso Constituinte pelo Estado da Bahia aos quinze dias do mês de setembro do anno de mil oitocentos e noventa nesta paróquia de **Nossa Senhora da Conceição do Raso, Município de Tucano no estado da Bahia[...]** (ARACI, 1890, p. 58-60) (grifo nosso)

Em ambos os registros (datados de julho e setembro de 1890) anteriores à elevação do município, há a vinculação explícita ao município de Tucano, e comarca de Pombal. Contudo, observa-se no registro subsequente aos anteriores descritos, a transcrição da primeira seção do Município do Raso, que constava sua vinculação à comarca de Serrinha.

Transcrição da acta de conclusão do trabalhos eleitorais da primeira secção da Paróquia e **Município do Raso, Comarca de Serrinha do Estado da Bahia**, para a eleição de vinte e um senadores e quarenta e dois deputados do Congresso Constituinte pelo estado da Bahia. Aos cinco dias do mês de fevereiro de mil oitocentos e noventa e um, reunida as dez horas da manhã, na casa da Escola Publica do sexo Masculino desta mesma vila e officio, designada pelo Intendente Municipal a mesa eleitorais da secção primeira do distrito do Raso, Comarca de Serrinha Estado da Bahia. (ARACI, 1890, p. 61-2) (grifo nosso)

Ao fazer o levantamento histórico nos documentos do Livro de Registos foi possível verificar a ligação Política-administrativa e as comarcas aos qual Araci foi vinculando entre os anos de 1885 e 1882 (veja anexo V).

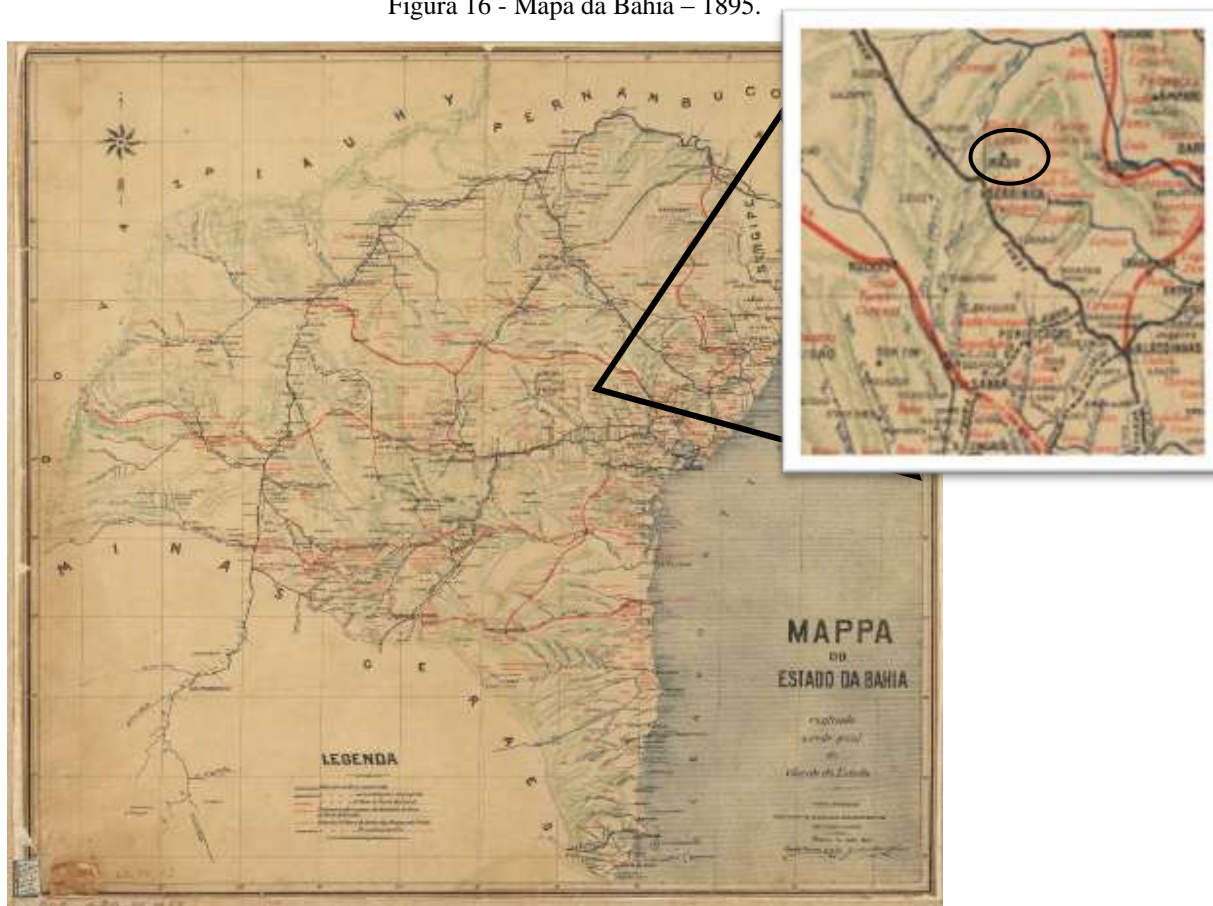
Observa-se nestes registros um contínuo de relação na dependência administrativamente entre Araci e Tucano até o ano de 1890, com ligação jurídica inicialmente entre a comarca de Monte Santo e a Pombal, enquanto a partir do ano de 1891, já com o município emancipado, a Comarca passa a ser no Município de Serrinha e em 1982 retorna a Monte Santo. Assim, não restando dúvida da relação de Política-administrativa anterior a 1890 a Tucano, e não a Serrinha como apontou os documentos da SEI (2003), apenas há relação de subalternidade em relação à Comarca, que passou a existir após a emancipação de Serrinha em 1891. Em entrevista, o colaborador E11 esclarece, tal dubiedade:

E11: “Que ver uma coisa só pra acabar com isso? Acidade de Araci é mais venha que Serrinha. A cidade de Araci, se emancipou 1890 e Serrinha em 1891. Agora por que Serrinha cresceu porque passou a linha do trem e onde vai a tecnologia, onde vai a tecnologia vai o

sucesso, mas Araci pertence a Tucano, que originalmente pertence a isso aqui a Casa da Ponte e por aqui que você começa 1609.”

A cartografia²³ da época representa o Raso a partir de 1895, como pode ser visto na figura a seguir.

Figura 16 - Mapa da Bahia – 1895.



Fonte: Guia Geográfico da Bahia

Por determinação de Lei Estadual de nº 575, de 21 de setembro de 1904, o município de Raso passou a denominar-se Araci. Em divisão administrativa referente ao ano de 1911 o município de Araci era constituído de três distritos: Araci, Pedra Alta e Sítio Novo. O Mapa do Brasil em 1908 foi organizado pela Companhia Lithographica Hartmann-Reichenbach; ele já traz Araci ainda com sua denominação antiga de Vila do Raso na sua representação iconográfica. Veja:

²³Representação geométrica plana, simplificada e convencional de toda a superfície terrestre ou de parte desta, apresentada através de mapas, cartas ou plantas. (IBGE)

Figura 17- Mapa Geral da República dos Estados Unidos do Brasil -1908.



Fonte: Guia Geográfico da Bahia.

Contudo, em 1931, o município perdeu sua autonomia, sendo extinto e anexado ao Município de Serrinha. Apenas em 1956 teve sua restauração à categoria de município, através da Lei nº 863 em 14 de novembro e publicado no diário Oficial do dia seguinte.

A supressão do município foi atribuída à ambição do Governo Federal que solicitava um rendimento mínimo por município, como no período a região foi assolada com enorme seca; pastagens, lavoura e gado foram cruelmente atacados, resultando a fome, a falta de produção agrícola e conseqüentemente a redução na renda municipal, para Lima (1985, p. 112):

O governo daquele tempo, em vez de procurar sanar, ou pelo menos, remediar o terrível mal, pelo contrário na sua ambição, tratou de assinar decretos suprimindo os municípios que naquele tempo não rendiam anualmente trinta contos de ré (30:000\$000).

A anexação ao município de Serrinha gerou muita revolta entre os munícipes, tanto que o então prefeito José Pedro de Carvalho, bisneto do fundador José Ferreira de Carvalho, na mesma semana pediu exoneração, “preferindo renunciar a viver dali em diante subjugado aos ditames de serrinha” (LIMA, 1985, p. 113).

A autora transmite em vários momentos de sua escrita o descontentamento da população, para ela “Araci fora então anexado [Serrinha] para sua completa infelicidade”, “arrastaram a nossa pobre terra, já escravizada, para ser submetida sem dó sobre os grilhões do cativo serrinhense”; “Depois que Araci passou a viver como subprefeitura de Serrinha, todo o seu patrimônio foi destruído”, “a renda arrecadada com todo sacrifício dos contribuintes era canalizada totalmente a Serrinha, sem de que viesse qualquer coisa em benefício do povo” (*ibid*, p.114), “sua renda foi devolvida para sua nova senhora e seu progresso começou a decrescer”, “Entre a destruição que Araci passou a ser vítima, nem as árvores que foram plantadas em redor da Praça da Conceição” (*ibid*, p. 166), “depois que o prefeito demoliu os lampiões a querosene, nenhuma iluminação foi providenciada”, “as cercas de arame que protegiam o tanque público contra porcos e outros animais começaram a cair, e o entulho não era retirado do tanque quando vazio”, Araci nunca mais recebeu um só benefício do Governo do Estado, já que anexado à Serrinha, os dirigentes desta não se interessavam a interceder por Araci, e o povo araciense, escravizado, não tinha mais direito a dirigir-se diretamente aos poderes do Estado (*ibid*, p. 166-7), os cidadãos serrinhenses eram uns egoísta... em tempo algum nunca auxiliaram Araci em nada, ao passo que os tucanenses foram sempre bons camaradas” (*ibid*, p.176).

Até a imprensa regional noticiou a desventura de Araci, saindo uma nota intitulada Crônica do Interior, assinado pelo então Candidato a deputado federal Ruy Santos, no Jornal Estado da Bahia, de 18 de junho de 1945 (LIMA, 1985, 171), que dizia:

[...] Araci passou a ter para com para com Serrinha o olhar de ódio de quem perdeu a liberdade; Serrinha passou a ater para com Araci o pulso forte de quem se faz dominador. O entendimento não foi mais possível. Do governo de Serrinha, nada para Araci; do povo de Araci, nada para o governo de Serrinha... Araci suspira hoje por libertação. O seu povo tem acompanhado nos jornais a libertação dos países da Europa... E a gente de Araci suspira: - “Nós somos no Estado da Bahia, um pequeno Montenegro...Podemos ser até, se quiserem uma Etiópia a Civilizar, a desenvolver, a alfabetizar... Mas nós queremos a liberdade. E doloroso nascer-se escravo: porém, mais doloroso é vir-se a perder uma liberdade que já foi gozada.

Esta crônica também foi irradiada, às 19:45 do dia 17 de julho de 1945, pela rádio Sociedade da Bahia.

Nesse período de descaso, a autora também relata as subtrações de território que sofreu devido a não representatividade: “foi anexado ao município de Santaluz uma grande área de terra de Araci, onde fica Serra Branca e onde ficam várias fazendas agropecuárias”. Ultimamente quer apossar-se outra área de terra situado no povoado de Várzea da Pedra, num desrespeito o refeito “mandou construir um prédio escolar e um grande tanque público”. A autora vendo as dificuldades resolveu “apelar para a presidente e fundadora da LBA²⁴, solicitando-lhe, em nome dos pobres de minha cidade, auxílio de viveres”. Contudo, os descasos e falta de humanidade neste período de grande seca, que deveriam ficar gravados na história do município, relatou que havia a necessidade de uma autorização do prefeito de Serrinha, que se negou a fornecer (**referência**, p.189).

Só apenas em 14 de novembro de 1956 que foi assinada a Lei nº 863 que tratava da restauração do Município de Araci, publicada no Diário Oficial do dia seguinte (**referência**, 211):

Restaura o município de Araci, desmembrado do de Serrinha, fixa os seus limites e dispõe sobre as aplicações das rendas e do atual distrito e sobre a dívida pública a que ficara obrigado após a emancipação.

O Governador do Estado da Bahia faço saber que a assembleia Legislativa decreta e eu sanciono a seguinte lei:

Art. 1º - Fica restaurado o município Araci com a sede na atual villa do mesmo nome, desmembrado do município de serrinha.

Art.5º – O município de Araci será instalado a sete de abril de 1959, devendo continuar até esta data sob a administração do município de Serrinha.

Em outubro de 1958 acontece a eleição e o senhor Erasmo de Oliveira carvalho ganha o pleito.

²⁴ Liga Brasileira de Assistência, que enviava aos flagelados nordestinos gêneros alimentícios para os estados situados no polígono da seca. (LIMA, 1985, p. 188).

Figura 18- Foto da posse do primeiro prefeito de Araci após a restauração – 1958.



Fonte: www.viladoraso.com.br

Durante a pesquisa documental foi possível perceber a representação icnográfica de Araci em 25 mapas, desde históricos da Bahia e do Brasil, a partir do ano de 1895, até atuais datados de 2019. Todos os mapas foram organizados em uma tabela por ano, título, denominação do município no período e endereço com link para consulta. (ver tabela no Apêndice V).

4 FRAGMENTOS DA HISTÓRIA E MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO DE ARACI

“Reconstruir a memória é uma das formas de reconstruir a realidade pessoal, coletiva, social. Apagar a memória ou silenciá-la é uma forma cruel de barrar ou de desconstruir a realidade sócia e política.”

(ARROYO, 2017, p. 195)

Neste capítulo abordaremos a história da Educação no Município de Araci, desde a sua gênese em 1812, apresentando as reminiscências a partir de arquivos documentais e entrevistas, fontes que colaboram para a reconstituição de como acontecia a instrução pública no processo histórico do município, além de apresentar como aconteceu a formação de professores leigos pelo HAPROL (Habilitação para Professores Leigos), como também detalhes dos dados levantados pelo PROCARTA - Projeto da Carta Escolar em 1972, fazendo a correlação entre as escolas da época e as escolas atuais, evidenciando o processo de escolarização de jovens e adultos no município, organizando uma linha de tempo sobre as ofertas de projetos e programas para esta escolarização, reflexionando sobre suas reminiscências e repercussões na atualidade, com informações detalhadas sobre oferta e o funcionamento da modalidade.

4.1 A GÊNESE DA EDUCAÇÃO NO MUNICÍPIO

O ensino no município, inicialmente, era feito pelos membros da família. Os pais limitavam-se a escrever o nome, leitura e técnicas de realização de cálculos simples de tabuada para seus filhos homens, e às mulheres ficavam apenas o cargo de aprender as “prendas” domésticas. (SILVA, 2015, p.93).

A educação pública teve início em 1867, quando o seu fundador José Ferreira sentiu a necessidade de um professor para seus netos e bisnetos, e enviou uma carta ao Inspetor Geral de Ensino da Bahia solicitando a nomeação de um professor público para o cargo. O primeiro profissional desta carreira nomeado para atender a freguesia do Raso foi o professor Pedro Ferreira Borges no ano de 1867 (LIMA, 1985, p.140) para ministrar o ensino aos netos e bisnetos de José Ferreira Carvalho. Documento encontrado no Museu virtual Vila do Raso (ver figura 20) comprovam a docência do professor ao bisneto do

fundador, o estudante Francisco Ferreira Mota (MOTA, 2011, p. 33). Segue transcrição do documento:

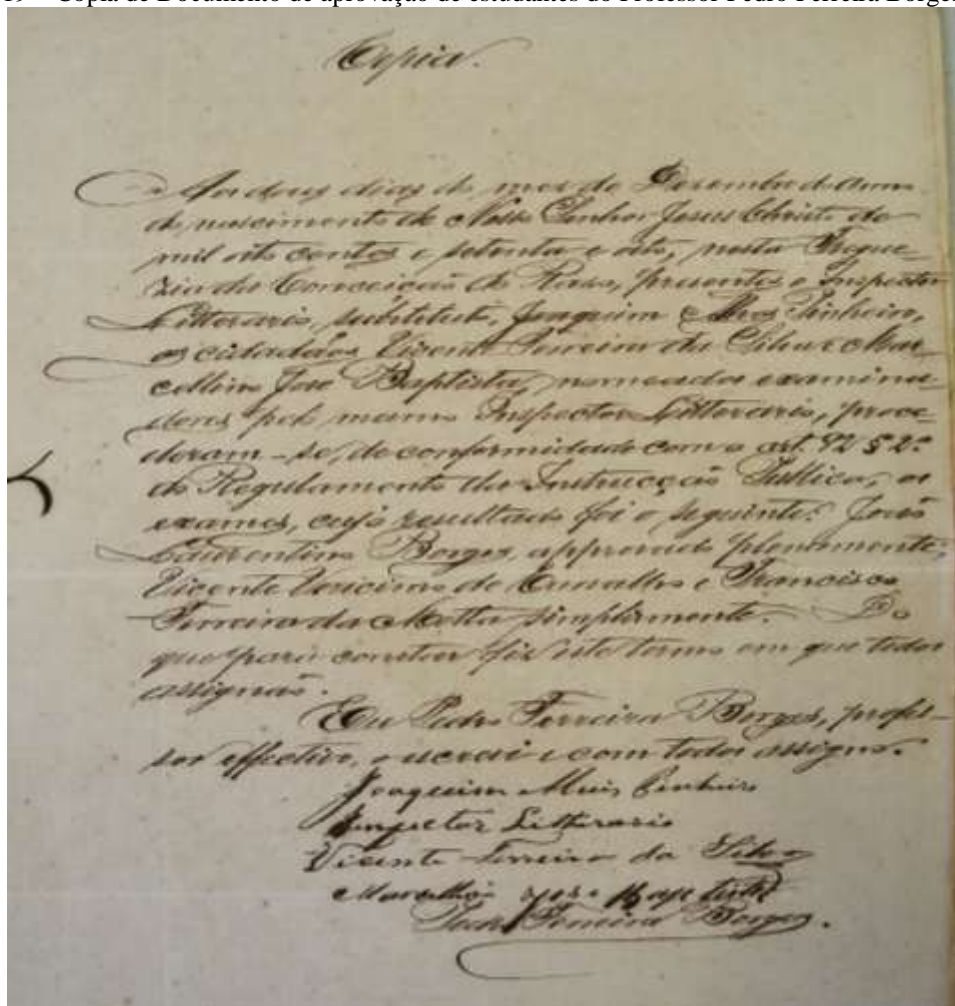
Copia

Aos dois dias do mês de Dezembro do anno de nascimento do Nosso Senhor Jesus Christo de mil oito centos e setenta e oito, nesta freguezia da Conceição do Raso, presente o Inspetor Litterario, substituto, Joaquim Alves Pinheiro, aos cidadãos Vicente Ferreira da Silva e Marcellino Jose Baptista, nomeado Examinadores pelo mesmo Inspetor Litterario, procederam-se de conformidade com o art. 92 §2º do Regulamento da Instrução Publica, os exames cujos resultados foram o seguinte: João Laurentino Borges, aprovado plenamente; Vicente Verissimo de Carvalho e Francisco Ferreira da Mota simplesmente do que para constar fiz este termo em que todos assignarão.

Eu Pedro Ferreira Borges professor efetivo, o escrevi com todos assigno.

Joaquim Alves Pinheiro
Inspetor Litterario
Vicente Ferreira da Silva
Marcellino Jose da Silva
Pedro Ferreira Borges

Figura 19 – Cópia de Documento de aprovação de estudantes do Professor Pedro Ferreira Borges – 1878.



Fonte: www.viladoraso.com

Logo após a transferência do professor Borges para outra localidade, foi nomeado o primeiro professor leigo²⁵ do município, o Tenente Amerino de Oliveira Lima, que ficou no cargo por 3 anos, até a nomeação da Professora Tarcilina Borges, filha do professor Pedro Borges, ela permaneceu em Araci até 1894, sendo substituído pelo Professor Olavo Pinto, que lecionou no município por 19 anos, até 1913.

Em 1894 há a nomeação de Maria Felicidade da Conceição e Olavo Alves Pinto para lecionarem em classes separadas por sexo, até então as classes eram mistas. A professora Maria Felicidade pediu licença e se afastou, assumindo temporariamente a professora leiga a Sra. Teodolina Carvalho Lima até a posse da Professora Julia Praxedes Pinto em 5 de fevereiro de 1898 (SILVA, 2015, p. 141). Nesse período tanto a escola do sexo masculino quanto a do sexo feminino funcionavam em casas alugadas, por quinze mil reis (15\$000) mensais.

Apesar do exposto acima, ao analisar os documentos do APEB, foi possível encontrar no livro de registros da Instrução Pública no interior, em sua página 20 e 21 que apresenta o Município de Aracy (Raso) como o nono (9º) município listado, considerando a ordem alfabética, nele encontramos os registros das cadeiras pública do magistério do sexo Masculino e Feminino de 3ª Classe, observe a sua reprodução a seguir:

Tabela 7 - Professores Efetivos da Cadeira Pública de Araci.

NOME	Classe	Categoria	Nomeação	POSSE	Retirada	ANOTAÇÕES
Cadeira pública do sexo masculino						
Olavo Alves Pinto	3ª	Efetivo	16-12-1905		25-1-1911	Removido a pedido para Conceição do Coité
D. Bernarda Augusta Freire Teixeira			22-04-1911	18-6-1911	22-4-1915	Removida por permuta * de S. de Taperoá
José Ferreira da Cunha e Silva			22-04-1915	22-4-1915		Removido, * acesso, para Lençoes
D. Mafalda Pereira de Fonseca			9-2-1923	14-2-1923	17-7-1923	Removido para o arraial de Manga (Serrinha)
D. Edviges Mariana da *			17-7-1923		3/9/1923	Sem efeito esta remoção o eff p Taguary
D. Edith Rocha			4-9-1923	31-10-1923	4-6-1924	*
D. Aurea Ferreira da Silva			27-6-1924	7-7-1924		

²⁵ Aquele cuja escolaridade máxima alcançada é o 1º grau completo ou incompleto. (PICANÇO, 1986, P. 9).

NOME	Classe	Categoria	Nomeação	POSSE	Retirada	ANOTAÇÕES
Cadeira pública do sexo feminino						
D. Julia Praxedes Pinto	3 ^a	Efetiva	Dec. 28-12-1904	1º-3º-1905		Removido a pedido p po ^a de L. Francisco do Paraguassu (**)
D. Amelia Motta Reis			28-10-1915	12-11-1915	22-4-1915	Exonerada a pedido Dec. 19-7-920
D. Silvina Vasconcellos da Silva Jorge			4-8-1920	23-8-1920		

Fonte: Arquivo Público do Estado da Bahia, 2019.

*Ilegível

Os registros da Instrução Pública de Araci no APEB, apontam a posse do professor Olavo ocorreu em 1905 e foi até 1911, quando foi removido para Conceição do Coité, ao fazer uma comparação com a literatura histórica educacional sobre o município em Lima (1985) e Silva (2015), percebemos uma variação de 7 anos na posse (1898 – 1905) e 2 anos na sua substituição (1911 – 1913). A variação de dois anos entre os fatos continua quando as autoras apresentam a data de permuta entre a professora Bernarda (substituta de Olavo em 1913) e o professor José Ferreira da Cunha²⁶ e Silva em 1915. Havendo uma sincronia entre as datas do APEB e da autora apenas em 1923 quando as mesmas mencionam a substituição do professor Cunha pela professora Mafalda Pereira de Fonseca (substituída por Edith em 1924, que sua vez foi por Aurea Ferreira da Silva). As primeiras professoras aracienses formadas foram Aurea Ferreira da Silva e Amélia Motta Reis.

Os documentos²⁷ encontrados no arquivo do Museu do Centro Cultural de Araci - CCA e no Museu virtual Vila do Raso divergindo das informações da Tabela 7, apontam que os professores Olavo e Praxedes já lecionavam em 1902.

É importante registrar o papel fundamental do professor José Ferreira da Cunha, ele o responsável pela implantação do primeiro Ginásio da região, em 1910 antes de integrar a magistério público em 1915, como aponta os colaboradores E10 e E 11:

E10: Jose Ferreira Filho levou o jornal para a região, o povo de Serrinha aprendeu a fazer jornal com ele: “O jornal Serrinhense” tá certo? E ele foi para lá no ano de 14, que ele conta por uma questão saudosista, que o pai dele era militar e o pai dele morreu na guerra de Canudos. Como Araci era uma cidade que ficava mais perto de Canudos ele foi prá lá, ficou lá até o ano de 21, por ai... Ele que era homem

²⁶ Professor que fundou o primeiro jornal da região, o Correio de Noticias em Araci por volta de 1914.

²⁷ Documentos no Anexo E e F deste trabalho.

qualificado, professor primário, mas sabia mais do que muita gente hoje com graduação, sabia muito mais... E o ginásio dele funcionava ali...ele tinha internato e subia um sótão pra os meninos dormir em cima. O pessoal dormia em cima, entendeu? Subia um sótão. O nome do colégio se chamava Jean Jacques Rousseau.

E11: um professor que fez nome aqui em Araci, que vinha gente até de Coité, vinha gente de Santaluz, veio gente de Tucano para estudar com esse professor aqui, José Ferreira da Cunha, foi o primeiro ginásio de Araci, em 1910. E teve primeiro até que serrinha que também não tinha, ele botou o ginásio aqui, ele veio para ser professor do estado aqui.

Sua escola, particular funcionava em regime de internato e tinha estudantes de várias cidades da região.

O aparecimento das escolas rurais é registrado a partir de 1919, escolas públicas leigas, com professores leigos (SILVA, 2015, p.98), cargo regulamentado em 1953 pela Assembleia Legislativa da Bahia, com o objetivo de preencher as vagas das cadeiras do interior do estado. Lima (1985, p. 183) aponta que o Memorial dirigido a Assembleia Legislativa em 5 de setembro de 1952, solicitando a restauração do município, apontou que em Araci possuía seis (6) escolas públicas, duas municipais e seis (6) supletivas.

Para a autora durante os anos de dependência administrativa à Serrinha (1931 – 1958), poucos foram os benefícios recebidos, contudo, ao fazer referência à gestão do prefeito Dr. José Vilalva Ribeiro, em 1944, aponta como (LIMA, 1985, p. 168-9):

única coisa que dispensou a Araci este prefeito foi a criação de uma escola municipal no povoado de Caldeirão. Para esta escola foi nomeada, depois de prestar concurso, a então senhorita Hilda de Oliveira Mota, que ali lecionou durante um ano e meio, deixando-a finalmente por falta de recebimento do magro subsídio, ou ordenado.

Ex-estudante e conhecedor em detalhes da história do município, o entrevistado E11 não aponta grandes impactos na educação neste período, e afirma que:

E 10: “Veja bem, a educação não foi o maior impacto, permaneceu... porque não era grande coisa e continuou sem ser grande coisa, quando era de Tucano, lá teve um professor do Tracupá, por volta de 1870, 1880, que tem nesse livro de Maura o nome dele certo, e ai nesta escola de Araci, Pedro Ferreira Borges. Como é que eu posso me queixar de Araci nesta época se vinha gente até de, sabe de onde? de Monte Santo estudar em Araci... Ou seja, para a oferta da época era o máximo... Pedro Ferreira Borges, grande professor viu letra bonita, letra bonita, naquela época se marcava pela letra bonita, se você não tinha

máquina de datilografia, quem tinha letra bonita tava empregado, não era? ... Então essa questão da educação era professor primário, mas eram bons professores foi Pedro Ferreira, foi a irmã Tarcilina, aí vem depois Jose Ferreira Borges, aí vem dona Deradina, professora Aura, dona Marieta, dona Carmelita, professora Edna e aí explodiu, aí é muita coisa depois.”

Já Silva (2015, p. 98) aponta que as escolas na zona Rural surgiram a partir de 1919 e só havia escolas públicas leigas. Os professores nomeados ficavam pouco tempo e as pessoas da cidade mal sabiam assinar o nome. Ainda apontou que a primeira escola pública rural surgiu em 1948, no povoado de Caldeirão, na Fazenda Bom Gosto. A Escola José Bonifácio teve como docente a professora Gisélia de Itaparica, que foi substituída pela professora Helena Caribé.

A educação pública voltada para a população adulta aconteceu com a implantação dos Cursos Supletivos²⁸ em 1947, turmas com cursos separados por sexo, uma turma para o público masculino, presidido pelo professor Deusdedith Alves Oliveira na Escola Sagrado Coração de Jesus e a outra turma para o sexo feminino, assumido pela professora Aurea Ferreira da Silva, na Escola Lopes Trovão (LIMA, 2015,p. 147). Após um ano houve o corte de uma das escolas, sendo assim a professora Aurea passou a reger classe mista.

Seguindo o ensejo do contexto nacional de ampliação da educação para o meio rural, Araci se beneficiou com a construção de dois prédios: um localizado no subúrbio da sede da Vila, em 1948, o Prédio Rural; e outro em Pedra Alta, no ano seguinte. De acordo com Lima (1985, p.146) o prédio da sede da vila foi construído, mas ficou dez meses fechados e apenas em 1949 é que foi nomeada a professora Maria Edna Torres para a cadeira, permanecendo por muitos anos.

Após a restauração do município e da posse do primeiro prefeito²⁹, foi criada a Delegacia³⁰ Escolar, que teve como primeira delegada a Sra. Maria Edna Torres Silva. Silva (2015, p. 101) apontava as cinco escolas do estado que funcionavam na sede do município: A escola Nossa Senhora das Graças (antigo Prédio Rural), Escola Joana Angélica, Escola Duque de Caxias; Escola Lopes Trovão e a Escola Imaculada Conceição.

²⁸ Elaborado em 1947 pela Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos- CEAA foi elaborado pelo ministério de Educação e Saúde em 1947 (Fávero, 2006, p.25)

²⁹ Em 7 de abril de 1959.

³⁰ O termo Delegacia de Ensino equivale à secretaria de educação na atualidade

Com intuito de preencher as vagas do interior do estado, o governo interino da Bahia autoriza a admissão de professores primários leigos, para preenchimento de cadeiras vagas no interior do Estado, e sob a lei nº 557, de 25 de maio de 1953, que seguiu com o seguinte texto:

O PRESIDENTE DA ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA, NO EXERCÍCIO DO CARGO DE GOVERNADOR DO ESTADO DA BAHIA, faço saber que a Assembleia Legislativa decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º - Fica o Poder Executivo autorizado a admitir, a título precário, professores primários leigos, para preenchimento das cadeiras vagas, no interior do Estado, até que sejam ocupadas por titulares diplomados.

Art. 2º - Os candidatos prestarão um exame de suficiência cujo programa será o do 5º ano primário.

Parágrafo único - Ficam dispensados do exame exigido neste artigo:

a) os que tenham concluído o curso ginásial, ou, pelo menos, completado o 2º ano do referido curso, desde que apresentem os respectivos certificados comprobatórios;

b) os que já tenham exercido o magistério municipal, por período não inferior a cinco anos, por designação do Governo Estadual.

Art. 3º - Os exames de suficiência serão procedidos:

a) nas escolas normais rurais, oficiais ou equiparadas, por examinadores nomeados pelo Secretário da Educação, sob a presidência do Diretor da Escola ou, na falta deste, do Vice-Diretor ou catedrático mais antigo.

b) nas sedes municipais onde não existam as referidas escolas normais, por examinadores nomeados pelo Secretário da Educação e sob a presidência do Delegado Escolar ou, na falta deste, da Diretora do Grupo Escolar, mais antiga.

Parágrafo único - Poderão concorrer para as mesmas regências de escolas vagas quantos candidatos se apresentem e, em igualdade de condições, terão preferência os que já tenham exercido o magistério municipal ou particular, por mais de dois anos.

Art. 4º - A duração da validade do exame de suficiência é de dois anos.

Art. 5º - A gratificação ao professor leigo será fixada em seiscentos cruzeiros mensais (Cr\$600,00), pagáveis, durante o ano letivo, sem direito a outras vantagens.

Art. 6º - Fica o Poder Executivo autorizado a utilizar, para o pagamento da gratificação aos professores leigos admitidos de acordo com esta lei, os saldos da dotação orçamentária relativos a Pessoal Permanente do Ensino Elementar.

Art. 7º - O Poder Executivo regulamentará a presente lei dentro no prazo de sessenta (60) dias.

Art. 8º - Esta Lei entrará em vigor a partir da data da sua publicação, ficando revogadas as disposições em contrário.

PALÁCIO DO GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA, em 25 de maio de 1953.

AUGUSTO PUBLIO PEREIRA

Expedito Pereira da Cruz

A recorrente presença da docência leiga é característica do ensino rural e do interior, segundo Brandão (1986, p. 13-4) o professor leigo:

Em geral a pessoa que, sem nunca haver chegado à posição de um **professor formado**, dedicou quase toda a sua vida ao magistério, principalmente em áreas rurais.

Em boa medida, o **professor leigo** é, entre nós, o **professor rural**. Tal como ocorre em outros setores profissionais, a zona rural é obrigada a aceitar por mais tempo agentes desqualificados cuja prática já não é mais aceita na cidade, em seu estado. (grifos do autor)

O SEEC/MEC/ 1983 apontou 201.926 professores leigos (STAHL, 1986, p. 19), atuando nas quatro primeiras séries do 1º grau; este salto quantitativo demonstrou a urgência de se buscar uma metodologia adequada, principalmente para o público da zona rural, necessitando de um aperfeiçoamento profissional que os permitissem uma ação docente condizente com as necessidades dos indivíduos e da sociedade onde atuava. Assim segundo Stahl (1986, p. 21) surgiram no país vários programas de formação entre eles destacaram-se:

- Programa de Aperfeiçoamento do Magistério Primário, do MEC, em quase todas as unidades federadas;
- Cursos pedagógicos parcelados, das Secretarias de Educação e Cultura do Piauí, Mato Grosso e outras;
- Projeto SACI, do Instituto de Pesquisas Espaciais de São José dos Campos, em São Paulo, desenvolvido no Rio Grande do Norte;
- Treinamento de Professores Leigos, do Centro Rural Universitário de Treinamento e Ação Comunitária do Rio Grande do Norte;
- Projeto Titulação do Professor Leigo, da Secretaria de Educação e Cultura do Rio Grande do Sul;
- Projeto HAPRONT, do Centro de Treinamento do Magistério do Estado do Paraná, desenvolvido também em Alagoas e Espírito Santo;
- Cursos AJURI, da Secretaria de Educação e Cultura do Amazonas;
- Projeto HAPROL, do Instituto de Radiodifusão Educativa da Bahia;
- Habilitação de Professores Leigos, das Secretarias de Educação e Cultura do Amazonas e Sergipe;
- Capacitação e Habilitação de Professores Leigos, da Universidade Federal do Maranhão;
- Curso de Suplência de 1º Grau para Professores Leigos, da Secretaria de Educação e Cultura de Pernambuco;
- Projeto de Atualização — Treinamento em Serviço, da Secretaria de Educação e Cultura de Pernambuco;
- Projeto TERRA, da Secretaria de Educação e Cultura do Mato Grosso do Sul
- Projeto LUME, da Secretaria de Educação e Cultura de Goiás;

- Curso de Preparação Pedagógica de Escola de Mestre Único, da Secretaria de Educação e Cultura de Santa Catarina;
- Projeto LOGOS II, do MEC, desenvolvido em convênio com Secretarias de Educação e Cultura de 19 unidades federadas.

Na Bahia, ocorreu o curso de Habilitação para Professores Leigos - HAPROL, projeto difundido pelo Instituto de Radiodifusão Educativa da Bahia. Em Araci, assim como é característico em diversas cidades do interior, a educação também tem na sua história professores leigos, sendo que nos povoados e distritos ainda com maior intensidade. E a formação de profissionais também aconteceu por meio do HAPROL, como aponta a Ex-professora E5, em seus relatos. Sobre o seu ingresso no magistério, ela informa que:

E5: “Eu não concluir os estudos, ai eu fiz o primário, ai depois veio o Governo, como é que diz o governo implantou um curso para habilitação de professores leigos, eu já ensinava né. Aí eu fui, esse curso foi no Jorro, lá foi um curso presencial, 1 semestre, seis meses, a gente ia e só vinha de quinze em quinze, deixava os maridos e os filhos e se mandava pra lá. Que a prefeitura dava o carro para levar, e o prefeito de Tucano dava o alojamento para gente ficar, e a comida. Aí esse curso foi dois anos, ai o restante a gente fez a distância esse se chamava Habilitação dos Professores Leigos (HAPROL) Aí eu fiz, foi quando eu me atualizei mais no ensino, aí concluir esse curso e peguei o meu certificado, como Habilitação de Professores leigos, ai também não dei continuidade não continuei estudando.”

Neste caso, o curso de formação HAPROL, foi promovido pelo Governo do Estado da Bahia e certificado pelo Centro de Formação Técnica na Bahia - CETEBA, veja as figuras 21 e 22, registros que comprovam a participação do referido curso.

Figura 20- Entrega de Certificação do HAPROL.



Fonte: Arquivo pessoal de Maria Antônia - 2018

A formação acontecia parte à distância e parte presencial em regime de internato, e com duração de dois anos, seis meses com estudo intensivo e posteriormente com encontros quinzenais, segundo a Ex-professora:

E₅: Eles alugavam um casarão em Tucano, botava as comidas e o prefeito e tinha as cozinheiras, que fazia as comidas, a gente ficava tudo junta no alojamento. A gente não ficou em hotel não era muita gente, era mais de 40 professoras. Durante os 6 meses, no Jorro, foi em Tucano que nós ficamos, ai depois... que o curso a duração era 2 anos, agente ficou 6 meses ai que agente internada, de manhã e de tarde. aí tinha duas vezes na semana que nós ainda estudava de noite. Ai depois dos seis meses a gente veio embora, recebia os livros e agente estudava, aqueles livros já vinha tudo as perguntas, já vinha os formulários e tudo, agente estudava, respondia as perguntas. Ai depois quando a gente veio embora elas vinham pra aqui, encontrar a gente aqui, num prédio, ai ela tinha o contato com a gente, o que a gente tinha estudado para ver o processo, ai passa outras coisas pra gente ficar estudando até completar. A gente recebia os livros e tudo, foi assim até terminar o curso. Internado mesmo foi 3 meses no Jorro e 3 meses em tucano, ai os outro um ano e meios eles vinham e tinha o encontro de uma até meio dia pra ver o que a gente entendeu e tirar as dúvidas que a gente tinha.

Em 1972, para suprir uma exigência do Governo Federal, a partir do Programa Nacional da Carta Escolar- PROCARTA, foi realizado um diagnóstico das escolas em alguns estados do Brasil. Segundo a LDB de 1971, o PROCARTA (BRASIL, 1974, p. 45):

O Projeto da Carta Escolar pretende oferecer dados para instrumentalizar o processo de planejamento educacional em nível de município, **microrregião**, unidade federativa, na área do ensino de 1º e 2º graus.

Seu objetivo específico é proporcionar um quadro tão exato quanto possível relativo a:

- população escolarizada, segundo a faixa etária, grau, série, curso;
- estabelecimentos, segundo tipo e dependência administrativa;
- número de salas de aula, laboratórios, oficinas e demais dependências;
- capacidade de matrícula efetiva;
- professores, administradores e especialistas.

Em 1972 foi elaborado um sistema para implantação da Carta Escolar, com a criação de coordenações regionais e estaduais. Nesse ano, a Carta Escolar foi aplicada em cinco Estados e no Distrito Federal.

A Carta Escolar vem recebendo colaboração das secretarias estaduais de educação, dos órgãos de estatística e pesquisas educacionais, ensino fundamental e do Departamento de Ensino Médio do Ministério da Educação e Cultura.

Assim, como no primeiro semestre de 1973, foram aplicados questionários, em mais seis Estados. O PROCARTA foi realizado em Araci, para complementar o processamento de dados levantados nos cinco Estados em que foi aplicado o programa no ano de 1972. Sobre o PROCARTA foi encontrado no Arquivo Público da Bahia, os Relatórios Finais separados por Regiões, que aqui nos interessa a Divisão II, 5ª Região correspondente ao Município de Araci. Sobre este destacamos os seguintes trechos (ARACI, 1973, p. 1):

Após a explanação que apresenta anexa da síntese resposta das diretoras e responsáveis por estabelecimento do Ensino após o levantamento de dados do Procarta, após um abreviado relatório que apresenta sobre o treinamento que realizamos nesta cidade de Aracy nos dias 11 a 16 de junho p.p para executarmos o Procarta, ao cabo desta árdua tarefa que foi emposta aos Delegados Escolares e demais Educadores Baianos, cumpre-me lembrar mais algo da minha atuação e de mais participantes nesse honroso trabalho que considero e aprovo valiosíssimo para o futuro de um **Brasil alfabetizados** e gradativamente Aracy será participante de glória que justamente esperamos.(grifo nosso).

Neste relatório encontramos o primeiro registro oficial municipal com a questão da alfabetização para o valoroso futuro do País e por conseguinte do município. Em outros trechos fica clara a preocupação da Delegacia Escolar (ARACI, 1973, p. 1)

Sequiosas de novos horizontes e “tempo bom na instrução de nosso Município, augurando melhor amparo aos mestres interioranos” mais segurança e aproveitamento para estes aprovado em concurso e provas

de títulos que jazem no esquecimento, muito deles trabalharam no Procarta desapaxadamente, comprindo com desapego e autoísmo um dever de brasilidade esperando que os futuros do Procarta na tão propalada reforma dê-lhes total apoio, reciclagem, condição **de levar as luzes da alfabetização a todos os rincões do nosso Município aos mais remotos dar-lhe um pouco de muito que ignoram.**(grifo nosso).

O PROCARTA promoveu uma reflexão sobre a situação da educação e deixou a esperança de poder propiciar uma melhoria para a relatora “Consideraram uma grande meta pela qual A Educação no Brasil chegue a realizar muito que necessita, que se concretize os Princípios da Reforma do Ensino – Lei 5692, de 11 de agosto de 1971.” (ARACI, 1973, p. 2). Como atividade era necessário preencher fichas questionários. Havia pelo menos 5 modelos “nos questionários Modelo 3 e 4 ou seja: dados gerais sobre o Aluno e dados gerais sobre o Professor.” Contudo, encontramos no APEB, apenas as fichas mapas de ensino, organizadas por região, mapas estes que indicavam a quantidade de estabelecimentos escolares, endereço, zona, subdistrito e entidade mantenedora. Na região 5, havia 14 cidades. Veja reprodução da ficha na tabela 8:

Tabela 8- Lista de estabelecimentos de Ensino Primário da divisão II Região 5.

nº de ordem	Municípios	Estabelecimentos											
		Total			Estadual			Municipal			particular		
		Geral	U	R	Total	U	R	Total	U	R	Total	U	R
01	Serrinha	151	26	125	24	20	4	125	5	121	1	1	-
02	Araci	38	8	30	3	3	-	33	3	3	2	2	-
03	Biritinga	42	7	35	1	1	-	41	6	35	-	-	-
04	Cansanção	50	8	42	1	1	-	49	7	42	-	-	-
05	Conceição do Coité	112	9	13	7	5	2	95	4	91	10	-	10
06	Euclides da Cunha	100	24	76	4	3	1	95	20	74	1	1	1
07	Monte Santo	39	3	36	4	3	1	35	-	35	-	-	-
08	Queimadas	33	6	27	3	3	-	30	3	27	-	-	-
09	Quinjingue	54	5	49	2	2	-	52	3	49	-	-	-
10	Retirolândia	26	3	23	1	1	-	25	2	23	-	-	-
11	Santa Luz	35	04	31	3	3	-	36	1	35	-	-	-
12	Teofilândia	38	3	35	2	2	-	36	1	35	-	-	-
13	Tucano	69	9	60	11	5	6	56	4	52	2	-	2
14	Valente	56	5	51	5	4	1	51	1	50	-	-	-

Fonte: APEB, 2018.

Observando as planilhas específicas do PROCARTA em Araci, foram encontradas 2 fichas distintas, uma datilografada contendo 38 estabelecimentos (mesmo número que aparece no relatório da ficha da tabela 8), e outra manuscrita contendo 56 estabelecimentos (observe-as nos anexos D e E).

As tabelas apresentam campos similares, contudo nas fichas e registros encontrados no mesmo maço de documentos. Não foi possível perceber quais os critérios que distinguem as duas relações de estabelecimento. Ambas as fichas foram encontradas no mesmo maço de documentos da Secretaria do Governo do setor republicano do APEB, com a identificação de Mapa de estabelecimento de Ensino da Região 5 sob o número 4014/206.

Dentre as diferenças observadas entre as duas referidas tabelas, podemos destacar que das trinta e oito escolas listadas na tabela do *Anexo D*, apenas duas: a Escola Joana Angélica na Fazenda Arapiraca e a Escola Presidente Kennedy na Fazenda Araças não aparecem na lista da tabela do anexo E, enquanto que em relação com a tabela do *Anexo D*, a tabela do *Anexo E* apresenta vinte escolas a mais. Dentre elas chama a atenção a Escola Municipal Oliveira Brito, uma escola urbana que foi a primeira instituição pública do município a ofertar o ginásio em Araci, e sua não presença na tabela do Anexo D, assim como as outras dezenove escolas, nos deixa no mínimo curiosos.

Salutar destacar no relatório PROCARTA o sentimento de esperança para a melhoria da educação no município (ARACI, 1972, p. 1):

Reconheceram na realização inicial do Procarta a participação de autoridades competentes nos reais problemas da Educação, os progressos constatados na última década e o doloroso déficit que se constata nos municípios pobres notadamente no meio rural, não só o triste analfabetismo, mas ainda a precária distribuição de cursos e estabelecimentos o deficiente preparo dos educadores, principalmente os leigos a falta de condições de locomoção e pouco interesse para a casa educativa

Apesar do desejo, alterações que possibilitassem tais transformações, não foram sentidas, muito menos uma melhoria dos índices de analfabetismo. Como reflexo do descaso político contínuo nas questões educativas, Araci amarga um dos piores índices de analfabetismo para as pessoas maiores de 25 anos no TIS, protagonizando 43,98% neste indicativo, ficando à frente apenas de Monte Santos que possui 45,32% e Quijingue 45,68 % (LIMA e COELHO NETO, 2017, p. 51). Veja a tabela de analfabetismo:

Tabela 9- Taxa de analfabetismo e atendimento escolar - 1991/2000/2010.

	1991	2000	2010
Taxa de Analfabetismo			
25 a 29 anos	59,20%	43,69%	32,08
Percentual de atendimento			
25 a 29 anos na escola	-	-	0,250

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano do Brasil, 2013.

Em 2017, Araci possuía 99 escolas; delas, uma era específica para Atendimento Escolar Especializado - AEE, 17 escolas estavam situadas na sede do município, e no campo haviam 82 escolas, distribuídas em 14 regionais (Santos, 2017, p. 252). Intercruzando os dados dos Estabelecimentos de Ensino informados ao para PROCARTA em 1972, com os dados fornecidos pela SEDUC no início de 2018, foi possível refletir sobre os seguintes pontos: os números absolutos, indicam um aumento de 80% em escolas, sem fazer nenhum questionamento nem reflexão dos dados.

Analisando os dados das 55 escolas de 1972 com as escolas que estão em funcionamento em 2018, foi possível perceber que apenas 21 das atuais são remanescentes àqueles que estavam no relatório de PROCARTA.

Envolta da curiosidade de tentar entender este contexto, fizemos uso de outro critério de cruzamento, os endereços das escolas. Dessa forma, foi possível perceber que das 44 escolas que não estão mais funcionando, oito escolas tinham endereços iguais a escolas ativas, o que traz à voga o pensamento de que talvez essas instituições passaram por alteração de nome, mas a possibilidade de fechamento de escolas não está descartada. Contudo, em virtude do curto período para a conclusão desta pesquisa, tal análise demandaria muito tempo, sendo necessário ir a cada comunidade, fazer a verificação, além de confrontar diversas fontes.

Durante as entrevistas percebemos que em sua maioria a escolarização não foi acessível a todos, apenas a uma pequena parte que inicialmente tinha condições de pagar, como pode ser observado nos depoimentos a seguir:

E2: Não, inclusive, engraçado da família assim, eu sou o caçula e foi **o mais consegui me formar e outro próximo meu companheiro estudou até o 5ano e os outros são quase analfabetos**. E da família da minha mãe, assim era ainda pior, porque eles tinham que andar muito distante, e ela falava assim que iam para a casa de meu avô. Ela vinha assim distante e o meu avô pagava. E da família assim ela foi a que mais estudou, assim ela lia cartas, escrevia, as irmãs delas não sabia ler nem escrever, quase nenhuma, de seis ou 7 irmãs e ela. (grifo nosso).

E4: “**Eu não fui de Escola nenhuma, nenhuma , nenhuma... eu estou com 89 anos**, e depois minha fia, mia mãe não deixou, botou as outras num sabe, e eu não, que disse que eu era saliente quando era nova, as outras todas foram para escola e eu não fui, aí eu desenganei, também quando ela tava doente, papai já morrei e Deus perdoe os pecados, ela dizia : ‘Ninguém me ajuda, num tem uma fia pra me ajudar’ mamãe num ajudou as outra a ir pra escola, agora elas ajuda mamãe e eu não.’ [...] Não o professor vinha lá das casas velha de Santaluz de a pé daquele tempo. Ele vinha de a pé durmia, passava a semana e ensina os filhos

deles tudo, Ze Siviro, papai, e tio Daviro, e tio Ze, Piroca tio Estevão”...“ uns estudaram um pouquinho e outros não, aqui nunca teve escola assim direto e agora que tem. Dois aqui mesmo aprenderam assim com outros, que ficaram sem ir na escola em Araci, os outros foram, ia lá e voltava, em Araci. O que foram para São Paulo, foram trabalhar e ficavam estudando. **Mas estudar mesmo eu nunca fui ni escola nenhuma**, eu sei tudo eu conto dinheiro, pode me dar um milhão. Agora minha mãe não sabia nada, e ela pensava que eu iria ficar como ela e agora que estou ruim... esse diabete [...] Eu sei tudo fazia tudo, conta, meu nome, o nome dos outros mas ai agora eu não consigo porque tive derrame e num aprumo a mão.” (grifos nosso).

E5: “Como era **difícil** minha filha, ia um professor leigo, que nesse tempo não tinha professor formado, ia um professor meu pai botava dentro de casa, e dava comida, cama e mesa, dava tudo, ai botava pra ensinar todo mundo, afim de ter um professor ele fazia tudo isso. **Então a gente só estudou um pouquinho através desse esforço de meu pai**, ... então eu aprendi assim, vinha um professor ficava seis meses, depois vinha e não queria ficar mais, porque lá era um lugar isolado, depois vinha outro ai ficava um ano, depois deu já casada, foi que foi um professor formado daqui de Araci. Mas antes era professor leigos.” (grifos nosso).

E8: “**meus pais são analfabetos e meus avós também**. Falta de acesso, à distância no caso de meus pais a distância, os meus avos era a falta de cesso, pois naquela época era muito difícil. Meus pais tinham que andar muito, e por esse motivo não foram para a escola.” (grifo nosso).

Os entrevistados E2 (professor), E4 (idosa analfabeta), E5 (ex-professora) e E8 (ex-estudante da EJA) de origem familiar mais humildes, demonstraram que a educação escolar não chegou para todos. Já em E10 (ex-estudante) e E11 (ex-gestor), suas famílias tiveram acesso à escolarização paga.

E 10: “Eu fui da primeira em 64, veja bem, **lá na minha família todo mundo estudou, mas naquela época**, o estudo era só até o terceiro ano Primário, quarto, quinto. Então a minha geração, foi uma geração que chegou ao atual Fundamental II, que se chamava Ginásio [...] os meus familiares estudaram com a professora Aura Ferreira e professora Deraldina Ferreira, e o professor, Grande professor que teve lá, o professor José Ferreira Filho. Se você quer uma surpresa, Araci teve o Primeiro Ginásio da Região, em 1920, poucas pessoas.” (grifo nosso).

E11: “**Minha mãe é de 1902 e estudou no primário em Araci, e tudo mais e tal**, mas o professor dela foi um professor que fez nome aqui em Araci, que vinha gente até de Coité, vinha gente de Santaluz, veio gente de Tucano para estudar com esse professor aqui, José Ferreira da Cunha, foi o primeiro ginásio de Araci, em 1910. E teve primeiro até que serrinha que também não tinha, ele botou o ginásio aqui, ele veio para ser professor do estado aqui. Ali onde é a casa de Ronaldo ali era

cheio de quartinhos, os quartinhos eram para os alunos morar os alunos vinham de Coité, de Santaluz e de Tucano iam pra onde? ele criou uma espécie de cursinho. (grifo nosso).

Nestas falas é possível perceber que a escolarização não chegou para todos. De cunho elitista, chegaria apenas aos que poderiam pagar, garantindo o acesso. E ainda assim se perpetua, se analisarmos socioeconomicamente a população que está entre os analfabetos, os excluídos da escola, ou àqueles que precisaram abandonar a escola precocemente, os excluídos da escola, tem classe social e endereço específicos, como apontou Farraro (2009, p.145) “ a pobreza tem cor”, e regionalização, com taxas maiores de analfabetismo no meio rural (FARRARO, 2009, p. 33).

Entrecruzando os dados educacionais encontrados em 1950, 1970 e 2018³¹ pudemos fazer uma média estatística de escola por habitante, veja a tabela:

Tabela 10- Número de habitante e estabelecimentos de ensino - 1950/1970/2018.

Ano Base	1950	1970	2018
Nº de Habitantes	13.522	23.661	54.099*
Nº de Escolas	12	55	99
Média de habitantes por Escola.	1.127 h/E	430h/E	546 h/E

Fontes: IBGE; Lima (1985) e APEB

*Estimativa populacional (IBGE/2018)

A partir do que foi exposto é possível afirmar que nestes 68 anos houve uma oferta maior da escolarização gratuita? Apesar de, por um lado, haver um aumento progressivo no número de estabelecimentos de ensino (de 12 escolas em 1950 para 99 em 2018), por outro, entre 1970 a 2018, é perceptível uma queda na oferta, evidenciada pela diminuição dos números de escolas por habitante. Então, tal afirmação não pode ser feita, principalmente considerando que os números por si só não revelam muita coisa. Fazer o cruzamento destes dados com outros aspectos político socioculturais, com a oferta de acordo com a demanda (considerando a necessidade de creches, ou escolas de EJA, e a necessidade de cada comunidade), propiciaria uma maior apreensão da realidade local; contudo, como o foco deste trabalho foi a análise histórica da educação, o período disponível para esta pesquisa não favoreceu enveredar por outros caminhos.

³¹ Os anos 1950, 1970 e 2018 foram considerados como base, tendo em vista que durante a análise histórica foram os únicos anos que encontramos referências ao quantitativo de escolas.

4.2 A REMINISCÊNCIA DA EDUCAÇÃO DE PESSOAS JOVENS E ADULTAS EM ARACI

“A alfabetização é apenas o primeiro passo no processo de escolarização. Mas sem esse primeiro passo, simplesmente não haverá escolarização.”

(FERRARO, 2009, p. 170)

Detentora da segunda maior população dentre os municípios investigados pelas pesquisas do OBEJA, Araci possui 32,08% de analfabetismo das pessoas acima de 15 anos, e 51,50% de abandono escolar precoce para as pessoas entre 15 e 24 anos, as piores taxas (ver tabela 2). Detém também o pior IDH (0,534) e IDH- Educação (0,381) dos municípios do TIS, amargando a 19ª colocação dos vinte piores IDH da Bahia (PNUD/2010).

4.2.1 Dos programas de alfabetização à atualidade

Durante a história do município de Araci, a oferta de alfabetização foi realizada pelo poder público (inicialmente estadual e posteriormente municipal) e também pelos movimentos sociais. A Entrevistada 3, que foi por muitos anos coordenadora de estágio aponta que em Araci ocorreram programas voltados para os sujeitos adultos:

E3: “Mas o primeiro projeto de alfabetização foi AJA Bahia, o primeiro projeto de alfabetização foi o Alfabetização solidária do Governo Federal, lembra, que o pessoal veio de Rio Grande do Sul, e depois foram para lá. Esse foi o primeiro depois do Mobral Eu mesmo encontrei um certificado do Mobral, de arte culinária, mas não sei. Ai o primeiro veio universidade Solidária, mas não fui pois tava com o menino pequeno. Foram em 3 etapas, de seis em seis meses que iam, cada um grupo diferente, acho q para não gerar vinculo como o AJA BAHIA. Depois veio o AJA Bahia, primeiramente tinha muita formação, fui muito no Hotel Palace. E depois foi para o Jorro, fora de Salvador a DIREC de Serrinha foi umas 3 primeiras junto com a de Feira. Apesar de ser em Serrinha, a formação acontecia no jorro, pois lá não onde acolher o pessoal, mas antes era tudo no Palace. Primeiro veio o MOBRAL, e alfabetização solidaria que era federal, e depois veio o estadual para serrinha. Primeiro o MOBRAL, depois alfabetização solidária, AJA Bahia, supletivo e agora a EJA.”

A colaboradora aponta a presença de três programas que ofertaram alfabetização aos sujeitos jovens e adultos, na história do município, são eles: MOBRAL, Alfabetização Solidária e AJABahia. A figura 26 aponta todos as ações para a EJA em Araci.

Figura 21-Linha do tempo das ações municipais para EJA em Araci.



Fonte: Autor, 2019.

A linha do tempo da figura 26 (página anterior) apresenta todos os programas e projetos voltados para a população jovens e adulta propostos e/ou vinculados ao poder público municipal ou estadual, e foi elaborada a partir de pesquisa documental e entrevistas desta pesquisa. Ações detalhadas a seguir:

Movimento Brasileiro pela Alfabetização -MOBRAL

O Movimento Brasileiro de Alfabetização – MOBRAL foi criado em 15 de dezembro de 1967, pela Lei número 5.379. Com o objetivo de erradicar o analfabetismo num curto espaço de tempo, foi criado para substituir os diversos movimentos de educação popular extintos com a ditadura: MEB (Movimento de Educação de Base), MCP (Movimento de Cultura de Base), CPC (Centro Popular de Cultura) e CEPAR (Campanha de Educação de Base) por serem considerados de caráter comunista

Em Araci os registros de ensino noturno com a oferta do MOBRAL, são encontrados a partir do ano 1981, na Escola Nossa Senhora das Graças³², e em 1986 se instala uma turma de Educação Integrada³³ (MOBRAL). Contudo, a imprensa estadual já apontava a presença do Movimento Brasileiro de Alfabetização - Mobral no município desde a década de 70, promovido pela Igreja Católica. Sobre o Mobral o entrevistado E10 aponta que:

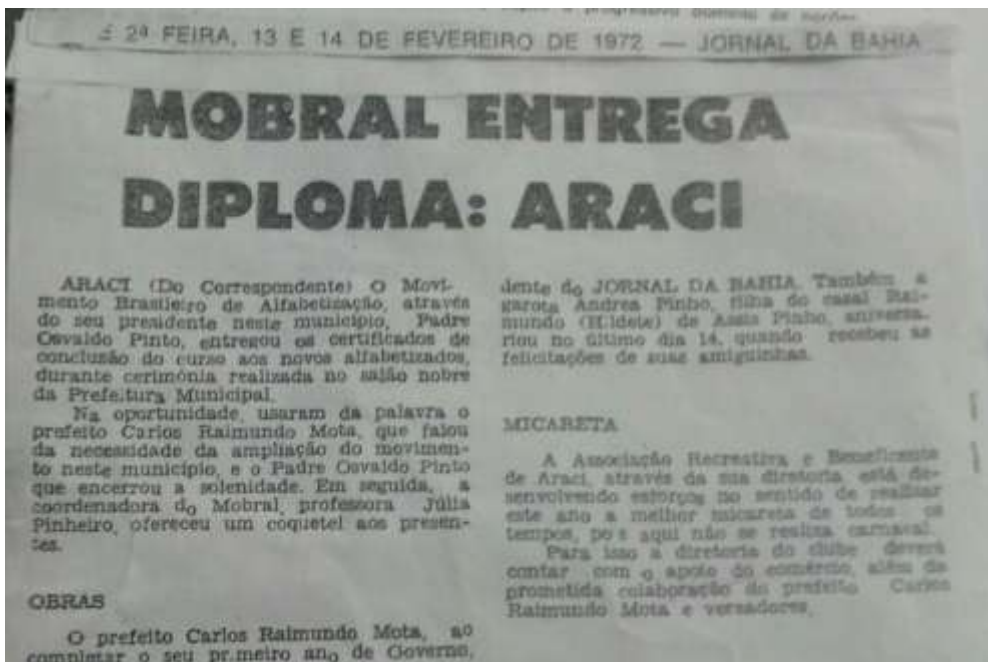
E10: “Sem educação nós não temos nada e educação é a base de tudo. E o Mobral desenvolveu muito, muitas professoras tinha uma casa na roça e botava o Mobral, elas ensinando aprendia, tinha um artigo aí 96, se não me engano você estudava e aí fazia uma prova como vestibular se você passasse era como aquilo alí equivalia o período do ginásio, e aí tirava o Mobral, que tirava o ginásio.” (E10, 2018).

A oferta do MOBRAL em Araci foi noticiada no Jornal da Bahia. Vejamos nas figuras 22 e 23 as publicações que respectivamente divulgam a entrega de certificados e execução de curso nos distritos e sede do município de Araci.

³² Registros anteriores a 1976 não puderam ser analisados, devido a uma praga que danificou o arquivo morto da escola. (SANTOS, 2017, p. 250)

³³ Implantado em 1971, foi o primeiro grande programa de desdobramento do Mobral.

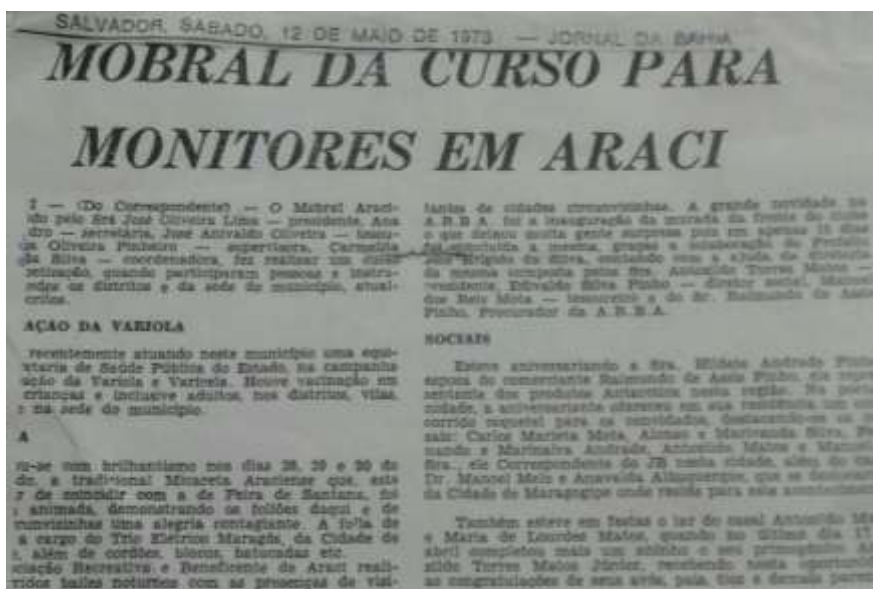
Figura 22- Reportagens sobre o Mobral em Araci – 1972.



Fonte: Arquivo pessoal de Ana Nery Carvalho Silva (2018)

O Jornal da Bahia, datado de 13 e 14 de fevereiro do ano 1972, sobre a entrega de certificados do Movimento Brasileiro de Alfabetização - MOBRAL pelo Pe. Osvaldo Pinto em Araci e a Professora Júlia Pinheiro. O jornal ainda destaca a presença da Coordenadora do programa. Além de fazer a referência ao MOBRAL ele apresenta as ações do Prefeito Carlos Raimundo Mota (veja na imagem 23).

Figura 23- Reportagens sobre o MOBRAL em Araci – 1973.



Fonte: Arquivo pessoal de Ana Nery Carvalho Silva (2018)

A figura 23 também apresenta uma reportagem do Jornal da Bahia sobre o curso de formação para formadores do programa MOBRAL, datado de 12 de maio de 1973, contudo não dá detalhes sobre esta formação.

Alfabetização Solidária

O primeiro programa de alfabetização pós-MOBRAL em Araci foi o Programa de Alfabetização Solidária – PAS, atualmente conhecido como Alfasol, que teve seu início promovido pelo Governo Federal em 1997, no governo do Presidente Fernando Henrique Cardoso, com a proposição inicial de alfabetizar jovens e adultos nas regiões nortes e nordeste. A inserção das pessoas não alfabetizadas na Educação de Jovens e Adultos e a continuidade dos estudos são alguns dos principais objetivos do PAS. Para Barreiro (2012, p. 499):

O Programa Alfabetização Solidária foi criado em 1997 funcionando em municípios do Norte e Nordeste e em Grandes Centros Urbanos. Seu modus operandi consistia no estabelecimento do que chama “parcerias” com Instituições de Educação Superior (IES) que implementam a proposta de alfabetização. As Instituições, por meio de coordenadores escolhidos para trabalhar com o Programa, selecionam e capacitam os alfabetizadores a cada semestre para eles ministrarem 5 meses de aulas nas quais desenvolvem a proposta de alfabetização. Uma vez acabado o semestre, o Programa inicia um novo módulo com novas salas de aula, novos alfabetizadores e novos alfabetizandos. 70% das Instituições participantes eram privadas e 30% públicas, em 2003. Do total de IES, 30% funcionavam no Estado de São Paulo.

Segundo depoimento dos entrevistados a programa acontecia em etapas de 6 meses e as formações dos alfabetizadores aconteciam no Rio Grande do Sul. Sobre o programa Alfabetização Solidária as colaboradoras E2 e E3 afirmam que:

E2: “Eu já trabalhei, do AJABAHIA, e na Alfabetização Solidária, que foi para o Rio Grande do Sul, eu fui em 1998, foi eu a Zelinha, a Damiana, que foi na primeira turma, ela era diretora e foi na primeira turma, na primeira foi mais a direção, eu fui na terceira ou quarta turma.”

E 3: “O primeiro projeto de alfabetização foi o Alfabetização solidária do Governo Federal, lembra, que o pessoal veio de Rio Grande do Sul, e depois foram para lá. ... Ai o primeiro veio universidade Solidária, mas não fui pois tava com o menino pequeno. O pessoal era escolhido a dedo, escolhido por político. Foram em 3 etapas, de seis em sei meses

que iam, cada um grupo diferente, acho q para não gerar vinculo como o programa.”

Durante o período de pesquisa não encontramos registros sobre a quantidade de pessoas atendidas, nem literatura que detalhasse o programa ou as formações no Rio Grande do Sul.

Alfabetização de Jovens e Adultos: AJABahia

Projeto do Governo do Estado da Bahia o programa Alfabetização de Jovens e Adultos: AJABahia foi criado como ação regional do Programa de Alfabetização de Jovens e Adultos - AJA, projetos que faziam parte do Programa do Governo Federal Brasil Alfabetizado.

O Programa Brasil Alfabetizado – PBA foi criado em 2003, e tinha como filosofia a “promoção do acesso à educação como direito de todos, em qualquer momento da vida.” (SOARES *et al*, 2014, p. 20). Atendeu até 2008 cerca de nove milhões de jovens e adultos. Os autores apontaram que para o MEC, “o PBA deve atender prioritariamente, as populações indígenas, bilíngues, fronteiriças ou não população do campo (agricultores familiares, assalariados, assentados, ribeirinhos, caiçaras, extrativistas e remanescentes de quilombo).” (SOARES *et al*, 2014 21).

Em Araci as turmas de AJA Bahia aconteciam na sede e no campo, inicialmente com os estagiários de magistério como monitores. Sobre este projeto podemos observar os entrevistados E2 e E3:

E3: “Sabe como veio o AJA BAHIA para Serrinha? sabe como veio, eu fui para um congresso como executiva de curso em Curitiba, e eu fui para uma oficina, de alfabetização de adultos e lá apresentou o projeto MARAJA do Maranhão, e eu pan... adaptei o projeto porque o povo precisava para o estágio, ai eu peguei o projeto adaptado dei ao diretor, e como não havia o haja Bahia no interior do estado, dei ao diretor e ele foi em Salvador e conseguiu trazer para serrinha.”

E6: “Na verdade era um projeto do governo do estado, chamada AJABAHIA, Alfabetização de Jovens e Adultos e chegou aqui no município de Araci em 96, acho que foi 1996, mesmo se não me engano, e a gente ia para a zona rural, para poder fazer a educação desse jovens, não jovens na faixa etária de 29 anos, considerado jovem “, mas também adultos, tinha pessoas idosas também, pessoas já com a idade

avançada, 50 ano, 59, 60, e o pessoal ia para poder aquilo que não conseguiu aprender na idade mais jovial como fala, basicamente isso.”

Durante a pesquisa foi possível encontrar os relatos de experiências do programa referindo-se ao ano de 2003, grupo com 35 alfabetizadores e dois orientadores pedagógicos.

Santos (2004, p.16-7) apresenta na publicação “Relato de experiência do Programa Brasil Alfabetizado – AJA Bahia da Nucleação de Serrinha”, relatórios do AJA Bahia e auto avaliação dos alfabetizadores que destacaram que:

“Hoje posso notar a felicidade de cada aluno, ao desenvolver uma aula de ditado de palavras, leitura de frases, pude perceber em cada palavra pronunciada por eles o entusiasmo mostrado na face de cada um, isso me fortalece a dedicar cada vez mais tudo que sei a eles, ou seja, depositar minha bagagem na mente de cada um, de maneira clara e eficaz.”

“Mas valeu, apesar de tudo que houve, gostei de ter trabalhado no AJA Bahia foi mais uma experiência, já que trabalhei 04 anos com jovens e adultos, adquirir muito mais experiência e conhecimento além do prazer de está passando um pouco do meu conhecimento e trocando experiências com a turma, mostrando vários fatores que influenciam no convívio social.
Valeu AJA Bahia. Adorei.”

“O projeto AJA Bahia trouxe para mim uma ótima experiência de desenvolvimento de aprendizagem. Pois ao desenvolver os conteúdos pude ensinar e aprender com eles a importância da aprendizagem na vida de cada um.”

“Gostei muito da experiência como alfabetizadora, sei que não cheguei ao ápice que esperava devido aos problemas encontrados, porém foi proveitoso, aprendi com meus alfabetizandos. Dediquei-me bastante ao programa.”

Contudo durante a execução no AJABahia em 2003, alguns problemas foram relatados pelos alfabetizadores de Araci (SANTOS, 2004):

- Demora entre a matrícula (dez de 2002) e início em junho de 2003;
- Materiais que demoraram a chegar e chegam em menor quantidade;
- Formações com pouca duração para quantidade de informações;
- Pagamento, por quantidade de alunos frequentantes;
- Pagamento com o valor não fixo, dependia da frequência do alfabetizando;
- Falta de infraestrutura (cadeira, quadro, mesa) e outros.

Como sugestão, alfabetizadores apontaram as seguintes ações (SANTOS, 2004)

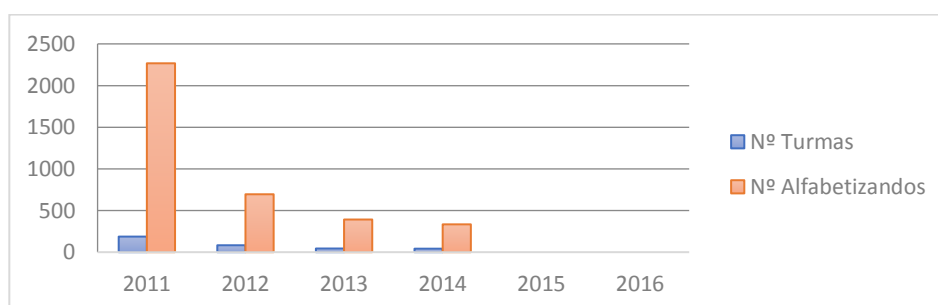
- ✓ Rever a maneira de pagamento, quem um salário fixo;
- ✓ Merenda escolar ajuda muito na frequência.
- ✓ Uma bolsa para ajudar aqueles que tem dificuldades ou mesmo um exame de vista pois muitos falaram que queriam estudar, mas não enxergavam bem.”

Diante dos registros documentais e orais, que foram encontrados, não é possível precisar até quando o AJA Bahia teve atuação, contudo a partir de 2007, o governo da Bahia assinou nova parceria com o Brasil Alfabetizado e cria o programa Todos pela Alfabetização.

Todos Pela Educação - TOPA

O programa Todos Pela Alfabetização - TOPA iniciou na Bahia quando por meio do Decreto 10.339 de maio de 2007, o governo da Bahia aderiu ao Programa Brasil Alfabetizado. Em pesquisa realizada junto à Secretaria de Programas Especiais no NRE – 4, foi possível encontrar apenas dados referentes ao TOPA em Araci a partir do ano de 2010. Veja gráfico de matrículas durante os anos 2011 a 2016 (ver figura 26).

Figura 24 - Oferta de Turmas do TOPA 2011- 2016.



Fonte: NRE – 04 (2019)

Observando a figura 25, podemos perceber que durante esses cinco anos, foram atendidos 3688 alfabetizandos, em 356 turmas, atreladas a 8 entidades. Sabemos que o município de Araci teve a oferta desde o primeiro ano, contudo, ao procurarmos informações sobre as demais turmas, a colaboradora E12, que apontou:

E12: bem, aqui nós tínhamos até vários arquivos, mas perdemos um HD, deu defeito e perdemos todos as informações, e número de analfabetos ligados a associação é complicado tem que ir na atas e olhar, mas esses dias estamos na correria ,to com a cabeça voltada numa ata

que tenho que entregar, para concluir, to com 16 estatutos para entregar agora com data de prazo, para receber, escavadeira, trator... e esses aqui mesmo é para a obra do mercado.

Ao pesquisar no NRE- 4 também não obtivemos sucesso, ao que parece, os dados da 1ª a 4ª etapa, foram perdidos, assim como afirmou a entrevista E12. Segundo os registros encontrados no NRE e informações coletada na Secretaria responsável, não houve a oferta do TOPA nos últimos dois anos (2017 e 2018). A entrevistada E12, sobre a não oferta do TOPA, afirmou que:

E12: Não está tendo mais pois Biritinga, Araci e Quijingue já alcançaram o número que o MEC queria, segundo eles né! Mas a gente sabe que não é verdade, pois basta você pegar uma ata de associação, para você ver a quantidade de analfabeto que tem, então nós trabalhamos desde 2007, de 2007 a 2014. Foram bastante turmas, não foi só essa entidade.

Neste aspecto fica evidente o descaso com os programas de alfabetização de jovens e adultos, considerando que outros municípios ainda permanecem com a oferta, inclusive com dados ainda menores de analfabetismo e ainda continuam ofertando, o que vai de encontro ao real objetivo do programa. Na última etapa, a oferta foi apenas para os municípios de Monte Santo, Quijingue, Tucano e Lamarão (ver tabela4). Municípios que integram os 5 piores índices de analfabetismo do território, junto com Araci. Araci detém o 4º pior índice de analfabetismo.

O TOPA apesar de ser um programa do Governo Estadual tem grande influência dos movimentos sociais, não apenas na execução do projeto. Para além da parceria com as entidades, o programa tem na sua gênese as concepções de educação popular, proposta educativa apontada e difundida por Paulo Freire.

Os movimentos sociais tem grande força e colaboram para realização de formação do cidadão, não apenas no letramento, mas numa formação integral, sócio-política. Neste aspecto destacamos como relevante o projeto Jovens Idealizadores de Propostas e Formadores de Opinião- JIPFO³⁴: um projeto local realizado pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Araci-SINTRAF, em 2017 e 2018, projeto que atende jovens de 15 a 25 anos de diversas comunidades, e que tem como principais objetivos:

³⁴ O JIFTO é um projeto idealizado pela ex-diretora e atual vereadora Edneide Santana Pereira e realizado pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Araci-SINTRAF, em 2017 e 2018.

- ✓ Formar, empoderar e politizar a juventude a respeito das principais questões sociais e profissionais do dia-a-dia na sociedade;
- ✓ Transformação do senso crítico;
- ✓ Diagnostico das possíveis oportunidades no mercado de trabalho;
- ✓ Formação (Teoria);

Figura 25 - Layout do Projeto JIPFO.



Fonte: SINTRAF /2018.

O curso é subdividido em 3 módulos, no primeiro promove um diagnóstico, no segundo há cursos de qualificação (oficinas produção de alimento, mudas e plantas medicinais) e no terceiro módulo atividades empreendedoras (com rodas de conversa e intercambio para realização de trocas de experiências exitosas) distribuídos em 12 encontros.

Apesar de grande influência dos movimentos sociais na organização social do município, não encontramos evidencias de ações diretas realizadas no município pelo MEB. Ao entrevistar o senhor Albertino (E3) fundador do Movimento de Organização Comunitária - MOC³⁵, ele apresenta a importante influência da base para a idealização e constituição do movimento:

E9: Essa minha história, com o movimento social, eu sempre estive ligado ao movimento social, durante pelo menos 6 anos eu estudava e quando chegava no final do ano, eu, agente conversava com um padre, foi quem introduziu para esse movimento de JAC a juventude agrária católica, foi um padre que era de são Miguel das matas da diocese de Amargosa, e eu era da diocese de Salvador. eu primeiro trabalhei na JAC, e depois o MOC foi o filho dessa mãe, e antes da JUC e eu ajudei o padre Dionísio, que era o diretor do ensino religioso do estado da Bahia.

³⁵ Iniciada sua trajetória de luta em 1967, a partir do trabalho social da igreja católica em bairros periféricos do município baiano de Feira de Santana, e atualmente tem ações em diversos municípios baianos, inclusive Araci. www.moc.org.br

A gente fez uma coisa boa, que a gente entendia, que não poderia ser feita uma coisa só religiosa, porque a maioria do povo tinha muita necessidade e a gente tinha condições de ajudar. Então pra mim eu fui aquele que aqui cheguei primeiro, que os outros padres, que os outros padres chegaram e não disseram para que vieram, e eu não...E eu não, eu vim com o movimento operais e junto com os universitários e o pessoal da JUC, movimento da Juventude Universitária Católica, também me ajudaram muito, porque eles achavam que a parte ligada agricultura eu era mais preparado que eles universitários. Foi quando surgiu também a necessidade de ajudar um pouco o sindicato dos trabalhadores rurais, foi quando a constituição de 64, que a gente poderia por exemplo fundar o sindicato.

O movimento de base eclesial, surgido envolto os movimentos rurais católicos, foi de grande importância para a difusão não apenas no letramento dos sujeitos das comunidades que atuavam, mais pela sua atuação na formação sociopolítica das comunidades, o que possibilitou a emancipação e organização das comunidades para o seu desenvolvimento local. A título de exemplo, temos a atuação até os dias atuais do MOC para o fortalecimento das associações nas comunidades do território e de Araci. Favero (2006, p. 96-7) aponta a importância dos movimentos Rurais para a EJA:

a importância do movimento rural que se organizava no meio rural, principalmente no Nordeste, e a seriedade dos problemas com que essa região se defrontava motivou o deslocamento da Igreja em direção às classes populares, movida por um verdadeiro impulso pastoral, é certo, mas guiada também pelo seu instinto de sobrevivência [...] sua postura era progressista e sua atitude, reformista. Mas sangue novo corria nas veias da Igreja. [...] um grupo de cristãos lançou-se em um movimento educativo amplo [...].

Com esses depoimentos, fica claro a importância do MEB para o desenvolvimento social e para a consciência de classe e em especial para o movimento Rural. Apesar de apontar não ter acontecido movimentos de alfabetização em Araci, nem nos outros municípios do território, na entrevista foi possível perceber a influência das ações JUC, JAC nos itinerários em busca de uma vida justa (ARROYO, 2017) e na construção de sujeitos de direitos, conscientes e críticos da sua própria realidade.

4.3 REMANESCÊNCIAS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: ENTRE O SIMULACRO E A REALIDADE

A Educação de Jovens e Adultos faz parte constitutiva da Lei de Diretrizes e Bases 9394/96, modalidade da educação básica nas suas etapas fundamental e médio, e destina-se àqueles que, por alguma razão, se afastaram dos estudos e a eles estão retornando. A referida lei organizou o sistema de ensino em dois níveis de ensino Educação Básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio) e Educação Superior. Por sua vez a Educação Básica passou a ser ofertada nas seguintes modalidades: Educação de Jovens e Adultos, Educação Profissional, Educação Especial, Educação Indígena e Educação à Distância. O Conselho Nacional de Educação – CNE, instituiu a partir de 15 de julho de 2010, as Diretrizes Operacionais da Educação de Jovens e Adultos, sob a resolução número 3.

No Estado da Bahia, a modalidade teve regulamentação a partir da publicação da Política de EJA do Estado, em 2009. Araci, contudo, vinha ofertando a modalidade sem regulamentação interna municipal oficial específica, mas a partir de 2015 vem ensaiando desenvolver uma política específica através dos termos orientadores do Diário de classe da EJA, e do Plano Municipal de Educação que cita a modalidade. Mas sua oficialização ainda não ocorreu, considerando que a Proposta Pedagógica Municipal para a EJA³⁶, ainda não foi publicada.

O Plano Municipal de Educação - PME, publicado em 9 de julho de 2015, apresenta que a educação básica de adultos “ é aquela que se destinada àqueles que não tiveram acesso ao processo de escolarização em idade própria ou que o tiveram de forma insuficiente” (ARACI, 2015, p. 63) e que a “Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade de educação básica voltada a jovens e adultos que não tiveram acesso, ou não concluíram os estudos do Ensino Fundamental e Médio” (ARACI, 2015, p. 63), destacando a importância da concepção ampliada no sentido “ de não limitar apenas a escolarização, mas também reconhecer a educação como direito humano fundamental para a constituição de jovens e adultos autônomos, críticos e ativos, frente a realidade em que vivem.” (ARACI, 2015, p. 64).

Atualmente, o Diário de Classe é o único documento norteador do professor, nele encontramos informações que norteiam o trabalho pedagógico na EJA. Essas orientações estão subdivididas em tópicos.

Na primeira página encontramos a apresentação, informando que a Rede Municipal de Educação de Araci “encontra-se em processo de implementação de uma

³⁶ Há uma Proposta Pedagógica para a Educação de Jovens e Adultos em construção no município, com previsão de aprovação pelo Conselho Municipal de Educação e publicação em 2019.

nova Proposta Pedagógica, cuja estrutura curricular organiza-se em Tempos Formativos, Eixos Temáticos e Temas Geradores nos quais se articulam em diferentes áreas de conhecimento” (Araci, 2018, p. 1), apresenta também que as funções da EJA são: Reparadora, no sentido de reparação de um direito negado; Equalizadora, no tocante a reparação corretiva com a reentrada do sistema educacional; e Qualificadora, uma formação que seja permanente e qualificadora, tomando como base o caráter incompleto do ser humano.

Na página dois, apresenta um texto intitulado proposta curricular dividido em tempo formativo (I e II), e sua equivalência por séries:

Tabela 11 – Equivalência entre Tempos Formativos e Séries.

Tempos formativos	Series/Anos	
1º Tempo	(tempo de aprender)	Ensino Fundamental - anos iniciais
	Eixo I	1º Ano
	Eixo II	2º e 3º Ano
	Eixo III	4º e 5º Ano
2º Tempo	Eixo IV	4º e 5º Ano
	Eixo V	4º e 5º Ano

Fonte: Diário de classe (2018).

Na página seguinte, a SEDUC apresenta o amparo legal citando a LDB de 9394, além disponibilizar boxes com dúvidas frequentes a respeito da carga horária para os cursos da EJA também disponibiliza os seguintes tópicos: idade para ingresso; componentes curriculares; Percentual de frequência exigida; e informações sobre as turmas no turno diurno. Na página quatro traz as orientações de preenchimento dos diários.

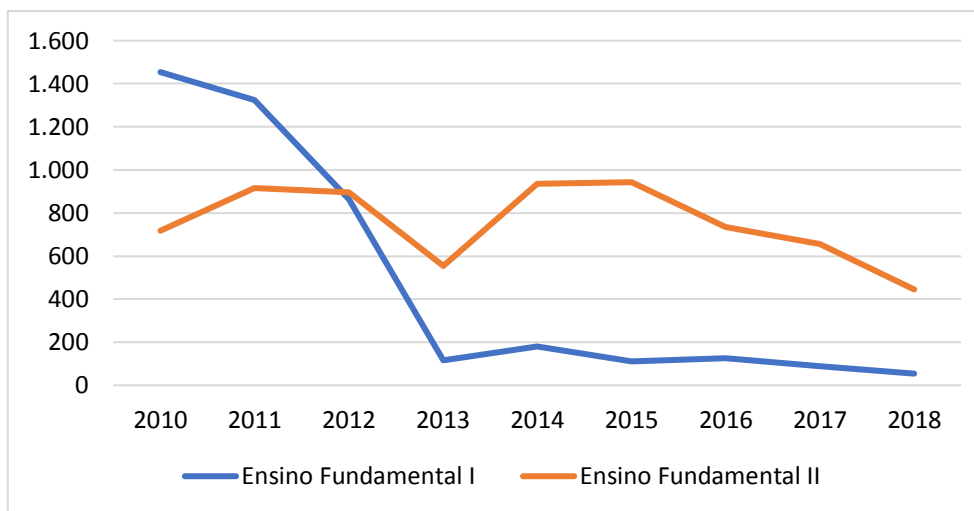
As avaliações são trimestrais, e os resultados da aprendizagem expressos por meio de Conceitos Avaliativos específicos para a EJA, a saber: C – Percurso Construído, EC – Percurso Em Construção e AC – Percurso a Construir. Os conceitos são registrados em fichas específica, por componente curricular e na Ata de Resultados Finais, destaca-se também, que o parecer descritivo final será construído em conselho de classe trimestral. Entre as páginas 5 a 8 cinco encontram-se os critérios de acompanhamento desejável para os anos iniciais e finais (Anexo K).

Mesmo observando todos os dados expostos pelos índices de Analfabetismo e Abandono escolar precoce, apresentados na tabela 4, Araci vem apresentando uma queda na oferta de EJA, que 2012 o município possuía 36 escolas que ofertavam a EJA

(INEP/2012), com 1746 alunos matriculados, já em 2013 reduziu para 1185 alunos matriculados em 18 escolas (OBEJA/2015), e em 2018 apenas três escolas ofertam a EJA.

Das escolas que atendiam a modalidade em 2012³⁷ (ano referência, já que os dados mais completos só foram fornecidos a partir desta data) atualmente 88% delas não ofertam mais.

Figura 26 - Gráfico de matrículas EJA 2010-2018.

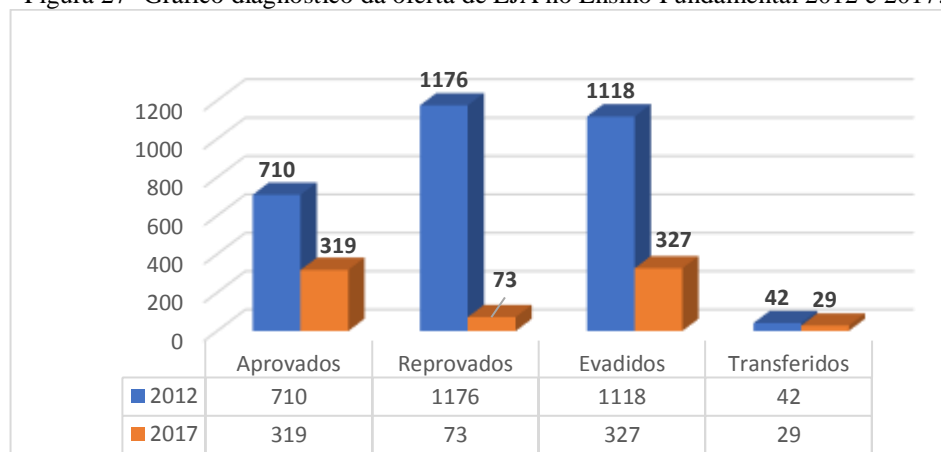


Fonte: SEDUC – Secretária de Educação e Cultura de Araci- Ba, 2018.

Na figura 27 é possível perceber a diferença na oferta da modalidade, havendo uma queda gigantesca na oferta/matricula dos estudantes do Ensino Fundamental I, considerando os altos índices da população adulta ou jovem sem escolarização. A queda acentuada não faz sentido, ainda mais quando observamos que os índices do fundamental II não crescem, como também tem uma queda, a queda dos eixos iniciais que deveria refletir em um aumento dos eixos finais do ensino fundamental.

³⁷ Não foi possível coletar os dados por escolas anteriores a 2012, a SEDUC não dispõe destes dados informatizados.

Figura 27- Gráfico diagnóstico da oferta de EJA no Ensino Fundamental 2012 e 2017.



Fonte: SEDUC – Araci/2018.

Se compararmos a ofertas da EJA de 2012 a 2017 (ver gráfico 28), houve uma queda no número de matrículas, e também no número de escolas que ofertaram a modalidade. Atualmente apenas 3 escolas possuem a EJA (SEDUC/2018), 2 possuem a EJA no diurno e no noturno e 1 oferece apenas a EJA juvenil, no turno vespertino, delas 2 estão localizadas na sede do município e 1 em localizada em comunidade rural, perfazendo uma diminuição de 83% nas escolas ofertantes da modalidade entre 2012 e 2018. São elas: o Centro Educacional Oliveira Brito – CEMOB, Escola Dom Jakson Berenguer Prado- EDJBP e Escola Municipal João Pereira de Pinho – EMJPP.

O Centro Educacional Oliveira Brito foi instalado em 1964, como Ginásio Municipal Oliveira Brito. Nesta época era necessária a aprovação no exame de admissão para ingressar como estudante e ter o direito de frequentar a instituição, inicialmente funcionava nas instalações do Prédio Rural (atual Centro de Educação Profissional do Sisal II - CETEP SISAL II), seu prédio foi inaugurado em 29 de agosto de 1966.

Figura 28- Foto do Centro Educacional Oliveira Brito, Araci (BA).



Fonte: Google, 2019.

A escola ofertou a EJA dentre os anos de 2012 a 2018, atendendo um quantitativo de 1027 estudantes, exceto nos anos de 2013 e 2014 que não ofertou. A partir do ano de 2019 não haverá mais a modalidade no estabelecimento de ensino, pois o município passou a adotar o regime Militar, e as escolas que tem essa oferta não podem ofertar o ensino à noite.

A Escola Dom Jackson Berenguer Prado foi construída a partir de uma realização conjunta em 1968 entre o Governo o então Governo dos Estados Unidos do Brasil com os Estados Unidos da América³⁸.

Figura 29 - Foto da Escola Don Jackson Berenguer Prado.



Fonte: Google Maps, 2019.

Ela oferta a modalidade EJA no turno noturno, e atendeu 849 estudantes entre 2012 e 2018. Os demais dados da Escolas não foram disponibilizados nas três visitas realizadas, e nem nos diversos contatos que feitos por telefone e mensagens.

A Escola Municipal João Pereira de Pinho localizada no distrito de Tapuio, surgiu para atender ao público trabalhador, iniciando com o Ensino Ginásial noturno em 1982. E desde a sua criação sempre ofertou a modalidade para este público.

³⁸ Informações retiradas da placa dentro da escola, a placa ainda apresenta o Nome Grupo Escolar Presidente Kennedy.

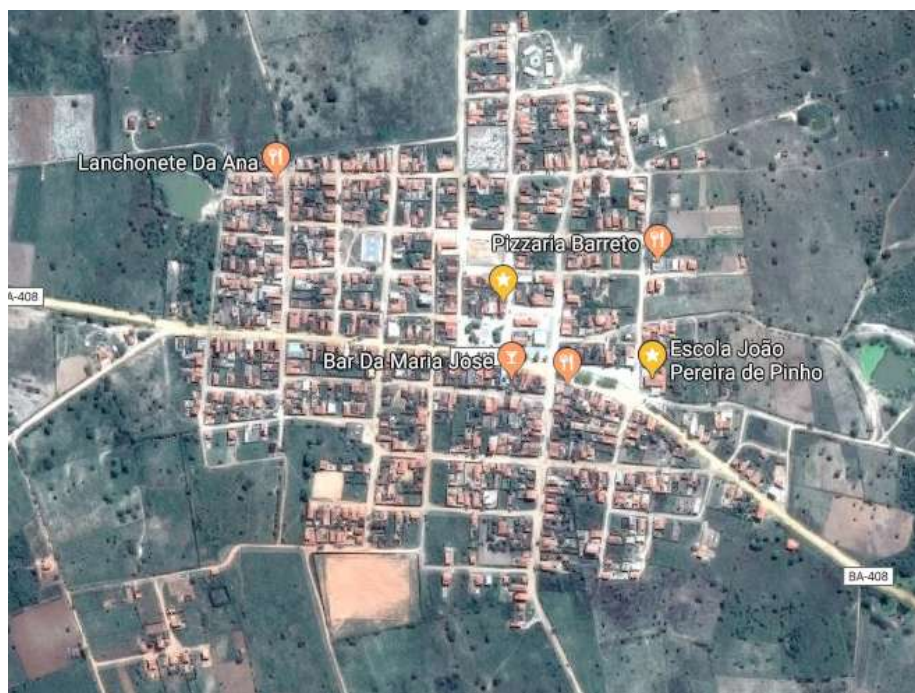
Figura 30- Foto da Escola Municipal João Pereira de Pinho, Araci (BA).



Fonte: Google Maps (2017)

Autorizada para funcionamento através da Portaria nº 10, publicada no Diário Oficial da Bahia no dia 14 de março de 1986, contudo seus primeiros registros são datados de 1982. Inicialmente funcionava nas instalações da Escola Rui Barbosa (em 1982) e após na Escola Prisco Viana, à Praça São José, s/n. Atualmente, situa-se na rua 2 de Julho, s/n, passando a funcionar nesse endereço a partir de 1985, num espaço onde até então funcionava um clube e foi reformado para atender as necessidades básicas de uma escola.

Figura 31- Imagem satélite do Povoado de Tapuio, Araci (BA).



Fonte: Google Maps (2018).

O EMJPP, nestes 37 anos sempre ofertou o ensino noturno, e em 2018 ofertou a modalidade EJA no noturno, e o Ensino Fundamental no diurno.

Essas escolas são as remanescentes, únicas, até o ano de 2018, que continuam a ofertar a modalidade. Muitas são as queixas referentes aos problemas contemporâneos educativos, e a EJA não é diferente. Tentando compreender a visão dos entrevistados sobre a EJA no município e a diminuição na oferta, os colaboradores afirmaram que:

E 3: “Diminuição de turma? eu acho que **falta interesse, eles não querem, não tinha interesse né**, que antigamente tinha a dificuldade de se deslocar, para se chegar ne uma escola, para chegar um professor, os pais faziam um maior esforço, e não um local próximo e os alunos tinham interesse escola, ia aprendia, ..., eu tava falando isso na igreja no evangelho, eu estava participando da celebração e é os valores que vai se perdendo, os pais já começam a educar o filho totalmente diferente, não começa a educar de pequeno, de dois ou três anos, saber educar para que ele seja um cidadão ele tenha, aquele desejo aquela vontade de mudar, conseguir algo melhor, faz uma educação totalmente diferente de antigamente, começa na família por isso que acho que a educação está assim, por que o que a gente vê na maioria é da família no educar. (grifo nosso).

E2:é, eu **acredito que interesse desse ainda tem pouco** mas ainda tem, mas acredito que vai da escola, de você querer formar um ambiente, a ai tem muito adolescente que participa com esses adulto, e ai esses ambiente não é mais como o de antigamente, ainda tem, antigamente ainda tinha adolescente iam e aprendiam, o comportamento era outro, agora se for agora, **esses adultos não tem mais esse incentivo**, porque agora lá não vai ser mais esse ambiente de amor, de paz, de apreender, então o adulto pode participar, mas ali poucos ele vai ver que ali é um local que ele não vai esta estudando, só que né, **a gente sabe quer badernar**. (grifos nosso).

Os entrevistados E3 e E2 apontam para a falta de interesse dos estudantes, o E3 (professor aposentado), evidencia que “falta interesse, eles não querem, não tinha interesse”, se referindo ao estudantes da EJA, já E2 (professor) em “acredito que interesse desse ainda tem pouco”, também afirma a o pouco interesse em comparação a outros tempos, e endossa que os adolescentes são os responsáveis pelo desinteresse dos adultos, para ele “esses adultos não tem mais esse incentivo” e em “a gente sabe quer badernar”, reafirmando que a falta de interesse se encontra nos mais jovens, considerando-os baderneiros e apontando para o conflito de gerações proporciona o abandono dos mais velhos. Enquanto:

E6: “eu acredito que primeiro é a oferta, é **ofertar a matrícula**, a oferta acho também que está sendo muito reduzida, e além disso, **é ter um**

olhar especial, não é diferenciado, poderia até ser, diferenciado, mas para não haver uma discriminação dentro da educação. Mas acho que tem que haver dentro da educação, uma política de educação especial para esses jovens e adultos, é muito complicado para poder reverter a mente dele em relação a educação, e hoje você prefere está num serviço braçal, do que ‘apertar a mente’ como eles dizem né, é acredito, que tem que ser uma educação especial para eles voltada com mais incentivo. Criar oportunidades.” (grifo nosso).

E8 – “Eu acho que **deveria ter um olhar diferenciado para a turma da EJA**. Eu vejo o seguinte, falta um olhar, porque na minha época quando eu entrei na EJA, foi experiência de turma, e havia uma rejeição, eu ouvia comentários dos professores, em relação a EJA, mas que hoje em relação, o avanço que já tem, porque na minha época, por ser uma experiência, e mesmo com a rejeição dos professores, eles faziam acontecer e hoje não, e eu percebo, não sei se percebem da forma que eu vejo, mas os alunos da **EJA são mais excluídos**.

Os eventos mesmos, quando tem evento, se tem uma proposta para ver o uma forma da participação dos alunos da EJA, leva a proposta da EJA leva da mesma forma que leva pra outras turmas, o que eles poderiam está fazendo enquanto estudantes e trabalhadores? então deveria **ter esse olhar diferenciado**.” (grifos nosso).

Os informantes E6 e E8 são incisivos para a necessidade de um olhar “especial” (E6, 2018) e “diferenciado” (E8, 2018) para a EJA, pois “são mais excluídos”, e apontam para um “incentivo que o jovem e o adulto não tem” e a “necessidade de políticas públicas” (E6, 2018). O entrevistado ainda afirma:

E6 - “o incentivo que as vezes o jovem e adulto não tem, que havia a **necessidade de políticas públicas** voltadas, porque a gente ouve resultados, voltado anteriormente, no tempo percebia que tinha resultado, eu acho que para acontecer, que isso aconteça novamente, que volte, não igual que não é possível acontecer, mas **que pelo menos que tenha um número maior e o incentivo pelo poder público é interessante**.” (grifos nosso).

O entrevistado E10 amplia a reflexão lembrando a história decadente da Educação no Brasil, e a falta de qualidade das universidades, apontando que o modelo de gestão do país possibilita a perpetuação da mediocridade, apontando para a necessidade de um novo modelo de gestão.

E 10: “Não é em Araci, é no Brasil todo. Vou passar pra você uma frase do historiador cearense chamado Carlos Abrantes de Abreu Pra ser um grande país só precisa de dois artigos, quais só eles? Artigo I- Todo brasileiro é obrigado a ter vergonha na cara. Artigo II- Revoga-se as disposições contrárias. Isso foi escrito por volta de 1890. Por que você só vê o Brasil decaindo. Agora para o povo da Universidade não ficar muito feliz, vamos ver como é a universidade no Brasil, a sua não é UNEB, não tem Federal? Pode pesquisar na internet, triste, mais triste

de tudo isso. O Brasil não tem uma Universidade entre as 200 melhores do mundo. Que tal? As 20 primeiras, são as americanas, suíças, francesas. O Brasil não tem uma universidade entre as 200 mais melhores do mundo. Se você perguntar o que está errado na educação do Brasil a resposta é tudo. Tudo e não vai resolver porque o **modelo de gestão que existe é impossível o país crescer, o modelo de gestão é pra perpetuar a ignorância e a mediocridade.**” (grifo nosso).

Portanto, é possível perceber nas falas dos colaboradores três pontos chaves, de um lado apresenta um olhar negativo para os estudantes, como em “eu acho que falta interesse, eles não querem, não tinha interesse né” (E3, 2018), “credito que interesse desse ainda tem pouco”, “quer badernar” (E2, 2018) culpabilizando-os, do outro apresenta para a gestão, apontando ser necessário “ofertar a matrícula”, “é ter um olhar especial” (E6, 2018), “deveria ter um olhar diferenciado” (E8, 2019) requerendo a empatia da gestão, para perceber os sujeitos como importantes, incluindo-os, destacados em: “modelo de gestão que existe é impossível o país crescer, o modelo de gestão é pra perpetuar a ignorância e a mediocridade” (E10, 2019), e num terceiro evidencia a “necessidade de políticas públicas” (E6, 2018), política que venham promover a sua melhoria.

Assim, percebemos numa tríade necessária: políticas públicas específicas, gestores empáticos à EJA e inclusão dos sujeitos com oferta de matrículas. Para além da matrícula, oferta, deve-se promover o desejo da permanência, para isso é importante criar estratégias que possibilitem desenvolver a noção de pertencimento, a exemplo da pedagogia de memória (ARROYO, 2017, p. 200), tendo em vista que a memória do passado ensina o presente, “lembrar o positivo para imitá-lo. Lembrar o negativo para não repeti-lo” (ARROYO, 2017, p. 200), não há busca identitária sem memória (CANDAU, 2014, p. 19) e para isso é preciso ter coragem para ousar e fazer diferente.

5 REFLEXÕES PARA UM RECOMEÇO

“Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que fazeres se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino, continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.” (FREIRE, 1996, p.32)

A evolução histórica e escrita da educação do município de Araci, seja nos documentos oficiais ou na literatura local, nos fez perceber uma realidade de recursos parcos, com professores na sua maioria leigos, retratando uma educação que chegava a passos lentos, medíocre, mas chegava! Ao dar voz aos sujeitos, através de suas narrativas, observamos uma realidade cruel, uma população que não viu a educação escolarizada chegar, assim como ainda é comum a tantas outras cidades do interior.

Nas reminiscências reveladas pelos sujeitos que participaram das entrevistas foi possível confirmar o que aponta os teóricos da EJA, o analfabetismo tem sim classe, cor e endereço. A exemplo da própria história da fundação de Araci, o fundador José Ferreira aparece como um herói, mas pouco se fala sobre seus escravos.

A nossa sociedade sempre esteve subserviente a vontade de uma elite dominante e exploradora, uma dominação cultural, que emanava a ideia básica de uma educação escolarizada apenas para os seus (elite), pois os demais não necessitavam aprender. Pensamento fundamental na dominação via controle do saber.

No percurso trilhado, percebemos que inicialmente Araci foi destaque em Educação na Região, recebendo excelentes professores de início de carreira a Exemplo do professor Ferreira da Cunha, que fundou o Correio de Notícias, primeiro Jornal da Região, e também o primeiro ginásio, sendo a primeira cidade a ofertar o curso, particular.

Os que puderam pagar pela instrução, tiveram a oportunidade de mesmo sem a Escola Pública garantir aos seus a leitura e a escrita; já àqueles menos providos, abnegados do direito da lectoescrita. Os excluídos da escola integram o alto índice de analfabetismo da população araciense, números que são maiores de que a média do Território de Identidade do Sisal, que também amarga esse legado com índices superiores à média do estado e do Brasil, característico dos municípios que o compõe.

Com a pouca oferta de instrução pública, a escolarização não foi sendo oferecida para as camadas mais populares. Os altos índices apontados pela Coordenação-Geral de Monitoramento Atuarial– CGMA³⁹ (2015) de vulnerabilidade (84,86 %) e extrema pobreza (31,46%) apontam para a necessidade primária de sobrevivência e a escolarização é algo que poderia esperar, e ainda espera. O descaso com a formação popular foi se arrastando durante mais de dois séculos, a falta de escolas, e sua precariedade refletem a perpetuação da invisibilidade remanescente desses sujeitos.

É evidente que percebemos uma melhora nos índices de escolarização e analfabetismo da população, propiciada pelos programas que aqui foram realizados para alfabetização, porém, o tempo foi passando e o que se esperar do tempo? A velhice e inevitavelmente a morte, e assim com a vida seguindo seu ciclo natural, novos cidadãos também com direitos negados. Contudo, ao contrário do que se imagina, a renovação populacional não ocasionou em redução significativa do analfabetismo; ora, se atualmente índices de abandono escolar precoce de pessoas de 18 a 25 anos é ainda maior que de analfabetos, algo também parece não está nos trilhos, aqueles que já foram estudantes por algum motivo, foram excluídos na escola, e dela evadiram.

Recentemente, uma tendência de juvenilização da EJA revela indícios de um fracasso na Educação Básica, característico da EJA contemporânea. E a pesquisa apontou que a memória coletiva aponta a EJA juvenil como principal fonte desse fracasso, e as gestões regionais veem na militarização da educação o meio de combate rebeldia juvenil. Com essa alternativa onde ficará a EJA, já que os colégios com regime militares não aceitam o ensino noturno, alternativa para a educação da população trabalhadora?

Infelizmente, vivenciamos na atualidade retrocessos de diversas políticas públicas educativas nacionais, políticas estas que deram origem a diversos projetos e programas para as minorias. Remanescente à história da educação de Araci até a contemporaneidade, uma acomodação governamental com os projetos e programas resultados das Políticas Públicas Federais, ações pontuais que proporcionaram poucas melhorias, e assim não se preocuparam em construir políticas específicas à realidade local, nem um Plano Municipal Específico para a EJA, contribuindo para a perpetuação das condições de “ignorância e mediocridade” (E10, 2019). Assim, constituiu-se na memória social a concepção de impossibilidade de melhoria significativa dos índices de analfabetismo e escolarização da população.

³⁹ Dados da Secretaria de Desenvolvimento Territorial do Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2015.

Pensar sobre o alcance dos objetivos que originaram este trabalho foi importante, principalmente que aos sete dias do mês de abril do corrente ano, houve a comemoração dos 60 anos de emancipação de Araci, e vejo que foi acertada a decisão de mudar o objeto, e trabalhar com a história e memória da educação do município, ao invés de pesquisa sobre a formação de professores da EJA⁴⁰.

Investigar sobre os dados históricos introdutórios sobre a Educação no município, possibilitou perceber diversas lacunas possíveis para aprofundamento da pesquisa, lacunas que não foram possíveis aprofundar nesta pesquisa pois os prazos para conclusão da dissertação deveriam ser respeitados. A cada objetivo alcançado, a cada entrevista realizada e a cada pressuposto confirmado, novos questionamentos surgiam. E agora me vejo envolta a tantas outras questões, que me fazem refletir a todo o momento:

- Quem são os sujeitos dessas instituições remanescentes que fazem a Educação de Jovens e Adultos em Araci?
- Quem são os guerreiros estudantes que enfrentam o dia de trabalho e ainda persistem numa luta de enfrentamento para concluir a escolarização, tardia por exclusão da escola, ou jovial por exclusão na escola?
- Por que muitos estudantes jovens não têm interesse? Será que lhes faltam sonhos e desejos de lograrem para uma condição de vida justa? O que os atrai, e como utilizar essas atrações para contribuir na aprendizagem?

Considerando todo o percurso da feitura deste trabalho, reflito como foi difícil ter que concluir o inacabado, e principalmente sobre a grande aprendizagem na superação do desafio de enveredar por um campo de conhecimento tão complexo: a História. Mas o pesquisar, me fez enfrentar os medos, ir além, superar o sentimento de impotência.

O propósito inicial foi atingido, contudo, essas novas questões que surgiram durante a pesquisa passaram a me inquietar. Reconhecer que os sujeitos não tiveram a oportunidade de acesso, e foram excluídos da escola, ou excluídos nela, e imaginar que a cada dia novos sujeitos são negados o direito de ingresso, pela falta de oferta e acesso ou direito à permanência pela falta de políticas que garantam não apenas a qualidade desta oferta, mas a continuidade dos estudantes na modalidade, mostra um elo entre o presente das coisas passadas, e o presente das coisas presentes.

⁴⁰ Tema não menos importante e que ficou evidenciado na pesquisa a necessidade de investimento na formação dos professores da EJA no município.

Logo, a partir da nudez foi possível dar visibilidade a esses sujeitos, proporcionando desvelar uma tríade de fragilidades apontadas nas entrevistas, e que merece destaque: o pseudo desinteresse dos estudantes, a necessidade de políticas públicas acertadas, além de um novo modelo de gestão. Assim, o reconhecimento da construção deste presente proporciona o direito de um novo saber social que proporciona esperança de possibilidades futuras.

Frente a essas fragilidades, após a realização desta investigação, novos pressupostos acompanharam os pensamentos durante a escrita: o protagonismo dos movimentos sociais, e possibilidade das propostas da educação do Educação do Campo podem contribuir na construção de uma metodologia participativa de ensino na EJA. Contudo, esse será uma nova história a indagar, investigar, constatar e anunciar. Nesse caminhar individual e solitária da constituição de pesquisadora, apesar das orientações tão estimadas, ganhei mais do que conhecimento teórico conceitual, ganhei novas questões, novos desejos e curiosidades, que me acompanharão como professora-pesquisadora que sou.

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Francisca Elenir; GADOTTI, Moacir (org); TOPA: **Todos Pela Educação**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2014.

ARACI. **Notas de Registro Cível**, 1892.

ARACI. **Plano Municipal de Educação**, 2015.

ARACI. **Relatório de todas as atividades PROCARTA Araci**. 1973.

ARACI. **Relatório síntese das atividades PROCARTA Araci**, 1973.

ARACI. Secretaria de Educação e Cultura. **Diário de casse da Educação de Jovens e adultos**, 2018.

ARANHA, Maria Lucia de Arruda. **História da Educação e da Pedagogia: geral e Brasil**. São Paulo: Moderna, 2006.

ARROYO, Miguel Gonzales. Educação de jovens-adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. *In*: SOARES, José Leôncio Gomes; GIOVANETTI, Maria Amélia; GOMES, Nilma Lino. **Diálogos na educação de jovens e adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p.19-50.

ARROYO, Miguel Gonzales. **Passageiros da noite**: do trabalho para a EJA: itinerários pelo direito a uma vida justa. Petrópolis: Vozes, 2017.

ATAIDE, Yara Dulce B. **A Casa da Torre - Os construtores do sertão**. Jornal A TARDE - Suplemento Cultural, Salvador - Bahia, p. 6 - 7, 05 ago. 1995. Disponível em: <<http://www.casadatorre.org.br/constrsertao.htm>> Acesso em: 22 de jun.. de 2018.

BAHIA. Lei nº 557 de 25 de maio de 1953. Disponível em: <<http://leisestaduais.com.br/ba/lei-ordinaria-n-557-1953-bahia-autoriza-a-admissao-de-professores-primarios-leigos-para-preenchimento-de-cadeiras-vagas-no-interior-do-estado>> Acesso em: 22 de out. de 2018.

BAHIA. **Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia**. Perfil dos territórios de identidade da Bahia. V. 2. Salvador: SEI, 2016.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BOURDÉ, Guy; MARTIN, Hervé. **As Escolas Históricas**. Lisboa: Publicações Europa/América, 1983.

BRASIL. Constituição (1924). **Constituição política do império do Brazil**. Rio de Janeiro, 1824. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao24.htm> Acesso em: 12 de fev. de 2019.

BRASIL: decreto-lei nº 8.529, de 2 de janeiro de 1946. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-8529-2-janeiro-1946-458442-publicacaooriginal-1-pe.html> -. Acesso em: 26 abr. 2019.

BRASIL. Perfil territorial do Sisal. 2015. Disponível em http://sit.mda.gov.br/download/caderno/caderno_territorial_043_Do%20Sisal%20-%20BA.pdf. Acesso em: 26 abr. 2019.

BURKE, Piter (org.). A escrita da História: novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992. Cadernos Cedes, ano XXI, n.55.nov. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v21n55/5541>. Acesso em: 26 abr. 2019.

CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.

CANO, W. **Reflexões sobre o Brasil e a nova (des) ordem internacional**. 2.ed. Campinas: Ed. da UNICAMP; São Paulo: FAPESP, 1993. 184p.

CELESTINO, Mônica. **Réus, analfabetos, trabalhadores e um Major** – a inserção política e social do parlamentar Cosme de Farias em Salvador (1875-1972). Programa de Pós-graduação em História Social/Universidade Federal da Bahia: Salvador, 2005. Dissertação.

CERTEAU, Michel. **A escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHAUI, M. A memória. **Convite à filosofia**. 9. ed. São Paulo: Ática, 1997.

CORREIA, Silvia Leticia Costa Pereira. **Entre Ruas e Ladeiras, Engomadeira Sou Eu! Representações socioespaciais de Professores Sobre o Bairro**. Trabalho de Conclusão de Curso. Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação da Universidade do Estado da Bahia. Salvador, 2016.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico**. Nova Fronteira da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado. **Mencionar editora**: Rio de Janeiro, 1988.

DELEUZE, G. e GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol.3. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.

DI PIERRO, Maria Clara e GRACIANO, Mariângela. **Educação de jovens e adultos no Brasil: informe apresentado à Oficina Regional da UNESCO para América Latina y Caribe**. São Paulo, Brasil: Ação Educativa – Assessoria, Pesquisa e Informação, junho de 2003.

DI PIERRO, Maria Clara e HADDAD, Sérgio. Escolarização de jovens e adultos In: **Revista Brasileira de Educação**, 2000, p. 108-129.

DI PIERRO, Maria Clara. **Seis anos de educação de jovens e adultos no Brasil: os compromissos e a realidade**. São Paulo: Ação Educativa, 2003.

DOWBOR, Ladislau (Org.) – **Cultura Digital no Brasil** – UNESCO, Paris; Editora Brasileira, São Paulo, 2016.

FARRARO, Alceu Ravello. **História inacabada do Analfabetismo no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2009.

FÁVERO, Osmar. “MEB- Movimento de Educação de Base. Primeiros tempos: 1961-1966.” *In: V Encontro Luso-Brasileiro de História da Educação, Évora, Portugal, 2004.*

FÁVERO, Osmar. Uma pedagogia da participação popular: análise da prática educativa do MEB- Movimento de Educação de Base (1961-1966). Campinas- SP: Autores Associados, 2006.

FARIA, Edite Maria da Silva de. **Trajatória escolar e de vida de egressos do Programa AJABahia**: herdeiros de um legado de privações e resistências – Laginha – Conceição do Coité – Bahia. – 2008. 142 f. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Educação, Universidade do Estado da Bahia, 2008.

FELIX, Fabiola Angarten. **Movimento operário e educação na primeira república**: a prática libertária. XXVI Simpósio Nacional de História, 2011. Disponível em <http://uniesp.edu.br/sites/biblioteca/revistas/20170627111115.pdf>. Acesso em: 22 mar. de 2019.

FONSECA, Maria Conceição F.R. **Educação matemática de jovens e adultos**. 2. ed. Belo Horizonte: Autentico, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: a história da violência nas prisões. Petrópolis: Vozes, 2009.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 33. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002. 184 p. -

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

FREIRE, Paulo; Guimarães. **Aprendendo com a própria história**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GADOTTI, Moacir. **A escola e o professor**: Paulo Freire e a paixão de ensinar. São Paulo: Publisher Brasil, 2007. Disponível em: <http://acervo.paulofreire.org/xmlui/handle/7891/2773#page/3/mode/1up>. 1988. Acesso em: 22 mar. de 2019.

- GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da terra**. São Paulo: Fundação Peirópolis, 2000.
- GARCIA, Ricardo Silva. **Portal REDEPUB**: história das escolas da rede pública do Estado da Bahia. Trabalho de Conclusão de Curso. Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação da Universidade do Estado da Bahia. Salvador, 2013.
- GHIRALDELLI Jr., Paulo. **Movimento operário e educação popular na primeira república. Cadernos de Pesquisa**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1986, p.30-38. Disponível em:<http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/1335/1335>. Acesso em: 22 mar. 2019.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- HETKOWSKI, Tania Maria; MÜLLER, Daniel Neheme; AXT, Margaret. **Cultura Digital e Espaço escolar**: diálogos sobre jogos, imaginário e crianças. Salvador: EDUNEB, 2014.
- IBGE. **Censo demográfico 2010**: educação - amostra. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>> Acesso em: 25 out. 2016.
- LIMA, Maura Motta Carvalho. **História de Araci**: Período de 1812 a 1956.[s.l.: n. n.], 1985.
- MARQUES, Mario Osorio. **Educação/Interlocução, Aprendizagem/Reconstrução de Saberes**. Ijuí: Editora UNIJUI, 1996.
- MATA, Alfredo. **Licenciatura em História**: História da Bahia, Salvador: Edufba, 2014
- NUNES, Eduardo. MAGALHÃES, Sandra Regina; SANTOS, Lilian Almeida dos (Orgs.). **Educação Gestão e Desenvolvimento Local**: diálogos, práticas e emergências na EJA. Curitiba: CRV, 2017.
- NUNES, Eduardo. *et al.* **Relatório 01 do Observatório de Educação de Jovens e Adultos do Território de Identidade de Sisal (OBEJA)**. Salvador: UNEB, 2014.
- NUNES, Eduardo; MUTIM, Avelar Luiz Bastos; SANTOS, Marcos Cesar Guimarães. Relevância Social da EJA e as Redes Sociais: construção de novos cenários no Território de Identidade do Sisal na Bahia com perspectivas concretas de elaboração coletiva de conhecimento e aprendizagens relativas à melhoria na vida de jovens e adultos. *In*: NUNES, Eduardo. BARRETO, Raidalva Nery; SANTOS, Marcos Cesar Guimarães. **A Gestão Social da EJA e suas interfaces com os Movimentos Sociais e a Educação Popular no Território de Identidade do Sisal – Bahia**. Curitiba: CRV, 2015.
- PEREIRA, José Nilton Carvalho. Apresentação. *In*: MOTA, José de Oliveira. Araci, 200 anos: desde 1812: **Árvore genealógica do fundador de Araci** – O capitão José Ferreira de Carvalho. Araci, 2011.

PEREIRA, T. R. D. S. e SILVA, T.R.D. ; CARVALHO, T. ; GARCIA, R. S. Registro e Memória No Portal da REDEPUB: História das Escolas da Redes Pública da Bahia. In: **VII Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade**, 2013, São Cristóvão - Sergipe. VII Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade - Anais, 2013.

PEREZ, Marco Augusto de Castro. **Analfabetismo entre idosos no semiárido nordestino**. Salvador: Eduneb, 2013.

PICANÇO, Iraci Silva. **Alguns elementos para a discussão sobre o professor leigo no ensino Brasileiro**. In: Revista em aberto, INEP : Brasília, ano V, n 32, out/dez, 1986.

PRETTO, Nelson de Luca. **Uma escola Sem/Com Futuro: educação e multimídia**. 7. ed. Campinas: Papirus, 2009.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora Unicamp, 2007.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da Educação no Brasil**. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

SANTOS, Gildenor Carneiro. **Religião, sociedade e Educação: a atuação do padre Demócrito Mendes de Barros em Serrinha (Ba) 1950 – 1992**. Tese (Doutorado) Universidade de São Paulo. Programa de Pós-graduação em Educação, São Paulo, 2006.

SANTOS, Katiúscia da Silva; NUNES, Eduardo José Fernandes; SANTOS, Paulo José Pereira. A Universidade mobilizando ações e práticas pedagógicas: as múltiplas faces da história de Educação de Araci-Ba. IN: PEREIRA, Inaiá; ARAUJO, Katia Soane Santos; SANTOS, Tarsis de Carvalho. **Entre lugares: ensaios sobre geotecnologias, educação e contemporaneidade**. Curitiba: CRV, 2017.

SANTOS, Katiúscia da Silva; COSTA, Davi Silva da; SANTOS, Paulo José Pereira. O Cotidiano Revelado em imagens: uso de dispositivos móveis na valorização da identidade de estudantes da EJA. In: LIMA, Joara Porto de Avelar; SANTOS, Tarsis de Carvalho; SILVA, Daniele Lima. (Orgs.). **Entre saberes e práticas: Educação, atos e processos formativos**. Curitiba: CRV, 2017.

SANTOS, Tarsis de Carvalho. **Sobre a égide da memória: as tecnologias da informação e comunicação na preservação da história das escolas da Rede Pública de Ensino Salvador**. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado da Bahia. Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEduC), Salvador, 2015.

SHIGUNOV NETO, A.; MACIEL, L. S. B. **O ensino jesuítico no período colonial brasileiro**: algumas discussões. Curitiba: Editora UFPR, n. 31, p. 169-189, 2008.

SILVA, Ana Nery Carvalho. **Memórias de Araci**. Salvador: [s. n.], 2015.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu. **Software Livre: a luta pela liberdade do conhecimento**. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2004.

STIGAR, Robson; SCHUCK Neivor. **Refletindo sobre a História da Educação no Brasil.** 2009. Disponível em: <http://www.opet.com.br/site/pdf/artigos/EDUCACAOREfletindo-sobre-a-historia-da-educacao-no-Brasil.pdf>. Acessado em: 20 mar. 2017.

TOMPSON, Paul. A voz do Passado: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1998.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Revista Temáticas**, Campinas, 22, (44), p.203-220, ago/dez. 2014.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso: planejamento e métodos.** Porto Alegre: Bookman, 2015.

APÊNDICES

APÊNDICE A – TERMO LIVRE DE CONSENTIMENTO ESCLARECIDO PARA PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO - DEDC - CAMPUS I
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E
CONTEMPORANEIDADE – PPGEduC



TERMO LIVRE DE CONSENTIMENTO ESCLARECIDO PARA PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA

Prezado (a) senhor (a),

Na condição de pesquisador (a) do Grupo de Pesquisa Teoria Social e Projeto Político Pedagógico – TSPPP e do O Observatório de Educação de Jovens e Adultos do Território de Identidade do Sisal - OBEJA- Sisal, vinculados a UNEB, eu, Katiuscia da Silva Santos, encontro-me, no momento, realizando a pesquisa de Mestrado denominada **"Memória da Educação de Araci: Análise Histórica para a Valorização da EJA"**, cujo foco central da investigação é conhecer a memória e a história da Educação de Jovens e Adultos do Município de Araci-BA; salvaguardar a sua história e memória da educação de 1812 a 2018;e, relacionar a história e a memória da EJA para sua constituição atual.

Para tanto, necessito de sua colaboração, enquanto _____ (Ex-estudante, ex-professor, ex-gestor) do Município de Araci, no sentido do fornecimento de informações relativas a História da Educação no Município. As entrevistas serão “gravadas”, posteriormente “transcritas”, e/ou os questionários serão “respondidos”, posteriormente “tabulados” e após o seu uso para a pesquisa, seu destino final será o de compor a Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade - PPGEduC, sediado na DEDC-I na UNEB em Salvador - BA.

Asseguro que a sua participação é totalmente **voluntária**, garantindo-lhe a total liberdade de participar ou não desta pesquisa. Informo, ainda, que o seu depoimento permanecerá totalmente confidencial, **caso não queira se identificar**, esclarecendo que neste caso o uso das informações fornecidas se dará de forma completamente anônima.

Para sua tranquilidade e resguardo de direitos deixo à sua disposição o meu endereço e da Secretaria Acadêmica do PPGEDUC, sediada na Universidade do Estado da Bahia- UNEB, que pode ser contatado em caso de problemas ou para maiores esclarecimentos referente a essa pesquisa.

(original assinado pelo pesquisador)

Pesquisadora Katiuscia da Silva Santos

Fone (75) – 98106 9767 ou (75) 99963 9264

E-mail: katymssantos@gmail.com

Orientador da Pesquisa - Professor Dr. Eduardo José Fernandes Nunes

Universidade do Estado da Bahia - UNEB

Prédio de Pós-Graduação - 1º Andar - Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade – PPGEDUC.

Avenida Silveira Martins, 2555.

Cabula, Salvador, Bahia, Brasil - CEP.: 41.195-001

E-mail: eduardojosf2@gmail.com ou obejauneb@gmail.com

Telefone da Coordenação do PPGEDUC: (71) – 31172404

Eu, _____ (nome do entrevistado), li e entendi as informações fornecidas pelo pesquisador e sinto-me esclarecido para participar da pesquisa

(Original assinado pelo entrevistado)

APÊNDICE B – CARTA DE ANUÊNCIA



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO - DEDC - CAMPUS I
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E
CONTEMPORANEIDADE – PPGEduc



Carta de Anuência

Declaramos para os devidos fins, que aceitaremos (o) a pesquisador (a) **Katiuscia da Silva Santos**, a desenvolver o seu projeto de pesquisa **MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM ARACI: ENTRELINHAS HISTÓRICAS DE SUJEITOS (IN)VISÍVEIS**, que está sob a orientação do(a) Prof. Dr. **Eduardo José Fernandes Nunes** objetivo é conhecer a memória e a história da Educação de Jovens e Adultos do Município de Araci-BA; salvaguardar a sua história e memória da educação de 1812 a 2018;e, relacionar a história e a memória da EJA para sua constituição atual.

A aceitação está condicionada ao cumprimento do (a) pesquisador (a) aos requisitos da Resolução 196/96 e suas complementares, comprometendo-se a utilizar os dados e materiais coletados, exclusivamente para os fins da pesquisa.

Araci, em ____ de _____ de 2018.

Secretária Municipal de Educação e Cultura de Araci-Ba

APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA EX-ESTUDANTE

1. Como era sua vida quando criança?
2. O(a) senhor(a) teve oportunidade de estudar, e seus familiares?
3. Como era o estudo na sua época e de seus familiares?
4. O senhor conclui os estudos? Se parou, porque o senhor decidiu parar?
5. Quais as dificuldades de estudar na época?
6. Já evadiu da escola? E quanto tempo ficou sem estudar?
7. Que turno estudava?
8. Participou de algum projeto para alfabetização de Educação de Jovens e Adultos?
9. Como via a educação na época? É muito diferente de hoje?
10. Quais as dificuldades de estudar na época?
11. Como o senhor avalia o estudo na sua época e atualmente é pior ou melhor?
12. O que acredita que pode melhorar na EJA para os estudantes hoje?

APÊNDICE D – ROTEIRO DE ENTREVISTA EX-PROFESSOR

1. Como era sua vida quando criança?
2. O senhor teve a oportunidade de estudar, e seus familiares, como era o estudo na época?
3. O senhor conclui os estudos? Se parou, porque o senhor decidiu parar?
4. E quanto tempo ficou sem estudar?
5. Que turno estudava?
6. Participou de algum projeto para Educação de Jovens e Adultos?
7. Como via a educação na época? É muito diferente de hoje?
8. E as oportunidades de acesso á educação?
9. Quais as dificuldades de estudar na época?
10. Como o senhor avalia o estudo na sua época e atualmente é pior ou melhor?
11. Como você as escolas hoje?
12. Atualmente temos apenas 2 escolas na sede e o 1 no campo que ofertam a EJA, (O CEMOB, Dom Jackson e João Pereira de Pinho) o que acha dessa diminuição de oferta?
13. Como vê o EJA para Araci hoje?
14. O que acredita que pode melhorar na EJA para os estudantes hoje?

APÊNDICE E - TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA E1

Professora aposentada e ex-estudante do município, foi professora e diretora na comunidade de Tapuio.

Entrevistador: Percebi nos documentos da Escola João Pereira de pinho que a senhora foi uma das primeiras professoras lá em Tapuio né? Como foi esse processo de implantar a escola lá, a João Pereira? Conte-me um pouco desse tempo e desse processo.

E1: Eu morava aqui, como eu me formei no ano de 1980, aí antes, assim nessa época antes de se formar agente já tinha o primeiro emprego, e aí quando foi em 1982, aí foi implantado o ginásio lá em Tapuio né, e como aí como agente estava recém formada eu e a minha turma, todo mundo solteiro ai fomos pra lá. Foi implantado o ginásio lá, e primeiro foi só a noite porque as turmas era poucas, e nesse período, no ginásio era no João Pereira de Pinho eu era secretária e era professora de português, tinha minha colega minha colega Miralva , e eu assim não as matéria dela, assim nessa época é tão que assim, só tinha diretor e secretário, não tinha vice-diretor , porque era ainda iniciando. Pra mim foi uma experiência boa, bastante. Me aperfeiçoei demais, entendeu, também assim, porque teve a contribuição que os alunos queriam, então queriam mesmo, aqueles alunos tudo maduro, que a gente via que eles queriam, né. Depois de um tempo eu casei, e ai vim pra aqui.

Entrevistador: e a senhora dormia lá?

E1: Assim, a gente ia na segunda-feira e só retornava na sexta à noite, morávamos numa república, onde também nessa época tínhamos tudo, o prefeito era Carlos Raimundo Mota, tinha republica, tinha alguém que fazia, preparava nossas refeições, entendeu, e fazia a parte de apoio pra gente dentro de casa, e assim agente. E aí agente dedicava também só aquilo ali, só a nossa profissão.

Entrevistador: e os alunos? Como era a noite era a maioria adultos? Eles trabalhavam?

E1: a maioria adultos, trabalhavam e a noite estavam todos preparados para assistir aula. Todos com vontade, coisa que hoje não gosto nem de lembrar.

Entrevistador: e a senhora hoje, como está a sua situação no trabalho?

E1: Minha situação de trabalho hoje, eu estou aposentada, tenho 36 anos que leciono.

Entrevistador: E senhora quando estudava, conseguiu estudar tudo aqui em Araci?

E1: Tudo aqui em Araci, eu falo direto, eu agradeço muito, viu, professores com vontade, alunos com vontade, tudo bem que as vezes que tinha um outro, mas era uma assim, quando chegava na aula, todo mundo respeitava os professores, todo mundo assistia suas aulas, todo mundo respeitava. Todo mundo fazia suas atividades, eu sempre estudei pela manhã, chegava meio dia. Na época, quem quisesse merenda tinha que levar de casa, se quisesse lápis tinha que levar de casa, tudo tinha que levar de casa.

Entrevistador: e quando ensinava em Tapuio, na época que ensinava, tinha muito material, era difícil, os alunos tinham livro, como é que funcionava?

E1: Sim, os alunos tinham livro, e usava muito o quadro negro, quadro e giz, e usávamos muito mesmo, muito, muito mesmo, mais o quadro e eles o caderno do que o livro.

Entrevistador: a senhora ficou quantos anos trabalhando em Tapuio?

E1: Assim mais ou menos 2 anos e meio, foi assim 82, 83 e 84. Foi quando tive meu filho, ainda fui grávida aí consegui transferi para aqui.

Entrevistador: e a senhora estudou onde? Aqui em Araci?:

E1: Assim, não lembro, mas estudei assim bastante na escola Dom Jackson, depois na Ana Oliveira e depois CEMOB.

Entrevistador: quando veio pra cá a senhora ensinava a noite? E sentiu diferença?

E1: muito, porque, eu lembro como hoje, e tendo um aluno adultos, que me disse assim, se a senhora me disser que eu tenho que ficar de castigo eu vou ficar sim.

Entrevistador: A senhora tem alguma coisa, que queria falar daquela época, que lhe traz emoção?

E1: assim, algumas coisas realmente, gostei bastante gostei muito mesmo, porque a gente é reconhecida pelo trabalho que fazia, então...tanto pelos pais quando pelos alunos. Fui também professora de Educação física, que as tardes estava com, os alunos, as manha também. E eles iam, joguei muita boa , junto com eles, entendeu, no futebol de campo, até de goleira eu já fiquei.

Entrevistador: e como eles trabalhavam como ficava esse dia que tinha educação física? eles faltavam o trabalho?

E1: não, porque nessa época, agente dava sempre um jeito para que o aluno, não perdesse e não perdesse também seu trabalho, e dava pra conciliar. Já era acostumavam a acordar cedinho e fazia cedinho também.

E1, 10 de outubro de 2018

APÊNDICE F- TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA E2

Professor, com 30 anos de docência no município de Araci e ex-estudante do mesmo, foi professor e do Alfabetização Solidária.

Entrevistador: formos falar um pouco sobre sua formação, conte-me como era sua vida quando criança, e como você se formou para ser professor? Quais dificuldades você passou?

E2: “Estudei aqui até o oitavo, naquela época era série, depois fui estudar em serrinha. Fiquei ainda uns 3 anos sem estudar, porque naquela época não tinha condições ai, porque não tinha como continuar aqui, ai fui para serrinha, fiquei na casa de minha tia continuar o ensino médio.

Por conta né acabei, até fiquei, como eu falei até atrasei alguns anos, por não ter né escolaridade aqui para continuar. Até assim eu vinha de férias, e vinha trabalhar a noite, porque o fundamental era a noite, trabalhava no motor na roça, e estudava a noite, sempre estudava a noite, da 5ª a 8ª série. Em Serrinha, tentava um trabalho e não conseguia, vinha nas férias e continuava a trabalhar, também no mesmo trabalho de naquela época, achando também, que quando se formava, já achava trabalho. Agente já começava a trabalhar de contrato, porque os professores não eram suficientes. Ficava na casa de minha tia e ajudava assim em alguma coisa. Minha mão não queria porque já ajudava né, muito em casa e na roça. Não, não vai não? Eu fiz o maior esforço, não, eu vou! Ficava um mês ou dois para vim para casa e a dificuldade de transporte né, para vim pra casa. E eu fiz o maior esforço porque a minha mãe não tinha como me ajudar.

Entrevistador: o senhor parou o estudo?

E2: “quando eu concluir a quarta série, assim que eu concluir, eu lembro, que minhas colegas e outras primas assim que concluíram foram pra Serrinha,

Entrevistador: E Araci não tinha?

E2: “Araci tinha, mas assim porque é onde temos um parente mais próximo, a Marta mesmo eu lembre que assim que concluiu, viajou para estudar e eu assim que eu concluir a quarta eu esperei uns quatro anos, porque eu esperei o Ginásio vir pra cá. Eu e alguns colegas meus aqui. E assim tanto é que quando agente estudou a quinta série, já era povo já com 18 anos, 16, mais velho, que ficava anos sem estudar. Ai foi quando o Prefeito que eu te falei Caros Mota, eu lembro que ele trouxe as professoras que te falei, Zelita, Mirallva e Zélia. Quando abriu o ginásio aqui. E eu lembro assim, que funcionava ali onde é Prisco Viana hoje, o primeiro ano, eu lembro que era adolescente, de uns 15 a 17 aos. Uma turma e assim em 82, 3, 84, 85 e em 86 eu fui para Serrinha e concluir em 89. E assim em 89 eu já comecei a trabalhar.

Entrevistador: E sua família teve oportunidade de se estudar?

E2: “Não, inclusive, engraçado da família assim, eu sou o caçula e foi o mais consegui me formar e outro próximo meu companheiro estudou até o 5ano e os outros são quase analfabetos. E da família da minha mãe, assim era ainda pior, porque eles tinham que andar muito distante, e ela falava assim que iam para a casa de meu avô. Ela vinha assim distante e o meu avô pagava. E da família assim ela foi a que mais estudou, assim ela lia cartas, escrevia, as irmãs delas não sabia ler nem escrever, quase nenhuma, de seis ou 7 irmãs e ela.

Entrevistador: conte um pouquinho da sua mãe, ela vinha caminhando o professor vinha de onde?

E2: “ela andava 5 quilômetros, 3quatro a 5 quilômetros, ela e mais a família dela, e mais da família pinho, porque ela já não é da família Pinho. Que vinham assim também andando, e outros que moravam aqui já, e outras que vinham andando de distante, e até nem lembro bem o professor, não me lembro bem nome dele.

Isso a mais ou menos no ano de 48 a 50, foi na época que tinha poucos moradores, foi na época que iniciou o São Pedro, tinha pau de sebo. Nessa época de 50, que deveria ter uns 20 e 22 anos.

Entrevistador: E como o senhor via a educação na época com a educação hoje?

E2: “Assim na época que eu estudei e trabalhei, assim era melhor, se dedicava mais né, tanto o professor quanto o aluno, preparava sua aula, vou falar enquanto fui aluno, assim tinha aquele interesse enquanto aluno, né tinha mais interesse os professores também, preparava a aula com aquela maior dedicação amor, tanto até na faculdade, que me formei e fui da época de marta em 2012 e 2013, íamos 1 vez por semana. Lembro assim na minha época de primário, o primário agente se dedicava mais, o professor era tipo uma mãe, um pai, e a gente tinha essa visão né, a eu lembro em Serrinha, ai de trinta, nessa época , já iniciou nessa época né maioria de 154 ou 20 aluno tinha o interesse por completo, já no ensino médio, o desinteresse, tinha 3 ou 3, o desinteresse né. E já na faculdade, eu ia, lembro que minha doente né, eu ia e queria prestar atenção, né na tutora, né. E assim já tinha 3 ou 4 ou meia dúzia, assim de vinte a metade já sentava e formava um grupinho de dois, três, e ia conversar sobre a semana, e eu até eu reclamava, e dizia gente agente veio para assistir a aula, né de longe, deixa uma obrigação ou algo , né, afazeres em casa em casa e vinha pra cá, vamos prestar atenção. Agente ve que antes era bem melhor né, a gente tinha interesse, né de preparar a aula, tinha aquele respeito de senhor, como um pai né, era aquela consideração, e agora a gente vai com vontade e quando está na sala de aula, a gente perde o estímulo, aquela força de vontade para passar aquilo que você quer passar para os alunos, assim né totalmente diferente do que você quer passar o aprendizado desses alunos, e agora não está fácil né, e hoje é totalmente diferente de antigamente.

Entrevistador: E o senhor já participou de algum projeto ou programa trabalhasse com Jovens e com adultos? Qual?

E2: “Eu já trabalhei, do AJAbahia, e na Alfabetização Solidária, que foi para o Rio Grande do Sul, eu fui em 1998, foi eu a Zelinha, a Damiana, que foi na primeira turma, ela era diretora e foi na primeira turma, na primeira foi mais a direção, eu fui na terceira ou quarta turma.

Entrevistador: E como foi trabalhar nessas turmas com jovens e adultos?

E2: “bom, foi muito proveitoso, porque eles tinham vontade, era mais idosos, com 40, além de adolescentes tinha mais adultos, a faixa etária de idade de adolescente a 50, 60 e até 70 anos. E era muito bom que tinha as visitas dos professores do Rio Grande do Sul, e aqui do AJAbahia também tinha. E a gente ficava naquela ansiedade ir pra sala, ela assim dois dias era sim mais ou menos 8h por semana e 180 por ano, assim, essa carga horária, e quando chegava no final dava aquela saudade aquele gosto.

Entrevistador: E o senhor já trabalhou com EJA de agora?

E2: “Não, não! Quando eu me formei, eu trabalhei muito no ginásio, logo quando iniciei, eu trabalhei já tem uns quinze anos que eu já tenho 30 de prefeitura, e eu trabalhei mais de 20 no ginásio, com matemática sempre, ai em mais ou menos em 2004 a 2006, quando iniciou a faculdade em Araci, ai disse só vai ficar no ginásio quem tem graduação, ai ficou uns três ou quatro que tinha outros não tinha, , ai eu acho que mais ou menos 2008 ou 2010 eu fiquei só com o primário. Eu iniciei em 2009 e concluímos em 2013.

Entrevistador: você acha que as condições de estudar e ensinar eram piores ou melhores que hoje?

E2: “primeiro estudar né?! As dificuldades eu acho que antes era pior, dificuldade deslocamento, que veio tanto projetos, que ai fica melhor e mais fácil do aluno chegar ate a escola, né , mais é que não tem a prioridade né, interesse né, que não tem né. Antes a dificuldade era mais, os alunos aprendiam e os pais maior interesse. E pra ensinar eu acho que a mesma coisa. Eu acho que a dificuldade é que vai prepara uma aula bem preparada, faz com boa vontade, que o aluno aprenda, e quando você chega na sala é totalmente diferente muito difícil.

Entrevistador: Em 2012 em Araci tínhamos 36 escolas e agora apenas 3, o que acha que se deve a essa diminuição?

E2: “Diminuição de turma? eu acho que falta interesse, eles não querem, não tinha interesse né, que antigamente tinha a dificuldade de se deslocar, para se chegar ne uma escola, para chegar um professor, os pais faziam um maior esforço, e não um local próximo e os alunos tinham interesse escola, ia aprendia, e a gente antigamente a minha irmã e outro pessoas que conheço, que fez só até o ensino médio de agora, a experiência do que tem em matemática e no conhecimento, é bem totalmente diferente do da agora, agora tem aluno do ensino médio que não sabe igual de quem estudou a até quarta série, a terceira série, tinha esse esforço tanto do pai quanto do aluno, e agora não né, não tem, eu tava falando isso na igreja no evangélico, eu estava participando da celebração e é os valores que vai se perdendo, os pais já começam a educar o filho totalmente diferente, não começa a educar de pequeno, de dois ou três anos, saber educar para que ele seja um cidadão ele tenha, aquele desejo aquela vontade de mudar, conseguir algo melhor, faz uma educação totalmente diferente de antigamente, começa na família por isso que acho que a educação esta assim, por que o que a gente vê na maioria é da família no educar, é a criança que faz a vontade da criança, ai sai da família e vai para sociedade, vai pra escola, não respeita ninguém, não vê um objetivo, aquela vontade, de objetivo e de mudança, agente vê os valores familiares, agente vê as famílias, e o aluno vai porque tem a bolsa família, o pai tá ali mandando todos os dias, se não ainda seria uma evasão muito pior, porque ainda tem muita família que se dedica a mandar e a orientar os filhos, mas eu acredito que vem isso da família.

Entrevistador: Hoje em dia temos mais jovens do que adultos e idoso, porque se o senhor acredita que tem mais jovens?

E2: é verdade, mas a gente percebe também, que com esses projetos de alfabetizar já alfabetizar muito adultos se alfabetizaram.

Entrevistador: mais alfabetizar e o interesse de continuar?

E2:é, eu acredito que interesse desse ainda tem pouco amas ainda tem, mas acredito que vai da escola, de você querer formar um ambiente, a ai tem muito adolescente que participa com esses adulto, e ai esses ambiente não é mais como o de

antigamente, ainda tem, antigamente ainda tinha adolescente iam e aprendiam, o comportamento era outro, agora se for agora, esses adultos não tem mais esse incentivo, porque agora lá não vai ser mais esse ambiente de amor, de paz, de apreender, então o adulto pode participar, mas ali poucos ele vai ver que ali é um local que ele não vai está estudando, só que né, a gente sabe que baderna.

Entrevistador: o que então que o senhor sugeriria que seria melhor para a EJA ficar melhor, para ter a educação de Jovens e Adultos hoje, para esses alunos voltar, que estão fora da escola?

E2: eu acredito né que por faixa etária, eu acredito que por turma, né, por que ainda tem muito adulto que tem vontade, porque a escola é né é um aprendizado, é local de se distrair, de aprendizado, de amizade, de um local de aquele adulto vai sair de casa daquela vida parada, e eu acredito que, tem adulto que queira, por que você que tem adultos, né que mesmo fora da escola, que tem ambiente que quase ele não quer frequentar, eu lembro que a uns 3 anos, porque a gente sambe que a tradição vai terminando, vai acabando né, e isso não só as escola né, assim do São João do São Pedro, doas reisados, né que seria agora dia primeiro e os nossos tios parentes e cantaram nesses reis e já faleceram, a vinte trinta anos, eles, de primeiro até seis, e eu tem uns três anos, eu juntei uma turma aqui, os meninos do pandeiro, eu que cantava o reisado, no momento né, a gente fez uns dois ou três anos, eu só estou lembrando porque assim, quando foi no primeiro ano, no segundo ano, foi tudo bem, era tão bom, o Val do seu Carlito participava, e quando foi no terceiro e quarto ano, faz uns três anos isso, as famílias, já não estavam aceitando, porque estava indo uns adolescente, num lugar particular da casa, ai alguém percebia, que poderia alguém ir lá no quarto ou na cozinha, invadia para poder alguma coisa, e ai depois surgiu o comentário que já tinha gente reclamando. E assim ainda tem muito gente falando porque parou, a maioria aceitam, mas já tem família que já tem aquele receio. E ai já tem uns fala, há tem uns jovens que vem para bagunça, num momento de cantiga distraiu e sabe né quem sabe né. E até adulto que diminui a participação alguma coisa fora, que o adolescente tá buscando alguma coisa fora, e o adulto não se sente bem, né como falou da escola né, ainda eu acredito que participa mas revendo de uma forma melhor, né de trazer eles num momento fora dos adolescentes. Só Deus mesmo né, e a gente vê que a cada ano que passa, e é em tudo é.

E2, 02 de fevereiro de 2019

APÊNDICE G - TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA E3

Ex-estudante do Município; professora aposentada do Estado, lecionava nos cursos de Magistério e coordenava os estágios no curso de Magistério e os programas de AJABahia. Foi estudante do município.

Entrevistador: Quando você estudou?

E3: Eu iniciei em 72, e formei em 79,

Estudei o Fundamental no Imaculada até o 4 ano, e depois no CEMOB, fiz admissão, fiz cursinho com um professor de salvador, ele é professor universitário com doutorado. Eu fiz direito público e direito penais. Tenho 2 pós sem fazer defesa, agora..

Entrevistador: A senhora teve oportunidade de estudar, e seus familiares, como era o estudo na época?

E3: Minha mãe era quase analfabeta, meu pai ele trabalhou na construção de Brasília, daqueles pedreiros antigos, na igreja aqui aquela laje foi pai que fez. E naquela época não tinha engenheiro e pai fazia todo o calcula na cabeça, a pessoa perguntava a pai quanto precisava para construir uma casa de dois quartos ele fazia a conta na cabeça. Um carto tantos tijolos, outro carro tantos tijolos... ai ele queria que fizesse engenharia.

Meu pai na verdade era praticamente irmão de Zé da Fó, porque naquela época quando os pais se separam eles iam morar com os padrinhos. Eles moravam lá no Angico, e tudo era terra no meu pai, eles andavam parece que quase duas léguas, com a mochilinha com o feijão escramuchado, e ovo cozido. Ele veio morar aqui com um tio, e depois ele foi pra são Paulo. Mas ele fazia tudo de cabeça. Cubar terra, ele fazia tudo e me ensinou cubar terra, cubar terra quase uma légua para estudar, ele trabalhava no meio de semana todos esses mercados essa as escolas na zona rural e escola Ana Oliveira e O CEMOB, Vinham aquelas plantas enormes, ele era o mestre de obras. Ele calculava tudo de cabeça.

O primeiro Colégio Particular foi o colégio ideia, que era escolinha de Tia Maura.

Entrevistador: E o magistério você fez aqui ou em Serrinha?

E3: Eu fiz magistério aqui, mas primeiro contabilidade que era único que tinha a noite, porque eu já era casada, eu fui da terceira turma, eu fui coordenadora de estágio. Tinha uma professora Valdeci, ai eu sempre ajudava ela. E ela dizia que ia se aposentar e colocar alguém no lugar. E eu assumir de 89 a até 2000, eu era coordenadora de estágio e prática de ensino. Antes eu trabalhava sozinha, eu trabalhava com pratica de ensino, metodologia de estudos sociais e ciências e a tarde eu fazia supervisão. Antes e depois criaram o magistério a noite e o pessoal queria fazer estágio, ai foi uma correria, o pessoal trabalhava e queria fazer estágio a noite, o povo da cesta do povo, do banco e fórum o pessoal estagiava como e onde? Então fiz estágio remunerado, mas antes fiz o projeto de reforço, que foi para a secretaria da educação e aprovado. O projeto reforço, para esse pessoal que trabalhava, aquele pessoal do Tiracol, Nilton Santiago e aqui, os alunos com dificuldade de português e matemática e iam 5h. O que não poderia ir pra lá e não poderiam ir iam para zona rural. Um exemplo foi Anastácio, e ele ...

Entrevistador :E aqui tinha Mobral, Brasil Alfabetizado?

E3: Não, assim aqui tinha o AJA Bahia, até que não podia estagiar durante o dia ia para zona rural, e fazia sábado e domingo, a exemplo dos funcionários da Cesta do Povo , que não abria aos sábados.

Mas o primeiro projeto de alfabetização foi AJA Bahia, o primeiro projeto de alfabetização foi o Alfabetização solidária do Governo Federal, lembra, que o pessoal

veio de rio grande do sul, e depois foram para lá. Esse foi o primeiro depois do Mobral. Eu mesmo encontrei um certificado do Mobral, de arte culinária, mas não sei. Ai o primeiro veio universidade Solidária, mas não fui pois tava com o menino pequeno. Foram em 3 etapas, de seis em seis meses que iam, cada um grupo diferente, acho q para não gerar vinculo como o AJA BAHIA. Depois veio o AJA Bahia, primeiramente tinha muita formação, fui muito no Hotel Palace. E depois foi para o Jorro, fora de Salvador a DIREC de Serrinha foi umas 3 primeiras junto com a de Feira.

Apesar de ser em Serrinha, a formação era no jorro, pois lá não onde acolher o pessoal, mas antes era tudo no Palace.

Primeiro veio o MOBREAL, e alfabetização solidaria que era federal, e depois veio o estadual para serrinha. Sabe como veio o AJA Bahia para Serrinha? sabe como veio, eu fui para num congresso como executiva de curso em Curitiba, e eu fui para uma oficina, de alfabetização de adultos e lá apresentou o projeto MARAJA do Maranhão, e eu pam adaptei o projeto porque o povo precisava para o estágio, ai eu peguei o projeto adaptado dei ao diretor, e como não havia o haja Bahia no interior do estado, dei ao diretor e ele foi em Salvador e conseguiu trazer para serrinha.

A universidade solidaria e representando... Primeiro o MOBREAL, depois alfabetização solidária, AJA Bahia, supletivo e agora a EJA.

E3, 19 de dezembro de 2018

APÊNDICE H - TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA E4

Senhora de 88 anos, moradora da comunidade de Tapuio, nunca foi a escola.

Entrevistador: A senhora oportunidade de estudar, e seus familiares, como era o estudo na época?

E4: “Eu não fui de Escola nenhuma, nenhuma, nenhuma... eu estou com 89 anos, e depois minha fia, mia mão não deixou, botou as outras num sabe, e eu não, que disse que eu era saliente quando era nova, as outras todas foram para escola e eu não fui, ai eu desenganei, também quando ela tava doente, papai já morrei e Deus perdoe os pecados, ela dizia : “Ninguém me ajuda, num tem uma fia pra me ajudar” mamãe num ajudou as outra a ir pra escola, agora elas ajuda mamãe e eu não.”

Entrevistador: A Senhora ela mais velha ou mais nova?

E4: “Eu sou das do meio das mais velhas, a mais velha morreu tava com 60, a outra morreu tava com perto 100, e mamãe morreu faltava três meis pra 100. Aí eu sou companheira desse que morrei a poucos dias,...”

Entrevistador: Também elas estudavam mas não era perto de casa, né? Tinha que sair como era?

E4: “Não o professor vinha lá das casas velha de Santaluz de a pé daquele tempo. Ele vinha de a pé durmia, passava a semana e ensina os filhos deles tudo, Ze Siviro, papai, e tio Daviro, e tio Zé, piroca tio estevão, papai tinha 10 filhos homem e três mulher ai todo mundo juntava e pagava o professor, ai uns foram , para Araci, Feira de Santana, isso tudo aqui era de meus tios e de papai, todo mundo era parente, é porque agora ninguem é mais de ninguém, o povo agora ta tudo diferente né, tanto faz ser como não ser, agora tudo Zé Pinho e Nenca (ex-prefeita) é tudo nosso parente mas agora faz de conta que não é nada. Cada quem se importa. Pai tinha 500 tarefa de sisal, naquela época que sisal valia dinheiro. Ai vendeu o terreno todo e dividiu e deu a cada quem o seu.”

Entrevistador: Ele ensinava todos os dias?

E4: “Sim, todos os dias ele voltava na sexta e vinha na segunda, ensinava de manha e de tarde, ensinava tudo junto, era o dia todo.

Entrevistador: a senhora tinha quantos irmãos?

E4: “Irmão meu era 10 homens e quatro mulhé. E meu era 10 homens e 9 mulhé e morreu 2 e ficou 8 homem e nove mulhé,

Entrevistador: de seus irmãos só estudaram as mais novas?

E4: Só as novas, a mais nova mora em Novo Triunfo e ensinava lá.”

Entrevistador: E seus filhos todos estudaram? aqui tinha escola?

E4: “Não, uns estudaram um pouquinho e outros não, aqui nunca teve escola assim direto e agora que tem. Dois aqui mesmo aprenderam assim com outros, que ficaram sem ir na escola em Araci, os outros foram, ia lá e voltava, em Araci. O que foram para São Paulo, foram trabalhar e ficavam estudando.

Mas estudar mesmo eu nunca fui ni escola nenhuma, eu sei tudo eu conto dinheiro, pode me dar um.... milhão. Agora minha minha mãe não sabia nada, e ela pensava que eu iria ficar como ela e agora que estou ruim que as vistas sei não, esse diabete. É um amargor de boca...

Eu sei tudo fazia tudo, conta meu nome, o nome dos outros mas ai agora eu não consigo porque tive derrame e num aprumo a mão.’

Entrevistador: A senhora conhece alguém que tenha estudado?

E4: “Eu não conheço mais ninguém.”

E4, 02 de janeiro de 2019.

APÊNDICE I- TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA E5

Ex-professora leiga formada pelo HAPROL, foi estudante do Supletivo em Araci, é aposentada e tem 77 anos.

Entrevistador: Como era sua vida quando criança?

Es: Era uma vida maravilhosa que agente trabalhava na roça, tem período que agente fica seis mês, na casa de farinha, fazendo farinha para guardar, né

Agente era muito feliz que tinha uma vida tranquila e calma, apesar das dificuldades era uma vida boa tranquila e sossegada. o mundo não oferecia tanta coisa bonita como oferece hoje, então a gente se sentia feliz com um pouco que tinha, então a minha infância fui muito feliz e muito maravilhoso., sem maldade, tranquilo mesmo, então foi muito bom.

Entrevistador: O senhor a oportunidade de estudar, e seus familiares, como era o estudo na época?

Es: Como era difícil minha filha, ia um professor leigo, que nesse tempo não tinha professor formado, ia um professor meu pai botava dentro de casa, e dava comida, cama e mesa, dava tudo, ai botava pra ensinar todo mundo, afim de ter um professor ele fazia tudo isso. Então a gente só estudou um pouquinho através desse esforço de meu pai, ele era muito esforçado pela comunidade. E ele tinha amor pela comunidade dele porque era as raízes dele, então eu aprendi assim, vinha um professor ficava seis meses, depois vinha e não queria ficar mais, porque lá era um lugar isolado, depois vinha outro ai ficava um ano, depois deu já casada, foi que foi um professor formado daqui de Araci. Mas antes era professor leigos.

Quando eu tinha uns 10 anos apareceu la um casal, que foi morar lá e a mulher dele é muito inteligente, tinha um português muito bom, e meu pai botou ela pra ensinar, o nome dele era Amélia e ela era da região de Serrinha. Depois veio uma segunda professora, chamada Maria José daqui de Araci, e depois foi outra daqui de Araci chamada Marieta, daqui de Araci e eu já tinha 14 anos. E depois desse Marieta, aí eu já era casada e já tinha filho o mais velho, eu conclui o 4º ano, para concluir era o 4º ano não existia 5º como agora, tinha que fazer até o 5º, eu estudei com meu filho tudo junto eu e ele ela era chamada Maria José também, era de Araci, essa já foi formada.

O primeiro professor de Tapuio, foi um do lado de Santaluz, ele vinha de a pé, meu pai até também tomou aula com ele também, o pouco que ele aprendeu tomou com esse professor, porque ele não sabia nada também.

Entrevistador: Em relação a esta formação, pode detalhar como acontecia os encontros presenciais e a distância? E onde ficavam hospedados.

Es: Eles alugavam um casarão em Tucano, botava as comidas e o prefeito e tinha as cozinheiras, que fazia as comidas, a gente ficava tudo junta no alojamento. Agente não ficou em hotel não era muita gente, era mais de 40 professoras. Durante os 6 meses, no Jorro, foi em Tucano que nós ficamos, ai depois... que o curso a duração era 2 anos, agente ficou 6 meses ai que agente internada, de manhã e de tarde. aí tinha duas vezes na semana que nós ainda estudava de noite. Ai depois dos seis meses agente veio embora, recebia os livros e agente estudava, aqueles livros já vinha tudo as perguntas, já vinha os formulários e tudo, agente estudava, respondia as perguntas. Ai depois quando a gente veio embora elas vinha pra aqui, encontrar agente aqui, num prédio, ai ela tinha o contato com agente, o que a gente tinha estudado para ver o processo, ai passa outras coisas pra gente ficar

estudando até completar. Agente recebia os livros e tudo, foi assim até terminar o curso. Internado mesmo foi 3 meses no Jorro e 3 meses em Tucano, ai os outro um ano e meios eles vinham e tinha o encontro de uma até meio dia pra ver o que agente entendeu e tirar as dúvidas que a gente tinha.

Entrevistador: O senhor conclui os estudos? Se parou, porque o senhor decidiu parar?

E5: Eu concluir os estudos, ai eu fiz o primário ai depois veio o governo, como é que diz o governo implantou um curso para habilitação de professores leigos, eu já ensinava né. Aí eu fui, esse curso foi no Jorro, lá foi um curso presencial, 1 semestre, seis meses, a gente só vinha de quinze em quinze, deixava os maridos e os filhos e se mandava pra lá. Que a prefeitura dava o carro para levar. E lá o prefeito de Tucano dava o alojamento para a gente ficar, e a comida. Ai esse curso foi dois anos, ai o restante agente fez a distância esse se chamava Habilitação dos Professores Leigos (HAPROL) Ai eu fiz, foi quando eu me atualizei mais no ensino ai concluir esse curso e peguei o meu certificado, como Habilitação de Professores leigos, ai também não dei continuidade não, continuei estudando. Ai veio aquele projeto Legião Brasileira de Assistência, como eu era professora, em cada povoado tinha que ter, ia ter esse projeto, e só podia trabalhar, que era para dá alimentação para o pessoal, e eu era professora, e só podia trabalhar que tinha que ter, que já tinha o conhecimento das mães, das crianças, era um alimento para dar as crianças e as gestantes, o acompanhamento, era o mesmo que agente de saúde não era bem assim , mas passou a ser. Ai foi, esse trabalho pra mim, foi muito gratificante, eu me atualizei pra tudo, foi como se eu tivesse tido um adiantamento na faculdade. Eu aprendi muito foi maravilhoso.

Entrevistador: E a senhora ensinava? E concluiu os estudos

E5: Não nessa época não, eu só fiz esse curso, que é como se fosse até a 8ª série, por que ai veio a outra etapa mas ai eu já estava neste outro trabalho ai ficava muito trabalho.

Esse trabalho exigia muito, puxava muito pela gente, ajudava muito, tinha ir de quinze em quinze pra feira tomar treinamento, ai eu aprendi muitas coisas boas. Pra mim este trabalho foi mais de que o estudo que eu fiz antes.

Entrevistador: Participou de algum projeto para Educação de Jovens e Adultos?

E5: Não isso ai eu não trabalhei não, durante esse período foi chegando meus trinta e dois anos, e eu me aposentei e agora é só sombra e agua fresca. (risos)

Entrevistador: Como via a educação na época? É muito diferente de hoje?

E5: Apesar do conhecimento ser muito pouco, eu acho que o mundo que eu convivo hoje, eu acho que a educação era muito importante porque os pais e os alunos valorizavam agente, eles tinham um carinho, eles confiava na gente, o que você dizia eles escutava e obedecia, e foi assim um ensino, e apesar de não ter assim, tido o ensino completo, o que agente assim ficava batendo na tecla era mesmo português e matemática, então um aluno ele não saia, assim num chegava num segundo ou terceiro ano pele não saber as quatros operações de conta, e hoje eu vejo aluno que tem o ginásio que não sabe fazer operação de conta, muitos meus netos, muitas e muitas vezes vieram me pedir para ensinar, já depois de ginásio e tudo, então eu acho que o ensino nesse tempo, não existia tanta matéria como existe hoje e mas o que aprendia, assim o que agente ensinava os alunos aprendia, e ele ficava para vida toda. E também assim, assim agente jogava duro nos alunos, tinha uma sabatina que toda semana, uma vez na semana. E assim, quem

errasse dava bolo, então ninguém queria apanhar, e não ficava aborrecido, não xingava professor, e nem ficava com raiva do colega, então ninguém queria apanhar, todo mundo estudava, estudava pra na hora que disser dizia assim amanhã é sabatina então todo mundo queria responder certinho para não tomar o bolo.

Hoje não os meninos fica a vontade faz o que querem , bate professor, bate colega eu fico parada. Olhe tem aluno meu, hoje é pai de filho e quando me vê assim me trata como uma mãe. E quando me vê me abraça e fala minha professora, ainda tem aquele amor, gratificante daquilo que eu fiz por eles, não esquece. Os alunos de antigamente era outro. Olhe para eu te dizer melhor minha filha hoje ela tem curso superior pós-graduação e tudo, que ela ensina em Várzea da Pedra, ela fez o primário todo comigo, nessa época quarto ano já fechava o primário. Ai ela foi estudar em serrinha, ai quando ela chegou lá que eles foi fazer o teste com ela pra ver se ela tava preparada mesmo para ir para o ginásio, quando ela terminou de fazer ela saiu de minha casa com 11 anos , que chegou lá... porque ela já tinha o quarto ano fechado, quando ela terminou a professore virou pra ela e perguntou se ela e disse assim, você teve uma professora , essa sua professora está de parabéns, essa professora é de onde, ela disse: foi minha mãe,. Foi minha mãe do primeiro ano até quarto eu estudei com ela. Mas eu vou dizer, era de povoado nera, que ela via o nome, Tapuio distrito de Araci, e ela era formado, ela disse assim: ela é formada? Ela disse: Não ela só tem o ginásio. Pois ela ta de parabéns lhe preparou direitinho.

Entrevistador E as oportunidades de acesso á educação? Quais as dificuldades de estudar na época?

Es: Muito difícil, viu, muito difícil viu, agente não tinha as oportunidades que vocês tem hoje, hoje vocês tem transporte, tem livro pros alunos, hoje tem tudo, agente não tinha nada disso. Nem aluno nem , pior o professor. e assim secretaria de educação ninguém sabia que existia, tem lá aquele lugar da gente levar o livro, mas nem sabia que existia secretaria de educação.

Então tudo era difícil em tudo par trabalhar, pra viajar, pra estudar num viu dizer que pra estudar passei seis meis no jorro. E depois a gente faz estudar descanso agente vinha e as provas aqui em Araci. A moça vinha do jorro e a gente fazia as provas aqui. Nesse tempo era tudo muito difícil. So a força de vontade que a gente tinha em Deus. E também a necessidade da região que a gente via, assim que aqueles alunos não tinha professor, que os professor preparado qualificado não queria ir pra lá ai então agente ... e precisava dos alunos estudar, então a gente fazia esse sacrifício pelos alunos e por agente também. Você sabe que o professor, ele não é só professor, agente é professor e é estudante. Agente ta ensinando e está aprendendo

Entrevistador :O senhor acredita que atualmente é pior ou melhor?

Es: Ah! Minha filha, ai de quem não estudar agora, quem não estudar é cego, só enxerga as pessoas mas não conhecem, o estudo hoje em dia está acima de tudo, só não esta acima de Deus, mas olha só a dificuldade de emprego se você não estudar... a concorrência tá demais, a competição... se você não estudar você num consegue emprego, se você estudando já está difícil que a concorrência tá grande, imagine se você não estudar, eu mesmo incentivo meus netos tudo, sempre eu estou dizendo: estudo, porque hoje se não tiver estudo, roça não existe mais porque não existe mais chuva certa. Em meu tempo pelo menos não que a chuva era certinha todo ano. E agora não existe mais não, então primeiro Deus e segundo o estudo, porque se não tiver minha fia não tem seguimento não.

Entrevistador O que acredita que pode melhorar na EJA para os estudantes hoje?

Es: É um avanço, é uma grande oportunidade pra ele, pra ele não se sentir excluído, pra ele foi uma oportunidade boa, uma benção de Deus, pra eles, pro homens, foi um projeto muito importante, ta levando um projeto que ta levando as pessoas que tavam recuadas sem estudar e hoje, como é que diz todo mundo ta tendo oportunidade né . isso ai é muito gratificante, isso é muito bom. Quando veja na televisão que tem até idoso fazendo faculdade com 60 ano com 70. Eu que não vou fazer mais, né?! Mais eu acho lindo, admiro essas pessoas que tem força de vontade, com é que diz que força e coragem, que nem você também, que tem tanto nível superior e ta correndo atrás né. É muito importante, que deus abençoe que você continue estudando, que você só tem a ganhar. E é uma riqueza minha filha que você vai levar pro tumulo, é uma herança que não fica pra ninguém. Porque agente tem que fazer uma coisa que não fica pra ninguém . agente tem que fazer as coisas que vai com agente mesmo, por que se deixar pra o outro a família bem sabe aproveitar aquilo de bom que a família deixa.

Entrevistador: Porque a senhora decidiu ser professora?

Es: Olha filha, eu nem decidi, sabe porque eu fui convidada, e eu entrei assim sem pensar nas consequências que vinha, depois eu que eu estava lá dentro eu fui me atualizando eu fui crescendo e fui gostando. Eu comecei a ensinar Araci, tinha passado a ser cidade e passou a ser de serrinha, eu tinha 17 anos, aí depois o prefeito de serrinha ganhou, e o meu pai tinha votado pra ele. Então ele mandou que procurasse uma moça para ensinar l em Tapuio pra dar aula, pois meu pai cobrava muito dos políticos, ele foi político e ele cobrava muito da educação, o senhor não tem uma filha não que sabe ler e escrever? Tenho uma filha lá que sabe um pouco. Ele disse: então bote ela pelo menos para alfabetizar os meninos, mas ela só tem dezessete anos, e num uma amiga lá não que tenha 18 pra botar o nome? Aí ele isso arruma. Aí comecei ensinar a ensinar, no nome de uma prima minha, Margarida, ensinei um ano no nome dela, aí com mais um ano Araci se ergueu de novo e passou a cidade novamente, e não caiu mais não. Ai o finado Erasmo foi o primeiro prefeito, ai agente tinha votado tudo pra ele, ela muito amigo da gente. E quando ele ganhou foi lá e disse logo assim, a professora daqui era Maria Antônia,.. Foi no ano sessenta e até hoje fiquei como é... fiquei trinte e dois anos, trabalhei até aposentar.

Entrevistador: E pra fazer esse curso no Jorro, a senhora já tinha filhos, e a família apoiou?

Es: Sim, deram o maior apoio, eu já tinha dois, amais velho e menina que era mais nova já estava em serrinha estudando e o outro ficou mais o pai, que não gostava de estudar, ficou com o pai na casa de minha mãe, e eu só vinha de 15 em 15. E meu Marido também apoiou, que eu já trabalhava, né então me deram o maior apoio tanto meu marido, quanto minha mãe, quanto minha irmã. Deram o maior apoio né, todo mundo apoiou, fiquei o semestre lá depois eu voltei e fiquei estudando a distância.

Entrevistador: Quando a senhora ensinava era em casa ou já tinha prédio em tapuio?

Es: Não, não tinha prédio não, eu ensinava?! Assim, meu pai tinha um deposito muito grande de junto de casa dele, aí ele deu esse deposito para ensinar os alunos, ai depois quando Araci se ergueu, aí nessa época ainda mesmo comandada por serrinha, o prefeito conseguiu construir um prédio lá em Tapuio que era Prédio Rui Barbosa. Esse prédio até foi derrubado pra fazer um posto de saúde, então quando Araci se ergueu então já tinha um prédio, no primeiro ano que eu ensinei o prefeito de serrinha já conseguiu construir um prédio em Tapuio.

Entrevistador: Quando Araci caiu de cidade e ficou dependente de Serrinha o que mudou, teve muita dificuldade?

E5: Teve né, muitas tudo era mais difícil, se era de procurar alguma coisa tinha que ir em Serrinha. Até que o prefeito de serrinha, chamado Lourinho *, eu já tinha muito conhecimento das coisas que eu já trabalhava, até que ele foi um prefeito muito bom ele dava o maior apoio, ele dava o maior apoio lá em tapuio. Então agente tinha dificuldade assim né, por causa da distância, que nesse tempo nem transporte não existia, então tudo era bem amis difícil né.

*Trecho ou palavra inaudível.

E5, 30 de janeiro de 2019.

APÊNDICE J- TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA E6

Professor no município, ex-Secretário de Educação, estudou no município e estagiou no AJABahia.

Entrevistador: Qual foi o projeto que envolvia adultos que o senhor trabalhou?

E6: “Na verdade era um projeto do governo do estado, chamada EJA Bahia, Educação de Jovens e Adultos e chegou aqui no município de Araci em 96, acho que foi 1996, mesmo se não me engano, e a gente ia para a zona rural, para poder fazer a educação desse jovens, não jovens na faixa etária de 29 anos, considerado jovem , mas também adultos, tinha pessoas idosas também, pessoas já com a idade avançada, 50 ano, 59, 60, e o pessoal ia para poder aquilo que não conseguiu aprender na idade mais jovial como fala, basicamente isso.

Entrevistador: e como era a educação na época, era muito diferente da de hoje?

E6: “em algumas partes sim né, primeiro que é antigamente, existia um interesse maior dos educandos, é tanto que a quantidade de pessoas de idade era bastante, a gente tinha mais de dual mil matriculas, de jovens e adultos porque queriam aprender alguma coisa, hoje a gente vê que é diferente, que além de ter diminuído a natalidade, a gente pode perceber que a evasão é muito grande, o jovem não tem muito interesse. As pessoas botam muita a culpa na tecnologia que o professor tem que tá sempre inovando, mas talvez a tecnologia realmente tenha atrapalhado fora da escola. As pessoas hoje, os jovens querem mais tá botando a tecnologia no meio não para aprender alguma coisa mais para passar o tempo, e o tempo pra esses aí, o tempo passa e não está preocupado, com a educação e com a aprendizagem não, está preocupado se o tempo e se evoluir.

Entrevistador: e as dificuldades que o senhor teve quando estudante?

E6: “na verdade, eu fiz o magistério, primeiro eu fiz contabilidade, o magistério eu ia, eu estudava a noite, o estágio como eu trabalhava o dia inteiro, eu fazia o meu estagio de 5 às 6. Que foi um outro projeto que teve aqui em Araci, no Centro Educacional Municipal Oliveira Brita, e Sinalva era coordenadora, ai os alunos saiam 5h da sala de aula, e aqueles que estavam com defasagem na sala de aula, eles eram destinados a ficar mais uma hora na sala de aula, com nós que éramos estagiários, para reforço. O projeto era projeto reforço na época. Ficava até as 18h dando o reforço, e já ficava na escola para poder pegar a aula da noite. Entendeu era assim.

Entrevistador: analisando esse período de estudo e agora, como o senhor avalia atualmente e ensino dos adultos?

E6: “Como assim, pior assim pra que pra mim ou pra eles?”

Entrevistador: o senhor escolhe.

E6: “na verdade, a gente nem pode dizer se é pior ou melhor, eu acho que era diferente, diferente , ai para você explicar esse diferente, é uma vivencia assim que cada uma passa pessoalmente, no meu caso eu achava diferente, porque o interesse antigamente era muito maior, não sei se é porque, pelo sofrimento que agente passada que queria alcançar algo melhor, ai você queria chegar num topo acima dos que não tinham oportunidade, ai você achava essa oportunidade e você segurava né, e assim, eu consegui, exatamente por que teve esse esforço, né eu fiz magistério depois eu fiz Letras

na UNEB, depois pós-graduação na Fundação Pitágoras, pós-graduação em gestão escolar, depois eu fiz direito, então entendeu, porque o interesse era de sair da daquelas dificuldades que tinha, né a gente bota na cabeça se não estudasse não tinha perspectiva de vida.

Entrevistador: O senhor não está na sala de aula, mas esteve a pouco tempo, hoje nós temos em Araci apenas 3 escolas que ofertam a EJA, em 2012 tínhamos 36. Hoje temos 2 escolas na sede (Don Jackson e CEMOB) e apenas 1 na zona Rural (João Pereira de Pinho em Tapuio), o que você acha que teve essa diminuição de oferta, como professor e como cidadão araciense?

E6: “Na verdade eu também fui Secretário de Educação, fui secretário de 2009 a 2011, fiquei até maio de 2011, e na minha época eu tive uma preocupação grande com EJA, até porque eu inicie lá, como instrutor da Educação de Jovens e Adultos. Ai eu percebia a necessidade inclusive mais voltada para a zona rural, não é que a sede não tinha essa vontade nossa de fazer, mas era porque a gente via que a oportunidade na zona rural era muito mais complicada, difícil que a pessoa se deslocar lá na zona rural vim pra sede estudar, ainda com a idade mais avançada, na minha época a gente tinha 2492, não esqueço 2492 pessoas inscritas na educação de Jovens e adultos, é tanto que nós não tínhamos profissionais, fazer com que abarcasse, então tivemos que contratar profissionais fora da rede municipal, para poder suprir a necessidade, ai agora agente ve que diminuiu bastante, primeiro porque o poder público tem que incentivar, e segundo o educando tem que se sentir satisfatório, ele tem que se sentir, que ele está com a idade ali, mas que ele vai conseguir assinar o documento dele, é isso que valoriza o ser humanos, que mesmo com as dificuldades pelo menos que ele vai saber ler a bula do remédio, saber lê que ônibus que vai passando, e isso é interessante, as duas coisa o incentivo e a vontade do aluno. Uma dificuldade também é em relação a merenda, porque o valor que vem a merenda, para a educação de jovens e adultos, também o valor é muito pequeno, acredito que o município não tem verba para manter também uma quantidade de aluno, porque se você coloca muitos alunos, em sala de aula, e não dá o suporte há a desmotivação também.

Entrevistador: O que o senhor acredita que pode melhorar na EJA para os estudantes hoje?

E6: “eu acredito que primeiro é a oferta, é ofertar a matrícula, a oferta acho também que está sendo muito reduzida, e além disso, é ter um olhar especial, não é diferenciado, poderia até ser, diferenciado, mas para não haver uma discriminação dentro da educação. Mas acho que tem que haver dentro da educação, uma política de educação especial para esses jovens e adultos, é muito complicado para poder reverter a mente dele em relação a educação, e hoje você prefere está num serviço braçal, do que ‘apertar a mente’ como eles dizem né, é acredito, que tem que ser uma educação especial para eles voltada com mais incentivo. Criar oportunidades.

Entrevistador: O senhor gostaria de deixar registrado alguma outra coisa para contribuir com a pesquisa?

E6: “eu, queria deixar o seguinte, que o incentivo que as vezes o jovem e adulto não tem, que havia a necessidade de políticas públicas voltadas, porque a gente teve resultados, voltado anteriormente, no tempo percebia que tinha resultado, eu acho que para acontecer, que isso aconteça novamente, que volte, não igual que não é possível acontecer, mas que pelo menos que tenha um número maior e o incentivo pelo poder público é interessante.

E6, 02 de Janeiro de 2019

APÊNDICE K- TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA E7

Ex-estudante, tem 64 anos e não concluiu os estudos.

Entrevistador: Nas pesquisas encontrei o seu nome como sendo da primeira turma do JPP, primeiro Ginásio de Tapuio, e que teve suas primeiras turmas no turno noturno. Queria saber onde a senhora estudava antes?

E7: “Ah meu Deus, quando comecei a estudar era muito difícil né, meu pai pagava professor par que ensinasse os filhos, eram 13 irmãos, ele sempre pagou, mas meu tempo, já tinha uns grande né, eu era mais nova, alguns já eram maiores. Agente morava na beira do rio Itapicuru, na Fazenda Rio da Prata. Então naquele tempo é muito difícil, a gente ia de pé. Ah, não. Primeiro veio um professor do Jorro, uma professora chamada Adoninha, adepois, ou! Não primeiro veio uma senhora chamada Antônia de Mané Felipe, não é ela veio de um lugar próximo de Coité pra ai né, depois veio essa Adoninha do Jorro, depois veio uma da Pedralta, depois quando eu já tinha uns 15 anos, veio uma daqui da região de Várzea da Pedra chamada Neuza. E o tempo foi passando né, e ele lutou pelo um colégio lá em Lagoa da Lage, e lá eu fiz até a terceira série, né.-

Entrevistador: Isso era em quanto, em que ano?

E7: “O ano? Devia ser em 69, não em 69 não, já era em 71, foi em 71. E o Prefeito foi Carlos Mota que fez esse Colégio que até hoje tem.

Depois me casei jovem né e vim embora para aqui, como aqui já era um povoado desenvolvido né? Ai eu vim pra aqui e estudei,

Entrevistador: aqui já tinha o ginásio?

E7: “Não tinha o Colégio Rui Barbosa né,”

Entrevistador: eu iniciei a trabalhar aqui lá?

E7: “e começou lá foi?! Depois fizeram o Prisco Viana, e só depois o João Pereira. Ai agente estudou no Prisco Viana terminou a quarta série no Prisco Viana e depois os alunos foram para o João Pereira. Depois Voutei a Estudar um tempo, a pouco tempo mas tive que parar.”

Entrevistador: A senhora passou quanto tempo sem estudar, quando parou que voltou.

E7: “Vixi, tem um tempo, eu tive os meninos, ai foi depois que fiz o oitava série, que retornei para o primeiro ano, mais ai eu cai de uma mota, que não deu mais pra voltar fiquei na moleta.

Entrevistador: qual a dificuldade de estudar na época?

E7: “quando eu votei para estudar de novo, eu achei que ensina mais, e os professores, veio uma ordem para tirara um abocado de coisa, e esse livro que tem tanta coisa, ia dizendo isso não, isso não, pulava o que estava no livro, eu achava que era pra gente estudar mais.

Entrevistador: Quais as dificuldades que tinha para senhora estudar quando era nova?

E7: “Ah, muita coisa né, não vai nem se comparar né, hoje tem transporte merenda, chegou até prefeito de dar a farda, e naquele tempo não tinha nada, só as pernas

para andar, e se quisesse alguma coisa, assim e tinha que comprar tudo, e ainda tinha que comprar as merendas. E as merendas era o que? Pão, quando os mais ia na feira né, ou uma bolacha, ou uma raspa de rapadura ou uma carne seca com farinha né, era assim.

Entrevistador: O que a senhora acha que poderia melhorar na EJA para que as pessoas tivessem interesse de retornar?

E7: “sei lá, já tem tanto tempo que parei, já tem bem mais que 15 anos, já não frequento mais a escola, né...”

Entrevistador: e não tem vontade de voltar.

E7: “tive mais chegou um momento que não tenho mais, né os problemas de saúde vão chegando, a gente vai ficando mais lerda. Mas é bom estudar né. Eu queria ter estudado e queria ter formado, foi ruim pra mim eu não ter formado, a gente sente assim, né que quem se forma e continua estuda estudando como voce esta assim né, fazendo mais, não é bom, não é maravilhoso, é, mais quem já ..., a gente já chegou o tempo, vai encerrando.

Hoje né, você ir pra ta bagunçando, pra ta xingando professor, pra ta brigando, fumando o que num presta, vivendo uma vida que deixa de chegar a ser alguje na vida. Agora mesmo, a Carina, agora mesmo, teve uma menina com 15 anos né, pegou um rapaz, e o rapaz que ela ta morando, ele ta ai, ele disse que não gosta de estudar, e eu falei não diga isso, porque a as oportunidade vem, e quando bater na porta não pode porque não estufou, eu mesmo, eu perdi, uma oportunidade, quando a Raimunda do Getúlio, que era para tomar conta do Posto Médico, mandaram diretamente pra mim, mas eu não tinha, nem a quarta série ainda, ela como veio de outro povoado, aí de Várzea da pedra, ela tinha, aí foi ela que foi, porque era assim, ou eu ou Nilza, era uma senhora, mas ela não tinha o interesse, e eu queria, mas não tinha o melhor, e perdi.

E7, 02 de Janeiro de 2019.

APÊNDICE L- TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA E8

Ex-estudante da EJA, Auxiliar de serviços gerais em Escola que oferta EJA e graduada em pedagogia.

Entrevistador: como era sua vida quando criança, na infância teve oportunidade de estudar?

E8-A vida de infância? Foi difícil, pois foi um período que eu tinha que trabalhar e estudar, já desde a infância, difícil, mas foi um tempo bom, porque agente aproveitava esse momento do trabalho para brincar, porque tinha que aproveitar esse momento já para brincar. Então agente estudava um período e no outro trabalhar, ou fazer a atividade de casa e no outro ir pra escola. Quando era tempo de prova, agente destacava a folha do caderno para levar, fosse na roça, fosse no motor, ainda peguei um tempo no motor, motor mesmo na infância, destacava a folha do caderno para poder estudar para escola.

Entrevistador: Seus pais e seus avós estudaram ou são analfabetos?

E8- meus pais são analfabetos e meus avós também.

Entrevistador: porque não estudavam, porque trabalhavam ou porque não tiveram acesso no lugar que morava?

E8 Falta de acesso, à distância no caso de meus pais a distância, os meus avós era a falta de acesso, pois naquela época era muito difícil. Meus pais tinham que andar muito, e por esse motivo não foram para a escola.

Entrevistador: na sua opinião que você acha que melhorou/piorou no ensino da EJA?

E8- eu acho que a falta de atenção dos alunos, estão muito dispersos. Não sei se pelo cansaço, hoje eu acredito que quando a gente quer a gente tá lá e faz. Então eu acredito que não é questão do cansaço. Mas a questão do querer.

Entrevistador: o que você acha que poderia melhorar nas turmas da EJA?

E8 – Eu acho que deveria ter um olhar diferenciado para a turma da EJA. Eu vejo o seguinte, falta um olhar, porque na minha época quando eu entrei na EJA, foi experiência de turma, e havia uma rejeição, eu ouvia comentários dos professores, em relação a EJA, mas que hoje em relação, o avanço que já tem, porque na minha época, por ser uma experiência, e mesmo com a rejeição dos professores, eles faziam acontecer e hoje não, e eu percebo, não sei se percebem da forma que eu vejo, mas os alunos da EJA são mais excluídos.

Os eventos mesmos, quando tem evento, se tem uma proposta para ver o uma forma da participação dos alunos da EJA, leva a proposta da EJA leva da mesma forma que leva pra outras turmas, o que eles poderiam está fazendo enquanto estudantes e trabalhadores? então deveria ter esse olhar diferenciado.

E8, 02 de Janeiro de 2019.

APÊNDICE M- TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA E9

Antônio Albertino, 88anos, foi padre participou do JURC, JUC e fundador do MOC.

E9: Pensando na entrevista e no trabalho encontrei este livro (Diário de Fernando: nos cárceres da ditadura militar brasileira), exatamente porque aí para completar seu trabalho, por que pra mim, nós estamos vivendo um momento bem parecido, entendeu, por isso que eu tô pegando isso aqui, eu tenho isso e não li ainda, olha como está linda essa dedicatória, num tá? Agora a palavra está contigo.

Entrevistador: Eu estou fazendo um trabalho de mestrado na Universidade do Estado da Bahia, lá em Salvador, e o meu trabalho é sobre a Educação de Jovens e Adultos em Araci, a história. Como é que o senhor chegou nessa história da História da educação de Jovens e Adultos? É que o movimento social em 1960, influenciou muito o avanço para diminuir o analfabetismo no Brasil... Isso em 1960, 1970...

E9: “Aprendendo com os Camponeses!

Entrevistador: O que senhor tem pra me falar sobre sua vida de militante que se encontra com...

E9: Minha vida é privilegiada eu acho, porque são coisas raras, que a gente não esperava dali, por exemplo, meu pai, meu pai pra mim foi um educador, casou-se com uma moça de 16 anos que era analfabeta e aprendeu a ler e escrever com ele, teve vivos e criou 19 filhos, e eu sou o vigésimo desses e só tem depois de mim duas irmãs que ainda estão vivas, quase todos já morreram.

E uma coisa para lhe dizer, como eu considero privilegiado, eu não acho nada de glória porque não dependeu de mim. Por exemplo, eu vim três vezes com meu pai, meu pai vinha de quinze em quinze dias, com um carregamento de cinco burros, carregado de porco morto, saindo de Riachão de Jacuípe 1 hora da tarde da sexta-feira para amanhecer o dia de sábado aqui em Feira. Eu vinha com ele e atravessava uma tarde e uma noite toda, e numa dessas noites que eu me lembro, eu tô lhe chamando e estou te levando comigo não é tanto para você espantar o cachorro e urubus da carne, é também pra isso. Mas é, sobretudo, para você ver como a vida é dura. Quer dizer, a preocupação dele era como me preparar para a vida, a vida é dura, ele morreu quando eu tinha 13 anos. E morreu também com a dureza de... Ele soube que o genro, por coincidência, o casado com minha irmã mais velha, teve um problema de terra e ficou meio enlouquecido. Aí ele soube, tava na rua, a gente morava há duas léguas distante da rua, aí ele pegou um amigo vizinho e disse: leve esse burro lá pra casa que eu vou ver Donato, meu genro. Disse que ele não está bem, tá meio desequilibrado, eu vou lá ver o que é que houve. No caminho, ele esperou e só achou um caminho que quem dirigia não sabia dirigir, estava treinando, e aí virou, virou e uns volumes de feijão caiu por cima, e acho que estrangulou o intestino dele, que passou três dias sem poder comer, o que comia vomitava, comia, vomitava e não ficava. Ai no terceiro dia de manhã cedo, ele ouviu, ele chamou o meu irmão, dos mais velhos do que estavam em casa, Augustinho, já morreu. Dos meus irmãos homens não tem mais nenhum vivo. Eram 5. Nós eramos 19, que nos criamos. Não tem mais nenhum vivo. Aí ele chamou o meu irmão, mais velho do que tava na casa e disse: vá na roça, olhe lá uma criação de ovelha das melhores e mate e mande chamar todo mundo

que hoje é meu dia. Isso foi 1 hora da manhã, 3 horas da tarde ele morreu. Não morreu nem chorando nem sorrindo, sobancelha mente olhando assim os filhos. Me lembro todos e... Chorava muito, eu chorei muito porque eu tinha mania de... Lá em casa a gente todo dia gente rezava o terço antes de ir dormir, e eu pegava no sono. As Avemaria me dava um sono, era uma cantiga de ninar pra mim. E eu dormi também no terço rezado no cadáver de meu pai. Eu fiquei com raiva de mim por isso. Tinha 13 anos... Começou daí. A primeira lição que eu tomei foi de casa, mamãe era analfabeta e aprendeu a escrever e ler com meu pai. depois que casou, casou com 16 anos, então é isso que digo, a primeira vantagem, que não é minha, é de ter um pai como eu tive. A segunda, que eu posso considerar assim, é que eu cheguei e perguntei a meu pai: papai eu tô pensando em ser padre, é possível? Ele disse: é meu filho, a gente não pôde botar vocês na escola porque não pôde, mas pra para uma coisa dessas a gente se esforça, e botou o restante, eu e as duas irmãs mais moças do que eu, erámos os 3 últimos, e sobretudo a minha irmã caçula, que tem até um livro publicado. Ela... veja só porque ela foi bem sucedida. Quando eu fui pra escola, no primeiro ano... Quando eu fui pro seminário, eu dormi a primeira noite aqui, nunca tinha visto a luz elétrica. Era dormida de passar por aqui pra ir pra Salvador é que eu vi a luz elétrica. E aí, eu vim com um primo meu, que no ano anterior ele já tinha vindo também pra estudar pra padre. Mas quando voltou, no meio do ano ele já deixou e eu voltei pra cá sozinho.

Entrevistador: Era em que ano mais ou menos que isso se deu?

E9: Já morreu. É um primo meu, Afonso. Foi praticamente quem me levou pro seminário, porque ninguém meu pôde ir lá, a gente não tinha dinheiro.

Entrevistador: Era 1930? 40?

E9: Não. Foi mais. Eu sou de 34. Tinha 13 anos.

Entrevistador: 47, 48 por aí. O senhor foi com 13 anos pro seminário?

E9: Não. Fui pra escola com 13 anos. Mas eu estudei, fui estudar... Tava fora da escola. Foi a primeira vez. Primeira escola eu já fui pra lá. Eu tava na roça, mas uma irmã minha me ensinava em casa. A minha professora disse, era eu e minhas duas irmãs depois de mim, vocês dava pra começarem aqui pelo menos no segundo ano, vocês já tem alguma coisa, não são analfabetas. Aí fez uma espécie de exame, não sei como é que chama, se era de recuperação. Todos três passamos como que a gente tivesse feito segundo ano. Entramos na escola no terceiro ano, todos três, eu e minhas duas irmãs. Agora, no segundo ano, eu passei por elas porque uma passou... Foram morar na cidade. Com uma irmã minha (...) Tomar conta da gente. Isso em função de eu ir ser padre, segundo papai. Não é possível não, pra uma coisa dessa a gente dá um jeito. Aí deu. No que deu jeito, logo nas férias, nas primeiras férias ele morreu. E aí, nós continuamos. Mamãe disse: eu não vou poder botar vocês se não depois do inverno, vocês vão pra roça trabalhar, depois do plantio vocês voltam pra escola. Assim foi. Quando voltamos, minhas duas irmãs, uma sofreu de febre tifo, e outra de febre do rato, e aí não puderam continuar o resto do ano, não fizeram prova e não passaram. Mas no outro ano elas voltaram e continuaram, eu no 3º ano e elas no 2º ainda, até que terminamos e daí eu fui pra o seminário. Quando eu fui para o seminário eu tinha 12 irmãs freiras e elas conseguiram arrumar um lugar pra as minhas irmãs caçulas. Que não tinha mais pai, conseguiram. E ficaram as duas no colégio,

que era o colégio das irmãs que fica hoje na avenida sete, elas eram freiras de São Raimundo. Uma casa onde ficava o santíssimo sacramento exposto até altas horas da noite, durante o dia todo, pra o pessoal adorar ir pra lá. Então, elas tavam nessa congregação e conseguiram que uma outra congregação, fosse das irmãs, pegasse as meninas. No seminário já havia conseguido dois colégios, porque consegui um que era... O primeiro eu mandei uma carta pra o reitor do seminário que depois foi bispo e que mandou... Ele veio passar as férias em São Gonçalo e o padre de São Gonçalo deu uma pensão pra mim. Depois do quinto ano, um outro, um velho que era um dos comerciantes de tecidos de Salvador, que tava muito convicto que tinha um sacramento exposto, ele tornou-se íntimo de minhas irmãs que ficavam lá no convento, então ele também deu outra pensão. Quando foi depois o padre que me dava pensão morreu, e aí eu não ia ter pensão. Cobraram, o tesoureiro do seminário falou: você arrume um padre. Aí minha irmã falou: “Não, eu vou falar com o arcebispo”, porque a gente teve, durante esse tempo todo, nós conseguimos duas pensões. Aí o arcebispo que era muito amigo de minha irmã, que era quem cozinhava pra ele como freira. Aí ele falou: “Não, vocês já tão no meio do caminho, se já pagou duas vezes, já pagou a pensão de vocês toda. Diga a ele que eu disse isso e se precisar eu vou a ele e converso”.

Entrevistador: No seminário pagava pra estudar, no caso?

E9: É. Aí eu terminei até o fim com essa que já tinha pago. E minhas irmãs foi que conseguiram com o arcebispo Dom Augusto, né? Então, essas coisas assim acontecem muito mais por... No inesperado da vida. Então, essas coisas que eu tô te dizendo, pra mim vai me levando a ter coragem de enfrentar. Eu fui padre mais de 22 anos, parece. Depois veio... Eu me dediquei muito quando eu tava ainda no... Terminando o último ano de secundarista e fui estudar Filosofia, aí me encontrei com o padre da diocese de Amargosa, padre... Ô meu Deus, como é o nome dele? Morreu há pouco tempo depois que eu já era padre. Gilberto Vaz Sampaio. E padre Gilberto Vaz foi encontrar com uma... Foi pra um encontro lá pro lado de Natal e descobriram um movimento chamado Movimento de Ação Católica pra o Meio Rural, chamada JAC, Juventude Agrária Rural. Foi aí que eu descobri a minha vocação até hoje. Mesmo que eu tenha deixado de ser padre, mas a minha marca de valorizar o meio rural, que era daí que eu vim, eu tenho até hoje. Por exemplo, hoje eu tava, tô esperando aqui um grupo que vem me visitar de Serrinha, que eu não sei quem são, só fizeram telefonar.

Entrevistador: Ah, fui eu.

E9: Foi tu? Então, que seja bem vinda. Agora se você vai se aproveitar eu não sei.

Entrevistador: Já tô gostando.

E9: Eu não me preocupo não. Você se vire.

Entrevistador: Eu vim aqui pra ouvir. (Risos) Eu vim aqui pra lhe ouvir. A gente vai aprendendo com as ações e com a vida dos outros, né?

E9: A coisa... Então, eu parei, e tô parando aqui agora porque pra mim é uma segunda etapa da minha vida. Foi aqui que eu aprendi, inclusive, a estudar. Foi a coisa que, a que meu pai dizia: “eu lhe chamei não foi tanto pra você espantar os urubus e os cachorros da

carne, mas foi para você ver como a vida é dura”. Foi a lição que meu pai deixou, a vida é dura. Tanto que eu vim três, cinco vezes montado em cima de um porco morto, pra ajudar papai tanger cinco burros de carga de porco morto, pra sair uma hora da tarde de Riachão do Jacuípe e vim amanhecer o dia aqui, porque no sábado é que vendia, ele vendia no sábado a carne do porco. Então, eu vinha de sexta, uma hora da tarde, mais ou menos.

Entrevistador: Rodava a noite toda.

E9: E amanhecia o dia aqui, vendia e voltava. Aí ele dormia no meio do caminho de volta porque achava que era muito cansativo e depois chegava em casa no domingo. Eu vim, parece que, num sei se três ou cinco vezes. E ele me disse: “Olha, eu já coloquei pra você que o que eu quero que você aprenda, não é tanto pra espantar o urubu da carne, mas é, sobretudo, pra ver como a vida é dura. Então, pra ele isso era uma lição. E quando papai morreu, logo depois papai morreu. Papai morreu eu ainda tava no terceiro ano primário, e mamãe disse: “Vamos continuar, meu filho. Mas se você quer ser padre eu vou continuar me esforçando pra você poder fazer por aqui o que pode ser aqui, mas só posso botar você depois que tiver feito o plantio do inverno. Só depois do inverno é que eu vou botar você”, Aí, no primeiro ano, depois da morte de papai, eu comecei a estudar de junho em diante. Eu e minhas duas irmãs. Uma delas fez faculdade, fez primeiro... Sim, quando voltaram as duas, no primeiro ano, a segunda se entusiasmou mais com um namorado e resolveu não voltar mais, ficou lá, e a outra veio comigo. Essa foi que me... Não sei onde é, se não eu ia te mostrar o livro, eu tenho um livro, ela escreveu um livro, é uma outra pessoa incrível, mais do que eu, eu acho. Ela era, ela foi, chegou a ser presidente nacional da JAC, Juventude Agrária Católica, e ela tem um livro publicado dela mesmo, terminou publicado. E ela voltou pra lá pra terra dela pra fazer duas coisas, pra cuidar de mamãe, que ela era a última filha e pra ter um jeito, se não, tinha o colégio, fundou o colégio, mas não ia continuar se não tivesse pelo menos uma professora de nível universitário. Quando saiu do Rio de Janeiro pra vim ensinar em Riachão do Jacuípe, para que a escola que era necessário ter pra poder ter...

Entrevistador: Como era o nome da sua irmã?

E9: Tinha que ter pessoa que tivesse um... Pelo menos uma pessoa de nível universitário, foi ela.

Entrevistador: E o nome dela?

E9: Que veio também... Então, ela me ajudou a ser gente, minha irmã caçula, e nos demos muito bem. Depois ela, ela acho que se entusiasmou com um seminarista e o seminarista foi estudar na Itália, por lá fez e quando voltou, voltou e casou com ela. E tem, parece que...

Entrevistador: Como é o nome dela?

E9: Francisca. Francisca Maria Carneiro. É uma figura, viu? Eu acho que ela é relativamente mais capaz que o marido, e o marido fez especialista lá na cidade de Goriana, lá em Roma. Queriam que eu fosse, eu não quis ir. Disse: “Não, eu não vou não, que eu acho que eu faço mais bem ao Brasil, aprendendo no Brasil, do que fora”. Recusei

uma bolsa pra lá pra Itália. Porque pra mim a Itália era uma alienadora, e era mesmo, viu? Comparando o comentário lá do meu cunhado com a minha, eu prefiro a minha aqui ainda. (Risos). Embora ele também tenha sido bem feito e bem sucedido. Mas eu, com isso aí, teve outro problema meu, que foi bom. Eu aprendi. Quer dizer, eu digo: olha, eu prefiro aprender no Brasil porque eu vou aprender os problemas brasileiros, não vou estudar para os outros, vou estudar pros brasileiros, então pros brasileiros eu não pros brasileiros eu não preciso ir tão longe. E talvez por conta da minha visão, que estudar aqui pra mim foi melhor do que ir pra lá, porque desde os meus dezessete anos, eu comecei a me engajar no movimento social católico, ligado ao JAC, Juventude Agrária Católica, que minha irmã depois que terminou o curso dela, foi trabalhar no jornal da JAC, Juventude Agrária Católica, e ficou por lá, e lá consegui tão bem que as freiras que deram a bolsa a ela aqui pra ela ir estudar lá no Rio deram a bolsa pra ela terminar a faculdade lá. Ela terminou a faculdade lá. No que ela terminou a faculdade, houve um movimento grande internacional do movimento de ação católica que ela já estava bem empenhada, porque ela passou a ser primeiro de um curso de... Ela trabalhou num jornal, o Correio Rural, o jornal que ela participou e a partir daí, quando ela se formou, voltou pra Riachão, porque ali a coisa que eu tinha ela tinha. Foi em função desse povo que eu fui estudar. Eu fui ser padre e ela foi estudar, então voltou pra morar com minha mãe e terminou abrindo um curso... Abriam um curso secundarista em minha terra, em Riachão do Jacuípe, e num... Pelo menos tinha que ter uma pessoa que tivesse um nível universitário, foi ela quem... A única que tinha. Então ficou lá. Depois daí fez concurso pra escola normal daqui, e foi professora aqui, morando em Riachão com a mãe. Ela voltava, passava uma noite aqui, a outra era lá. E terminou ficando mais ligado... E com isso ela continuou ligada ao meio rural, e até hoje ela é ligada ao meio rural. Embora ela tenha terminado a faculdade, e fez concurso, passou como professora aqui no Assis Chateaubriand, a Escola Normal, e ela foi... Eu acho que ela é bem sucedida também. Vou ver se eu acho o livro que ela escreveu que eu acho lindo, mas não tá posto a venda não. Oh, um que morava aqui, voltou de lá e me deu esse livro, repare... Eu quase não leio porque eu sou analfabeto, entender de desenho... Não tô achando agora, então eu vou dispensar e você vai me desculpar por tomar seu tempo.

Entrevistador: Não. Oxi. E nesse momento que o senhor começa a participar da juventude católica...

E9: Eu fiz mestrado. E o mestrado que eu fiz foi muito difícil, foi a respeito da cidadania, a cidadania sobre a ironia, sobre o impacto da globalização, muito difícil, mas foi também uma coisa que foi muito importante pra mim, pode não servir pra vocês, mas foi... A molequeira dele, você viu aí? (Risos)

Entrevistador: Para um grande amigo que foi uma mãe pra mim.

E9: Eu sou a mãe dele. (Risos).

Entrevistador: Belo trabalho.

E9: Ele veio agora aqui e queria... Ele me mandou, me chamou pra eu ir, ele fez uma exposição aqui. Ele é um... Ele se tornou especialista em arte em cerâmica e fez, e veio pra cá e eu... Fazer uma exposição aqui e não coincidiu com o horário que ele me deu, não era o horário que aconteceu a coisa, e num deu certo. Mas ele, a família dele ficou

aqui. Ele aí botou essa história de mamãe porque fui eu quem realmente fiz com que ele fosse pra o Rio fazer pintura lá e hoje ele é um artista afamado já nacionalmente. Ele diz que eu sou a mãe dele (risos), num é desonra nenhuma.

Entrevistador: Não.

E9: Não tá me chamando de bicha não. (Risos). Já conversei demais, tu não quer interromper a coisa?

Entrevistador: Não, tô gostando da conversa. O senhor tava falando do seu mestrado em cidadania e que foi uma coisa importante também na sua vida.

E9: É. Eu fiz o... Então eu vou falar sobre minha... Eu terminei o seminário, mas o seminário não tem... Eu fiz Filosofia e Teologia no seminário, mas a Filosofia de lá não era reconhecida, e aí foi outra fase muito rica de minha vida, eu fui reconhecer meu curso de Filosofia em Recife, que era a única faculdade naquela época que tava autorizada a reconhecer esses cursos. E ficaram nove... Eu fiz toda a minha... Apresentei o meu currículo e depois apresentei uma tese de cada matéria que eu fiz em Filosofia e ficaram ainda nove matérias que eles não reconheceram, aí eu tive que... Uma porque tinha outro nome e a outra porque as outras tu num tinha estudado, era outra.

Entrevistador: Era diferente lá, né?

E9: Aí eu fiz. Eu fiz, fui reconhecer firma. Tive uma outra coisa importante. Eu sou um... Como é que o povo chama? Um sortudo. Que tem sorte. Sortudo. Não é que eu fui estudar em Recife porque era a única faculdade do Nordeste que podia revalidar esse curso e eu fui fazer. Fiz as provas, todas as palavras que eu... Todas as... O meu currículo faltava parece que cinco que não era do currículo daqui da Bahia, que eu estudei em Salvador, não eram, mas... De cinco, não eram, mas duas ou três eram, mas não era completa. Aí eu fiz, reconheci meu curso na Universidade Católica de Recife, a universidade que tava autorizada a fazer essa revalidação. E aí eu fiz também, fui... Fiz em dois anos, mas fiz em quatro meses, fevereiro e junho, aproveitei as férias aqui pra ir pra lá. E fiz meu curso, eu sou formado pela Universidade Católica de Recife, da época em que era Dom Hélder Câmara lá. E se... Eu ficava lá um mês todo só, o mês de fevereiro todo e o mês de junho todo, para revalidar meu curso. E consegui revalidar todos eles, os que precisava eu revalidei todos lá, mas revalidei assim, no final da semana, sábado e domingo, se Dom Hélder Câmara num tivesse alguma coisa eu ia pra lá, eu me tornei muito conhecido de Dom Hélder Câmara e Dom Hélder Câmara pra mim era uma figura. E era mesmo, viu? Sempre foi. Repare: eu... Só pra te dizer como ele era, eu trabalhava com a JAC, Juventude Agrária Católica, mas eles lá na universidade de Recife tinha era Juventude Universitária Católica, JUC, então ele tinha um padre que era jovem e trabalhava com uns universitários lá de Recife, com Dom Hélder. E Dom Hélder botou um jovem, um padre jovem, sei que terminava em Neto, mas não lembro o nome dele não. Só sei que os italianos, a repressão disse que ele era porque o padre era bicha e os estudantes universitários brigaram e mataram ele, porque tinham ciúmes uns dos outros. Do outro e mataram, porque disse que era bicha, mas era mentira pura. E Dom Hélder, na missa de corpo presente começou com essa frase: - Dom Hélder era um santo e um herói e um intelectual - "mataram o meu padre duas vezes, tiraram a vida dele e agora depois de morto querem lhe tirar a honra". Que disseram que mataram porque era o pessoal universitário de ciúme que tinha com ele e matou ele, né? E era mentira pura. E Dom Hélder Câmara: "mataram meu padre duas vezes, a primeira vez lhe tiraram a vida, e agora querem lhe tirar a honra", no dia da missa de coisas dele, né? Que beleza de imagem, né? Mataram duas... Querem matar duas vezes, já mataram uma e a segunda agora querem matar depois de morto. Tá bom. Tiraram a honra, porque a primeira lhe

tiraram a vida e agora querem lhe tirar a honra. Mas Dom Hélder, olha, eu perguntei assim, eu peguei... Quando eu cheguei, que peguei a primeira vez, peguei um táxi e disse: “você conhece Dom Hélder?” “Ah, conhecemos”. Ele não tem, Dom Hélder, ele não... Tinha uma casa grande que era o palácio de arcebispo, ele botou foi o “Palácio da Cultura”.

Entrevistador: Olha!

E9: E foi morar em um quartinho de uma igreja lá, e também não quis ter... Dirigir. Não quis ter coisa próprio. O veículo. Ele andava de pé. Aí eu perguntei assim a um taxista: “Vocês conhecem Dom Hélder?” “Ah, conheço”. Eu fiz: “O senhor conhece mesmo?”. Ele fez: “Olha, a gente tem um contrato assim, Dom Hélder não tem nem palácio, porque o palácio ele botou pra ser um central de cultura, cartório no palácio, e não quer nenhum carro. E nós, taxistas, temos um compromisso no sindicato da gente, que Dom Hélder estando caminhando de pé, a gente tem que dar uma carona a ele, levar onde ele quiser, de graça”.

Entrevistador: Respeitado.

E9: É um respeito grande que eles tinham com Dom Hélder. Dom Hélder era realmente uma beleza de gente. Uma beleza de gente. Então, toda noite, sábado eu não tinha aula, então se Dom Hélder tivesse qualquer uma movimentação eu ia assistir. E com isso aí, eu acho que eu fui aprender muita coisa com Dom Hélder. Com Dom Hélder. Que é um espetáculo de gente. É um santo. Ele teve aqui umas duas vezes. Então, essas coisas foram coisas inesperadas. Como é que eu ia ter nenhum contato com Dom Hélder se não fosse estudar lá. E como é que eu tinha contato que podia sábado e domingo está disponível pra ele? Por exemplo, eu tava numa casa, fui assistir uma missa lá, assistir... E depois o pessoal fez: “olha, não vai haver mais missa aqui hoje não porque o padre que vinha não pôde vir e não nos avisou e a gente não achou outro pra substituir”.

Entrevistador: Aí o senhor...

E9: Aí eu disse: “olha...” Eu tava no meio do povo assistindo a missa. Eu disse: “olha, eu sou padre lá na Bahia, em Feira de Santana, estou aqui fazendo um curso, se vocês quiserem que eu celebre a missa, eu celebro. Agora vocês precisam primeiro investigar se eu sou padre mesmo ou se eu sou um malandro”. Aí disseram: “Não, não precisa a gente pedir não. Quando você tiver celebrando a gente já vê se você é padre mesmo ou não”. (Risos) Aí eu celebrei. Aí fiquei celebrando a missa dos jovens durante as férias minhas.

Entrevistador: Todo período que tava lá, celebrava as missas?

E9: É. E voltei pra lá, todas as férias que eu ficava lá, que era o mês de fevereiro e o mês de junho, eu celebrava. Me deram um lugar pra celebrar, aí fiquei na pensão dos padres de lá. Também foi outro apoio, como é que eu ia pagar essa pensão lá? Que eu também não tinha dinheiro.

Entrevistador: Foi mais uma oportunidade que apareceu na sua vida.

E9: Foi um espetáculo. E fiquei próximo de Dom Hélder. Dom Hélder me conhecia muito como se eu fosse de lá. Bom, agora é você quem fala.

Entrevistador: Bom, eu vim pra lhe ouvir, mas agora eu vou direcionar um pouquinho pra o meu interesse. E o senhor no movimento social do MOC, né? Que eu sei que o senhor fez parte desde a gênese, né? Me conte um pouquinho e as ações que o senhor fez

voltadas lá pra o território do sisal. Lá pra Serrinha, Araci, Valente... Se foi, se não foi por ali.

E9: Olha, essa minha história de eu está... Sempre estive ligado durante mais ou menos 6 anos, eu estudava, no final do ano... Ao movimento social, por enquanto. No final do ano, eu, a gente conversava com um padre que foi quem introduziu pra esse movimento de JAC, Juventude Agrária Católica, foi um padre que era de São Miguel das Matas, da Diocese de Amargosa, e eu era da Diocese de Salvador, mas quando era fim de ano, todo final de ano a gente passava três dias, o padre de lá, de São Miguel das Matas, que é da Diocese de Amargosa, todo final ano fazia três dias de estudos, e eu era o coordenador dos seminaristas que estudava e queria aprender também isso aí, eu era o coordenador. Aí mesmo que eu não prestava, mas tive que fazer que prestava pra poder... (Risos) E mais uma vantagem, né? E o padre sempre gostou de mim, o padre de lá. Teve uma vez que eu fazendo uma coisa de teatro, eles fizeram uma rampa, uma escada, mas não botaram nem corrimão, nem... E eu caí, cabeça pra baixo, e quebrei a cabeça e quem me socorreu foi o prefeito da cidade, que era adversário do movimento, porque ele era do exército. E foi quem me socorreu e deu uns pontos. Me salvou.

Entrevistador: Era médico?

E9: Mas ele também não tinha nada não, né? E eu tinha umas coisas, por exemplo, um outro que era, por exemplo, numa dessas vezes a gente fazia, e ele era prefeito mas não era rabugento não, ele emprestava a área pra gente ocupar, a praça ou o teatro. Como ele fez o teatro, ele fez o teatro. E nesse teatro eu fui pintar o coisa e caí de costa e eles tinham feito a escada, mas não botaram corrimão nem proteção, aí eu quebrei a cabeça, porque eu caí, aí desci a escada toda de cabeça pra baixo. Ele atendeu, deu uns pontos e num é que deu certo os pontos dele! Ele não era... Ele era... Como é que se chama esse pessoal que ocupa uma função que não estudou? Tanta peste de rabo lá.

Entrevistador: Ele era leigo, né?

E9: Ele era tenente de exército. E a gente, por exemplo, quiseram prender o padre porque o padre ajudou a fundar o sindicato dos trabalhadores rurais de lá. O primeiro presidente ficou preso quatro meses e o padre não foi preso porque tinha um primo que era capitão da polícia, garantiu por ele. E teve um outro problema que o meu colega que foi, que era meu colega de JUC, Juventude Universitária, que também foi ajudar fundar o sindicato dos trabalhadores rurais, foi... O presidente do sindicato lá passou três meses na cadeia porque era presidente do sindicato, num tinha outra coisa.

Entrevistador: Num tinha feito nada.

E9: Foi uma desgraça. Por isso agora eu tô acostumado agora. Num tô com medo desses desgraçados d'agora não, que é a mesma, quase a mesma coisa. Por isso que eu peguei a ler esse livro, porque é bem semelhante, pra a gente aprender o que fazer.

Entrevistador: Deixa eu tirar foto desse livro aí. Sim, aí o senhor...

E9: Agora você já pode... Até agora eu dominei a conversa, eu falo demais. Agora você dirija, o que você quer pra o que você quer e o que é que falta.

Entrevistador: Então, o senhor chega aí no movimento social do MOC e...

E9: Não. O MOC foi eu que fundei.

Entrevistador: Pronto. Então. Aí o senhor vem com o movimento social e aí volta pra Feira, que isso aí foi lá em Amargosa.

E9: Não, mas eu era da Feira, eu era em Amargosa só quando eu era estudante.

Entrevistador: Ah.

E9: Mas o movimento do MOC foi fundado por mim, mas eu já era padre, agora era padre orientado por esse padre de lá de São Miguel das Matas que é da Diocese de Amargosa, porque os padres daqui da Bahia, da Arquidiocese não eram dados, eles eram da cidade, não era da roça, não queria ser de JAC não. Então aí eu fui ser de JAC, por honra de meu pai. Sobretudo de meu pai, minha mãe também. Não é que minha mãe aprendeu ler com meu pai. E lia bem. Por exemplo...

Entrevistador: E o seu pai aprendeu com quem?

E9: Não sei. Eu tenho impressão que o pai dele pagou uma pessoa que ensinava os filhos em casa. Porque a gente tinha... O papai teve vinte e dois filhos, criamos dezenove, e mamãe se casou com dezesseis anos e aprendeu ler com papai em casa. Então, papai pra mim ele é um herói. Como é que ele tem condições de ser pai de 19 filhos vivos, porque três morreram, eram vinte e dois, três morreram pequenos e tem tempo pra ensinar mamãe.

Entrevistador: E trabalhar pra cuidar desses meninos.

E9: E minha mãe aprendeu tudinho. Aprendeu direito. Ela lia direito.

Entrevistador: E em qual contexto nasce o MOC? Esse desejo seu de Fazer o MOC?

E9: Do MOC? O MOC apareceu depois que eu já era padre por causa dessa minha ligação com o meio rural e com o contato com o padre de São Miguel das Matas, que era da Diocese de Amargosa, não era... A que eu era, era da Arquidiocese de Salvador, quando separou, eu vim ser da Diocese daqui. Então ele... Me diga aí onde eu tava que perdi o...

Entrevistador: Como é que veio surgir o MOC? Aí o senhor falou do desejo do MOC.

E9: O MOC surgiu de uma necessidade que a gente tinha de trabalhar pelo pessoal que não tinha tido preparo nenhum para a vida, MOC, Movimento de Organização Comunitária, é para ajudar que o pessoal meio rural fosse preparado, eu trabalhei muito isso, trabalhei uns vinte e tantos nisso. Como padre, mas trabalhando pra isso. Tanto que a gente tinha por princípio, que todo final de ano, o padre de São Miguel das Matas, padre... Depois eu vejo que eu não me lembro o nome dele agora. Mas ele... A gente combinava que antes da gente sair de Salvador, ia primeiro pra Diocese de Amargosa, pra depois ir embora pra casa. E então, a gente perguntava sempre quando era que ia começar as férias porque já sabia que depois das férias a gente tinha esse movimento lá. Em geral, eram 8 a 10 seminaristas que a gente começou a ir, inclusive Neidson, que é meu cunhado e casou com minha irmã, também fez parte disso aí. E ela também não era do movimento porque ela tava estudando num colégio de freira, mas aprendeu e aprendeu bem e foi presidente nacional da JAC, depois que tava lá no Rio. Então e a gente foi vendo que para ter um trabalho sério, precisava ter um trabalho que a gente respeitasse determinadas coisas, primeiro que a gente não dono do mundo nem o doutor sabe tudo. Então, nós poderíamos abrir, por exemplo, numa dessas coisas, tinha um filho de um ex-prefeito, que ele era malandro, né? E fez uma poesia... Resolveram fazer um mercado e no mercado, eles deram uma área pra gente fazer esse teatro, e esse moço fez uma coisa sobre o... De um poeta aí do Ceará, que era mais ou menos... A poesia era “o cheiro do subaco da nega”. É de um poeta... Coincidiu que eu aprendi também, por acaso lá no seminário, eu peguei esse poema de cordel, e tinha as coisas e eu aprendi a coisa dele. Aí eu... O padre Gilberto era muito... Rancoroso não, mas disposto e ficado nervoso e queria... Eu digo: “não, deixe que eu respondo”. Porque ele fez uma música e ele era filho do ex-prefeito e citou a música “o cheiro do subaco da nega”. Aí o padre ficou nervoso e foi e respondeu. Eu

disse: “oh, padre, não responda não, deixe que eu respondo. Essa coisa aí eu respondo”. Aí eu respondi, ainda me lembro essa poesia até hoje. Como é, meu Deus? “Zé Mingau, por que tu tá triste, jururu? Nem que fosse um bacurau. É porque a danada Carú te largou? Te deixou pulo Chico Birimbáu? Não te acagiba, perdoa. Não paga a pena chorar. Tu não tá vendo aquela lagoa daquela baixa, aculá? Olhe pros fundos das águas que ela fica a te olhar. Aquilo que faz contigo, enspreiando o teu semblante, faz com todo caminhante, o primeiro que vier. Apois aquela lagoa é o coração da muié”. Aí o outro, uma outra mulher chegou e respondeu: “Zé Mingau! Este furbeca tá dizendo farsidade. Esta história da lagoa não tá dento da verdade. Apois, se o homem espiasse somente em uma lagoa, e junto dela ficasse dia e noite, noite e dia, de sentinela e de espia, eu juro por Jesus Cristo e a Santa Virgem Maria, que a cara do descarado nunca mais de lá saía. Mas se em todas as lagoa, de água limpa ou xavascá, o homem quer vê a cara, o homem quer espisar. Eu vou fechar minha boca, porque, rapaz, tu bem sabe aonde eu quero chegar”. Mas o pessoal gostou tanto da minha resposta a ele, que ele tinha feito uma música do mesmo autor, mas era o “cheiro do subaco da nega”, e o meu eu fiz essa resposta e todo mundo achou... O pessoal levou cinco minutos batendo palma e o rapaz, o filho do ex-prefeito, ficou cabisbaixo.

Entrevistador: Sem ter o que falar. Ia falar o que? (Risos).

E9: Num foi? Foi um repente assim que me veio: “não, eu vou responder”. Veja que coincidência, né? Essas coisas vem da...

Entrevistador: E as ações do MOC naquela época? As primeiras ações quais foram?

E9: O MOC aí... O MOC repare, quando eu vim, eu vou te dizer toda a minha história em Feira, antes do MOC eu fui indicado pra ser... Eu continuei trabalhando com o JAC, Juventude Agrária Católica, e continuei descobrindo o que é que se precisou pra mim trabalhar no meio rural sem trabalhar a profissão, era algo que era manco, porque não dava para caminhar, porque a vida, eu descobri com essa coisa do MOC e da JAC, primeiro da JAC, porque na JAC eu fiz quando era seminarista ainda e o MOC eu fiz depois que eu já era padre. A gente fez uma coisa boa, porque nós ajudamos não a ideia que a gente tinha que não poderia ser feita só uma coisa só religiosa, porque o povo do meio rural tinha muita necessidade e a gente tinha condições de ajudar. Então pra mim eu fui aquele que aqui cheguei, primeiro do que os outros padres, porque os outros padres chegaram mas não disseram para que vieram, e eu não, por exemplo, o bispo tinha sido primeiro de todos do seminário menor lá em Bonfim de Vila Nova, como se chama, e ele queria ser útil ao povo mas não sabia como, porque o que ele aprendeu era só aquilo que era decorado, aquela coisa... E eu não, eu vim com o movimento que era o movimento dos operários e junto com os universitários, o pessoal da JUC, Juventude Universitária Católica, também me ajudaram muito, porque eles achavam que a parte ligada a agricultura que eu era mais preparado do que eles que era da universidade. Então eles me ajudaram muito. Um irmão deles, não sei se vocês sabem, muito pessoal que foi morto, esse rapaz que era o presidente da JUC do meu tempo, foi morto e aí não se sabe por onde. Diz um capitão do Exército, que é desse grupo de Bolsonaro agora, quer dizer, não sei se ele é vivo ainda, mas a mentalidade que eu tô dizendo que é a mesma, eles quiseram muito as armas, mas o... Deixa eu ver como... Eu me perdi aí. Me ajude a me encontrar.

Entrevistador: O senhor estava falando do movimento social, antes do MOC...

E9: É. Surgiu... Foi quando surgiu também, por exemplo, a necessidade da gente ajudar um pouco o sindicato dos trabalhadores rurais, porque foi com a constituição de 64, que a gente poderia, por exemplo, fundar o sindicato.

Entrevistador: Aí e o senhor ajudou na fundação do sindicato?

E9: Ajudei fundar o sindicato. E quiseram até me prender também por causa disso, e o meu colega que foi eleito, que foi eleito não, que terminou primeiro que eu, mas ele fazia faculdade de Direito em Salvador, ele praticamente, não sei como não mataram, como esse moço não morreu logo. Ele foi que ajudou lá a fundar. Aí ele terminou o curso dele de Direito e foi se dedicar a lei sindical. A trabalhar e ajudar a fundar os sindicatos. Ele morreu logo depois que ele foi preso. Foi preso e se jogou de lá de cima do prédio lá do... Ele foi pra Diocese. Diz que... O pessoal inventou que tinha que ir pras bases, ir pras bases, então ir pras bases, ele deixou de ser advogado pra ir ser trabalhador da cana-de-açúcar, e com uma dessas reuniões de assembleia, descobriram que ele tinha sempre uma linguagem mais assim, mais aperfeiçoada do que os outros. Aí começaram a descobrir, descobriram que ele era, realmente era advogado e tava ali para fazer um trabalho que se fizesse de, chamado trabalho de base, coitado. E ele foi preso porque se jogou de lá de cima e quebrou sete costelas. No que quebrou sete costelas, prenderam ele lá no Rio, no Rio não, lá em Recife, e depois disseram a Dom Hélder: “Oh, Dom Hélder, veja aí, fulano de tal tá preso aqui e não tão dando, quebrou as costelas não conserta e já tá pegando bicho, e vá lá assistir”. Aí quando chegou lá... E aqui vai a minha homenagem a Dom Hélder, porque merece. Viu? Dom Hélder fez, ele foi lá. Aqui tinha um rapaz chamado, eu tenho um livro dele aí, Helenaldo Cerqueira Ferreira, que foi, estudou aqui no meu tempo que eu era seminarista e ele era estudante de Direito. Quer tomar algo não?

Entrevistador: Daqui a pouco eu vou tomar água primeiro.

E9: Pediu aí água?

Entrevistador: Ela vai pegar.

E9: Aí: “aqui tem um rapaz chamado Helenado Cerqueira?” num sei o que. “Tem”. “Eu preciso ver esse rapaz”. “Nós não podemos deixar, eu não tenho autorização nenhuma e o senhor não vai conseguir sem autorização”. Fez: “não, eu não saio daqui sem que vocês me mostrem esse rapaz”. Aí sentou e ficou parado. “O senhor pode ir embora que autorização eu não vou lhe dar”. “Não vou embora. Então você não vai fechar porque eu vou ficar aqui dentro”. Aí terminou, mas quem avisou a Dom Hélder disse: “Ele tentou pular do terceiro andar pra o lado de fora do muro pra fugir, conseguiu pular, mas quebrou sete costelas, então não pode andar”. Aí disse: “Não, eu vou lá visitar”. Aí Dom Hélder... Dom Hélder era sempre aquela figura que não se dobrava, mas não dizia desaforo a ninguém. “Como é? Eu vou ou não vou ver esse rapaz?” Eu não tenho o direito...” “Você não tem o direito, mas eu também sou o Arcebispo daqui e sou obrigado a proteger a vida de todas as pessoas que moram aqui, então eu sou obrigado a defender esse rapaz, e não embora daqui e vocês não vão poder dizer pra imprensa que não permitiram que o Arcebispo fosse visitar um doente”. Eu sei que terminou ele descobrindo, indo ver... Disse: “Não, olha, tem sete costelas quebradas e vocês já está pegando bicho e vocês estão matando este rapaz. Isso não é possível. Eu só saio daqui hoje, vocês tem que antes de eu sair daqui, vocês vão levar esse rapaz para o hospital e eu vou atrás pra ver se vocês levaram mesmo”. E foi. E foi. Quando chegou lá, mandou consertar e não é o rapazinho se recuperou.

Entrevistador: Olha!

E9: Dom Hélder era assim. Não andava com arma nenhuma, não tinha nada, mas o pessoal tinha ao mesmo tempo um medo, um medo da autoridade dele. E acho que é medo porque amar eles não amavam, que eles não queriam o que Dom Hélder queria. Helenaldo Cerqueira, Teixeira Cerqueira, e esse Helenaldo, ele voltou e voltou a ser professor da

universidade também aqui, depois de são, mas de fato tinha sete costelas quebradas. Ele tinha um tio que também me salvou. Eu fiquei doente, não sei como é que se chamava isso, uma espécie assim que uma mancha, como se fosse cobreiro, era um germe que parecia uma cobra nas costelas da gente e esse rapaz disse: “Eu tenho um tio que lida com isso na Universidade Federal da Bahia, eu vou conseguir pra você, pra você fazer a... Recuperar”. E recuperei mesmo.

Entrevistador: Olha!

E9: Você viu? Umas coisas até meio interessante. Coitado. Porque ele foi pra lá pra fazer o que eles chamavam de trabalho de base, pra trabalhar na cana-de-açúcar, foi ele, um colega dele e a mulher dele. Aconteceu que ele, que o colega dele tomou a mulher dele, saíram de lá pra... Não podiam ficar lá, claro. E não tinha mais nenhum interesse, porque o interesse era trabalhar pela universidade, aí botaram pra fora e fez: “Não, não vou poder salvar...” “Não, olha, eu só saí daqui depois que vocês atenderem, e depois que vocês atenderem eu vou ver se ficou certo, eu vou acompanhar a operação”. E acompanhou. Por isso que eles tinham, por exemplo, o compromisso pessoal, o pessoal... Os taxistas tinham a obrigação de salvar Dom Hélder, andar mais ligeiro porque ele era, por causa da ação dele. Gostando lindo. Então isso foi me ajudando mais e quando eu cheguei lá, que fui fazer meu curso de Filosofia pra reconhecer, Dom Hélder tava lá, se Dom Hélder tivesse algum movimento sábado ou domingo eu ia. Tanto que eu peguei mais adaptação do trabalho de Dom Hélder do que do bispo de Feira. Então, todo esse meu movimento do MOC é o resultado desse envolvimento que eu tinha desde o tempo de estudante. Entendeu? E me sinto até feliz porque por ele tua vinda, fia... Um abraço e um beijo, o que você quiser, viu? Acho ótimo tu tá aqui preocupada com isso. Viu?

Entrevistador: E as ações do MOC, assim, logo que o senhor fundou o MOC. Quais eram as principais ações?

E9: A gente ainda não tinha bem determinado. Primeiro era trabalhar com o meio rural, trabalhar com o meio rural era coisa, era descobrir o que é que eles mais precisam, então a gente descobriu que eles precisam de ter uma orientação jurídica para salvar, por exemplo, eles tinham direitos num sabiam que tinham esses direitos, como até hoje muitos deles não sabem. Então precisava trabalhar. Eu fiz até universidade e fiz o curso de mestrado em Direito para ajudar um trabalho de orientação para o meio rural. Entendeu? E aí fui entrando devagar e, nisso aí eu entrei muito porque pouca gente, desde o tempo de estudante, seminarista, o pessoal da JUC de Salvador iam sempre fazer estudo lá no seminário e eu também ia assistir. O padre não gostava muito de a gente ir não, porque o padre era contra, mas eu fui muito desaforado, por exemplo, o meu vice-reitor que era do seminário, ele perguntou assim: “Ô, Albertino, me diga uma coisa: se você tivesse no meu lugar, o que era que você faria?” Eu disse: “Eu pedia demissão”. Pedia demissão! Pedia demissão! “Por que você acha?” “Porque o senhor, padre”... Era o reitor que era o chefe de lá. “O senhor não tem vocação pra trabalhar com juventude, o senhor já tá envelhecido antes da hora e pra trabalhar com juventude precisa ter idealismo, o senhor não tem idealismo. Então eu pediria demissão porque eu não tinha razão pra tá aqui”. Ele fez: “É, eu vou lhe desculpar só porque você é sincero”. E não me disse nada. Não me culpou nada. E essas coisas assim, que eu era muito desaforado, mas era um desaforado que mostrava interesse pela coisa, era desaforado porque não queria trabalhar não. Então por conta disso eu acho que ele me desculpou. Eu era desaforado mesmo. Eu pediria desculpa. Pediria e ele ia dizer: “Por que?” “Porque o senhor é tão pessimista que o senhor não dá pra trabalhar com jovens. Pra trabalhar com jovem precisa de alguém que sonhe, alguém que pense, a gente que tenha coragem de perder tempo. E o senhor não demonstra

isso. O senhor tem sua parte e nem escuta a gente, nunca perguntou pra nós. Pela primeira vez que o senhor perguntou pra mim, e veja que eu já tô saindo do seminário, pela primeira vez que o senhor me perguntou o que é que eu quero. Nunca perguntou mesmo. Não dá pra ser assim. Pra ajudar a juventude tem que ser jovem também, tem que acreditar neles, o senhor não acredita neles. Eu tenho medo do senhor e se eu tenho medo eu não posso ser seu colaborador”. Eu era uma espécie assim de... Que ajudava a disciplina, eu disse: “Como é que eu posso ajudar a disciplina se o senhor não acredita em mim?” Eles, por exemplo, tinham um movimento TFP, Tradição, Família e Propriedade, é a extrema. É o Bolsonaro de hoje era naquele tempo era isso, TFP. E padre... E tinha um moço daqui, um médico psiquiatra, malandro, no coisa de comício, é TFP, e ele dizia mesmo assim no comício, no cursídeo que ele fez, na palestra, todos filhas da puta, que era o pessoal mesmo da extrema direita, tipos os Bolsonaros de hoje.

Entrevistador: Vou ver aqui. Minha unha também tá pequena. Tá quase lá. Esse aqui tá difícil.

E9: Pra mim esse daqui tá melhor.

Entrevistador: Aqui tá. Esse lado aqui tá melhorzinho.

E9: Vixe.

Entrevistador: E as ações começou primeiro aqui em Feira e depois foi que foi abrindo pros outros, né? Nos outros municípios.

E9: Como foi que você me descobriu?

Entrevistador: Como lhe descobri? Eu tava fazendo a investigação no território sobre os movimentos eclesiais de base, aí me indicaram pra eu ir pra Diocese de Serrinha porque Araci não tinha nada, não tem registro.

E9: Indicaram o que?

Entrevistador: Eu fui na Diocese de Serrinha, depois que eu fui na Diocese de Serrinha, falaram pra eu vir na Arquidiocese daqui de Feira, só que eu não tenho contato de ninguém daqui, aí eu falei com Selma, professora da UEFS, que me indicou pesquisar sobre o MOC e aí me indicou seu nome. Aí eu fui e entrei em contato com o MOC que me deu seu número e aí eu tô aqui hoje.

E9: Ah, bom. Então o MOC, eu vou te colocar... Eu primeiro trabalhei com a JAC, Juventude Agrária Católica, o MOC já foi o filho dessa mãe, (risos) entendeu? E antes de eu trabalhar com a JAC, eu trabalhei também ajudando um padre de Salvador que... O padre Dionísio, que era o diretor do ensino religioso no estado da Bahia. E eu ajudei um pouco ele. Esse padre Dionísio, é jesuíta, não era católico, católico não, não era diocesano, mas era um padre vivo danado. Ele disse: “Olha, Albertino, você vai para Freira, mas cuidado lá, porque Feira de Santana é um pessoal muito rigoroso e num sabe trabalhar”. E aí eu comecei a trabalhar já ajudando. Então ajudei um pouco num criatório, no chamado, no trabalho de fundar sindicato dos trabalhadores rurais, porque foi o que surgiu. Tem umas coisas até que eu gosto de passar, e como você é mulher, eu vou contar essa que eu acho boa. Você sabe que foi o meu movimento, e foi na diocese daquele tempo que era daqui, mas foi em Serrinha, o primeiro lugar que a mulher do campo poderia ter pensão? Foi a gente que conseguiu, e nós conseguimos e eles não queriam porque foi em 64. Repare, eu cheguei aqui em 64 e em 64 começou essa ideia, de o direito do pessoal... A mulher também tinha direito de ter pensão, como é que não tinha? Então, nós defendemos de tal maneira isso, que conseguimos que o ex-prefeito de Salvador, deixa eu ver se eu me lembro o nome dele, ou se você também souber, é o primeiro

prefeito depois que mudou o sistema, Jorge Hage, foi quem ajudou a gente a trabalhar especificamente e conseguir a pensão para a mulher do meio rural, e ele aceitou ser o segundo relator da Constituição de 68, e aí incluiu por quatro vezes e o pessoal não concordava, aí quando foi na quinta, ele mudou de redação, pra dizer a mesma coisa e passou. Ele disse a idade para pensão para poder se aposentar é sessenta para homens e para mulheres cinco anos antes, porque a mulher era considerada como ela tinha, como é que chama, um horário duplo, porque ela tava no trabalho, mas quando chegava em casa ela continuava trabalhando, por isso ela tinha o direito. Então ele botou sessenta e cinco anos para homens e sessenta para mulher, não passou, aí ele botou na quinta vez, ele botou a mulher tinha ser cinco anos a menos considerando que ela teve sempre uma diária dupla, como mãe, de casa, como num sei o que... E aí passou. Foi Jorge Hage quem deu, e para fazer isso, a gente reuniu cinco vezes com o movimento da região daqui, incluindo Serrinha, incluindo Valente, incluindo Santaluz. E as mães de Serrinha, as mulheres de Serrinha foram as mais corajosas. Eu tava numa reunião dessa lá, eu dizendo que nos estamos lutando para isso e a gente quer que vocês ajudem a lutar, e aí elas me perguntaram assim: “Se nós conseguirmos fazer um plantão e ficar lá dentro e num sair enquanto eles não inscrever a gente, o senhor dá apoio?” Eu: “Dou. Pode fazer que eu...”. Aí elas se reuniram, e mais ou menos no finzinho da tarde foi só chegando mulheres, só chegando mulheres, e umas vinte mulheres entraram, entraram e sentaram. “O que é que vocês querem?” Elas disseram: “Nós queremos se inscrever no sindicato”. “Ah, mas não pode”, num sei o que. Eu disse: “Não, então nós não saímos daqui. Pode preparar umas esteiras aí pra gente dormir aqui, porque a gente não vai sair”.

Entrevistador: Isso em Salvador?

E9: Não. Serrinha.

Entrevistador: Ah, em Serrinha mesmo?

E9: Serrinha. Aí disseram: “Ah, mas num sei o que, num pode”. Aí mandaram chamar a polícia pra botar as mulheres pra fora. Quando, não sei que milagre nem que policial foi esse, que disse: “O que é que tá aí?” “Porque a gente quer se matricular como sócia do sindicato e eles não querem, e a gente disse que só sai daqui depois que eles matricularem”. Aí o polícia virou para ele e perguntou: “Por que vocês não matriculou? Matricule logo, que ela já vai, pronto tá resolvido”. E deu. Foi o que deu foi isso. Ou se fazia assim, ou não se fazia, e foi as mulheres de Serrinha. Você é de lá?

Entrevistador: Sou de Valente, mas da região do sisal.

E9: Pode dizer a elas que elas merecem até hoje minha reverencia. É um direito delas. Que foi quem ajudou a fazer.

Entrevistador: Até então o sindicato era só dos homens?

E9: Só pra homens. E quem mais defendeu a gente também, que hoje é juiz, foi Jorge Hage, foi prefeito de Salvador. Tiraram ele de prefeito porque disse que era avançado demais, e ele foi ser...

Entrevistador: Juiz?

E9: Não, antes de ser juiz ele foi deputado federal. Na Constituição de 64 ele era o segundo redator, e foi ele quem botou isso aí.

Entrevistador: de 64 ou de sessenta e...? De 64 né? A Constituição de...

E9: A constituição de 64. De resposta curta, viu? Pois é, fizemos cinco reuniões aqui com todas as mulheres dos municípios vizinhos que trabalhava com o MOC, pra gente

conseguir isso, e não é que conseguimos. E conseguimos pela coragem da mulher de Serrinha.

Entrevistador: Danadas.

E9: A gente só consegue as coisas querendo. Não era logo não. Logo não dava. Uma outra coisa linda, linda, de minha luta, foi a Pedra do Cavalo. O pessoal fez a barragem de Pedra do Cavalo, mas tomou a terra, a água tomou a terra do pessoal e o pessoal não quis pagar nada e a gente não aceitou. “Não, eles não pediram a vocês, eles foram consultados se vocês queriam perder a terra ou perder a água? Vocês não consultaram isso. Então, como é que vocês podem impor? Tem que pagar. Tem que pagar o que deve aí”. Quando eu disse que tem que pagar, quando foi uma vez, um outro moço: “Olha...” Eu, essa semana... Foi o presidente da sessão aqui da Bahia. “Essa semana eu tive reunido com todo o pessoal e de todo o pessoal, quem tá mais a frente disso somos nós, que já tem algum lugar que a gente deu e vocês ainda tão reclamando?” Aí eu disse, e eu: “Lá os melhor é a gente, pra vocês aqui a gente ainda não presta”. “Oxi, não, senhor. A gente não tá dizendo que o senhor não presta. O senhor vai completar sua bondade se fizer isso, porque se não fizer isso não é bondade”. Ele fez: “Não, mas não é...” “Quem tem mais foi a gente”. Eu disse: “Olha, em terra de cego quem tem um olho é rei”. Ele aí ficou danado. “Não, você tá sempre na frente...” Porque nunca espera em terra de cego quem tem um olho é rei (risos). E aí ganhamos. E ganhamos também porque eles queriam que o pessoal saísse, saísse pra onde? Eles não davam. A mesma coisa, que a gente queria que eles sindicalizassem o pessoal e eles não queriam sindicalizar. A gente tinha que forçar, e uma das coisas foi essa, foi não deixar, não se afastar.

Entrevistador: E o MOC fazia...

E9: Então, eu digo que Serrinha tem esse mérito. Não foi só no estado da Bahia não, foi no Brasil todo. Foi o primeiro lugar que a mulher foi sindicalizada, sabe? Isso aí é importante. Aí pronto. Essas coisas que eu fui levando, mas fui levando junto com o MOC. Eu vou ver... Ah, olha, você já leu isso aqui?

Entrevistador: Uhum. (...) Ambos são para nós exemplo de coragem, determinação na luta por um mundo mais justo, programa de gênero MOC.

E9: Olha, eu nem me lembrava disso. Aí quando você falou, eu digo: “Ah, eu vou pegar isso pra...” Porque eu tô, também tô precisando, porque aqui é, praticamente é, foi uma maneira como a gente conseguiu levando as coisas, pacientemente, mas levando sem parar. Agora o que foi que aconteceu? Vou citar só dois lugares péssimos. Só, nós só tivemos apoio, nós temos dez municípios que a barragem Pedra do Cavalo atingiu, desses dez, só tivemos dois municípios que apoiaram a luta da gente, os outros não apoiaram. Aí que ele disse: “É... A gente que faz tudo, depois vocês diz que a gente...” Eu tive... “Só quem comprou alguma terra pra dar ao pessoal fui eu, e vocês não querem e ainda tão achando pouco?” Aí eu fiz: “Olha, acontece que em terra de cego quem tem um olho é rei”. Quer dizer, essa minha expressão, que é do povo, caiu como um cheio. Ele fez: “Você é um desgraçado, não deixa a gente por cima”. (Risos). Em terra de cego quem tem um olho é rei.

Entrevistador: Pois então. E nesse período aí de cinquenta anos do MOC, né? Que fez há pouco tempo...

E9: E o que?

Entrevistador: Dos cinquenta anos do MOC, do movimento social, houve algum programa, alguma ação de alfabetização?

E9: De alfabetização?

Entrevistador: Pra alfabetização.

E9: Não. Diretamente... Teve, teve! Nós tínhamos aqui um programa, a menina ela até mora aqui, foi pra África e voltou, e o marido dela morreu, tá morando em Feira. Teve um movimento daqui do... Sobre... Como é que chamava o programa? Quem fez muito foi o padre de São Gonçalo, Josemir, padre Josemir de São Gonçalo, que foi o primeiro diretor do Centro de Educação de Base, Centro de Alfabetização de Base. Entendeu? E a diretora estadual era uma irmã de um bispo, que foi ser bispo, que era daqui da Diocese de Amargosa, que foi ser bispo no Ceará. Ele deu apoio, e padre Josemir, que depois também foi ser padre... Ô, se casou. Eu ainda fiquei uns vinte e dois anos como padre, ele não ficou, mas quando eu fiquei já tinha, já podia ter licença, com dificuldade, mas podia pedir licença pra casar, e o vaticano dava. Eu num saí, saí não. Eu celebri até o último dia que eu podia celebrar. Quando eu celebri o bispo disse: “Vá lá amanhã que eu tenho um negócio pra lhe dar”. Pra me dar era a carta autorizando eu me casar, mas daí em diante não podia mais celebrar.

Entrevistador: Depois que a carta chegasse. E essas ações do Centro de Alfabetização de Base, o senhor sabe informar se teve lá pra região de Serrinha?

E9: Teve em Serrinha?

Entrevistador? Araci...

E9: Parece que não, teve bem em São Gonçalo, teve bem aqui em Feira, mas o padre... A Rádio daqui é dos Capuchinhos, Capuchinhos era os dos mais covardes que eu conheci como padres que responde. Não enfrentavam governo, entendeu? Pra você enfrentar governo você precisa ter sangue frio e ao mesmo tempo coragem. Não é? E a gente conseguiu. Quem dirigiu o meu, quando veio a Revolução, quem dirigia na Bahia era a irmã dum que já era... Como é? Já era bispo, bispo lá no Ceará, que era o irmão de padre Cláudio, do pessoal que é daqui da Arquidiocese de Amargosa. Esse pessoal era mais evoluído que o pessoal Católico de Salvador.

Entrevistador: O senhor já foi em Araci?

E9: Hein?

Entrevistador: O senhor já foi em Araci nessas suas ações?

E9: Eu já o que?

Entrevistador? Se o senhor já foi na cidade de Araci.

E9: De Araci? Já.

Entrevistador: Quando fala em Araci aqui, o que é que o senhor vem a sua mente? Quando pensa em Araci.

E9: Hein?

Entrevistador: Quando pensa em Araci, o que é que vem a sua mente?

E9: Na minha mente?

Entrevistador: Quando o senhor pensa nesse período que o senhor foi em Araci, o que é que o senhor recorda?

E9: Eu num sei bem não, porque eu tenho uma porção de coisa, mas eu não sei escolher. Os males sempre são males, não pode nem se escolher por menor ou o maior.

Entrevistador: E da região do sisal assim, além de Serrinha, além desse fato que o senhor falou das mulheres, tem mais alguma coisa que o senhor gostaria de deixar registrado? Lá de Serrinha...

E9: Teve, teve. Eu acho que a gente respeita... Daí que o MOC, como MOC, foi felizardo porque ele tinha uma coisa muito abrangente que quando não dava uma coisa, dava outra. E ele sempre trabalhava com esse pessoal. Às vezes não trabalhava com todas, não era obrigado trabalhar com tudo, mas trabalhava com aquela parte. Foi nisso aí que eu disse: “Todo mundo nós já...” Fiz uma reunião com todo o pessoal que trabalhava com açudes, com barragens, e todo mundo nosso, o nosso estado é quem mais tá avançado. Aí eu disse: “É, na terra de cego quem tem um olho é rei”. Ele gostou desse... Disse: “Você é uma desgraça, qualquer coisa você derruba”. Em terra de cego quem tem um olho é rei. (Risos). Mas colou bem no sentido.

Entrevistador: Eu vou lhe agradecer e antes de terminar eu queria saber se o senhor autoriza eu usar essa nossa entrevista no meu trabalho.

E9: Queria saber o que?

Entrevistador: Se o senhor autoriza eu usar essa nossa entrevista no meu trabalho.

E9: Você não teve aqui? Não se preocupou com isso?

Entrevistador: Com certeza.

E9: Você já adquiriu o direito.

Entrevistador: Pronto. Aí eu trouxe o...

E9: Eu autorizo com muita alegria. Agora eu quero uma cópia quando você fizer.

Entrevistador: Pronto. Quando tiver pronto eu trago aqui.

E9: Tá? Merece.

Entrevistador: Pronto.

E9: Sua colega não veio por quê?

Entrevistador: Ela foi pra a Universidade Católica, porque o trabalho dela é com as presidiárias, no presídio. E aí eu acho que tá tendo um seminário lá esse final de semana com as freiras da escola do presídio, né? Que fazem um trabalho no presídio. E aí ela foi convidada a participar. Aí ela me ligou ontem, eu falei: “Ô mulher, pode ir”. Que aí ela vai fazer uma parte, eu faço outra, né? E depois a gente se junta e se...

E9: E vocês tão fazendo o que é? Tão preparando o que é?

Entrevistador: É um mestrado. É a dissertação de mestrado em EJA.

E9: E tem alguma palestra, alguma coisa assim?

Entrevistador: Por enquanto não. Eu já tô na finalização, eu vou apresentar meu trabalho em Salvador, dia dez de abril.

E9: Ah, tu tá estudando em Salvador?

Entrevistador: Eu tô estudando em Salvador. É.

E9: Em que faculdade?

Entrevistador: Na UNEB. Ali no Cabula.

E9: Eu quero notícias.

Entrevistador: Pronto. Eu mando notícias.

E9: Muito obrigado.

Entrevistador: Aí o senhor, se o senhor quiser a cópia, aqui tem falando um pouquinho de como é, onde eu trabalho, só que eu imprimi com o nome errado.

E9: Serviu?

Entrevistador: Serviu. Claro que serviu. Como o senhor disse, às vezes a gente não consegue uma coisa, mas consegue outra, né?

E9: É.

Entrevistador: Tudo é um aprendizado, eu vou ouvir com mais paciência de novo e aí eu vejo aonde é que eu posso encaixar.

E9: Eu gosto tanto de ver gente dedicada que se você precisar qualquer tempo...

Entrevistador: Pronto.

E9: Pode dispor, viu?

Entrevistador: Obrigada. Aí eu vou pedir que o senhor, eu vou ler pro senhor, que aí o senhor assina pra autorizar pra eu entregar ao meu professor, que agora tem que ser tudo autorizado, né?

E9: É. Se não fizer, não vale, viu?

Entrevistador: É. Então... Na condição de pesquisadora do grupo Teoria Social, do Projeto Político Pedagógico e do Observatório de Educação de Jovens e Adultos da identidade do sisal, OBEJA, vinculados à UNEB, eu, Katiúscia, encontro-me no momento realizando a pesquisa de mestrado “Valorização da EJA”, cujo foco central é “Investigação e conhecer a memória e a história da educação de jovens e adultos do município de Araci, salvaguardará sua história e a memória da educação de 1812 a 2018 e relacionar a história e a memória da EJA para sua constituição atual”. Porque lá em Araci a gente tem um alto número de analfabetismo e de pessoas que estão fora da escola.

E9: Aqui, antes de ter a Diocese de Feira, já tinha aqui ligado... O padre era o bispo auxiliar de... Foi o primeiro bispo que fazia parte de um grupo chamado Movimento de Alfabetização... Como é?

Entrevistador: De base.

E9: De base. E aqui foi o primeiro lugar que foi feito na Bahia foi Feira.

Entrevistador: Feira de Santana.

E9: E o bispo que fez depois foi eleito bispo auxiliar de Salvador e continuou nesse movimento. É colega do meu colega que me ajudava muito, padre Zé Clarencio, ele é irmão, ele é... Do movimento da escola radiofônica, isso, que vem de lá do lado de... Como é?

Entrevistador: Distrito Federal.

E9: Rio Grande do Norte. Dom... Como é o nome do bispo, que foi o Arcebispo daqui de... De Salvador? Vicente... Não sei, não importa. É o maior movimento, já tava aqui antes de começar a Diocese, antes de começar MOC, já tinha a escola radiofônica. Que já tinha a escola radiofônica. E esse pessoal ainda tem, tem uma pessoa que até se casou com um padre depois, um frade, e é daqui de Feira, e ela trabalhou no MOC também. Nisso de trabalhar no MOC, veio um padre de lá que também tava pensando em deixar,

porque antigamente era mais... Quase se fosse uma coisa ruim, mas do concílio vaticano segundo pra cá, a possibilidade de, do padre deixar e se casar, como eu deixei, não era permitido isso, a gente era tido como malandros, agora não é. Então esse pessoal, por exemplo, o padre que foi depois que saiu essa irmã do bispo de Amargosa, que foi a diretora estadual, do estado da Bahia pra as chamada Escolas Radiofônicas, quando veio o golpe, o pessoal, a Escola Radiofônica era divulgada através da Rádio Sociedade de Feira de Santana, que é dos capuchinhos, não é... É católica, mas não era da Diocese. Foi aí que o padre era um que eu chamo de Obtuso, um negro, não enxergava direito, foi embora pra Salvador, ele é filho daqui, e foi embora pra Itália e lá eu não sei se ele deixou ou... Eu não sei.

Entrevistador: Ou se continua como padre, né?

E9: Hein?

Entrevistador: Se ele deixou ou continua como padre. Se ele continua como padre na Itália. Se tá ainda vivo na Itália.

E9: Talvez continue, mas ele não casou não. Ele não casou não, quem casou foi um outro que era padre, que veio dar um curso de... Ele era de lá do Rio de Janeiro, veio dar um curso aqui de coisa, se entusiasmou com uma menina daqui da gente e terminou casando com ela daqui. E essa menina, ele morreu e ela voltou pra aqui. Mas foi essa fase toda, eu acho que, pra mim vai ser, num digo livre, mas o padre que é casado e que voltar a celebrar, num tem problema não, eu acho que não vai ter problema daqui a uns dez anos.

Entrevistador: Que isso talvez seja possível, né?

E9: Hein?

Entrevistador: O senhor acha que isso vai ser possível, daqui a uns dez anos?

E9: Eu acho. Eu acho porque não é tanto porque é coisa boa não, mas é porque tem muita coisa ruim isenta aí. Por exemplo, o papa d'agora tá tão preocupado com o problema de abusar de criança que ele quase não tenha outra coisa a não ser excomungar. Mas excomungar não é o que o papa diz, esse papa não quer isso, esse papa quer é fazer com que eles não abusem mais da criança e continue padre. Ele... Eu não creio que ele continue, porque parece que ele é um viciado, entendeu? Eu não creio, mas também não vai, não se vai, como é que diz? Desmoralizar uma classe que é chamada clerical por causa de um ou dois, não é um ou dois não, são muitos, mas por causa disso... Então eu acho que o bispo pode, simplesmente, reduzir o mandato deles a não fazer tudo como fazem hoje, mas poder celebrar missa. Eu acho que... Mas agora não permitiu ainda não. E se vier eu não vou. Não vou ficar não porque... Eu acho que... Se chegasse isso antes de eu deixar, eu aceitava, mas depois que eu deixei, que me casei e voltar? Eu não acredito não. (Risos).

Entrevistador: Aí... Para tanto, necessito de sua colaboração, enquanto militante dos movimentos sociais, pro seu... Eu acabei imprimindo errado. No sentido de fornecer informação relativas à história do movimento.

E9: De organização comunitária, você vai botar? MOC.

Entrevistador: Isso. Comunitária. E as entrevistas serão gravadas, transcritas e questionários respondidos, no caso, que isso aqui é algo geral, posteriormente tabulados, e após seu uso na pesquisa de destino final será compor a dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação Educação e Contemporaneidade, PPGEduc, sediado no Departamento de Educação I, na UNEB de Salvador. Asseguro que sua participação é

voluntária, garantindo-lhe a total liberdade de participar ou não desta pesquisa e informa ainda que o seu depoimento permanecerá totalmente em conformidade confidencial, caso não queira se identificar. O senhor tem problema de se identificar? Eu posso usar o seu nome ou o senhor quer que eu use um nome fictício?

E9: Pode. Não tem nenhum problema não.

Entrevistador: Esclarecendo que neste caso, o uso das informações fornecidas se dará de forma completamente anônima, no caso da pessoa não quiser se identificar, aí para sua tranquilidade, resguardo o direito e deixo a disposição meus contatos aqui.

E9: Você tinha medo de lhe prejudicar em botar o meu nome?

Entrevistador: Não. É porque assim, às vezes a pessoa não quer... Como esse é um termo geral, e eu entrevisto pessoas da cidade, aí a gente tem que dar a liberdade de a pessoa querer ou não se identificar. Aí esse aqui tem os meus contatos e o senhor autoriza aqui, assinando aqui.

E9: E eu assino aonde?

Entrevistador: Pode ser nessa linha aqui.

E9: Tu conhece... Tu é filha de Araci?

Entrevistador: Não. Sou de Valente.

E9: Hein?

Entrevistador: Sou de Valente.

E9: É?

Entrevistador: Eu trabalho em Araci há 15 anos. Seu nome completo é Antônio Albertino?

E9: O atual secretário de serviço urbano de Feira de Santana é filho de Valente, conhece?

Entrevistador: Ah. Como é o nome dele?

E9: Ildes. Ildes Ferreira.

Entrevistador: Ah. Eu já... Eu não conheço pessoalmente.

E9: É irmão... O irmão foi prefeito.

Entrevistador: Foi prefeito. Isso.

E9: Eu gosto mais do irmão do que dele, mas ele foi meu colega e ajudou fundar o MOC. Eu me dou bem com ele, mas acho que o irmão é mais aberto pra sociedade.

Entrevistador: Pros movimentos sociais? Pra sociedade...

E9: Ele foi prefeito de lá.

Entrevistador: Foi prefeito, foi. Pronto.

E9: E tu é filha de onde?

Entrevistador: Eu sou de Valente.

E9: De Valente mesmo?

Entrevistador: De Valente mesmo. E o meu...

E9: Eu fui a Valente.

Entrevistador: Foi?

E9: Fui naquela... Nessa... Besteirada eu não digo, mas nessa coisa que me forçaram, mas não foi bem forçado.

Entrevistador: Que lhe envolveram, né?

E9: Me envolveram. É. Meio lá assim como diz o outro. O termo é esse, envolvido. Eu fui envolvido em quase todos os... Só não fui a Araci.

Entrevistador: Tá certo. Foi um prazer, eu vou agradecer seu tempo, né? Que...

E9: Eu me senti preocupado, o que era que ia fazer contigo. Eu não entendi direito o que era que ia fazer, nem o que era esse trabalho, mas, de qualquer maneira, deu em uma coisa que eu esperava que deu boa. Eu tô numa fase aqui de... Não sei se você sabe que eu quebrei o meu fêmur, né?

Entrevistador: Foi. Selma me falou.

E9: Quem?

Entrevistador: Selma. Professora Selma. A que vinha comigo hoje. Que ela mora aqui em Feira.

E9: É. Aí senti a... Mas eu pensei que era o pessoal ligado a Araci. Aí fiquei preocupado.

Entrevistador: Deixa só eu tirar aqui a foto porque eu vou ter que passar a limpo no meu, vou deixar esse com o senhor.

E9: Tem mais outra coisa aqui?

Entrevistador: Não. É igual, porque eu vou deixar uma com o senhor.

E9: E essa? É a mesma coisa?

Entrevistador: É. Essa aqui eu vou deixar com o senhor. Só peço desculpa o erro, porque eu imprimi, aí a outra já tá lá pra corrigir. Aí qualquer coisa aqui tem meus telefones, meu e-mail...

E9: Eu fiquei alegre porque eu tava aqui eu fico muito coisa, e aí me dá... Eu fico mais triste, sua presença me alegra. E pode contar comigo.

Entrevistador: (Risos) Pronto. Foi um prazer, aí agora eu tô indo que agora eu vou voltar pra Valente, que eu tenho mais dois filhinhos lá que tão me esperando.

E9: Se precisar de mim, pode contar viu?

Entrevistador: Certo.

E9, 13, março de 2019.

APÊNDICE N- TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA E10

Carlos Mota, Ex-prefeito do Município de Araci.

E10: Pode começar?

Entrevistador: Pode.

E10: Eu fui prefeito por duas vezes aqui em Araci, no meu primeiro período foi um período que o Brasil todo teve, não foi só Araci, foi o Brasil todo teve, foi um período de apenas dois anos, o mandato foi só de dois anos. Naquele tempo não tinha reeleição. Eu tive dois anos, concluí, saí. Veio meu sucessor. Eu voltei no segundo período. Quando eu voltei no segundo período, fui eleito pra quatro anos. Até o povo aqui, meus amigos diziam que eu ia perder porque eu tive um período só de dois e outro de quatro, enquanto os meus antecessores tiveram dois períodos de quatro anos, eles tiveram oito e eu ia só ter só seis, né? Mas Deus me ajudou e ao povo de Araci que houve uma prorrogação de mandato por mais dois anos, o que ficou... eu tinha tido anteriormente só dois prefeitos antes de mim, comigo três. E esse segundo mandato meu que era de quatro anos passou pra seis, pra felicidade do Araci, porque nesse período eu fiz uma amizade muito boa com o governador da Bahia, Antônio Carlos Magalhães, e com o seu filho, Luiz Eduardo Magalhães, e dessa amizade eu consegui o impossível para Araci, que foi essa água milagrosa que você acabou de beber agora, que nós aqui tínhamos uma situação de água a pior do Brasil. A pior do Brasil. E como meus antecessores, cada um teve um mandato de dois períodos de quatro anos, eles não estão mais aqui na Terra, eu podia dizer que eles não fizeram nada por a água, né? Mas eu não tive essa formação. Eles trabalharam, lutaram, tiveram o maior empenho, o maior sacrifício e não conseguiram botar água em Araci. E nós vivíamos aqui numa situação de extrema calamidade, porque quem tinha uma condição econômica, comprava um caminhão de água do Jorro, muito caro, e quem não tinha bebia essa água de lameiro aqui, de barragem suja, que lava até cavalo dentro, aquela coisa... Você sabe que o nosso povo, na verdade, não é um povo muito educado, né? Hoje tá melhorando, melhorando, melhorando... Que naquele tempo passado professora era difícil. Uma professora muitas vezes tinha que estender, até sem remuneração, o horário. Ao invés de ela trabalhar quatro horas, às vezes trabalhava seis horas e num tinha remuneração das duas horas, tal. E nessa dificuldade medonha. Nós chegamos a ter respostas horríveis pra esse negócio da água, dizendo que era melhor destruir Araci e mudar lá pra perto do Jorrinho do que conseguir água. E isso não era conversa de meio de rua não, era conversa de governador do estado. Nós tivemos dois contatos com dois governadores da Bahia, Lomanto Júnior e Luiz Viana, e as perspectivas eram as piores possíveis de nós termos água. Mas eu tive sorte, no primeiro período lutei, foi um período curto, de dois anos, não consegui. No segundo mandato, eu já tinha tirado os quatro para o qual eu fui eleito e houve essa extensão de mais dois, que foi 1981, que quando eu estava já próximo a deixar e sem solução nenhuma, não tinha nada... O Denocs, que era o Departamento Nacional de Obras Contra a Seca, que é quem fez aquele açude do Poço Grande, era o órgão encarregado de botar água nos municípios da Bahia, e o Denocs dizia que não havia viabilidade nenhuma porque pra trazer água pra Araci, eles só contavam com a região do Jorro. Com a distância de quarenta quilômetros, como é que vinha pra aqui pra uma cidade pequena? Se fosse pra uma Feira de Santana, num tinha problema, né? Mas pra uma Araci de 1980? Aí uma coisa derrubava a outra. E nós tivemos a felicidade dessa amizade minha com Antônio Carlos, com o filho dele que era pessoa também muito ligada a Valente, Luiz Eduardo Magalhães era ligadíssimo a Valente, ao

pessoal de Evandro, de Zé Mota, que você já ouviu falar neles, né? Que por sinal tem até o meu sobrenome, né? Evandro Mota, Zé Mota e Carlos Mota aqui. Devemos ser parentes porque se todos nós somos descendentes dos portugueses, né? Então, por isso nós tínhamos essa ligação até assim de um jeito familiar e tal. E eu tive essa amizade com esses dois senhores e que esses dois senhores em garantiram de botar água, como botaram. Essa água tá com... isso foi em 82, pra 2000 dezoito anos, né? E mais dezoito agora, 36 anos que essa água cai aqui. Foi o maior fenômeno do mundo, foi convencer a esse governador da Bahia, o Antônio Carlos, e ele garantir que botaria água aqui dentro de um ano, como botou e daí pra cá, ninguém, nada mundo vive sem água, né? Nem o homem, nem o animal, nem a vegetação. Num é isso? Não teve água, nada vai. Você tá olhando pra aquela planta ali, numa caatinga, numa seca dessa, por quê? Porque molhamos constantemente. É eu, é o animal também, ninguém vive sem água. Então depois que... Isso aqui era minúsculo. Depois que a água chegou, aí agora todo mundo pode viver. Porque água é água, água é vida. Então, daí começou. Trabalhei muito, lutei muito por essa água, que foi um sacrifício medonho, até que Deus ajudou que chegou e aí está. Esse meu período... Que você quer saber sobre a escola, né? Naquele tempo existia o famoso ginásio, né? Eu acho que você não participou, mas já ouviu falar, né?

Entrevistador: Já ouvi falar. Que tem os exames de admissão...

E10: É, os exames de admissão. Que os exames de admissão era considerado um pequeno vestibular. O aluno saía da quinta série. Chamava primeiro ao quinto. Ia até a quinta série, na quinta série ele parava. Aí vinha como tá agora o ENEM, esse famoso exame de admissão e tal. Eu não tive a oportunidade de estudar, a minha cultura é cultura primária. Eu nasci aqui, junto com todos os meus irmãos, e ali, por exemplo, onde você hoje conhece como mercado da carne, ali era a casa de minha avó e do outro lado era a casa de meus pais. Eu e meus irmãos, nós eramos muito irmãos, nós eramos treze irmãos, oito homens e cinco mulheres. Todos nascemos ali e nos criamos aqui. Aqui é um município pobre, como ainda continua pobre. Então, eu digo que é pobre porque um município que não tem a renda de vida própria. Aqui já teve alguma coisa, que eu critico, aqui tem o nome de “já teve”. Aqui teve no passado muita coisa que dava emprego, hoje eu não vejo nada de emprego aqui a não ser o comércio. Nós aqui tivemos o sisal, como Valente teve que deu um chute em Valente lá pra cima, eles conseguiram em Valente chegar a ter a nomeação de capital do sisal. E era mesmo. E era mesmo. Valente é bem menor de que aqui em área territorial. Nosso município aqui é mil e quinhentos e tantos quilômetros quadrados, Valente é bem pequeno, bem menor do que nós aqui. Então, os Mota lá tiveram força e pressionaram e lutaram com tudo pra Valente. Vou contar até uma história de Valente a você. Eu nasci aqui, me criei, rapazinho, atravessei as coisas, e tal. Entendi de ser caminhoneiro, que era o que tinha no tempo, eu fui colega de muito s de Valente que foram caminhoneiros. Nós viajavamos pra São Paulo, de caminhão, pegando frete na Rio-Bahia. Muitos deles de Coité e de Valente e de muitos outros municípios. Eu sou incluso com eles. Nessa questão disso, o sisal, eu carreguei muito sisal de Valente pra São Paulo no caminhão meu, de minha propriedade. Eu e um outro rapaz que é daqui, que hoje é falecido, que até, por sinal, meu cunhado, é irmão da minha esposa, o Raimundo Pinho. Então, nós viajavamos constantemente pra São Paulo com caminhão. Depois o caminhão ficou ruim assim, o frete e tal, nós deixamos e me envolvi no comércio aqui. Nesse período, meu pai, minha mãe e meus irmãos ficavam aqui, e eles tinham concluído, eram mais novos do que eu, eles concluíram o curso primário, até a quinta série. E eu concluí também, mas fui embora pra Serrinha porque aqui era distrito de Serrinha, e eu fui embora pra Serrinha, e lá fiquei trabalhando e tal, Serrinha já mais desenvolvida do que nós aqui, Serrinha tinha banco, Serrinha passou a ter o ginásio no ano de 1953, veio

funcionar justamente ativo em 54. É tanto que eu trabalhei nesse negócio de caminhão, eu trabalhei dois anos em Itiúba, e nesse período que eu trabalhei em Itiúba, quando eu vinha de Itiúba pra Serrinha, eu vinha de trem e os jovens, homens e mulheres de Serrinha, moças de Serrinha, elas não me conheciam, porque eu era daqui, né? Elas eram de Serrinha, não me conheciam. Eu conhecia eles, eles iam estudar, fazer o famoso ginásio aonde? Em Bonfim. Saíam de Serrinha pra ir fazer o ginásio em Bonfim. E com isso, então, havia um fracasso aqui pra Araci porque não tinha como. Araci, em na totalidade, o povo muito pobre, tal. Hoje, a minha esposa e mais duas irmãs, elas estudaram o ginásio em Feira de Santana, o pai delas tinha caminhão. Hoje, tão saindo daqui hoje de tarde uma turma pra ir pra uma faculdade em Feira de Santana no ônibus, né? Ela, a minha esposa e as irmãs, saíam daqui pra ir pra Feira, ficavam lá, quando tinham uma folga vinham pra aqui, na hora de ir embora subiam no caminhão do pai, na carroceria pra ir pra Feira de Santana, que não tinha duas coisas, nem tinha ônibus, nem tinha carro pequeno. Você vê que atraso, né? Elas iam daqui em cima do caminhão, o caminhão carregado de mercadoria e elas em cima pra ir pra Feira. Ele comprou uma casa em Feira e botou elas lá e elas ficaram estudando e mãe foi pra acompanhar elas pra lá e tal. Era uma coisa difícil, medonha. Em 1954, o ginásio de Serrinha tava funcionando, meu pai faleceu, no fim do ano de 54 meu pai faleceu. Quando meu pai faleceu, trabalhava eu e um irmão com um cunhado nosso, os caminhões eram dele, não eram nosso não. Nós trabalhávamos como empregado dele. Agora empregado assim de regalia porque era cunhado dele e tudo mais. Disso aí, meu pai faleceu. Aqui muito pobre toda a família, não tinha ninguém rico, tinha alguém que tivesse alguma coisa e tal. Porque aqui foi o último município a aderir ao sisal. Coité, Valente, que eu conheço a história também de lá. Coité, Valente, Santaluz, Euclides da Cunha, todos aderiram ao sisal. E aqui em Araci ninguém aceitava o sisal, que não era mercadoria que se prestasse pra alimento, aqui a base era feijão, milho e mandioca. E essas três lavouras não dão sustentabilidade a ninguém, porque são lavouras que com o clima nosso aqui, elas se perdem pela seca. Já o sisal não, o sisal tem a vantagem da resistência, né? Então, daí Valente começou a se desenvolver. Valente, eu vou contar a você que lá em Valente, eu acho que pouca gente, principalmente hoje, sabe disso. O Evandro Mota começou a bulir o mundo, e nisso o Evandro Mota subiu economicamente, porque ele era muito pobre. Então, aí o que acontece? O Evandro Mota, isso eu sei de fé, não é negócio de conversa não. Evandro Mota entendeu de botar uma agência de carro legalmente em Valente. Que carro pequeno não existia, era só caminhão. E Evandro Mota, que seu pai e seu avô poderia ter conhecido muito ele, o Evandro Mota quis botar essa agência em Valente. Veio de São Paulo os diretores da Chevrolet pra botar essa agência em Valente, mas quando chegaram em Valente, encontraram uma cidade minúscula pra o padrão que a Chevrolet existia, aí não aceitou botar no Valente. Não disseram nada a Evandro, ficaram esperando Evandro em São Paulo. Evandro foi, quando chegou em São Paulo, disseram: “olhe, Sr. Evandro, a sua cidade é boazinha, povo bom, trabalhador, todo mundo produz, num sei o que, num sei o que... gostamos e tudo, só que não é o padrão da Chevrolet, que a Chevrolet era mandada pela Chevrolet dos Estados Unidos e a cidade não tem porte pra nós botarmos uma agência de carros”. E Evandro lutou e lutou e lutou... Eles aí ofereceram Serrinha. Evandro, como nós, não gostava de Serrinha, porque Serrinha era maior do que nós, maior do que Coité e tudo mais, mas é uma cidade antiprogressista. Serrinha ficou muito atrasada por muito tempo com o sistema político local. Fizeram tudo pra Evandro aceitar Serrinha, Evandro não aceitou. Aí Evandro preferiu botar mais longe do que Serrinha, a fim de não botar em Serrinha. A Chevrolet queria porque queria que ele botasse em Serrinha, ele não aceitou, ele foi botar em Jacobina. Vê que é longe, né? Como a Chevrolet não aceitou, ele aí então... “Mas Evandro, você deixa de botar em Serrinha...” “Não, mas

Serrinha não tenho amizade e num sei o que, Jacobina eu cheguei lá há poucos dias, todo mundo é meu amigo e tal...”. E botou. A Chevrolet de Evandro funcionou em Jacobina, coisa que pouca gente de Valente sabe. Pouca gente de Valente sabe. Aí Evandro com o irmão, que era Zé Mota, tocaram Valente pra frente. Valente deve muito a Evandro e a Zé Mota e tudo mais. Teve um prefeito de lá, do período de dois que era meu colega, que ele era tabelião lá, parece que era Ronaldo⁴¹ o nome dele. Então tal. Mas tudo isso aqui era muita luta, muita luta porque basicamente o sustentáculo é água e nem Coité, nem Valente, nem Santaluz, nem Araci tinha água. A própria Serrinha não tinha. Então ficou essa luta e tudo mais. Aí meu pai morre, 54, dezembro de 54, eu chofer de meu cunhado. O Deus que dá a nós todos tudo, nós é que temos que aproveitar. Eu então, com a morte de meu pai, minha mãe ia ficar aqui viúva com quatro filhos pequenos, já tinha duas filhas dela casadas morando em Serrinha, mas os maridos eram daqui de Araci. Então, Deus me deu a ideia de fazer uma reunião em família e levar nossa mãe pra Serrinha porque esses quatro meninos pequenos teriam condições de estudar, porque agora já tem ginásio em Serrinha, né? Como minha esposa estudou, era difícil, lá em Feira, em pensionato, em casa de família, aquela coisa e tal. Levando minha mãe pra Serrinha, os quatro filhos menores que estavam aqui iam pra lá pra estudar, e aí foram. Hoje, graças a Deus, produziram bons frutos. Eu tenho muitos sobrinhos hoje formados, tenho filha procuradora da República, sobrinha procuradora da República e por aí lá vai. Minhas irmãs fizeram curso de professora em Serrinha, depois fizeram mais em Salvador e tudo mais, depois de casada e tudo. Então, graças a Deus todo mundo foi bem desenvolvido, né? E nós, então, enfrentamos essa batalha. Aqui nós passamos a município, que aqui é como partida de futebol, ainda hoje eu fui entrevistar um senhor ali que tá bem lúcido, com 89 anos, eu e dois rapazes, eu acho que um até você deve conhecer, que chama Pedro Juarez.

Entrevistador: Ah, o Pedro Juarez. Sei. Eu o procurei também para pegar umas informações.

E10: Ele hoje, inclusive, me deu um presente de uma família que morou aqui nos anos de 1930 e que essa família se dispersou pelo Brasil e ele através de internet fez um contato e hoje ele me deu um exemplar da família, que tem uma moça dessa família, descendente dessa família, que os pais delas nasceram aqui, o pai nasceu aqui, a mãe é do Piauí. Que ele se formou em engenheiro e foi pro Piauí e lá casou-se com ela. E essa moça que o Juarez e o centro cultural fez contato com ele, essa moça é escritora lá em Goiás. Então eu digo sempre que Araci é como partida de futebol, que pessoas daqui de Araci, da sua idade não sabem entender, pensando que isso vai ficar. Hoje em dia, não é exibição minha, não é orgulho meu. Hoje em dia, de pessoas que conhecem a história de Araci só tem eu. Porque os meus colegas de escola, que tem poucos ainda, poucos, poucos, poucos. Parece que são três ou quatro que estão aí, eles não tiveram essa formação que eu tive. Porque meu pai foi sempre um homem assim de convivência com as coisas sociais, sabe como é? Aqui tinha, no passado teve juiz, teve promotor, teve isso e teve aquilo e aquilo outro. E meu pai foi uma pessoa de ligação com eles, foi escrivão do júri aqui e tudo mais e tal. Hoje só tem quatro aqui que foram meus colegas de escola, que deviam saber, mas que eram pessoas que moravam na zona rural, então não tinha essa ligação como meu pai teve, e eu tive a primazia. Quando eu levei minha mãe com meus irmãos pra Serrinha e lá ficaram e se deram bem, estudaram, se casaram com pessoas que vieram pra Serrinha e tal. E eu então, depois que essa coisa, eu abandonei, eu deixei o caminhão, voltei pra aqui, tinha um irmão mais velho do que eu que tinha um bar, ali onde hoje é aquela casa de sapato, ali de junto do pastel. Escala né? Parece que é Escala ali. Ali era um bar de

⁴¹ Refere-se ao ex-prefeito Reinaldo Ramos Rios.

meu irmão, tipo aqueles que você conhece em Santa Bárbara hoje. Como nós não tínhamos aqueles produtos, ele comprava do caminhoneiro que vinha de Pernambuco que vendia aqui, e todo mundo ficava perguntando onde era que ele achava aqueles produtos porque ninguém tinha e ele tinha através disso, porque esse caminhoneiro era os caminhoneiros que vinham de Paulo Afonso, porque estava se construindo a hidroelétrica de Paulo Afonso na década de 50, que Paulo Afonso é de 50 pra cá. Então o que acontece? Eu então comprei esse bar a esse rapaz, meu irmão, trabalhei, trabalhei, depois vendi, voltei pra caminhão. Porque minha família, eu tava solteiro, minha mãe tava em Serrinha e tudo mais, e minhas irmãs seguiam. Eu continuei em caminhão até que depois desisti e voltei pra aqui em 61. Ali onde você conhece aquele bar do meio da rua hoje, que chamam “Raso bar”, ali era um posto de gasolina meu. Ali eu tinha, naquele tempo usava-se as bombas de gasolina dentro da cidade. Serrinha, Coité, Valente, os postos de gasolina não eram na BR não, eram dentro da cidade, então eu tive posto de gasolina ali, é tanto que eu fui a primeira pessoa que vendi o primeiro botijão de gás em Araci, fui eu quem vendi o primeiro fogão de gás de Araci. Quando eu me casei, isso em 1966. Aí depois entrei na política, aqui passou a município. Sim, aqui foi município criado em mil oitocentos... em 13 de dezembro foi criado um município que chamava-se Raso.

Entrevistador: Raso?

E10: É. Treze de dezembro foi quando foi criado o município, 13 de dezembro de 1890. Confere?

Entrevistador. Não. Acho que eu coloquei 92. Pode ir falando que eu vou anotando aqui.

E10: 13 de dezembro de 1890 foi criado o município chamava Raso, em decorrência de uma lagoa que tem ali, que hoje chama Tanque da Nação, que antigamente chamava Lagoa do Raso.

Entrevistador: É onde fica ali o mercado do Peixe ali?

E10: É. Ali. Foi o primeiro ponto que o descobridor de Araci se arranchou, com a tropa de burro. Ele se arranchou em 1812. Então daí foi que nasceu o Raso, foi em decorrência da lagoa que tinha o nome Lagoa do Raso, que era uma lagoa rasa, sabe como é? Então por isso veio o nome. E o Zé Ferreira que fundou, que ele era filho de Serrinha, ele fundou o Raso aqui, como a fazenda e foi, foi, foi, até que chegou em 1890. Zé Ferreira chegou em 1812, em 1890 o Raso foi criado município. Nós eramos, muita gente aqui, muita gente acha, pensa que nós nascemos em Serrinha. Não, nós não viemos. Então é uma história... Em 1890 foi criado o município do Raso desmembrado do de Tucano. Essa área aqui onde nós estamos pertencia a Tucano e não a Serrinha. Então o primeiro, teve o primeiro prefeito, que era um padre italiano, chamava-se Júlio Fiorentini, que foi um... que tem uma rua ali com o nome dele. Então foi o primeiro... Naquele tempo não se chamava prefeito, chamava-se intendente. Júlio Fiorentini foi o primeiro intendente de Araci. E de Júlio Fiorentini, porque pra explicar vai demorar muito tempo e tal, fica pra outro dia. Então, porque é que foi Júlio Fiorentini, o padre e porque isso e aquilo é uma complicação. Aí então o Júlio Fiorentini ficou. Quando o Júlio Fiorentini foi embora, porque ele foi tirado daqui pelo bispo de lá de Salvador, que antigamente, você talvez não saiba, antigamente o povo tava aqui, qualquer lugar do estado, “pra onde tu via, Maria? Eu vou pra Bahia”. Apesar de você está na Bahia, né? E você não dizia que ia pra Salvador não. O povo começou a dizer que ia pra Salvador do ano de 1950 pra cá. Anteriormente, tudo só dizia que ia pra Bahia. “Eu vou pra Bahia. Eu vim da Bahia”. Num dizia que ia pra Salvador não. Aqui até pouco tempo tinha um senhor que dizia “eu fui à Bahia essa semana, eu fui à Bahia essa semana”. Porque foi o costume que ele teve desde a infância. Então, esse padre foi o idealizador, e por isso deram a ele o título pra ele ser o primeiro

prefeito, que era chamado intendente, não chamava-se prefeito. Tinha os vereadores. Os vereadores eram chamados de membros do conselho e o prefeito era intendente e os vereadores membro do conselho. Esses vereadores, eles ficaram aqui por um bucado de tempo. Veio a mudança de 1800 pra 1900. A denominação daqui era... Outra coisa, não se chamava cidade de Araci, nem cidade de Coité, nem Valente, chamava Vila, a Vila que era uma coisa, uma expressão oriunda de Portugal, que nós obedecíamos aqui tudo de Portugal, né? Era o nosso formato era o de Portugal, que foram os portugueses que nos descobriram, né? Então, não se chamava cidade, chamava Vila. Sendo Vila era independente. E o Tapuio, e o João Vieira e o Pedra Alta eram povoados. Então aí nós passamos a ser Vila, em 13 de dezembro de 1890 e seguiu com vários prefeitos. Em 1904, tinha um cidadão que era o intendente, Antônio de Oliveira Mota. Todos eles que passaram por um movimento político têm nome aqui de rua. Sabe onde é o bar de Ronaldo ali?

Entrevistador: Não, não.

E10: Não? Numa esquina ali, né? Então, ali no bar de Ronaldo, naquela rua que vai pra lá é chamada Antônio de Oliveira Mota. Por que tem esse nome? Porque ele era o intendente e no dia 7 de setembro, que eu até falei de público aí outro dia que eu tenho até uma aproximação boa com Silva Neto, né? É meu afilhado o danado. Aí então, eu fui lá e ele me abraçou ali, chegou e disse... Eu digo: “Oh, ‘cê’ me permite eu dizer um negócio aqui no dia sete de setembro agora?” Que o povo sabe bem que sete de setembro é Independência do Brasil, né? E tal e coisa... Mas tem uma coisa com Araci no sete de setembro. Ele disse: “O senhor não tem direito a cinco minutos não, tem o direito ao tempo todo”. Aí eu: “Não, muito obrigado”. Aí cheguei e expliquei: “Olhe, eu quero lembrar a vocês que essa data de sete setembro que nós sabemos que é a Independência do Brasil também é alguma coisa com Araci, porque no sete de setembro de 1904, fez agora 114 anos, né? 1904, o então intendente se aproximou do grupamento com os professores e elas convidaram ele. A nossa igreja não era essa que você tá conhecendo hoje, a nossa igreja era cá em cima onde tem a fonte luminosa, foi a primeira igreja, muito bonita a igreja, mais bonita da região, não tinha a de Coité, não tinha a de Serrinha, não tinha a de Tucano que seja tão bonita como a nossa era. Mas por um erro de percurso, foram consertar e acabaram derrubando e construíram aquela de hoje, que aquela de hoje não chega nada à nossa. A nossa era linda, linda, linda, linda... Então, ele se aproximou e igreja na parte do fundo, a igreja essa, aqui na parte do fundo era alto, que servia de palanque, que não tinha carro de som, não tinha microfone, não tinha nada. O Antônio de Oliveira Mota se aproxima, as professoras chamam ele: “Prefeito, faça um favor, venha participar aqui” e tal, aí ofereceram a palavra, como diz, a ele. Então ele disse: “Bom, em se tratando de uma festa que não é municipal, eu tenho uma coisa pra falar de público pra vocês e aproveito essa oportunidade. Quando nós chegamos por aí a fora, que perguntam na reunião, de onde você é prefeito e nós dizemos que somos do Raso, existe uma crítica: ‘O Raso? Que nome feio! Que município é esse?’ Raso?” e tal. Num sei o que, num sei o que. Se fosse hoje dizia que era pejorativo, né? Então, “nome feio” e tal. “E por isso eu quero dizer a vocês que eu tenho uma ideia pra vocês. Vocês, público que estão aqui, pegando essa festa do desfile...” e tal. 1904. “O que é, prefeito?”. “Nós mudarmos o nome do Raso. O Raso foi feito quando meu bisavô fundou a fazenda e tudo...” Num sei o que, num sei o que. “Hoje nós somos já uma cidade, um município e tudo” e tal. “Qual é o nome que o senhor...”. “E eu não tenho, como prefeito, o poder de mudar o nome, só que pode mudar o nome é o governador do estado. Então, se vocês quiserem, nós podemos propor ao governador do estado e ele muda o nome”. “Qual o nome que o senhor propõe?”. “Araci”. “E o que é que significa Araci?”. “Vem da língua Tupi Guarani, é o

alvorecer, é o amanhecer. Então, vamos fazer então uma eleição”. A eleição de Silvio Santos. “Quem quiser que continue como Raso, bata palma. Quem quiser que passe pra Araci, que eu encaminhe a documentação ao governo do estado, bata palma”. Aí na hora, “Araci”, aí poucas pessoas bateram palma. Ô, Raso! “Araci”, “êêê... Araci, Araci, Araci...”. Aí então, a eleição ali no meio da rua, que eu digo que é a eleição de Silvio Santos. Então, aí ele encaminhou o documento, e eu gravei ali, ali encaminhou ao governo do estado, no dia 8 de setembro, a filha dele falava muito dessa data, aí eu gravei, 8 de setembro, e no dia 21 de setembro de 1904, o governo de estado mudou o nome de Raso pra Araci, pela lei número 575 do dia 21 de setembro de 1904. Então, deixou de ser Raso e passou para Araci nesta data. Daí agora nós prosseguimos, e vamos, e vamos como todo mundo, né? Nós já eramos município antes de Valente. Valente ainda era distrito e nós já eramos município. Em 1930, veio a revolução de Getúlio, que era chamada assim. Getúlio tomou o poder de assalto, o presidente da República era sediado no Rio de Janeiro, não tinha nada com Brasília, Brasília não existia em nada. Então, Getúlio tomou, concorreu como agora concorreram, né? Que hoje nós conversamos lá e alguém me perguntou... disse que apareceram mais as pessoas pra entrevistar esse senhor, que ele hoje é do João Vieira mas mora em Tucano, aí eu disse que Getúlio foi agora como nós vimos aí essa eleição. Bolsonaro em primeiro, saiu o segundo e Ciro Gomes o terceiro, né? Pela classificação. Então, o Getúlio, eram cinco candidatos também, esse ano teve muitos, naquele tempo teve cinco, em 1930. Dos cinco candidatos, teve a colocação. O primeiro, mais votado, o segundo, terceiro, quarto e quinto, né? Getúlio ficou em terceiro lugar. Ficou igual Ciro Gomes, Ciro ficou em terceiro, num foi? Ou foi Haddad.

Entrevistador: Foi. Haddad ficou em segundo.

E10: Haddad em segundo e parece que Ciro em terceiro. Resultado, Getúlio não se conformou com a perda da eleição. E a expressão do tempo chamava imprimir, que imprimir hoje é completamente do que foi. Aí eu alcancei a história, apesar de ter nascido depois da revolução de Getúlio. A revolução de Getúlio foi em 30 e eu nasci em 34. Então, aí encontrei essa expressão, que Getúlio imprimiu uma revolução lá no Rio... Ele era gaúcho, lá no Rio Grande do Sul e veio com a revolução aqui ao Rio de Janeiro. Ele veio de cá do sul do Brasil pra tomar o poder. Ele perdeu a eleição, ele ficou na posição de Ciro Gomes agora, parece que Ciro Gomes ficou em terceiro, ele ficou na posição de Ciro. Tinha o segundo e tinha o primeiro, o primeiro foi um paulista que chamava-se Júlio Prestes. Ele veio, São Paulo fez uma barragem humana, pra ele não passar. São Paulo tá aqui e ele queria passar, ele veio daqui do sul, queria passar aqui em São Paulo, e o eleito que tinha direito a tomar posse era o paulista, o Júlio Prestes era paulista, então era quem ia suceder o presidente da República no Rio de Janeiro, aí Getúlio veio com essa revolução do sul, dos estados do sul, e adquiriu apoio com os estados do norte: Paraíba, Pernambuco e Alagoas. Eles não tinham carro, não existia carro, não existia ônibus, não existia nada. E como é que eles foram pra São Paulo? Pelo mar. Eles saíram de lá dos estados do nordeste e foram pra Santos em São Paulo, e de Santos agora vieram pra cá, pra brigar na guerra, não era coisa besta não, era guerra. Então, aqui é São Paulo, São Paulo pequeno em 1930, eles foram empatar Getúlio passar pro Rio de Janeiro, que é pra cá o Rio de Janeiro, foram empatar Getúlio passar e formaram um paredão humano, morreu mais paulista do que muriçoca e Getúlio passou por cima do pessoal, atravessou essa barragem humana, ficou lá uma imensidade de cadáveres, Getúlio atravessou e veio tomar o poder no Rio de Janeiro. Chamava com a marcha. Com a marcha. Hoje, esse lugar onde teve essa guerra é a cidade de São Paulo. É tanto que hoje tinha um rapaz nessa entrevista que eu falei com esse velho... “Rapaz, e teve isso?”. “Teve”. Então, hoje no lugar onde teve essa guerra é a avenida, nós temos aqui na Bahia o feriado de 2 de julho,

né? E lá em São Paulo é 9 de julho, Avenida 9 de julho em São Paulo foi onde teve a guerra com Getúlio. Aí Getúlio veio pra cá, botou o presidente que ainda estava em exercício, só ia sair para o ano, como tá agora, o Bolsonaro só vai tomar posse para o ano, né? A mesma coisa. O eleito ia tomar posse ainda para o ano, aí Getúlio botou o presidente pra fora, assumiu o poder e meteu o presidente que estava no exercício na cadeia e ficou preso Washington Luís. Vê que inversão de mandato, né? De poder. Washington Luís era o presidente atual, ia até o fim do ano, pra quando chegar para o ano agora, de vinte, aliás, de dezenove, ele entregar o poder. Não, ele foi foi deposto, e foi pra cadeia e ficou preso até que a coisa amenizou, abrandou e depuseram ele e foi pro exterior e passou a vida toda no exterior. Aí o Getúlio tomou conta do poder em 1930. Você... Você não porque você não votava, mulher não votava, só votava homem. O homem... Aí Getúlio tomou conta. O governador da Bahia, do tempo, não gostou dessa atitude de Getúlio, renunciou o cargo, e outros aqui, eram poucos os estados, né? Depois foi que os estados foram aparecendo e crescendo. Na minha infância os estados era 21, hoje são 27, né? Então, eu me lembro muito porque eu era menino e tinha um soldado aqui que brincava com o outro, mostrava o capacete dele e dizia: “aqui, oh os 21 estados aqui que eu trabalho, que eu respeito”, num sei o que, num sei o que. E eu como menino, eu gravei aquilo ali, os 21 estados. Então ficou Getúlio então... Nesse tempo de Getúlio não era nem 21, parece que era 17. Aí Getúlio entrou no poder em 1930, o governador na Bahia, porque tinha sido eleito pelo povo, não gostou dessa atitude de Getúlio, renunciou o governo, entrou outro, e aí passou a ter uma sequência de governadores nomeados, num tinha negócio de eleição, era nomeado, e Getúlio implantou uma ditadura no país de 1930 até 1945, passou a ser um regime ditatorial, que você não podia dizer nada contra o governo, quando você dizia, eu era puxa saco do governo lá pelo outro mundo, aí chegava dizendo que você andava xingando o governo, quando você menos esperava, chegava a polícia pra lhe prender ou pra lhe matar. Tivemos um período infeliz. Eu não era nem nascido ainda, mas quando eu nasci, comentavam muito lá em casa que a polícia de Serrinha vinha aqui atrás de meu pai porque o meu pai era contra o regime de Getúlio. Meu pai tinha que correr pra caatinga, sem fazer nada, só porque ele não aderiu a Getúlio, entendeu? Meu pai correu várias vezes de casa por isso, em 1930. Aí Getúlio ficou 30, praticando as maiores barbáries, hoje é um santo, porque quem fala dele aí fala como um santo. Quem num sabe da história num sabe, né? Acha que ele foi um santo. Getúlio ficou, Getúlio fez essa política de coisa de humilde, era chamado o pai dos pobres, que ele dava... Ele criou umas coisas benéficas pra o pobre. Você é prefeito de Araci, se você der uma feira a um coitado lá do canto da rua, ele lhe é grato a vida toda, “o prefeito é bom, me deu...”, mas se o prefeito fizer um benefício coletivo, não agrada, né? Então, Getúlio era chamado pai dos pobres, aí o outro dizia “mãe dos ricos”, porque diz que a mãe é melhor do que o pai, né? Então, Getúlio dava uma migalha ao pobre brasileiro e pra o rico ele dava coisas e tal. Nisso veio a Segunda Guerra Mundial, a Segunda Guerra Mundial começou em 1939, que a Alemanha declarou mesmo guerra ao mundo, Getúlio no poder mandou os nossos pracinhas do Exército pra guerra, que nós não tínhamos nada. O que é que nós tínhamos aqui hoje? Com a briga que tá acontecendo em Jequié, o problema lá do prefeito, que a autoridade lá não é nossa, né? Não temos nada com isso. Como é que nossos irmãos aqui, como daqui de Araci foi muita gente, foi pra Salvador pra ir pra guerra, num foi muita gente de Salvador pra guerra, mas foi. Tem muita gente aqui que foi pra guerra na Itália, lá no Monte Castelo. Aí eu já sou rapazinho, tem até uma música: “você sabe de onde eu venho, venho do morrinho, da selva, dos cafezais, da boa terra do coco, da choupana um é pouco, dois é bom, três é demais”, essa era o hino da guerra. Eu vi cantar muito, meus irmãos foram também da Marinha e cantavam constantemente lá em casa, e eu menino, aprendia. Então lá vai. Aí Getúlio criou esse negócio, destituiu os governadores dos

estados eleitos, aquele não aderiu a ele, e agora entrou outro. Entrou na Bahia um governador, aquele que era chamado 'o pau de porteira'. O pau de porteira é um pau que fica na porteira hoje, ele trabalha aqui dentro, e você amanhã, por isso ou por aquilo, joga ele fora e bota outro, então era chamado 'pau de porteira'. O Getúlio criou esse tipo de governador. Teve um governador que foi governador da Bahia uma semana. É brincadeira? Botava um, chegava lá: "Doutor, o governador, o senhor botou aquele homem, num sei o que...", "Tira ele, tira. Tem outro nome?" "Tem. O que tá lá é Joaquim, bota Pedro". E assim veio. Aí veio um governador pra Bahia, até era um médico, depois eu fui ver a biografia dele, era um médico sanitarista e criou uma lei no estado da Bahia que até agora em toda pesquisa não apareceu em outro estado. Criou uma lei que o município que num... a moeda vigente, hoje nós temos o real, né? Naquele tempo a moeda era o 'mil réis', que aquele município que não rendesse quarenta contos de réis por ano, ou quarenta mil conto por ano, caía da categoria de município. Isso nós estamos em 1930, de Getúlio. Criaram essa lei, Araci caiu da categoria de município. Quando Araci caiu da categoria de município, o que é que aconteceu? Voltou pra Tucano, que ele era filho de Tucano, voltou pra Tucano. Tucano também não rendia, Pombal não rendia. Hoje tem o nome de Cícero Dantas, chamava Bom Conselho. Bom Conselho não rendia, caiu. Nova Soure não rendia, caiu. Esses municípios todos, já tinha aquela água de Cipó, não sei se você conhece a água de Cipó que é famosa, né? Que até o próprio Getúlio veio pra aí pra Cipó uma vez fazer uma festa. Esses municípios, o governador da Bahia pegou um cara que não sabia onde era Araci, nem Tucano, nem nada, mandou pra Cipó e formou um negócio que chamava superintendência. Esse cara em Cipó mandava todos esses municípios. Araci caiu, Tucano caiu, Serrinha quase caindo. Serrinha não caiu porque tinha um médico treiteiro da peste, político em Serrinha, André Negreiro, que foi quem ajeitou e fizeram uma enrolada e Serrinha não caiu, mas Serrinha era pra cair, entendeu? E aí o que foi? Quando nós caímos, nós somos de 1890, independente, tamos em 1931. O que aconteceu? Nós tínhamos por lei que voltar pra Tucano, né? Que nós saímos de Tucano, tinha que voltar pra Tucano. Esse médico bandidão em Serrinha, que foi mandão em Serrinha por mais de 50 anos, descarado, bandido, filho da puta, me perdoe a expressão. Tá no livro de Serrinha, que em 1937, no auge de Getúlio, veio um interventor, que não chamava governador, chamava interventor, veio o interventor Landulfo Alves pra Serrinha, trazido por ele, por esse médico. Serrinha era uma terra que produzia mulher bonita, eu morei lá muitos anos, a mulher de Serrinha era muito bonita, teve várias misses em Serrinha e tudo. Então, aí o que acontece? Quando o governador chegou, ele chamou as moças pra recepção ali, o governador e tal... Quando o governador viu aquele monte de mulher bonita tudo ali, aí virou pra ele e perguntou: "André, você tem ginásio aqui pra essa moçada?" Oh a resposta do filho da puta, ele era ventríloquo, ele fala... Era assim que ele falava: "Governador, não tenho não. "E por que você não bota?". "Sabe porqueê?..." Que antigamente essa profissão, a sua mãe pagava a uma mulher pra lavar a roupa de sua casa semanal, aquela mulher vinha aqui na casa de sua mãe, pegava aquela bacia de roupa, a bacia era de sua mãe, pegava aquela bacia de roupa, levava pra onde fosse, ou um tanque ali perto ou um tanque de uma légua, aquela lavadeira levava. Que até tem o negócio de Caími lá em Salvador, negócio das lavadeiras, né? Que eram aquelas mulheres que faziam o papel da máquina de lavar hoje e que era uma profissão como ser pedreiro ou motorista, eram aquelas mulheres, que na casa de minha mãe tinha uma mulher que lavava a roupa de minha mãe, que eu me lembro muito dessa mulher, que uma filha dela tá viva aí com noventa e tantos anos, que a filha da lavadeira de minha mãe é amiga de minhas irmãs, mora ali em baixo, uma senhora. Hoje é da sociedade de Araci. Então acontece que com esse negócio, o filho da puta do André disse ao governador que botasse, porque num é você que é rica só que vai estudar, a sua prima que é pobre vi

também estudar, não é? Então ele disse que não botava o ginásio em Serrinha porque o ginásio era o passe intermediário, porque do ginásio vinha pra o segunda grau, que passou muito tempo tendo o segundo grau, mas o intermediário do primário para o segundo grau era o ginásio e o filho da puta disse que não botava porque se não os filhos das lavadeiras aprendia a estudar e não queria mais votar pra ele. Já viu que filho da puta? Que bandido, hein? E era médico. E era médico e tinha esse pensamento. Então aí nós ficamos. A Segunda Guerra terminou em oito de maio, tome nota aí pra você não esquecer, fim da Segunda Guerra, oito de maio de 1945. Então aí, terminou a Segunda Guerra Mundial. Quando terminou a Segunda Guerra Mundial, depuseram Getúlio, ele tava com quinze anos de poder, nesse decorrer de 30 a 45 não teve mais eleição no país pra nada, era tudo nomeado. Getúlio nomeava o governador, o governador nomeava você que era prefeito daqui, e assim lá vai. Então, quando terminou a Segunda Guerra, a história conta que o pessoal que foi comandante das três forças, Marinha, Exército e Aeronáutica, quando chegaram aqui de volta, eles três se reuniram, os três comandantes que foram lá pra o Monte Castelo, aí se reuniram e aí disseram: “Pera aí, que papel de besta nós fizemos. Saímos aqui do nosso país, não temos nada com a guerra lá da Europa, e agora fomos pra lá pra matar e pra morrer, pra destruir o ditador, que era Hitler, né? Que era o alemão, Hitler. E agora nós estamos aqui, temos um ditador de quinze anos. Que esse que tá aí entrou em 30 e até hoje tá aqui montado no cavalo”. Aí começou o movimento, né? O movimento, o movimento. E foi passando de um pra outro, de um pra outro. Daí a pouco veio a rebelião, 90 % aceitou ir ao presidente da República pra ele definir, ou renunciar ou marcar eleição pra terminar a ditadura. E aí Getúlio não quis, quase nós temos uma guerra interna porque o Exército não aceitou a pressão da Marinha e da Aeronáutica. Mas quando a coisa pegou, Getúlio aí renunciou. Aí Getúlio renunciou em 45. Com a renúncia de Getúlio, nós não tínhamos partido político, aí foram formar os partidos políticos. Só em 46 é que nós tivemos as primeiras eleições depois da ditadura de Getúlio. Tivemos a primeira eleição em 1946, e aí agora se sucederam, né? Sucederam 46, 50 e foi andando, foi andando. Em 54 Getúlio volta ao poder eleito pelo povo. Aquela coisa de Lula agora. Pai dos pobres e tal e coisa. E na mesma coisa. Em 46 Getúlio volta ao poder. Quando Getúlio volta, volta com aquela coisa de quem teve um imperador, um rei, que queria tirar isso aqui, hoje tinha que tirar, tinha que mudar isso aqui, que tinha que fazer aquela coisa. E ele foi se juntando com um bucado de gente ruim, assim como Lula fez, a mesma coisa de Lula. Pra mim esses negócios que tá acontecendo não tem nada de novidade. Então, ministro de Getúlio praticava miséria, até que apareceu... Tem tudo, tem um princípio e tem um fim, né? Nesse período apareceu um jornalista no Rio de Janeiro que chamava-se Carlos Lacerda, aí começou a bater em Getúlio. A sede do governo federal era no Rio de Janeiro, aí o Lacerda começou a bater em Getúlio, nas coisas erradas que estava fazendo. Getúlio morava no Rio de Janeiro, tinha o Exército, a Marinha, a Aeronáutica, a Polícia Civil e Militar e Getúlio ainda criou uma guarda pessoal. Não havia necessidade. Essa guarda pessoal ficou sendo comandada por um negro que ficou famoso no Brasil, Gregório Fortunato. E Gregório Fortunato fazia miséria em nome da presidência da República. Quando foi um dia, lá no Rio de Janeiro tem uma rua por o nome Rua Toneleiros. Na rua Toneleiros não tinha ônibus, e carro pequeno era pouco, tinha bonde. Já ouviu falar no bonde, né?

Entrevistador: Bonde elétrico.

E10: No bonde. E o bonde corria no trilho como corre o metrô hoje, o bonde corre, e tinha o poste. Lacerda mora nessa rua aqui, salta do bonde pra ir pra casa, porque o bonde parava aqui e ia parar lá no asfalto. Ele para aqui pra ir andando, do lado dali, quando Lacerda vai andando mais um homem, o homem bem trajado, engravatado, traje civil. No

que Lacerda vai andando, tem um carro parado. Carrinho pouco, no Rio de Janeiro. Que os carros sempre vinham pro Brasil depois de usados nos Estados Unidos. Primeiro usavam lá pra depois vir pra aqui. Aí quando Lacerda vai andando, ele vai andando na avenida, tem um poste aqui, como tem aqui muitos postes no meio da rua, no meio do passeio, né? Quando ele foi, o carro tá de lado, duro, duro. Quando viram que era Lacerda, atiraram de lá pra cá. Isso é 1954, pelo segundo mandato de Getúlio. O primeiro ele tomou de assalto, como quem assalta banco. E esse segundo ele foi eleito, venceu a eleição. Mas aí o Brasil tá fervendo porque as irregularidades que tá sendo cometida pelo povo de Getúlio. O Lacerda, jornalista, batendo mesmo. Batendo, batendo em Getúlio. Quando Lacerda vem aqui com esse homem, de lá daquele carro de lá na avenida, uma rua como essa aí, né? Atiram de lá pra cá em Lacerda. Lacerda se ampara no poste, o poste é de ferro, o poste era feito em Volta Redonda, no estado do Rio, o poste é de ferro, as balas passam por um lado e passam por outro, e o homem que tá aqui Lacerda não sabe quem é, uma bala vem e acerta o homem, hoje é bala perdida, né? Uma bala perdida acertou o homem, o homem caiu aí, caiu morto. O homem bem trajado, engravatado e tudo, caiu morto. Quando o homem caiu, eles pegaram o carro e correram. E Lacerda ficou, tomou um tiro no pé. Aí o carioca, descarado, cheio de gíria, o carioca fez as músicas de carnaval depois e agora tem uma música que no verso da música diz assim: “lingue, lingue, lingue lé, evem seu Lacerda com o tiro no pé”. Por causa desse tiro aí, entendeu? Aí então descobriram que quem matou... E esse homem que morreu, quem era? O major da Aeronáutica. O major Rubem Vaz, aí foi um inferno. A Aeronáutica mandou que Getúlio renunciasse e fosse embora. Ele ficou e endureceu, e endureceu. Expressão de Getúlio, o prédio onde Getúlio vivia no Rio de Janeiro chamava Catete, aí Getúlio quando tomou conhecimento da bandidagem, Getúlio disse: “Não pensei que debaixo do Catete corresse um mar de lama”. Porque quando ele soube que quem tinha assassinado o major Rubem, tinha sido o povo dele. Aí a Aeronáutica exigiu a renúncia e ele endureceu, endureceu, quase que tem outra guerra, Aeronáutica e Marinha contra o Exército. Aí ele viu que ia ter uma destruição e meteu a bala no peito e morreu. 24 de agosto de 1954 Getúlio morreu, com um tiro no peito, dentro do Catete, no Rio de Janeiro, um dia de terça-feira. Eu e minha mulher, ela estudava, eu já era chofer de caminhão, e de vez em quando nós conversando aqui, ela lembra que ia pra escola normal em Feira quando “volta, volta que o presidente da república morreu, não vai ter aula hoje não” num sei o que, num sei o que, num sei o que. Aí começa. Disso aí agora, nós tínhamos caído da categoria de município em 30 e até agora continuamos sob Serrinha. De 54 pra frente foi que começou a criação do movimento de criação do município. É tanto que eu um dia desses lendo aqui a lei, houve um... Político é bicho mais safado do mundo, né? Eu participei, eu sei o que é. Então houve um entendimento entre o deputado que nos representava na assembleia com deputado que representava Valente, pra o de Valente votar a favor nosso, pra passar a município, e o nosso deputado votar a favor de Valente, pra Valente passar a cidade. Nesse segundo período, então é que Araci é igual de idade como Valente. Os dois. Aí a nossa lei, a nossa emancipação foi assinada em 14 de novembro, faz ano agora, 14 de novembro de 1954. Junto com Valente, Valente também é desse período. Aí Araci foi recriado município, nós tivemos o plebiscito, que é a opinião do povo, se quer ou não quer, né? 54. E em 56 o governador da Bahia, Antônio Balbino, assinou a criação do município de Araci e de Valente e de mais outros, em 56. Quando foi em 58 nós tivemos a eleição no Araci pra o primeiro prefeito. É tanto que na lei da justiça, não conta Araci como... Araci conta de 13 de dezembro de 1890 como histórico, né? Mas com a realidade é a continuação. Então nós passamos a ser de... A lei diz assim, a lei é composta de artigos, e o artigo quinto da lei diz assim: A vila de Araci – no artigo quinto- A vila de Araci, permanecerá sob o domínio de Serrinha até a posse de seu primeiro prefeito que dar-se-á

em 7 de abril de 1959. Então, o primeiro prefeito desse período agora, tomou posse em 7 de abril de 1959. Então, daí nós começamos, né? Nós não tínhamos nada, Coité beneficiou Valente, mesmo assim o povo de Valente é retado, não perdoa Coité. Coité só queria tudo pra ele, pra ele. Num queria nada pra Valente. Então, o povo de Valente... Eu andava muito lá, e demorava lá porque a gente esperava o sisal se aprontar o fardo pra gente levar pra São Paulo no caminhão. Tinha uma mulher lá que tinha pensão, naquele tempo não era hotel não, era pensão. Uma mulher que chamava Zizi, Zizi da pensão. E a gente ficava lá, e Zizi era o cão pra conversar, aquela negona doida ali que falava de tudo, puxa saco danada do Evandro. A Zizi era dona do hotel lá e tal. Então, deu sorte que esse rapaz tinha o espírito de desenvolver a terra, né? Foi o nosso caso aqui. Aí nós tivemos o primeiro prefeito empossado no dia 7 de abril de 1959. E esse prédio da prefeitura já tinha sido construído na gestão passada, em 1904, por Antônio de Oliveira Mota, que foi um dos prefeitos daqui de Araci. Esse prefeito, Erasmo. A prefeitura era uma casa térrea, como essa aqui. Aí o que foi prefeito, ele destelhou, correu uma viga, que ele era um pedreiro bom, construtor de casa e tal, ele passou a viga e construiu o primeiro andar da prefeitura, e tem uma placa lá: esse prédio foi construído por Erasmo. Mentira, a parte de baixo não foi ele, a parte de baixo foi Antônio de Oliveira Mota. Então, daí nós começamos. Daí veio o... Sobre educação, né? Aí veio o problema da educação, professor era coisa difícil. Difícil, difícil, difícil. E quando se tinha um, surgia logo o fator transporte, “ah, não tem transporte”, porque onde tinha o trem, todo mundo se baseava no trem, num tinha ônibus, num tinha coisa e tal. Até que começou a vim umas pingadas, professoras pingadas de Feira de Santana pra aqui. Já tinha cadeira criada pelo estado, né? Em Pedra Alta e João Vieira, em Tapuio não, Tapuio é novo. Esses dois povoados são bem mais velhos, João Vieira e Pedra Alta são mais velhos do que Tapuio muito. Barreira é um dos caçulas, juntamente com Vale da Pedra. Então, aí foi essa história. Aí entrou o prefeito José Brígido, que é o pai de Nenca, ele aí criou o ginásio aqui em Araci. Foi José Brígido quem criou o ginásio.

Entrevistador: Ele é pai de Nenca? Deixa eu anotar aqui.

E10: Ele é o pai de Nenca, José Brígido da Silva. A esposa dele era professora. Essa moça era de Sergipe, de Aracaju, veio ser professora aqui e aqui casou com esse rapaz daqui, e formaram casal, que são o pai de Nenca que criou o ginásio aqui em Araci, né? Aí com a criação do ginásio aqui, algumas pessoas de Tapuio, Pedra Alta, João Vieira, puderam vir pra aqui pra fazer o ginásio aqui. Num tinha mais aquela dependência que teve antigamente. Aí ficou. Zé Brígido foi o segundo prefeito desse segundo período, Erasmo o primeiro, Zé Brígido o segundo, aí Zé Brígido criou o ginásio, criou o ginásio juntamente com a mulher dele que era professora, criaram o ginásio. A população de Araci também era pequena, pouca gente, funcionou aqui nesse prédio escolar em frente ao hospital. Depois de criado, aí José Brígido voltou a segunda vez à prefeitura. Quando ele voltou à segunda vez, ele aí construiu o prédio do ginásio, que é chamado assim lá, lá na frente, né? Ali na frente que é o CENOB. Ele criou aquilo. Aí criou. Eu fui prefeito por um período curto, dois anos de muita seca e falta de água e tal, dificuldade e tudo, querendo mostrar o serviço, fiz alguma coisa. Nisso terminou o meu período de dois anos, eu indiquei Zé Brígido, ele voltou no segundo período. No segundo período ele construiu lá o ginásio. Eu digo sempre que Zé, ele é apelidado de Zé, eu digo que ele trouxe duas luzes para Araci, essa luz de Paulo Afonso foi ele quem trouxe, e o ginásio. Quer dizer, ele trouxe a luz que nos alumia, né? E trouxe a luz da cultura. Então daí agora começou a... Porque você pega um menino, comumente é isso, o menino tem sete anos, você bota na escola primária, ele tem cinco anos, doze anos. Com doze anos você pegar esse menino pra mandar ele pra Feira de Santana ou pra Salvador pra ele viver lá com quem tomando

conta? Com sua tia? Quando existia isso, quando não existia, ia pra um educandário e tal. Eu não cumpri essa obrigação. Então, você pega o menino de sete anos, joga no ginásio aqui, são mais quatro anos, né? Sete e quatro, onze. Com onze anos, esse menino já tem uma formação, num tem? Não é mais aquele bebezinho. Ele entrou na escola primária com sete. Com cinco de primário, doze. Aí ele faz o ginásio com quatro, doze e quatro, dezesseis. Quer dizer, um menino de dezesseis anos, eu tenho um neto hoje de dezesseis anos que é desse tamanho assim, dirige carro, faz tudo. Agora você pegar um menino de doze anos e mandar pra Feira de Santana, pra Salvador pra ficar lá sozinho, como é que pode? Aí num tinha. Então, o ginásio teve essa oportunidade de fazer e tal. Tinha pessoas aqui, eu me lembro, eu sempre falei assim, eu tenho um padre que é do Tapuio, que é falecido, meu pai gostava muito de cultura, lia e tal, e meu pai não teve condições de botar nenhum dos filhos pra estudar, quem botou os dois filhos de meu pai pra estudar fui eu, que meu pai morreu em 54, e eu botei os filhos do meu pai, meus irmãos, e meu pai não teve condições nenhuma. Agora, você hoje, você mora em Tapuio, se lá não tivesse o ginásio, você hoje botava aqui na casa de um amigo, um parente, não era? O menino começou lá com sete, com cinco, doze. Ele vem pra aqui agora com doze anos. Toda semana ou todo dia você tem notícia no Tapuio, você tem notícia dele aqui. E esse menino então, quando ele completar dezesseis anos, ele saía daqui pra ir estudar lá fora. Então, a base foi o ginásio. A base local. Foi o que o Zé, que é o pai de Nenca fez, botou o ginásio aqui. Eu tinha um compadre que é do Tapuio, ele é dos Pinho lá do Tapuio. Ele tinha parece que oito filhos, homens. Todos os filhos estudaram no ginásio aqui. Ele era pedreiro, aí eu dizia: “compadre Eustaque é um pedreiro, homem pobre, mas o pirão que os meninos comem em casa, tão comendo em casa pra viver, tão comendo pra ir pra escola”, não é? Eu sempre basiei assim a meu pai, e meu pai não, nós erámos já rapazes e não tinha pra onde ir, meu pai... Se fosse um filho só, meu pai botava um em Feira de Santana ou em Salvador e tal. Mas treze filhos, como é que botava com pobreza? E nós erámos um município pobre, porque nós vivia aqui, a predominância era o feijão, a mandioca e o milho. O sisal, como eu já falei, o sisal foi o último município a aderir, eu no meu caminhão, em 51, eu carreguei muita muda de sisal de Santaluz pra aqui porque aqui não tinha sisal plantado. Já eles estavam vendendo, explorando sisal, Santaluz e Valente e nós aqui estava engatilhando ainda. Não tinha nada. Aí passou. Foi quando eu assumi a prefeitura pela segunda vez, já a coisa bem modificada e tudo, aí tive a ideia de criar os ginásios dos distritos. Aí criei o do Tapuio, o de Pedra Alta e o de João Vieira. Porque tanto Várzea da Pedra como Barreira eram povoadinhos pequenos, e o Poço Grande, nós não tínhamos administração do Poço Grande. Porque a área de Poço Grande não pertence ao município. Ali é área federal, ali toda vida foi comandada através do engenheiro, que o engenheiro é que tinha um cercamento, e pra você entrar ali você tinha que pedir licença. Como se você viesse a entrar na casa de uma pessoa estranha, você tinha que pedir licença. Então, para nós entrarmos no Poço Grande, é tanto que fizeram uma estrada por fora, pra nós entrarmos no Poço Grande, nós precisava de pedir ordem ao engenheiro pra poder entrar. Então, o Poço Grande foi começado em 1953 e foi inaugurado em 1966. Foram treze anos de serviço. O Poço Grande começou, nós ainda erámos distrito de Serrinha, em 53. Mas com a vinda do açude, beneficiou muito o Araci, nós não tínhamos estrada no Araci, estrada era coisa difícil. Com a vinda do Poço Grande, veio todo tipo de máquina pro Poço Grande, o trator, a patrol, a enchedeira e tudo mais. Os prefeitos faziam amizade com o engenheiro do Poço Grande pra ter o retorno pra ser beneficiado em construção de estrada. Essa estrada que vai hoje daqui pro Poço Grande e o Tapuio foi construída em 1956, até 1956 era na estrada carroçal. Não tem uma estrada que sai do Tapuio pra ir pra ali pra roça de José? Era essa estrada que ia pro Tapuio. Minha esposa não concluiu o curso de professora em Feira de Santana, aí num quis, tal,

falou com o pai, veio embora pra aqui. Mas nós não tínhamos nada, nem namoro. Então, minha esposa não concluiu o curso de professora em Feira, as duas irmãs mais velhas concluíram, ela voltou pra Araci. E ela tirou naquele tempo uma coisa difícil do mundo, ela tirou o curso de datilografia, que ninguém sabia datilografia, isso no ano de 58, fim do ano de 58, ela veio pra aqui com o curso de datilografia, ficou aí na casa do pai. Quando ela ficou, foi o tempo que Araci passou a município. Aí o primeiro prefeito, que foi candidato único, o primeiro prefeito conversando com um amigo disse ao amigo ali: “rapaz, estou querendo comprar uma máquina pra prefeitura, uma máquina de datilografia -era coisa rara no mundo-, estou querendo comprar uma máquina de datilografia, tem uma firma em Feira que vende umas máquinas seminovas e vende a prestação”. A prefeitura aqui num tinha nada. Nada, nada, nada. Serrinha num fez nada por Araci, nada vezes nada. Foi trinta anos de escravatura. Aí então, ele conversando... Ele disse que a eleição era em outubro e a posse era em abril. Repare que diferença. Elegia em outubro pra tomar posse em abril, seis meses depois, né? Ele conversando com o rapaz ali, disse pra o rapaz: “É... eu num sei, rapaz, eu tô precisando de... eu quero comprar uma máquina pra prefeitura, uma máquina de datilografia, mas não tem ninguém aqui que bate datilografia, vou ficar com essa máquina aí perdida”, tal. Aí o rapaz disse: “Não. A filha de João Pinho tem curso de datilografia”. “Tem curso de datilografia?”. “Tem”. “Será que ela quer esse emprego da prefeitura?”. Aí ele disse: “Quer, porque ela está aí parada, que ela deixou de estudar lá em Feira” e tal. Ele era até compadre dela. Aí mandou chamar ela na casa do pai, ela foi. Chegou lá: “Que que há, compadre?”. Ele disse: “eu mandei lhe chamar aqui porque Erasmo quer comprar uma máquina de escrever e num tem gente de datilografia, eu disse que a senhora tem curso de datilografia”. “Tenho”. Aí Erasmo perguntou: “Você quer o emprego da prefeitura pra trabalhar como datilógrafa?”. Ela disse: “Quero”. Ela tava aqui, as irmãs tavam concluindo o curso de professora e ela voltou pra cá. Ela, então, foi trabalhar. Ela é a primeira funcionária, minha mulher é a primeira funcionária da prefeitura. Eu era menino e ela era menina também. Nós nunca tivemos nada de namoro e tal. Ela aí então entrou na prefeitura como a primeira, como datilógrafa, mas não foi nomeada como datilógrafa, foi nomeada como tesoureira, que ela fazia os dois papéis. A prefeitura, o volume era pequeno, ela fazia o papel de tesoureira e datilografia, tinha os mapas, prestação de conta e tudo, ela batia tudo. Na hora que chegava uma pessoa que ia receber um dinheiro ou pagar alguma coisa, ela largava lá e vinha. Ela trabalhou trinta anos na prefeitura. Ela fez o ginásio em Feira e não concluiu o de professora, né? Que era mais três anos. Quando eu entrei na segunda vez, eu aí criei o curso de professor que é segundo grau, né? E criei nos povoados os ginásios. Tapuio que tem o nome de um filho da Terra, João Pinho, né? O de Pedra Alta eu agora me esqueci como é o nome. E o do João Vieira. E então, criei esses três. Foi quando depois aboliram o ginásio, não foi? Que agora não tem mais ginásio, agora é direto.

Entrevistador: fundamental, né? Agora é fundamental dois.

E10: É. Fundamental. Essas inovações que a lei produz, né? Então, ela foi funcionária da prefeitura, e acabou se aposentando. Nisso ela ficou sendo funcionária da prefeitura, minha esposa. Quando veio o segundo grau pra aqui, que eu criei o segundo grau aqui, ela aí já velha, casada, aí já era casada. Aí um grupo de colegas, de amigos se reuniram, “nós somos velhas, somos casadas, vamos estudar pra nos formar em professora?”. Aí estudaram e formaram em professora esse grupo.

Entrevistador: Nessa primeira turma.

E10: A primeira turma. Formada de professora e tal, pê, pê, pê, pá, pá, pá. Ficaram aí, havia carência de professores, que teve um tempo que tinha aqui num sei quantos

professores, que eu num tava na prefeitura, tive que alugar uma casa ali, nessa rua que desce aí, pra botar essas professoras. Que tinha dois tipo de professora, tinha a professora casada e tinha a professora solteira. A professora casada, de Serrinha, eu pagava uma arrural, aí vinha num sei quantas todo dia, né? Umas dez ou doze, uma em cima da outra de Serrinha pra aqui, que aqui num tinha professores suficientes pra aqui. Então, vinham essas moças de Serrinha. E as solteiras ficavam na casa, elas vinham segunda-feira e iam embora sexta-feira de noite. Eu pagava, eu dava aluguel da casa, elas pediram ajuda, né? Recebiam muito pouco, aí eu dava ajuda, alugava a casa, pagava aluguel da casa, dei o fogão e o botijão, pagava a luz e a água botava, a casa tinha um tanque de cimento, botava água no tanque de cimento e tal. Essas professoras quando eu encontro hoje em Serrinha é aquela alegria e tal porque eu dei essa ajuda a elas, até que a coisa... Porque Serrinha já tinha a escola normal, e formou professores pra danar em Serrinha lá e ficar. E as que tiveram maior classificação ou melhor classificação, ficaram em Serrinha, as que não tiveram, tiveram a opção de vim pra Teofilândia, Araci, pra Santaluz, pra Coité também, pra Valente. Teve muitas professoras de Serrinha espalhada por aí, porque por aí tinha dificuldade de professora. De forma que era muito complicado ser professora. Vinham muitas de Feira de Santana. Aí a minha esposa, com essa criação do curso de professora aqui, ela formou. Formou e tal. E a prefeitura num tinha condições de pagar, que era muito pouco dinheiro que a prefeitura recebia. Hoje dinheiro na prefeitura é lixo, se joga fora. Licença aqui.

Entrevistador: E o nome da Escola João Pereira de Pinho?

E10: Na verdade ele é meu sogro, então ele nasceu no Tapuio, e diante dos irmãos todos ele foi o mais se desenvolveu mais e ele reclamava muito pela falta de um ginásio lá na terra dele. Ele mesmo levou as filhas para fazer o curso de professoras dele pra Feira, começaram em Feira e depois formam para Salvador. Ai com esse negócio que fiz em contato, e ai fizeram uma reunião e eu perguntei se concordavam em colocar o nome dele. Por que ele assim era destaque na terra dele, as pessoas vinha aqui e procuravam ele. Ele é o pai de Sidel, que é irmão de minha mulher, e ele foi vereador de Serrinha, representando Araci, foi vereador aqui. Ele era um homem assim que desenvolveu muito o comercio de Araci, ele tinha caminhão e tudo. Repare que ele saia daqui para sessão em Serrinha, repare que sem ganhar um centavo, vereador não ganhava não. Eu fui vereador e nunca ganhei um tostão, só recebia vereador de cidade do porte de Feira de Santana, que era bem pouquinho. Mas era o estigma de ser politico né, todo mundo que começa como vereador, faz politica pensando em amanhã ser prefeito ou deputado. O Zé da Fó mesmo fui eu que coloquei na política. E Deus me deu a felicidade de ser amigo desse povo, minha casa era ali uma casa grande perto do Fórum, o Antônio Carlos Magalhães era nosso hospede, Antônio Carlos e o filho era uma amizade danada. Então, foi quando minha esposa e outras se formaram e ficou aqui, mas a prefeitura não tinha dinheiro para botar, e o estado era apertado. E nosso eu fiz uma amizade danada com ele, e ele era uma coisa danada comigo, e na época ele conversou comigo, e eu Deputado, lá na minha terra em Araci, tem muita professora tudo parada, e a população cresceu não tem escola para os meninos e tudo mais e tal.. assim, que eu estudei, a minha escola era na casa da professora, por que não tinha uma sala de aula pública em Araci.

Entrevistador: E vcs estudaram? E sua família estudou?

E10: Minha mãe é de 1902 e estudou no primário em Araci, e tudo mais e tal, mas o professor dela foi um professor que fez nome aqui em Araci, que vinha gente até de Coité, vinha gente de Santaluz, veio gente de Tucano para estudar com esse professor aqui, José

Ferreira da Cunha, foi o primeiro ginásio de Araci, em 1910, ele veio daqui e foi colocar ginásio em Nazare das farinhas. E teve primeiro até que Serrinha que também não tinha, ele botou o ginásio aqui, ele veio para ser professor do estado aqui. Alí onde é a casa de Ronaldo, que é um bar, ali era cheio de quartinhos, os quartinhos eram para os alunos mora, os alunos vinham de Coité, de Santaluz e de Tucano iam pra onde? ele criou uma espécie de cursinho.

Entrevistador: Era particular?

E10: Sim particular.

Entrevistador: Como era na sua época de estudante?

E10: Já nós estudávamos na casa da professora, a casa da professora era assim, tinha uma sala grande e ela estudava, e a prefeitura de Serrinha pagava uma migalha, parece que 15 mil réis, que ela sedia a sala, e tinha mais uma coisa.

Entrevistador: ela era daqui?

E10: ela era daqui, o pai dela, ela esse formou de professora em Salvador e ficou por aqui, foi minha professora e de meus irmãos. E tinha outra coisa, essa casa era de professora dos meninos e outra casa daqui era outra professora das meninas

Eu e minha mulher tínhamos a mesma idade, eu to com 84 anos vou fazer 85 daqui a dois meses e ela fez 83, acontece que eu e ela fomos estudantes na época, eu nesta escola e ela na outra, a expressão usada é que bode não se mistura com ovelha.

Então aí com essa amizade eu dei uma furada neles e arranjei vaga para essas professoras, e nessas vagas também minha esposa. Então aí o que acontece, eu fui com essa amizade eu fiz as contas aqui eu consegui sem concurso nenhum 124 empregos a maioria de professores. Ai abriu o leque, eu botei todo mundo no estado, botei professora, botei na polícia, nos Bancos do estado, BANEB, na Saúde. Aqui quando recebi a prefeitura tínhamos um postinho de saúde pequenininho, ai eu construí o hospital com o dinheiro da prefeitura, e hoje a prefeitura não tem dinheiro para recuperar o que tem, que se gasta muito em construir uma casa do que recuperar. Agora mesmo vão recuperar aquela casa de farinha, aquela casa de farinha foi eu Zelis, o pai de Nenca que construímos, aquela área onde vende farinha foi eu sozinho quem fiz, barragem do Tapuio, o prédio escolar e tudo mais, e hoje esse dinheiro da prefeitura vira fumaça ninguém sabe para onde vai. Porque tem muita coisa errada que tem. Os municípios hoje vive chorando dizendo que estão com fome, o nosso dinheiro vinha com tudo.

Eu fiz duas coisas que dos amigos meus conseguiram, eu coloquei duas agua encanada em Araci. Eu perfurei um poços em um lugar chamado Jacu, eu perfurei em 1978, e trouxe agua no sistema chafariz pra aqui, eu escolhi um lugar onde podia servir a região. E aqui eu usei o tanque na casa da minha sogra e botei uma torneira para fora do muro para quem quisesse pegar sem precisar pedir. Tinha aqui atrás do hospital, tinha alí no prédio lá em cima, tinha perto do cemitério, tinha no mercado e lá na entrada no prédio Colégio Don Jackson, e cidade era assim com pontos de água.

Entrevistador: Como minha pesquisa é voltada para Educação de Jovens e Adultos, como o senhor ver a oportunidade dessas pessoas que não tiveram a oportunidade de estudar?

E10: Sem educação nós não temos nada e educação é a base de tudo. E o Mobral desenvolveu muito, muitas professoras tinha uma casa na roça e botava o Mobral, elas ensinando aprendia, tinha um artigo ai 96, se não me engano você estudava e ai fazia uma prova como vestibular se você passasse era como aquilo ali equivalia o período do ginásio, e ai tirava o Mobral, que tirava o ginásio.

13 de novembro de 2019.

APÊNDICE O- TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA E11

Professor e primeiro estudante a se matricular no Ginásio em Araci.

Entrevistador: Como nas pesquisas encontrei o seu nome como sendo a primeira turma do CEMOB, primeira escola municipal de Araci, queria ouvir do senhor como era a educação nessa época, se sua família estudou?

E 11: Eu fui da primeira em 64, veja bem, lá na minha família todo mundo estudou, mas naquela época, o estudo era só até o terceiro ano Primário, quarto, quinto. Então a minha geração, foi uma geração que chegou ao atual Fundamental II, que se chamava Ginásio, e devemos muito ao pai de Nenca que foi prefeito e botou o ginásio, José Brígido da Silva e da Sra. senhora Dona Maria Edna Torres e Silva que foi nossa Diretora, é a pessoa que está com 88 anos e ainda o ano passado ela ainda foi homenageada lá em Araci. Nós conseguimos ter um patamar a mais. Ou seja, nós já fizemos o primário, o ginásio e muitos de nós conseguimos fazer faculdade. Nesse tempo já avançou mais, eu comecei a dar aulas lá aos 15 anos dando aula num curso que hoje não existe mais, exame de admissão no Ginásio. E aqui em Salvador agora faz 50 anos que doou aula aqui. Eu estudava no colégio da Bahia, segundo ano, mas já dava aula de pré-vestibular.

Entrevistador: E seus familiares, estudaram como, com professor pago?

E 11: Os familiares estudaram com a professora Aura Ferreira e professora Deraldina Ferreira, e o professor, Grande professor que teve lá, o professor José Ferreira Filho. Se você quer uma surpresa, Araci teve o Primeiro Ginásio da Região, em 1920, poucas pessoas,...(Sim aquele ali, aquele material fui eu que fiz. Você tem aquele material)

Entrevistador: Professor Ferreira

E 11: Isso, José Ferreira filho. Aí eu fala passo a lhe contar um caso que talvez interesse a você como Professora tanto a seus colegas que é o seguinte: O Brasil naquela época era mais sério, mais organizado. Um professor que se formava em Salvador, ela não podia dar aula em Salvador. Você sabia disso? O professor tinha que ir ao interior, como se fosse um estágio probatório para depois ele vir para Salvador. Consequencia, consequência. Grandes professores iniciantes estiveram pelo interior que era obrigado. Foi o caso de Jose Ferreira Filho. Jose Ferreira Filho levou o jornal para a região, o povo de Serrinha aprendeu a fazer jornal com ele: “O jornal Serrinhense” tá certo? E ele foi para lá no ano de 14, que ele conta por uma questão saudosista, que o pai dele era militar e o pai dele morreu na guerra de Canudos. Como Araci era uma cidade que ficava mais perto de Canudos ele foi prá lá, ficou lá até o ano de 21, por ai... e quando assumiu o governador J.J. Seabra. Ele era muito amigo de J.J. Seabra, o jornal dele mostra isso, e ele então se muda para Nazaré das Farinhas e se torna inspetor regional de ensino. Ele que era homem qualificado, professor primário, mas sabia mais do que muita gente hoje com graduação, sabia muito mais. Deu aula a Eraclito que foi prefeito, a meu tio Pedro Bacelar, a meu tio Antônio, tá certo? E o ginásio dele funcionava ali. Eu tenho foto, funcionava ali na que lá esquina que era Ronaldo aquele bar (6:09-6:17) da praça, ao norte, sabe? Se for assim, sul do lado de cá, norte aqui.

Entrevistador: Próximo da Igreja ali? Da Igreja nova?

E 11: Sim, a igreja é o no meio.

Entrevistador: Na praça, sim.

E 11: Eu falo a praça mesmo. Você conhece ali a padaria de Almir? Conhece o menino... Ninho? Então é o seguinte, é ali na praça. Casa de Mariquinha. É a esquina, a esquina de Ronaldo. Do outro lado é a farmácia do povo.

Entrevistador: Sei. Uma farmácia quase na esquina.

E 11: Sim, do outro lado. Ali era o colégio. Tem uma senhora em Araci que você pode entrevistar. Tá com 88 anos, morou nesta casa, quando ainda tinha o formato de Colégio, Dona Edesia. Edesia Carvalho, pai da desembargadora, Fatima de Carvalho, Pai de Nery, Ana Nery. Ela morou ali, ela me contou que... Eu conheci, eu nasci naquele pedacinho de rua ali. Ali na esquina. Eu me lembro que era um passeio alto, cheio de janela, “meu Deus pra que tanta janela numa casa?”, eu não sabia.

Entrevistador: Eram uns quartinhos?

E 11: Sala de aula, não tem que ter janela sala de aula? E ela me confirmou um detalhe, ele tinha internato e subia um sótão pra os meninos dormir em cima. O pessoal dormia em cima, entendeu? Subia um sótão. O nome do colégio se chamava Jean Jacques Rousseau. Eu tenho até a propaganda do colégio, mas aí só outra hora para lhe passar, posso ver se lhe consigo um livro desse que tem aí, entendeu? Porque é o seguinte, o que é Jean Jacques Rousseau aí? O francês, né? E aí é aquela briga entre religião e racionalismo, religião e cientificismo. Ele é racionalista, ele é cientificista, contra a educação religiosa, entendeu? Ele vai pra Nazaré das Farinhas, Nazaré era maior cidade do interior da Bahia, Feira não era quase nada. Feira veio crescer depois dos anos 20, quando começou a fazer a estrada. Feira era tão pequenininha coitada, que no passado era chamada sabe como? Campos da Itapororoca e Campos do Jacuípe. Quando a estrada passa ali, por volta de 26 a 30, aí Feira começa a crescer e Nazaré começa a decair. Nazaré era um grande polo porque tinha o quê? Porque tinha o transporte. Tinha navios, canoa, navegação fluvial, marítima e tinha o trem, o trem passava lá, então é prá lá que vai o Ferreira da Cunha. Eu tenho até a foto dele lá no jornal. Aí o Ferreira da Cunha vai prá lá e lá ele compra briga com as elites locais, que a elite local lá era a favor de Rui Barbosa e ele era a favor de Seabra. E os eram inimigos, então pronto, esse homem termina morrendo do coração. Lá em Nazaré, ele brigando com um povo de um colégio chamado Clemente Caldas, onde estudou Valdir Pires. É o que eu tenho a lhe dizer. Alguma pergunta?

Entrevistador: Tenho. Araci ele decaiu nê, perdeu seu status de cidade e deixou de ser de Tucano para ser de Serrinha. Quais foram os impactos que a educação de Araci teve com esse fato histórico?

E 11: Veja bem, a educação não foi o maior impacto, permaneceu... Porque não era grande coisa e continuou sem ser grande coisa. Quando era de Tucano, lá teve um professor do Tracupá, por volta de 1870, 1880, que tem nesse livro de Maura, o nome dele, certo? E esta escola de Araci, Ferreira Borges (...) Como é que eu posso me queixar de Araci nesta época, se vinha gente até de Monte Santo estudar em Araci.

Entrevistador: Pedro Ferreira Borges.

E 11: Pedro Ferreira Borges e depois a irmã dele, Tarcilina Ferreira Borges, depois veio José Ferreira da Silva, e depois que vem povo de Vicente Ferreira, que é dona Deraldina e Professora Aura. Aura foi professora de minha mãe, não, Deraldina de minha mãe, Aura foi professora do pai dele, de Murilo, tá certo? Ou seja, para a oferta da época era o máximo. O menino tem lá, o Pedro. Pode pedir a ele que ele tem. Sabe o que? A lista de presença com as notas da escola Pedro Ferreira Borges. Grande professor, viu? Letra bonita, aquela época se marcava pela letra bonita, você não tinha máquina de datilografia, quem tinha letra bonita tava empregado, não é? Procure ele em meu nome. Pode procurar, viu? Juarez, eu tenho aqui o telefone dele. Diga a ele que eu que pedi para lhe ajudar, chama Pedro Juarez. É um grande estudioso, viu? Ele vai a Tucano... Ele vai a Paulo Afonso descobrir as origens de Araci, colher registros. É outra explicação que posso lhe dar, como é que fazia os registros na época. Converse com o pai de Murilo lá, que ele conhece tudo isso. Carlos Mota. Então essa questão da educação era professor primário, mas bons professores, foi o Pedro Ferreira, foi a irmã Darcilina, aí vem depois José Ferreira Borges, e vem depois dona Doradina, professora Aura, aí depois vem dona Marieta, dona Carmelita, professora Edna e aí explodiu, aí é muita coisa depois.

Entrevistador: Na CEI eu encontrei um Cd que mostra as origens de lá do território, só que lá tá dizendo que Araci era de Serrinha...

E 11: Não. Aí já é coisa nova.

Entrevistador: Quando fui entender é porque, se a gente pegar os mapas da época, a região de Araci tá desenhado lá como se fosse de Serrinha. Acho que foi uma falta de interpretação.

E 11: Quer ver uma coisa só pra acabar com isso? A cidade de Araci, o município, é mais venho que o de Serrinha. Araci se emancipou em 13 de dezembro 1890 e Serrinha em 91. Agora por que Serrinha cresceu? Porque passou a linha do trem, passou a tecnologia. Onde vai a tecnologia, vai o sucesso. Mas Araci pertence a Tucano, e originalmente pertence a isso aqui, a Casa da Ponte. É por aqui que você conhece, 1609. Os primeiros brancos europeus chegaram lá em... Ali perto do Quererá. O Quererá era um povoado. Aí é o seguinte, esse homem chamava-se Guedes de Brito, conhece? A casa de Guedes de Brito, que era a casa colonial, né? Então o Guedes de Brito, ele disputava em tamanho de terra com a Casa da Torre, ele possuía as terras, quando livra a área litorânea, pegando ali de Nova Soure, que chamava Natuba, e vai somente até Jacobina, que tal? Que você tem haver com isso? Que você morou em Tapuiu. Olhe bem... Como é que se fazia isso naquela época? Que maluquice era essa? Nera maluquice não, tudo depende do contexto histórico. O Brasil era invadido por holandeses, por franceses, por estrangeiros que queriam tomar posse aqui do território. Então, qual era melhor para o rei? Era doar essas terras a pessoas confiáveis dele ou perder para Holanda e pra Espanha, e pra Inglaterra? Copiou? Como é que faz isso? As sesmarias, tanta terra pra um homem só. Por isso. Que ele tinha a obrigação sabe de que? Aí tinha a obrigação em contrapartida. A obrigação de criar gado, povoar as terras. Se não povoasse, as terras seriam devolvidas. Aí eu queria fazer aqui um desenho mental com você. Oh, saia você lá de Nova Soure, chamava-se Natuba. Para você criar gado, o que é que é preciso? Comida e água. Então para você entender a origem de Araci você tem que percorrer o caminho da água. Tudo naquela época você estuda pela água, onde tinha água, tinha gado sendo criado, tinha

moradores e tinha vida, tinha gente. Tá certo? Aí me acompanhe aqui, você conhece minha região, não? Vamos lá. Nova Soure tem água, tanto que Natuba quer dizer “Terra Molhada” na língua kiriri, a língua dos índios, aí vem pra Quererá. Quererá tem fonte nativa, conhece? Tem lá, era assim, ali então forma um núcleo, o que era o núcleo? Deixava ali uma família de vaqueiros e esses vaqueiros foram gerando outras famílias. Esses vaqueiros quando nasciam os filhos, geralmente adotavam o nome dos patrões: Guedes, Brito. Isso por que? Que era pra mostrar a quem eles estavam ligados e também pra impor respeito. Porque até a Proclamação da República, o sobrenome não era muito comum no Brasil, não era normal, você poderia botar o sobrenome que você que quisesse, se você quisesse homenagear um padre, você botava. Lá o Carvalho de Araci mesmo, não é sobrenome, é assimilado de um padre do Catu, que batizou José Ferreira, tanto que ele tem 13 irmãos, Carvalho só tem ele e mais um. A trizavó de Carlos Mota, já não tem nem Carvalho e nem Ferreira, é Maria Rosa de Lima. Oh! Botava assim, de acordo com o padre, com a amizade, entendeu? Só que os vaqueiros pra poder merecerem respeito, proteção botavam geralmente o nome dos antigos patrões. É assim que chegou a família Pinho em Araci. Pinho é daqui de Cachoeira e Santo Amaro. Era família de senhores de Engenho. Um deles foi governador da Bahia. Araújo Pinho, em 1908 a 1911, e tinham essas terras pra lá. Aí os vaqueiros que iam, oh, casavam com quem? Com as índias, né? As índias lá da região. Tá certo? Aí o resultado. Esse pessoal chegou lá vaqueiro, vindo aqui dessa região. E aí a bizavó de Edivaldo Pinho era uma índia. A própria irmã dele foi minha professora e confirma isso, a Navalda. Então, a índia casava com quem? Com o vaqueiro. Nascia o filho. E o sobrenome? Não tinha. Índio não tinha sobrenome. Aí botava o sobrenome da família poderosa que estava por trás. Família Pinho, famílias Guedes, família Brito, família Penedo em Tucano, entendeu? Família Carneiro em Serrinha, Oliveira em Serrinha. É isso aí, era assim.

Entrevistador: Agora eu vou fazer só mais uma pergunta. Só mais uma pra gente finalizar. Em 1960 a gente teve como ação pra melhoria dos índices de analfabetismo, que eram... O senhor sabe se teve algum movimento lá na região do “Nebe, ou do Jurque...”, da juventude rural...

E 11: Não. Essa questão de alfabetização na época valia muito o pensamento de um baiano chamado Pedro Calmon, que era reitor da Universidade do Brasil no Rio de Janeiro. Sabe o que é que ele dizia? “No Brasil, 85% do povo são analfabetos e 15% não sabe ler”. Oh o pensamento dele: 85 analfabeto e 15% não sabia ler. Querendo mostrar que era um país muito atrasado. A educação do Brasil sempre foi problemática por quê? Porque o português não se preocupou em desenvolver o país de uma maneira... No campo educacional. O português, o que ele fez foi transplantar a miséria e a exploração. Então, aqui vinha o rico e o pobre. Quem era rico continuava rico, quem era pobre continuava pobre. Dizia o padre José de Anchieta que em 1587, ali no Terreiro de Jesus, ao lado da miséria geral, madames já desfilavam com roupa de seda chinesa no maior luxo. Então, aqui o Brasil é um país em que tem essa questão da origem que prejudicou demais a educação. Quem fazia a educação aqui eram os Jesuítas, até 1759, dia de Santo Antônio. Nesse dia, o Marquês de Pombal expulsou os Jesuítas. Portugal estava decaindo economicamente, e digamos assim, a empresa mais rica do Brasil era dos Jesuítas. Eles possuíam mais de 23 fazendas de gado, milhares de fazendas de gado e igrejas em todos os lugares. Como aqui, vocês veem lá no centro de Salvador. Aí o Marquês expulsou. Essa é uma tese interessante que mostra a raiz da nossa ignorância geral. O Marquês expulsou os Jesuítas. Resultado: não tinha escola. Aí houve gritaria do povo. Sabe o que ele disse? “Não, vocês podem ter escola, se você aceitar pagar o imposto sobre a cachaça”.

Cada litro de cachaça ia tirar um dinheirinho pra poder financiar a escola. O povo não gosta de pagar imposto. Aí não pagava o imposto e não tinha a escola. Tragédia. Naquela época, de 1759 até 1827 prevaleceu, se quiser anotar, a chamada aula régia. Já ouviu falar nisso? O que era a aula régia? Qualquer pessoa que tivesse alguma instrução ia ao bispo, prestava um exame, e se mostrasse que sabia ler e escrever bem, era tornado automaticamente professor. Esse professor, como é o caso desse Pedro Ferreira Borges aí que você citou, esse professor, o que é que ele fazia? Ele dava aulas nas casas. Não existia prédio escolar. Quem começa a construir prédios escolares foi Anísio Teixeira. Isso é importante pra você. Na década de 20 do Século XX é que começa a construção dos prédios escolares em maior escala, graças ao educador Anísio Teixeira. Ok? E aí, resultado: essas aulas régias é que prevaleceram durante o século XIX. Se você ler, por exemplo, o romance Dom Casmurro, de Machado de Assis, tem lá o momento em que Bentinho tá namorando Capitu, e alguém diz: “Bentinho, venha. O padre Cabral já chegou para a aula de latim”. Aonde? Na casa dele. Era aula régia. Tá? A primeira lei geral do ensino no Brasil é em 15 de outubro, isso é interessante você anotar aí, 15 de outubro de 1827, primeira lei geral do ensino, por isso que o dia do professor é no dia 15 de outubro, ok? Sabia disso?

Entrevistador: Não.

E 11: Aí, oh como casa. Depois dessa lei, foram aparecendo professores primários na região: Tucano, Itapicuru de Cima, de Tucano pra Araci, Serrinha... Entendeu? Porque já tinha uma lei pra favorecer. A função da escola era ensinar a ler, escrever e contar, e também prática de quebrados.

Entrevistador: Prática de quebrados?

E 11: Sabe o que é isso? Números decimais. Chamava prática de quebrados, porque não é inteiro. Certo?

Entrevistador: Interessante.

E 11: Assim é que começa as escolas no Brasil. E naquela época só houve espaço pra criar, oh, que paisinho atrasado! Quatro faculdades. Quais foram as quatro? A de medicina na Bahia e no Rio de Janeiro, e a Faculdade de Direito de Olinda e de São Paulo. Onde estudou Rui Barbosa, estudou Castro Alves. Tá ok? É a origem do nosso sistema educacional.

Entrevistador: Aqui eu tenho os índices de 2010 de Araci, de analfabetismo e taxa abandono escolar precoce. Que é altíssimo.

E 11: Ah, deve ter demais.

Entrevistador: Aqui eu tenho de todos os município do território do sisal e aqui eu tenho só de 6. Que eu faço parte do observatório de educação de jovens e adultos e a gente fez um estudo nesses 6 municípios.

E 11: Por que Araci é mais? Você sabe?

Entrevistador: É isso que eu tô tentando...

E 11: Sabe por quê? É o município maior da região fisicamente.

Entrevistador: Em termo de população, o segundo maior. Perde pra Serrinha.

E 11: Em estrutura física Araci é maior.

Entrevistador: Aí eu trouxe essa lista que eu fiz o levantamento pra tentar entender por que que essa ideia da sede de dizer que era de Serrinha, aí eu percebi que antes Serrinha foi comarca. Então era dependência jurídica e não...

E 11: Aí foi depois, no começo não. No começo dependia de Tucano. E Araci e Tucano dependia de Itapicuru de Cima, e antes disso tudo era de Cachoeira.

Entrevistador: Pelo que o senhor entende da História de Araci e de hoje, o que é que o senhor acha que poderia melhorar para a educação de jovens e adultos na cidade?

E 11: Não é para Araci, é no Brasil. Eu vou passar pra você uma frase de um historiador cearense, chamado Capistrano de Abreu. E ele dizia o seguinte: “Para o Brasil ser um grande país, só precisa de uma constituição com dois artigos, só dois” chama-se Constituição de Capistrano de Abreu, que é um historiador. Já pensou? Pra ser um grande país só precisa dois artigos. Quais são os dois? “Artigo primeiro: todo brasileiro é obrigado a ter vergonha na cara”, ponto. “Artigo segundo: revogam-se as disposições encontradas”. Isso foi escrito por volta de 1890. E você só vê o Brasil decair. Agora, pra o povo na Universidade não ficar muito feliz, vamo ver como é a Universidade no Brasil? Vá. A sua não é a UNEB? Não tem federal? Pode pesquisar na internet, triste, o mais triste de tudo isso, o Brasil não tem uma Universidade entre as 200 melhores do mundo. E aí, que tal? As 20 primeiras são as americanas, suíças, francesas. O Brasil não tem uma Universidade entre as 200 melhores do mundo. Se você perguntar o que tá errado na educação? A resposta é tudo. E não vai resolver porque o modelo de gestão que existe é impossível o país crescer, o modelo de gestão que é para perpetuar a ignorância e a mediocridade. Não tem como.

Entrevistador: E o que é que o senhor sugere pra melhoria?

E 11: Aqui? Voltar a usar tanga e tacapi. Voltar ao início. Aqui a nossa estrutura política é corrupta, a educação é corporativista. Não tem gestão, não tem administração. Tanto pra você entender, pra não dizer que eu sou assim pessimista, hoje no Brasil sabe qual é a melhor faculdade que existe? Senai e Senac. É onde se aprende tecnologia num nível elevado. Aqui é tão cruel que em qualquer lugar do mundo um professor pesquisador, a pesquisa é dele, aparece o nome dele, aqui no Brasil quando um professor consegue fazer uma pesquisa, a pesquisa é da universidade, não há incentivo nenhum. Agora, se eu posso lhe dar uma mensagem positiva é a seguinte: o brasileiro é muito inteligente, muito. Graças à miscigenação racial que permitiu criar um povo muito inteligente. E, veja você, tudo que tem de bom no mundo, tem um brasileiro no meio, tudo que tem ruim, tem um brasileiro no meio. Se você olhar o facebook, na origem, tem um brasileiro que ajudou a criar. O outro, qual é? O youtube, tá certo? Então sempre tem

um brasileiro sobressaindo. Agora o Marcelo Glaizer, ganhou um prêmio equivalente ao Nobel na área espiritual. Mas em termo de estrutura de país, o país tá pra começar aí. Me perdoe.

Entrevistador: Foi um prazer. Muito Obrigada. Eu vou pedir só que o senhor autorize a publicação que temos que ter.

E 11: Tenha dúvida não. Aqui eu assino aonde?

Entrevistador: Aqui atrás. O senhor assina aqui que depois eu preencho seu nome. Eu deixo uma para o senhor.

E 11: E parabéns pela sua pesquisa, pelo seu trabalho.

Entrevistador: E para finalizarmos a entrevista que mensagem deixaria: não é possível...

E 11: Não é possível salvar o mundo, mas é possível fazer com que o mundo não faça de você mais um canalha. Depende de seu caráter. Tá?

Entrevistador: Muito obrigada, foi um prazer.

E 11: Valeu. Abraço.

E11, 14 de março de 2019.

APÊNDICE P - TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA E12

Representante de movimento social, coordenador de TOPA

Entrevistador: Queria saber sobre os projetos de alfabetização que a entidade estava envolvida, só o TOPA?

E 12: Não está tendo mais pois Biringanga, Araci e Quijingue já alcançaram o número que o MEC queria, segundo eles né, mas a gente sabe que não é verdade, pois basta você pegar uma ata de associação, para você ver a quantidade de analfabeto que tem, então nós trabalhamos desde 2007, de 2007 a 2014. Foram bastante turmas, não foi só essa entidade.

Entrevistador: Mas já houve outros projetos de alfabetização que passaram por aqui??

E 12: Já passaram, mas nesses eu não estava envolvida. Que eles foram tomar capacitação no Rio Grande do Sul, eu esqueço, mas não era a desta entidade não.

Entrevistador: Vocês têm noção, em relação a essas atas? Número de analfabetos?

E 12: Bem, aqui nós tínhamos até vários arquivos, mas perdemos um HD, deu defeito e perdemos todas as informações, e número de analfabetos ligados a associação é complicado tem que ir na atas e olhar, mas esses dias estamos na correria, to com a cabeça voltada numa ata que tenho que entregar, para concluir, to com 16 estatutos para entregar agora com data de prazo, para receber, escavadeira, trator... e esses aqui mesmo é para a obra do mercado..

Entrevistador: Mas nessas turmas de topa que você coordenou?

E 12: Assim, para você ter ideia, foi desde 2007, e foi muita gente que passou por aqui, só na primeira vez nos tivemos 1500 alunos, e na verdade não era aquela coisa, e foi ai que a gente percebeu que tinha demais e não fazia um bom trabalho, ta entendendo, foi ai quando eu entrei que comecei a enxugar, e tinha muitos alunos, ai diminuiu e foi para 60 turmas, ai de 2012 pra cá já estipulavam o tanto de turmas, por entidade, porque não faziam um bom trabalho na verdade, porque o estado não dá subsídio para fazer um bom trabalho, pra você está visitando, a gente fazia o que podia, o máximo, mas o trabalho não saiu 100% do jeito que a gente queria de jeito nenhum.

Entrevistador: e você sabe se tinha outras turmas.

E 12: “não tinha sim, tem até uma Rapaz chamado Antônio, chamam de Antônio da Madeireira, inclusive eu acho que depois da gente, que agente parou, eu soube que tinha um programa em feira e que não era TOPA. E como tinha coisa, que eu discordava na DIREC, eles preferiram deixar agente de fora, eu questionava, muita coisa, foi que até problemas que acontecia com os alfabetizadores, que a gente achava que era para cortar o alfabetizar, e eles não cortavam, entendeu. E ai, só sei que a gente parou.

E12, 05 de fevereiro de 2019.

APÊNDICE Q - ESCOLAS QUE OFERTAM A EJA EM ARACI (2018)

NÚMERO	ESCOLA	E-MAIL (CONTATO DA ESCOLA)	NÚMERO DE PROFESSORES	NÚMERO DE TURMAS 2018	NÚMERO DE MATRÍCULAS 2018	NÍVEL/ MODALIDADE DE ENSINO
SEDE						
01	Centro de Educação Municipal Oliveira Brito	censocemob@hotmail.com	*	07	265	Ensino Fund. II EJA
02	Dom Jackson Berenguer Prado	escoladomjackson@gmail.com	5	07	352	Ensino Fund. II EJA
ZONA RURAL						
03	João Pereira de Pinho	escolajpptapuio@gmail.com	8	2	50	Ensino Fund. II EJA

Fonte: SEDUC, 2018

APÊNDICE R – DADOS DA EJA DO MUNICÍPIO DE ARACI-BA (2010-2018)

1. **Fundamental I (Eixo I, II e III)**

Ano	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018
Matriculados	1.454	1.325	863	115	180	112	125	89	*
Aprovados	425	313	230	54	45	36	25	31	*
Reprovados	395	318	201	15	11	19	18	1	*
Desistentes	716	741	452	74	124	69	80	56	*
Transferidos	28	4	3	0	0	01	1	1	*
Nº DE ESCOLAS									
Sede	8	07	08	2	01	2	1	1	1
Campo /Regionais	33	33	21	6	4	3	02	1	1
Nº de Docentes	*	*	*	*	*	8	6	7	*

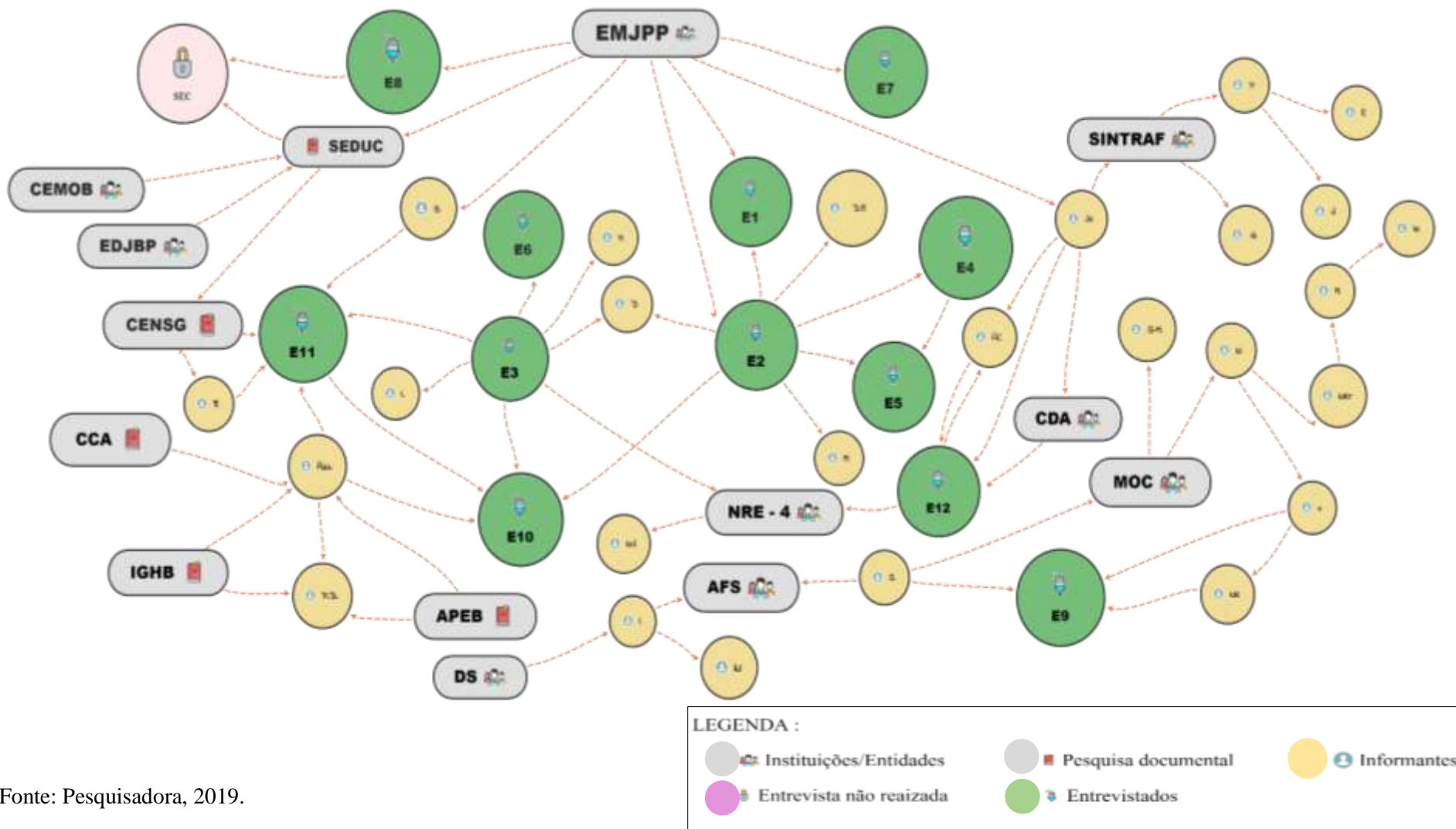
2. **Fundamental II (Eixo IV e V)**

Ano	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018
Matriculados	718	915	896	554	936	943	734	656	*
Aprovados	285	302	274	184	349	406	338	288	*
Reprovados	781	56	70	46	66	93	60	72	*
Desistentes	399	517	491	114	515	436	329	271	*
Transferidos	14	40	61	156	7	12	22	28	*
Nº DE ESCOLAS									
Sede	2	3	3	3	4	4	4	2	2
Campo /Regionais	6	6	8	7	7	7	5	2	1
Nº de Docentes	*	*	*	25	49	48	47	60	*

*Dados não fornecidos.

Fonte: SEDUC/2018

APÊNDICE S – PERCURSO METOTOLÓGICO EM SNOWBALL



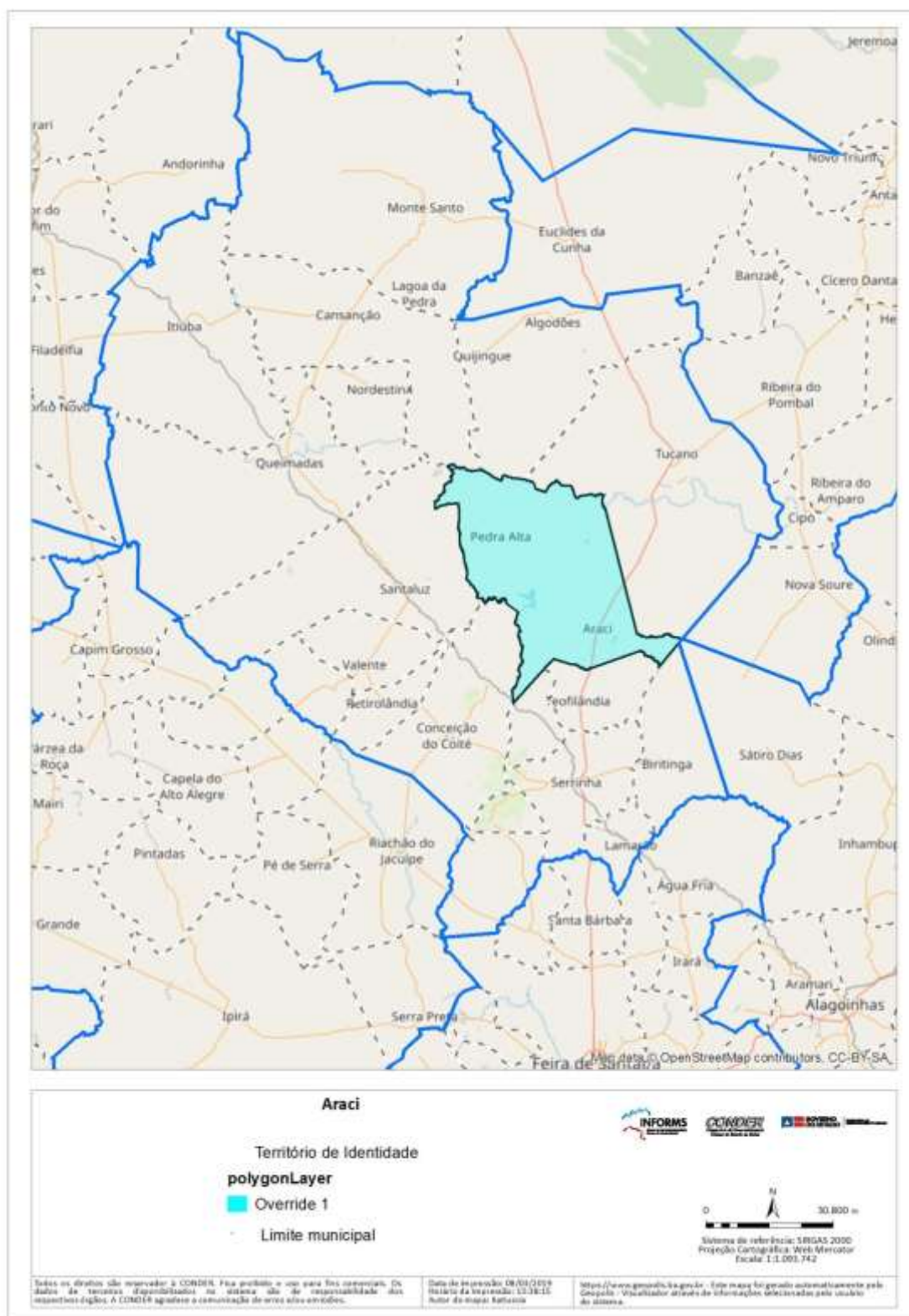
Fonte: Pesquisadora, 2019.

APÊNDICE T - RELATÓRIO QUANTITATIVO DE TURMA E ALFABETIZANDO POR ENTIDADE/ 2011- 2016

ANO	REGIONAL	ENTIDADE	SIGLA	REPRESENTANTE	ENDEREÇO	QUANTIDADE TURMA	QUANTIDADE ALFABETIZANDO
2011	DIREC-12	CENTRAL DE DESENVOLVIMENTO DAS ASSOCIAÇÕES DE ARACI	CDA	ANTONIO PIMENTEL DE OLIVEIRA JUNIOR	ENDEREÇO: POVOADO BANDEIRA; BAIRRO: ZONA RURAL; CEP: 48.760-000	62	699
	DIREC-12	Associação dos Moradores do Bairro da Alegria	AMBA	ANTONIO JOSÉ OLIVEIRA SILVA	ENDEREÇO: RUA D. PEDRO I; BAIRRO: MORUMBI; CEP: 48.760-000	58	682
	DIREC-12	ASSOCIAÇÃO COMUNITARIA DE PEQUENOS PRODUTORES DE DUAS ESTRADAS	ASCOPDE	JOSÉ VIRGILIO MAGALHARES	ENDEREÇO: POVOADO DUAS ESTRADAS; BAIRRO: ZONA RURAL; CEP: 48.760-000	67	886
2012	DIREC-12	CENTRAL DE DESENVOLVIMENTO DAS ASSOCIAÇÕES DE ARACI	CDA	ANTONIO PIMENTEL DE OLIVEIRA JUNIOR	ENDEREÇO: POVOADO BANDEIRA; BAIRRO: ZONA RURAL; CEP: 48.760-000	18	180
	DIREC-12	Associação dos Moradores do Bairro da Alegria	AMBA	ANTONIO JOSÉ OLIVEIRA SILVA	ENDEREÇO: RUA D. PEDRO I; BAIRRO: MORUMBI; CEP: 48.760-000	17	180
	DIREC-12	ASSOCIAÇÃO COMUNITARIA DE PEQUENOS PRODUTORES DE DUAS ESTRADAS	ASCOPDE	JOSÉ VIRGILIO MAGALHARES	ENDEREÇO: POVOADO DUAS ESTRADAS; BAIRRO: ZONA RURAL; CEP: 48.760-000	18	130
	DIREC-12	ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA DE PEQUENOS PRODUTORES RURAIS DE ICHU	ACRIPEC	ABENILSON LOPES DE CARVALHO	ENDEREÇO: RUA JOSE ROQUE OLIVEIRA; BAIRRO: CENTRO; CEP: 48.760-000	15	125
	DIREC-12	ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE CULTURAL DOS PEQUENOS AGRICULTORES DO SÍTIO NOVO	ABCPASN	TEREZINHA MUNIZ DOS SANTOS	ENDEREÇO: RUA JOSE TIBURCIO BARRETO; BAIRRO: CENTRO; CEP: 48.760-000	15	80
2013	DIREC-12	CENTRAL DE DESENVOLVIMENTO DAS ASSOCIAÇÕES DE ARACI	CDA	ANTONIO PIMENTEL DE OLIVEIRA JUNIOR	ENDEREÇO: POVOADO BANDEIRA; BAIRRO: ZONA RURAL; CEP: 48.760-000	18	164
	DIREC-12	Associação dos Moradores do Bairro da Alegria	AMBA	ANTONIO JOSÉ OLIVEIRA SILVA	ENDEREÇO: RUA D. PEDRO I; BAIRRO: MORUMBI; CEP: 48.760-000	26	228
2014	NTE-04	Associação dos Moradores do Bairro da Alegria	AMBA	ANTONIO JOSÉ OLIVEIRA SILVA	ENDEREÇO: RUA D. PEDRO I; BAIRRO: MORUMBI; CEP: 48.760-000	14	108
	NTE-04	BIBLIOTECA COMUNITARIA CDA DE TAPUIO	BCCT	ANA ZILDA OLIVEIRA ANGELO	ENDEREÇO: RUA ROSA BARRETO PINHO; BAIRRO: CENTRO; CEP: 48.760-000	14	108
	NTE-04	COOPERATIVA AGROPECUARIA DOS PRODUTORES RURAIS DE ARACI	COOPARACI	AILTON JOSE CARVALHO DE OLIVEIRA	ENDEREÇO: POVOADO TINGUI; BAIRRO: ZONA RURAL; CEP: 48.760-000	6	47
	NTE-04	ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA DE CUPIM	ASCUP	FERNANDO SOUZA PEDREIRA	ENDEREÇO: RUA GUARANI ; BAIRRO: SÃO JOÃO; CEP: 48.760-000	8	71
2015	Não houve turma em Araci					0	0
2016	Não houve turma em Araci					0	0
TOTAL						356	3688

Fonte: NRE 04, 201

APÊNDICE U- MAPA LIMITES TERRITORIAIS DE ARACI (2019)



Fonte: Geopolis, 2019

ANEXO V- MAPAS HISTÓRICO COM A REPRESENTAÇÃO DE ARACI

Ano	Título do Mapa	Denominação de Araci	Endereço do Mapa
1895	Mappa do Estado da Bahia contendo a rede geral da viação do Estado	Raso	http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart540839/cart540839.html
1908	Mappa Geral da Republica dos Estados Unidos do Brasil	Raso	https://www.historia-brasil.com/mapas/mapa/estados-unidos-brasil.jpg
1911	Mapa Geral do Brasil	Raso	http://www.historia-bahia.com/mapas-historicos/mapa/seculo-20.jpg
1913	Mapa do Estado da Bahia Viação Férrea do Estado	Raso	http://www.historia-bahia.com/mapas-historicos/mapa/mapa-laemmert.jpg
1923	Mapa Estado da Bahia	Aracy	http://www.historia-bahia.com/mapas-historicos/bahia-1923.htm
1927	Mapa do Estado da Bahia	Araci	http://www.historia-bahia.com/mapas-historicos/mapa/atlas-bahia.jpg
1944	Mapa das Redes Postal e Telegráfica do Departamento dos Correios e Telégrafos	Araci	http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart451488/cart451488.html
2000	Mapa Índice das Folhas Topográficas do Estado da Bahia	Araci	http://www.sei.ba.gov.br/site/geoambientais/mapas/pdf/mapa_mapaindice_2000.pdf
2007	Cobertura Vegetal da Bahia	Araci	http://www.mapas-brasil.net/bahia/vegetacao.pdf
2010	Estado da Bahia	Araci	http://www.sei.ba.gov.br/site/geoambientais/mapas/pdf/bahia_mapa_2v25m_2010_sei.pdf
2011	Mapa Interativo Limites Municipais da Bahia	Araci	https://portal.geo.sei.ba.gov.br/portal/apps/StorytellingSwipe/index.html?appid=a56c258239cf4057af54e11272487140
2013	Mapa Rodoviário da Bahia	Araci	http://www.mapas-brasil.net/bahia/imagens/mapa-rodoviario.jpg
2014	Regiões de Planejamento e Gestão das Águas - RPGA e Unidades de Conservação	Araci	http://www.mapas-brasil.net/bahia/unidades-conservacao.pdf
2015	Mapa Relevo	Araci	http://www.mapas-brasil.net/bahia/relevo.pdf
2015	Mapa de Araci	Araci	http://www.sei.ba.gov.br/site/geoambientais/mapas/pdf/municipal/mapa_descritivo_2902104_1.pdf
2017	Divisão Político-Administrativa do Estado da Bahia	Araci	http://www.sei.ba.gov.br/site/geoambientais/mapas/pdf/BAHIA_MAPA_GCS_1V5_M_2017_SEI.pdf
2017	Território de Identidade do Estado da Bahia	Araci	http://www.sei.ba.gov.br/site/geoambientais/mapas/pdf/TERRITORIOS_IDENTIDADE_BAHIA_MAPA_1V5M_2017_SEI.pdf
2017	Núcleos Regionais da Saúde	Araci	http://www.sei.ba.gov.br/site/geoambientais/mapas/pdf/NUCLEOS_REGIONAIS_SAUDE_MACRORREGIOES_MAPA_2V25M_2017_SEI.pdf

2017	Núcleos Regionais de Educação	Araci	http://www.sei.ba.gov.br/site/geoambientais/mapas/pdf/NUCLEOS_REGIONAIS_EDUCACAO_BAHIA_MAPA_2V25M_2017_SEI.pdf
2017	Regiões Econômicas da Bahia		http://www.sei.ba.gov.br/site/geoambientais/mapas/pdf/REGIAO_ECONOMICA_BAHIA_MAPA_2V25M_2017_SEI.pdf
2017	Regiões Administrativas do Estado da Bahia	Araci	http://www.sei.ba.gov.br/site/geoambientais/mapas/pdf/REGIAO_ECONOMICA_BAHIA_MAPA_2V25M_2017_SEI.pdf
2017	Região Semiárida da Bahia	Araci	http://www.sei.ba.gov.br/site/geoambientais/mapas/pdf/SEMI%20RIDA_BAHIA_MAPA_2V25M_2017_SEI.pdf
2017	Eixos de Desenvolvimento do Estado da Bahia	Araci	http://www.sei.ba.gov.br/site/geoambientais/mapas/pdf/EIXOS_DESENV_BAHIA_MAPA_2V25M_2017_SEI.pdf
2017	Polígono das Secas	Araci	http://www.sei.ba.gov.br/site/geoambientais/mapas/pdf/POLIGONO_DAS_SECAS_BAHIA_MAPA_2V25M_2017_SEI.pdf
2019	Araci e o TIS	Araci	https://drive.google.com/drive/u/0/folders/1FjRhgPJ1ju6vKaoDLzA_W4IKKQaAdNCw

Fonte: Pesquisadora, 2019.

ANEXO W - VINCULAÇÃO POLÍTICA-ADMINISTRATIVA DE ARACI E COMARCAS NOS REGISTROS CIVIS DE ARACI DE 1885 - 1882

Ano	Data	Descrição do Ato	Denominação de Araci	Município vinculado	Comarca
1885	24 out	Escritura de Arrendamento	Freguesia do Raso	Vila Tucano	Não Consta
1885	15 out	Lançamento de um instrumento/Escritura de arrendamento	Freguesia do Raso	Não Consta	Não Consta
1885	15 out	Lançamento de um instrumento/Escritura de arrendamento	Freguesia do Raso	Villa do Tucano	Não Consta
1885	15 out	Lançamento de um instrumento/Escritura de arrendamento	Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Raso	Villa do Tucano	Não Consta
1885	15 out	Lançamento de um instrumento/Escritura de arrendamento	Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Raso	Villa do Tucano	Não Consta
1885	15 out	Lançamento de um instrumento/Escritura de arrendamento	Freguesia do Raso	Villa do Tucano	Não Consta
1885	15 out	Lançamento de um instrumento/Escritura de arrendamento	Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Raso	Villa do Tucano	Não Consta
1885	15 out	Lançamento de um instrumento/Escritura de arrendamento	Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Raso	Villa do Tucano	Não Consta
1885	20 out	Lançamento de um instrumento/Escritura de arrendamento	Freguesia do Raso	Villa do Tucano	Não Consta
1885	20 out	Lançamento de um instrumento/Escritura de arrendamento	Freguesia do Raso	Villa do Tucano	Não Consta
1885	20 out	Lançamento de um instrumento/Escritura de arrendamento	Freguesia do Raso	Villa do Tucano	Não Consta
1885	21 out	Lançamento de um instrumento/Escritura de arrendamento	Freguesia do Raso	Villa do Tucano	Não Consta
1885	21 out	Lançamento de um instrumento/Escritura de arrendamento	Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Raso	Villa do Tucano	Não Consta
1885	21 out	Lançamento de um instrumento/Escritura de arrendamento	Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Raso	Villa do Tucano	Não Consta
1885	24 out	Lançamento de um instrumento/Escritura de arrendamento	Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Raso	Villa do Tucano	Não Consta
1885	24 out	Lançamento de um instrumento/Escritura de arrendamento	Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Raso	Villa do Tucano	Não Consta
1885	24 out	Lançamento de um instrumento/Escritura de arrendamento	Freguesia do Raso	Villa do Tucano	Não Consta
1885	24 out	Lançamento de um instrumento/Escritura de arrendamento	Freguesia do Raso	Villa do Tucano	Não Consta

1885	24 out	Lançamento de um instrumento/Escritura de arrendamento	Freguesia do Raso	Villa do Tucano	Não Consta
1885	24 out	Lançamento de um instrumento/Escritura de arrendamento	Freguesia do Raso	Villa do Tucano	Não Consta
1885	24 out	Lançamento de um instrumento/Escritura de arrendamento	Freguesia do Raso	Villa do Tucano	Não Consta
1887	10 dez	Transcrição da Ata de eleição (três membros as Assembleia)	Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Raso	Não Consta	Não Consta
1888	21 jan	Transcrição da Ata de eleição (senador do império)	Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Raso	Tucano	Monte Santo
1888	02 fev	Procuração	Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Raso	Tucano	Monte Santo
1888	04 ago	Procuração	Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Raso	Villa do Tucano	Monte Santo
1888	03 set	Procuração	Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Raso	Tucano	Monte Santo
1889	14 nov	Procuração	Freguesia Nossa Senhora da Conceição do Raso	Município Tucano	Monte Santo
1889	05 mar	Procuração	Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Raso	Tucano	Não Consta
1889	20 abr	Procuração	Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Raso	Município de Tucano	Monte Santo
1889	24 abr	Transcrição da Ata de eleição	Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Raso	Município de Tucano	Monte Santo
1889	08 mai	Procuração	Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Raso	Município de Tucano	Monte Santo
1889	07 jul	Procuração	Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Raso	Município de Tucano	Não Consta
1889	31 ago	Ata da eleição (deputado geral)	Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Raso	Município de Tucano	Monte Santo
1889	04 set	Procuração	Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Raso	Tucano	Não Consta
1889	14 nov	Procuração	Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Raso	Município de Tucano	Monte Santo
1889	30 dez	Escritura de venda e compra	Freguesia do Raso	Tucano	Monte Santo
1890	31 mai	Procuração	Freguesia do Raso	Município de Tucano	Pombal
1890	16 jun	Procuração	Freguesia do Raso	Município de Tucano	Pombal
1890	07 jul	Procuração	Freguesia do Raso	Município de Tucano	Pombal

1890	07 jul	Procuração	Freguesia do Raso	Município de Tucano	Pombal
1890	15 set	Transcrição da Ata de conclusão dos trabalhos eleitorais	Parochia de Nossa Senhora da Conceição do Raso	Município de Tucano	Pombal
1891	05 fev	1ª ata de eleição	Paroquia e Município do Raso	Raso	Serrinha
1891	05 fev	Transcrição da Ata de conclusão dos trabalhos eleitorais	Parochia e Município do Raso	Município do Raso	Serrinha
1891	05 fev	Transcrição da Ata de conclusão dos trabalhos eleitorais	Parochia e Município do Raso	Município do Raso	Serrinha
1891	14 fev	Escritura de perfilhação	Villa do Raso	Não Consta	Serrinha
1891	07 abr	Procuração	Distrito da Paz da Villa do Raso	Não Consta	Serrinha
1891	13 abr	Procuração	Distrito da Paz da Villa do Raso	Não Consta	Serrinha
1892	04 dez	Transcrição da Ata de conclusão dos trabalhos eleitorais	Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Raso	Município do Raso	Monte Santo
1892	18 dez	Transcrição da Ata de conclusão dos trabalhos eleitorais	Vila Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Raso	Município do Raso	Monte Santo

Fonte: www.viladoraso.com

ANEXOS

**ANEXO A - CÓDIGOS DAS ESCOLAS POR REGIONAL E DIREÇÃO –
ARACI (2016)**

NÚMERO DE ESCOLAS NO MUNICÍPIO EM 2016			
ESCOLAS ENSINO REGULAR		SEDE	17
ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO		AEE	01
ZONA RURAL			81
TOTAL			99
Secretaria Municipal de Educação		Rua Antônio Oliveira Mota	98021249
SEDE 17 ESCOLAS			
Nº	NOME DA ESCOLA	ENDEREÇO	CÓDIGO
01	Grupo Escolar Ana Oliveira	Rua José Pinheiro	29135800
02	Escola Municipal Professor Antozildo Torres Matos	R. Venceslau Quintino	29436958
03	Centro de Educação Municipal Oliveira Brito	Rua Sete de Setembro	29134218
04	Creche Marcionília Santana da Silva	Damiana Maria de Jesus	29438098
05	Dom Jackson Berenguer Prado	Domiciano Oliveura Mota	29134595
06	Escola de Educação Infantil Prof. Neuza Cristina Silva Góes	Rua Goiás s/nº	29462126
07	Esc. de 1º Grau Edvaldo Machado Boaventura	Rua Sete de Setembro	29135605
08	Escola Erasmo de Oliveira Carvalho	R. Antônio Fernandes de Carvalho	29134650
09	Esc Faustina Lisboa Pinheiro	Rua Lomanto Junior	29336996
10	Esc José Nilton da Silva Santiago	Rua Entendente José Tomaz Barreto	29336953
11	Escola Júlia Pinheiro Araújo	Rua José Pedro de Carvalho	29368332
12	Esc Maria de Lourdes Mota Carvalho Barreto	Av. Aracaju	29135052
13	Escola de 1º Grau Maria Lídia	Rua Anfilóbio de Menezes	29134560
14	Escola Padre João Eudes Rocha de Jesus	Rua São Paulo	29418364
15	Esc. Mun. Padre Osvaldo Oliveira Pinto	Jackson Cruz	29411815
16	Escola Santa Isabel	Rua Ezequiel Dias Barreto	29368375
17	Escola Valdeci Sousa de Carvalho	Rua Antonio Evaristo de Carvalho	29393345
18	Núcleo de Educação Especial	Pça. Monsenhor Carlos Olímpio	29457530

82 ESCOLAS REGIONAIS 2016**01- BARBOSA**
Diretora Neuma Costa

Nº	ESCOLA	ENDEREÇO	CÓDIGO
01	Escola Catarino Nunes da Silva	Pov. Barbosa	29397979
02	Escola Municipal Francisco de Sousa	Faz. Lagoa da Anta	29377692
03	Pedro Boaventura da Silva	Faz. Baixa	29136008
04	Esc Vasco da Gama	Pov. Barbosa	29135567

02 -BARREIRA
Diretora Cristiane Silva Tito

Nº	ESCOLA	ENDEREÇO	CÓDIGO
01	Andrelino Bispo de Sousa	Pov. Maracanã	29134170
02	Esc Cirilo Pereira de Matos	Sede	29134510
03	Escola Dom Pedro II	Sede	29135613
04	Escola José Carlos Mota	Sede	29135621
05	José Reginaldo de Santana	Faz. Olhos d'água	29135869
06	EscJulio Ribeiro	Primeiro <u>Sítio</u>	29135001
07	Esc Professora Maura Lopes Pinheiro	Sede	29135389
08	Esc Osvaldo Cruz de Andrade	Pov. Tanque Cavado	29135214

03-CALDEIRÃO
Diretora Edileuza Pinho Guimarães

Nº	ESCOLA	ENDEREÇO	CÓDIGO
01	Escola Municipal Ana Queiróz	Faz. Lagoa Nova	29418356
02	Esc José Bonifácio	Sede	29134897
03	EscJosé Pastor de Oliveira Irmão	Faz. Pau de Rato	29134943
04	Escola José Sebastião	Faz. Terra Dura	29135630
05	EscMartim Pereira da Silva	Pov. Bela Vista	29135087
06	EscTomaz Edson	Faz. Poço do Capim	29135532

04-CAMPO GRANDE Diretora Olivia Reis Matos			
Nº	ESCOLA	ENDEREÇO	CÓDIGO
01	Escola Isaura Bacelar	Faz. Lameiro da Chicória	29368308
02	Esc Jesus Amado	Faz. Rejeito	29134803
03	EscJorge Amado	Faz. LaginhaSede	29134870
04	EscJosé Francisco de Sousa	Pov. Roça de Dentro	29134927
05	Esc Professora Maria Marlene Reis Mota	Pov. Campo Grande	29135370
06	Esc Municipal Pres. José Sarney	Pov. Areal	29135257
05- JACU Diretora Maria Livia Nunes Martins			
Nº	ESCOLA	ENDEREÇO	CÓDIGO
01	Carlos Oliveira Costa	Pov. Queimada Grande	29134196
02	Esc Francisco Ferreira Firmo	Lagoa do Curral	29134722
03	EscJosé de Anchieta	Pov. Jacu	29134900
04	Mons. Carlos Olimpio	Nazaré	29135125
06/1 – JOÃO VIEIRA I Diretora Juliana			
Nº	ESCOLA	ENDEREÇO	CÓDIGO
01	EscAnita Garibaldi	Faz. Lagoa da Picada	29134447
02	Duque de Caxias	Faz. Lagoa da Jurema	29134404
03	EscEraldo Tinoco	Faz. Lagoa do Boi	29134633
04	Esc Júlio Barreto	Faz. Barreiro Preto	29134994
05	Esc Telma Araujo Oliveira. Obs. Documentação em andamento para o nome Perpetua Pereira dos Santos.	Faz. Contendas	29135508
06/2 – JOÃO VIEIRA II Diretora Rosana Andrade Góes			
Nº	ESCOLA	ENDEREÇO	CÓDIGO
01	EscBuarque de Holanda	Sede	29134471

07/1- PEDRA ALTA I			
Diretora Maijara Silva Sousa			
Nº	NOME DA ESCOLA	ENDEREÇO	CÓDIGO
01	Esc Castro Alves	R. Flaviano Pereira P. Alta	29134498
02	Esc Daniel Almeida Ramos	R. Flaviano Pereira P. Alta	29134552
03	Escola Gildete Menezes dos Santos	Faz. Lameiro da Chicória	29425425
04	Esc 8 de Dezembro	Faz. Serra dos Bois	29134412
05	Esc Valdomiro Ferreira Pinheiro	Faz. Umburaninha	29135559
07/2 - PEDRA ALTA II			
Diretora Judite Matos Monteiro			
Nº	NOME DA ESCOLA	ENDEREÇO	CÓDIGO
01	Esc Jarbas Passarinho	Pov. Lagoa da Lage	29134790
02	EscJoão Bertoldo	Povoado Bento	29134811
03	EscJoão Ramalho	Faz. Sapé	29134846
04	Escola Olavo Bilac	Pov. Caldeirão	29135729
05	Escola Osvaldo Miranda Barreto	Faz. Melancia	29368340
06	Esc Mun Sto Antonio II	Faz. Ponta da Serra	29135494
07	Escola Tiradentes	Sede	29135524
07/3 - PEDRA ALTA III			
Diretora Sandra Carvalho			
Nº	NOME DA ESCOLA	ENDEREÇO	CÓDIGO
01	Colegio Municipal Carlos Raimundo Mota	Sede	29134226
08-1/14 – POÇO GRANDE			
Diretora Nilzete Alcantara Carvalho			
Nº	ESCOLA	ENDEREÇO	CÓDIGO
01	Esc Erasmo de O Carvalho	Sede	29134641
02	Francisco Queiróz	Pov. Duas Estradas	29135796
03	Esc João de Deus Pereira	Pov. Alta Grande	29134820
04	Esc Juscelino Kubischek	Pov. Pedra do Serrote	29135010

09/14 – RIBEIRA Diretora Lúcia Moreira de Oliveira			
Nº	ESCOLA	ENDEREÇO	CÓDIGO
01	EscAltamira de Jesus	Faz. Altamira	29336937
02	Herminio Ferreira de Carvalho	Ribeira II	29135818
03	MELQUIDES VENTURA	RUA DA PALHA	
04	EscN S de Lourdes	Faz. Pedra Furada	29135176
05	Esc Produção Comunitária da Ribeira	Sede	29135303
10/14 – RUFINO I Diretor Pedro Oliveira da Mota			
Nº	ESCOLA	ENDEREÇO	CÓDIGO
01	João Batista dos Santos	Pov. Queimada Redonda	29135834
02	Esc Olavo Pinto	Pov. Queimadinha	29135206
03	Esc São Jorge	Pov. Retirada	29135419
04	Esc Sete de Setembro	Faz. Roça Grande	29135443
10/14 – RUFINO I Diretora Maria Natividade			
Nº	ESCOLA	ENDEREÇO	CÓDIGO
01	EscAmélia Ramosx		29134439
02	EscEziquiel Dias Barreto x	Faz. Balaio	29134692
03	EscPrincesa Leopoldinax	Faz. Lagoa da Onça	29135273
04	Escola São José x	Sede	29135753
05	Esc Sete de Setembro	Faz. Roça Grande	29135443
11/14 – SEM FREIO Diretor Francisco dos Santos Portela			
Nº	ESCOLA	ENDEREÇO	CÓDIGO
01	Esc Cosme de Farias	Pov. Guerra	29134544
02	EscEdmilson Matos de Sousa	Pov. Sem Freio	29336902
03	Escola Marcelino da Silva	Pov. Jitirama	29135680

12-/14 SERRA BRANCA Diretora Ariane Castro Góes			
Nº	ESCOLA	ENDEREÇO	CÓDIGO
01	Esc Comunitária da Fubá	Pov. Da Fubá	29134536
02	Escola Fazenda Quererá (documentação em andamento para mudar o nome Profª Maria José de Oliveira)	Faz. Quererá	29377730
03	Esc José Anastácio Barreto	Faz. Serra Branca	29134889
04	Esc Sta Rosa	Faz. Bom Sossego	29135478
13/1-14 TAPUIO I Diretora Maria Marta Pinho Carvalho			
Nº	ESCOLA	ENDEREÇO	CÓDIGO
01	Esc Deraldo de Sousa	Faz. Lagoa do Rosário	29134579
02	Esc Jóia da Extrema	Faz. Jóia da Extrema	29134862
03	Esc Prisco Barreto Pinho	Faz. Retiro	29135281
04	Esc Tio Patinhas obs. Documentação em andamento para Selvina Leoploldina de Jesus	Faz. Malhada da Areia	29135516
05	Esc Tomaz Vieira Barreto	Faz. Vargem Grande	29135770
13/2-14 TAPUIO II Diretora Damiana Miranda dos Reis			
Nº	ESCOLA	ENDEREÇO	CÓDIGO
01	João Pereira de Pinho	Sede	29135842
02	Esc Prisco Viana	Sede	29135290
14/14 VÁRZEA DA PEDRA Diretora Márcia Oliveira de Santana Silva			
Nº	ESCOLA	ENDEREÇO	CÓDIGO
01	Esc. José Pinheiro	Sede	29134960
02	Escola Pedro Barbosa	Pov.. Miranda	29418224

Fonte: SEDUC, 2017

ANEXO B – RELATÓRIO DE TODAS AS ATIVIDADES PROCARTA ARACI

Em, 28 de agosto de 1973.

Relatório de todas as ocorrências verificadas em dados os treinamentos, preparo, distribuição recebimento de material, etc. e execução de levantamento de dados do Procarta no município de Aracy.

Região 5, município 2 Aracy

Após a explanação que apresenta anexa da síntese resposta das diretoras e responsáveis por estabelecimento do Ensino após o levantamento de dados do Procarta, após um abreviado relatório que apresenta sobre o treinamento que realizamos nesta cidade de Aracy nos dias 11 a 16 de junho p.p para executarmos o Procarta, ao cabo desta árdua tarefa que foi emposta aos Delegados Escolares e demais Educadores Baianos, compre-me lembrar mais algo da minha atuação e de mais participantes nesse honroso trabalho que considero e aprovo valiosíssimo para o futuro de um Brasil alfabetizados e gradativamente Aracy será participante de glória que justamente esperamos.

Fizemos realizar nesta cidade o 2º treinamento em 6 e 7 de agosto sobre normas pré estabelecida que aprendi ao seminário que realizamos em Salvador no período de 9 a 13 de junho e mais alguns lembrentes que poderia fuguir da memória de vários participantes responsáveis pela Coleta da cidade.

A este ultimo curso compareceram deligentemente os mesmos do primeiro e mais convidados e voluntários regentes de classe no Ginásio desta cidade nas Escolas Estaduais e Militantes do Departamento de Educação Municipal que tão ardorosamente souberam cooperar com o Procarta.

Sequiosas de novos horizontes e “tempo bom na instrução de nosso Município, augurando melhor amparo aos mestres interioranos” mais segurança e aproveitamento para estes aprovado em concurso e provas de títulos que jazem no esquecimento, muito deles trabalharam no Procarta desapaxadamente, comprindo com desapego e autoismo um dever de brasilidade esperando que os futuros do Procarta na tão propalada reforma dê-lhes total apoio, reciclagem, condição de levar as luzes da alfabetização a todos os rincões do nosso Município aos mais remotos dar-lhe um pouco de muito que ignoram.

O Procarta foi praticado e incerrado dentro de um clima de interesse desmedido, notando-se o esforço extraordinário do Supervisor Municipal e sua bondosa auxiliar, das voluntárias sempre prestativas professoras Zilda, Carmelita, Nilda, Marivalda, e Helina, que estão em tudo e nas horas difíceis se colocam como verdadeiros Cirineus num

calvário glorioso. A parcela de gratidão a dedicada supervisora regional Marivanda que usou conosco máximo de amizade e trabalho incansável.

(assinatura) Maria de Lourdes Mata Carvalho Barreto

Municipal 05/02

Araci

ANEXO C – RELATÓRIO SÍNTESE DAS ATIVIDADES PROCARTA ARACY

Em 28 de agosto de 1973

Síntese das respostas dadas pelas Diretoras Responsáveis por Estabelecimento de Ensino do Município de Aracy, após a Coleta de Dados realizada de de 8 a 17 de agosto de 1973.

Região 05

Município 02 Aracy.

Municipal – Maria de Lurdes Mota Carvalho Barreto

Deligada Escolar Residente

1. Preenchimento – Aos (8) oito dias de mês de agosto de ano de (1973) mil novecentos e setenta e três, as oito horas da manhã iniciou-se as atividades dos levantamentos dos dados nos questionários Modelo 3 e 4 ou seja: dados gerais sobre o Aluno e dados gerais sobre o Professor. O trabalho foi distribuído em postos sediados em cada Estabelecimento de Ensino tendo em cada, uma direção das seguintes professoras: Maria Mota Carvalho Cerqueira, Diretora da Escola Imaculada Conceição; professora Darcy Maria da Silva responsável pela Escola Nossa Senhora das Graças, professora Elza Alves de Carvalho responsável pela Escola D. Jackson Berenguer Prado; Professora Hezir Moura Pinheiro, diretora do Ginásio Municipal Oliveira Brito, Professora Raimunda Miranda Pinho, supervisora da Educação Municipal, suas atividades localizadas na Prefeitura Municipal desta cidade. Os demais questionários modelos foram respondidos no período de 8 a 17 de agosto. O trabalho foi realizado por todos como se referem uma das responsáveis com espírito de interesse e cooperação, sendo no dia 8 as atividades se prolongaram até as 18 horas.
2. Dificuldades no preenchimento. Conforme perspectivas seriam inevitáveis algumas dificuldades no trabalho de coleta de dados que talvez tenham deixado de seus frutos alguns vestígios de imperfeição. Entre tanto foram quase unânimes as repostas das Diretoras e responsáveis em face as dificuldades no preenchimento. Quase que não encontraram obstáculos intransponíveis. Munidas de Manuais de Instrução e assistidas pela Municipal que se desdobrava em atividades a volantes nos diversos postos da Procarta durante aqueles dias, dissipando dúvidas ocasionais, conseguiram realizar um trabalho mais ou menos satisfatório sujeito a crítica e emendas por ser vasto o campo de informações com alguns quesitos duvidosos.

3. Conferencia de material

O material começou a ser distribuído a partir do dia 18 de junho data em que chegaram os primeiros pacotes em mão da Municipal, distribuição essa que se prolongou até o dia 7 de agosto, véspera do dia /// Oficial do Procarta e estendeu até o dia 18 do mesmo mês, retardamento este oriundo de retardamentos parceladamente destacando-se a demora dos famosos modelos 4 e a folha de rosto que a nossa Dinâmica Supervisora tanto providenciou medidas propícias para a sua remessa de Salvador.

Quanto à conferencia feita pelas Sras. Diretoras e Responsaveis tanto a primeira após a distribuição do material como a ultima depois do levantamento de dados foram feitos cuidadosamente.

4. DIFICULDADES NA CONFERENCIA

Não se verificou dificuldades por parte das Diretora e responsáveis na conferencia do material recebido e entregue foi contudo trabalhoso para o Municipal que recontou e inumeras vezes chegando a fazer seis vias de relação – controle de material para todo o Municipio recebido em muitas parcelas da Regional e algumas diretamente da Coordenadoria Estadual. Suprindo a necessidade de cada Estabelecimento, conferindo e diminuindo sempre dos soldos a proporção que o trabalho ia prosseguindo, a Municipal teve de levar avante uma entrega de dados satisfatórios dispendendo para isso horas extras que se prolongavam em certos dias até altas horas da noite, associando o trabalho dos numerosos incontáveis em cargo de Procarta.

5. OBSERVAÇÕES

A realização do Procarta em sua etapa inicial no Município de Aracy constituiu uma oportunidade em que não só os Responsáveis como também o Corpo Docente se destacaram com abnegação a interesses pela causa dando prova evidente do patriotismo individual demonstrando o seu legal e irrestrito apoio. Apesar de terem encontrado dificuldades que os oprimiam taxando-o de “cansativo trabalho de uma semana” entretanto não esmoreceram nem deixaram o meio termo a que lhes foi imposto pelo Ministro da Educação. Consideraram uma grande meta pela qual A Educação no Brasil chegue a realizar muito que necessita, que se concretize os Princípios da Reforma do Ensino – Lei 5692, de 11 de agosto de 1971.

Reconheceram na realização inicial do Procarta a participação de autoridades competentes nos reais problemas da Educação, os progressos constatados na ultima década e o doloroso déficit que se constata nos municípios pobres notadamente no meio rural, não só o triste analfabetismo, mas ainda a precária distribuição de cursos e

estabelecimentos o deficiente preparo dos educadores, principalmente os leigos a falta de condições de locomoção e pouco interesse para a casa educativa.

Trouxe Várias experiências para os diretores e fará nossos dirigentes enxergarem o polo negativo e o positivo da realidade em instrução.

Aracy, 28 de agosto de 1973.

(assinatura)

Maria de Lourdes Mota Carvalho Barreto

Cargo municipal 05/02

Delegada Escolar Residente.

ANEXO D – ESTABELECIMENTOS DE ENSINO PROCARTA ARACI

Secretaria da Educação e Cultura

PROCARTA – BAHIA

DIVISÃO – II
 REGIÃO ADMINISTRATIVA – 5ª
 MUNICÍPIO: NOME – ARACI
 CODIGO (IBGE) 31201
 REGIÃO (CODIGO IBGE) 312

Nº DE ORDEM	ESTABELECIMENTO	ENDEREÇO	ZONA	SUBDISTRITO (Vila, povoado, fazenda)	Entidade mantenedora
01	Escolas Reunidas Imaculada Conceição	Rua Antônio Mota	U	Araci	Estado
02	Escola N. S. das Graças	R. Sete de Setembro			
03	Esc. Don Jackson B. Prado	Rua José Pedro de Carvalho			
04	Esc. Don Jackson B. Prado	Rua José Pedro de Carvalho			Mun. (extinta em 1971)
05	Escolas Reunidas Imaculada Conceição	Antonio Oliveira Mota			
06	Escolas Reunidas Nossa Senhora das Graças	Rua Aumerino Oliveira			Mun. (extinta em 1971)
07	Escola Ana Nery	Faz. Barreiro de Fora	R		
08	Escola Ana Oliveira	Faz. Queimada do Borge			

09	Escola Cosme de Farias	Faz. Russona			
10	Escola D. Pedro II	Pov. Barreiras			
11	Escola Dois de Julho	Faz. Serra Branca			
12	Escola Edvaldo Paraiso	Faz. Tingui			
13	Escola Joaquin Trabuco	Pov. João Vieira			
14	Escola Joana Angélica	Faz. Arapiraca			
15	Escola João Bartolo	Faz. Bento			
16	Escola José Bonifacio	Pov. Caldeirão			
17	Escola José de Anchieta	Faz. Jacu			
18	Escola Luiz Magno	Faz. Macambira			
19	Escola Maria Quitéria	Faz. Lagoa Nova			
20	Escola Monsenhor Carlos Olímpio	Faz. Nazaré			
21	Escola Monteiro Lobato	Faz. Ichu			
22	Escola Nossa Senhora Auxiliadora	Faz. Terra Dura			
23	Escola Nossa Senhora Aparecida	Faz. Madeira			
24	Escola Oito de Dezembro	Faz. Limeiro Escondido			
25	Escola Olavo Bilac	Faz. Caldeirão novo			
26	Escola Otávio Mangabeira	Faz. Lagoa do Boi			
27	Escola Padre Antônio Vieira	Faz. Lameiro do Geraldo			

28	Escola Presidente Kennedy	Faz. Araças			
29	Escola Rui Barbosa	Povoado Tapuio			
30	Escola Santa Margarida	Pov. Varzea da Pedra			
31	Escola São José	Pov. Rufino			
32	Escola São Roque	Faz. Lagoa do Curral			
33	Escola Santa Bernadete	Faz. Bela Vista			
34	Escola Tomé de Souza	Faz. Cipó do Leite			
35	Escola São Jorge	Faz. Retirada			
36	Escola Tiradentes	Povoado Pedra Alta			
37	Escola Particular de Araci	Praça da Conceição	U		Particular
38	Escola Adventista do 7º Dia	R. José Pedro de Carvalho	U		Particular

Fonte: APEB, 1973

ANEXO E – ESTABELECIMENTOS DE ENSINO PROCARTA (Manuscrito)

Código do Estabelecimento	Nome do Estabelecimento	Endereço do prédio	Código do prédio	Localização	
				Urbana	Rural
Sede					
001	Escolas Imaculada Conceição	Rua Antônio Oliveira Mota	001	U	-
002	Escola N. S. das Graças	R. Amerino Oliveira Lima	002	U	-
003	Esc. Don Jackson B. Prado	Rua José Pedro de Carvalho	003	U	-
004	Ginásio Municipal Dr. Oliveira Brito	Rua Sete de Setembro	004	U	-
Quadra Rural					
005	Escola Joaquin Nabuco	Arraial João Vieira	005	-	R
006	Escola Tiradentes	Arraial Pedra Alta	006	-	R
007	Escola Rui Barbosa	Faz. Barreiro de Fora	007	-	R
008	Escola D. Pedro II	Faz. Queimada do Borge	008	-	R
009	Escola Ita Margarida	Arraial Várzea da Pedra	009	-	R
010	Escola João José	Pov. Rufino	010	-	R
011	Escola João Roque	Faz. Lagoão do Curral	011	-	R
012	Escola Jose de Anchieta	Povoado do Jacu	012	-	R
013	Escola Joaquin Dantas	Fazenda Serra Azul	013	-	R
014	Escola Luiz Magno	Faz. Santa Rita	014	-	R
015	Escola João Bertoldo	Faz. Bento	015	-	R
016	Escola Gustavo F. da Silva.	Faz. Queimado do Borges	016	-	R
017	Escola Jose Francisco de Souza.	Fazenda Roça de Dentro.	017	-	R
018	Escola Jarbas Passarinho	Faz. Lagoa da Lage	018	-	R
019	Escola Santos Dumont	Fazenda Bandeira	019	-	R

020	Escola Nossa Senhora de Fátima.	Povoado Ferradura	020	-	R
021	Escola Erasmo de Carvalho	Povoado Poço Grande	021	-	R
022	Escola Nossa Senhora dos Passos	Fazenda Giru	022	-	R
023	Escola Nossa Senhora de Lourdes	Faz. Estrela do Norte.	023	-	R
024	Escola Nossa Senhora das Dores	Faz. Campo Alegre	024	-	R
025	Escola Osvaldo Cruz	Faz. Mimodomo	025	-	R
026	Escola Duque de Caxias	Fazenda Calumbi	026	-	R
027	Escola Castelo Branco	Faz. Boa Vista	027	-	R
028	Escola Nossa Senhora do Carmo	Fazenda Maracanã	028	-	R
029	Escola Carlos R Mota	Escola Lamerio Escondido	029	-	R
030	Escola Ana Neri	Faz. Alto Alegre	030	-	R
031	Escola Maria Quitéria	Faz. Mato Grosso	031	-	R
032	Escola Castro Alves	Faz. Maiorim	032	-	R
033	Escola Tomé de Souza	Faz. Cipó do Leite	033	-	R
034	Escola Lomanto Junior	Faz. Queimadinha	034	-	R
035	Escola Machado de Assis	Faz. Capim	035	-	R
036	Escola Santo Antonio	Faz. Angico	036	-	R
037	Escola Olavo Bilac	Faz. Caldeirão novo	037	-	R
038	Escola Monteiro Lobato	Faz. Inchu	038	-	R
039	Escola Santa Bernadete	Faz. Bela Vista	039	-	R
040	Escola Dois de Julho	Fazenda Serra Branca	040	-	R
041	Escola Monsenhor Carlos Olímpio	Faz. Nazaré	041	-	R
042	Escola Otávio Mangabeira	Faz. Boa Sorte	042	-	R
043	Escola Oito de Dezembro	Faz. Realege	043	-	R
044	Escola São Jorge	Faz. Retirada	044	-	R

045	Escola Padre Antônio Vieira	Faz. Lameiro do Geraldo	045	-	R
046	Escola Nossa Senhora Auxiliadora	Faz. Terra Dura	046	-	R
047	Escola Cosme de Faria	Povoado de Russona	047	-	R
048	Escola Edivado Paraíso	Faz. Tingui	048	-	R
049	Escola Ediclea Mota	Faz Laranjeira	049	-	R
050	Escola Nossa Senhora Aparecida	Faz. Maracujá	050	-	R
051	Escola Nossa Senhora do Livramento	Povoado Campo Grande	051	-	R
052	Escola José Bonifacio	Pov. Caldeirão	052	-	R
053	Escola Particular Primavera	Praça Jose Ferreira de Carvalho.	052	U	-
054	Escola Particular de Araci	Praça da Conceição	053	U	-
055	Escola Ana Oliveira	Rua Boa Viagem	054	U	-

Fonte: APEB, 1973

ANEXO F – MAPA DE MATRICULAS DAS ALUNAS DO SEXO FEMININO ARACI - 1902

Anno de 1902

Mapa annual das alunas da escola publica de sexo feminino, registada pela professora publica Julia Brazques Leal.

Conceição do Aracá

Das alunas				Das fizes		Salas			Salas			Observações	
N.º	Nome	Idade	Letras	Nome	Letras	1.ª Sala	2.ª Sala	3.ª Sala	1.ª Sala	2.ª Sala	3.ª Sala	Substantivamente	Substantivamente
1	Antonia Cândida de Jesus	17	Letras	José de Almeida de Jesus	Letras	23	4	27	Letras	17/11		Esta escola foi visitada por mim e houve 10 faltantes e 10 faltas. A escola é bem cuidada e os alunos são bem tratados.	
2	Joanna Maria de Jesus	17	Letras	José Domingos de Almeida	Letras	48	55	123	Letras	17/11			
3	Leocádia de Jesus	7	Letras	Clara Alves de Jesus	Letras	3	7	10	Letras	17/11			
4	Antonia de Jesus	7	Letras	Clara Alves de Jesus	Letras	21	13	35	Letras	17/11			
5	Antonia de Jesus	6	Letras	Clara Alves de Jesus	Letras	12	76	112	Letras	17/11			
6	Antonia de Jesus	5	Letras	Clara Alves de Jesus	Letras	19	21	40	Letras	17/11			
7	Antonia de Jesus	12	Letras	Clara Alves de Jesus	Letras	35	53	88	Letras	17/11			
8	Antonia de Jesus	12	Letras	Clara Alves de Jesus	Letras	57	45	100	Letras	17/11			
9	Antonia de Jesus	12	Letras	Clara Alves de Jesus	Letras	19	33	55	Letras	17/11			
10	Antonia de Jesus	13	Letras	Clara Alves de Jesus	Letras	25	38	63	Letras	17/11			
11	Antonia de Jesus	12	Letras	Clara Alves de Jesus	Letras	36	75	111	Letras	17/11			
12	Antonia de Jesus	12	Letras	Clara Alves de Jesus	Letras	23	40	63	Letras	17/11			
13	Antonia de Jesus	10	Letras	Clara Alves de Jesus	Letras	54	74	128	Letras	17/11			
14	Antonia de Jesus	6	Letras	Clara Alves de Jesus	Letras	42	65	107	Letras	17/11			
15	Antonia de Jesus	11	Letras	Clara Alves de Jesus	Letras	18	52	70	Letras	17/11			
16	Antonia de Jesus	9	Letras	Clara Alves de Jesus	Letras	47	77	124	Letras	17/11			
17	Antonia de Jesus	10	Letras	Clara Alves de Jesus	Letras	38	29	67	Letras	17/11			
18	Antonia de Jesus	6	Letras	Clara Alves de Jesus	Letras	59	86	145	Letras	17/11			
19	Antonia de Jesus	13	Letras	Clara Alves de Jesus	Letras	23	31	54	Letras	17/11			
20	Antonia de Jesus	8	Letras	Clara Alves de Jesus	Letras	3	9	12	Letras	17/11			
21	Antonia de Jesus	10	Letras	Clara Alves de Jesus	Letras	21	31	52	Letras	17/11			
22	Antonia de Jesus	11	Letras	Clara Alves de Jesus	Letras	23	33	56	Letras	17/11			
23	Antonia de Jesus	11	Letras	Clara Alves de Jesus	Letras	18	25	43	Letras	17/11			
24	Antonia de Jesus	9	Letras	Clara Alves de Jesus	Letras	18	18	36	Letras	17/11			
25	Antonia de Jesus	10	Letras	Clara Alves de Jesus	Letras	16	16	32	Letras	17/11			
26	Antonia de Jesus	9	Letras	Clara Alves de Jesus	Letras	9	9	18	Letras	17/11			
27	Antonia de Jesus	9	Letras	Clara Alves de Jesus	Letras	6	6	12	Letras	17/11			
28	Antonia de Jesus	9	Letras	Clara Alves de Jesus	Letras	6	6	12	Letras	17/11			

Vista Geral do 3.º ano de 1902
 O professorante,
 João de Almeida Brazques - Julia Brazques Leal.

Vista de Rua 1.ª de Dezembro de 1902

Fonte: www.viladoraso,1902

ANEXO G – MAPA DE MATRICULAS DAS ALUNAS DO SEXO MASCULINO ARACI - 1902

Cidade de 1902

Matricula das Alunas do sexo masculino segida pelo Professor
Cano Elton de Souza - Comarca de Lucas, Villa de Araci

1º - Alunas		2º - Alunas		3º - Alunas			4º - Alunas			5º - Alunas	
Nº	Nome	Idade	Letras	Nome	Idade	Letras	Nome	Idade	Letras	Nome	Idade
1	João da Silva	11	3	João da Silva	11	5	15	João da Silva	11	15	15
2	João da Silva	11	3	João da Silva	11	5	15	João da Silva	11	15	15
3	João da Silva	11	3	João da Silva	11	5	15	João da Silva	11	15	15
4	João da Silva	11	3	João da Silva	11	5	15	João da Silva	11	15	15
5	João da Silva	11	3	João da Silva	11	5	15	João da Silva	11	15	15
6	João da Silva	11	3	João da Silva	11	5	15	João da Silva	11	15	15
7	João da Silva	11	3	João da Silva	11	5	15	João da Silva	11	15	15
8	João da Silva	11	3	João da Silva	11	5	15	João da Silva	11	15	15
9	João da Silva	11	3	João da Silva	11	5	15	João da Silva	11	15	15
10	João da Silva	11	3	João da Silva	11	5	15	João da Silva	11	15	15
11	João da Silva	11	3	João da Silva	11	5	15	João da Silva	11	15	15
12	João da Silva	11	3	João da Silva	11	5	15	João da Silva	11	15	15
13	João da Silva	11	3	João da Silva	11	5	15	João da Silva	11	15	15
14	João da Silva	11	3	João da Silva	11	5	15	João da Silva	11	15	15
15	João da Silva	11	3	João da Silva	11	5	15	João da Silva	11	15	15
16	João da Silva	11	3	João da Silva	11	5	15	João da Silva	11	15	15
17	João da Silva	11	3	João da Silva	11	5	15	João da Silva	11	15	15
18	João da Silva	11	3	João da Silva	11	5	15	João da Silva	11	15	15
19	João da Silva	11	3	João da Silva	11	5	15	João da Silva	11	15	15
20	João da Silva	11	3	João da Silva	11	5	15	João da Silva	11	15	15

Fonte: www.viladoraso,1902

ANEXO H – PROFESSORES ANTIGOS DE ARACI (1880 A 1960)

Pedro Ferreira Borges
(1872-1894) Prof. nomeado



Amerino de Oliveira Lima
(1872-1894) Prof. leigo



Foto - Profa. Tarcilina Borges
(1872-1894)



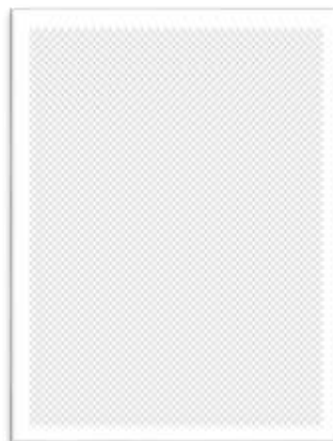
Maria Felicidade da Conceição Freire
(1894-1897)



Olavo Pinto
(1894-1913) Prof. nomeado



Salustiano Alves Albertini
(1897 – por 3 meses)



Teodolina Carvalho Lima
(1897-1898) Profa. leiga



Julia Praxedes Pinto
(1898 – 1914) Profa. nomeado



Maria da Conceição Mota
(1904 - por 2 meses) Profa. leiga



Bernarda Augusta Freire
(1913 – 1915) Profa. nomeado



Amélia Mota dos Reis
(1904 - por 2 meses) Profa. leiga



José Ferreira Cunha
(1913 – 1915) Profa. nomeado



Aura Ferreira da Silva
(1925 – 1949) Profa. nomeada



Maria D'Ascensão Itaparica
(1937 – 1955) Profa. nomeado



Euvira Pinho Mota
(1926 – 1930) Profa. leiga



Maria Edna Torres Pinho
1ª Delegada de Escolar



Fonte: Silva, 2015, www.viladoraso.com.br

ANEXO I – QUADRO DE PREFEITOS DE ARACI



Erasmo de Oliveira Carvalho

1959 – 1963
1967 -1970
1983 – 1985



José Brígido da Silva

1963-1967
1973-1997



Carlos Raimundo Mota

1970-1973
1977-1983



José Carlos Mota

1985-1988



Edvaldo da Silva Pinho

1989-1992



Daniel de Almeida Ramos

1993-1996



José Eliotério da Silva Zedafó
1997-2000
2005-2008



Maria Edneide Torres Silva Pinho
2001-2004
2009-2012



Antônio Carvalho da Silva Neto
2013-2016
2017-2020

Fonte: www.viladoraso.com.br

Cópia.

Aos dez dias do mes de Dezembro do anno
 do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de
 mil oitocentos e setenta e oito, nesta Inspe-
 ção da Comarca do Rio de Janeiro, presentes o Inspector
 Literario, substituto, Joaquim Luiz Simoes,
 o cidadão Vicente Ferreira da Silva e Mar-
 cellino Jose Baptista, nomeada examina-
 doras pelo mesmo Inspector Literario, proce-
 deram-se, de conformidade com o art. 92 § 2.^o
 do Regulamento da Instrução Publica, os
 exames, cujo resultado foi o seguinte: João
 Laurentino Borges, approved plenamente;
 Vicente Ferreira de Curralles e Francisco
 Ferreira da Matta simplesmente. Do
 que para constar foi este termo em que todos
 assignam.

Eu Pedro Ferreira Borges, profes-
 sor effectivo, e uevi e com todos assigno.
 Joaquim Luiz Simoes
 Inspector Literario
 Vicente Ferreira da Silva
 e Marcellino Jose Baptista
 Pedro Ferreira Borges.

ANEXO K – ORIENTAÇÕES CORRETIVAS PARA A CONCLUSÃO DOS RESULTADOS PARCIAIS - EJA

1. O resultado será **AC** nas situações em que:
 - este conceito corresponda a todos os componentes;
 - prevaleça sobre os demais;
 - empate com **EC**.

2. Será usado o conceito **EC**, quando:
 - corresponder a todos os componentes;
 - prevalecer sobre os demais;
 - o **C** prevalecer ao **AC** ($6C + 4AC$);
 - for superior aos demais ($5EC + 4C$ ou $5EC + 4AC$);
 - o **AC** for superior ao **C** ($5AC + 4C$);
 - houver empate entre os três conceitos ($3C + 3EC + 3AC$);
 - houver empate com **C** (ANOS INICIAIS);
 - quando houver empate entre **AC** e **C** (ANOS INICIAIS);
 - quando **não** houver **prevalência** de um dos conceitos (considerando-se que este representa a intermediação/equilíbrio entre os conceitos).

3. O conceito **C** **somente** será usado se:
 - corresponder a todos os componentes;
 - prevalecer sobre o **EC**.

QUADRO DE EQUIVALÊNCIA – ANOS INICIAIS									
L.P	ART	ED. FÍS	MAT.	CIÊN.	HIST.	GEO.	E. REL.	R.P.	C.F.
C	C	C	C	C	C	C	C	C	PC
C	C	C	C	C	EC	EC	EC	C	PC
C	C	C	C	C	AC	AC	AC	EC	PC
C	C	C	C	EC	EC	EC	EC	EC	PC
C	C	C	C	AC	AC	AC	AC	EC	PC
C	C	C	C	EC	EC	AC	AC	EC	PC
C	C	C	EC	EC	EC	AC	AC	EC	PC
C	C	EC	EC	EC	AC	AC	AC	EC	PC
C	EC	EC	EC	AC	AC	AC	AC	EC	PC
EC	EC	EC	EC	EC	EC	EC	EC	EC	PC
EC	EC	EC	EC	EC	C	C	C	EC	PC
EC	EC	EC	EC	EC	AC	AC	AC	EC	PC
AC	AC	AC	AC	AC	AC	AC	AC	AC	EP
AC	AC	AC	AC	AC	C	C	C	AC	EP
AC	AC	AC	AC	AC	EC	EC	EC	AC	EP
AC	AC	AC	AC	EC	EC	EC	EC	AC	EP


OBS.: entende-se por **prevalência** quando um mesmo conceito aparece em quantidade acima do que representaria metade dos componentes curriculares, ou seja: **para os anos iniciais**

QUADRO DE EQUIVALÊNCIA – ANOS FINAIS										
L.P	ART	ING	ED. FÍS	MAT.	CIÊN.	HIST.	GEO.	E.REL.	R.P.	C.F.
C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	PC
C	C	C	C	C	C	EC	EC	EC	C	PC
C	C	C	C	C	C	AC	AC	AC	EC	PC
C	C	C	C	C	EC	EC	EC	EC	EC	PC
C	C	C	C	C	AC	AC	AC	AC	EC	PC
C	C	C	C	AC	AC	AC	AC	AC	EC	PC
EC	EC	EC	EC	EC	EC	EC	EC	EC	EC	PC
EC	EC	EC	EC	EC	EC	C	C	C	EC	PC
EC	EC	EC	EC	EC	EC	AC	AC	AC	EC	PC
EC	EC	EC	EC	EC	AC	AC	AC	AC	EC	PC
EC	EC	EC	EC	EC	C	C	C	C	EC	PC
EC	EC	EC	EC	C	C	C	AC	AC	EC	PC
EC	EC	EC	C	C	C	C	AC	AC	EC	PC
EC	EC	EC	C	C	C	AC	AC	AC	EC	PC
EC	EC	C	C	C	AC	AC	AC	AC	EC	PC
EC	C	C	C	C	AC	AC	AC	AC	EC	PC
AC	AC	AC	AC	AC	AC	AC	AC	AC	AC	EP
AC	AC	AC	AC	AC	AC	C	C	C	AC	EP
AC	AC	AC	AC	AC	AC	EC	EC	EC	AC	EP


prevalece o conceito que aparece acima de **4** vezes. **Para os anos finais**, vai prevalecer o conceito que aparecer **acima de 5** vezes. Se aparecer **5** vezes, considera-se **superior**.

Neste quadro não constam todas as combinações possíveis entre os conceitos. Os casos não contemplados pelas informações aqui apresentadas deverão ser discutidos e resolvidos em comunhão entre coordenação escolar, professores e SEDUC, para que as decisões sejam tomadas consensualmente.

ANEXO L –FICHA INDIVIDUAL DO ALUNO DA EJA - ANOS INICIAIS - 2018

	PREFEITURA MUNICIPAL DE ARACI SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE ARACI EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS - EJA	SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO							
FICHA INDIVIDUAL DO ALUNO – ENSINO FUNDAMENTAL - ANOS INICIAIS									
Aluno(a): _____ Nº da Matrícula: _____ Endereço: _____ Bairro: _____ Data de Nasc: ____/____/____ Naturalidade: _____ Identificação Única: _____ Cert. Nasc: _____ Livro: _____ Folha: _____ CPF: _____ Apresenta necessidades especiais? Não [] Sim [] Qual(is): _____ Pai: _____ Mãe: _____		FOTO							
ESCOLA: _____		CÓDIGO DA ESCOLA/INEP: _____							
ENDEREÇO: _____		ANO LETIVO: _____							
EIXO: _____	TURMA: _____	TURNO: _____ () SEDE () REGIONAL							
UNIDADES	COMPONENTES CURRICULARES							() PC - PROGRESSÃO	
	<i>L.P.</i>	<i>ART.</i>	<i>E. FÍS.</i>	<i>MAT.</i>	<i>CIÊN.</i>	<i>HIST.</i>	<i>GEO.</i>	<i>RESULT. UNID.</i>	() PC - RETENÇÃO
I									() AP. P/ CONSELHO DE CLASSE
II									() CONSERV. P/ INFREQUÊNCIA
III									() EVADIDO(A)
RESULTADO PARCIAL									() TRANSFERIDO(A)
									() FALECIDO(A)
DIRETOR(A): _____		SECRETÁRIO(A): _____							
ESCOLA: _____		CÓDIGO DA ESCOLA/INEP: _____							
ENDEREÇO: _____		ANO LETIVO: _____							
EIXO: _____	TURMA: _____	TURNO: _____ () SEDE () REGIONAL							
UNIDADES	COMPONENTES CURRICULARES							() PC - PROGRESSÃO	
	<i>L.P.</i>	<i>ART.</i>	<i>E. FÍS.</i>	<i>MAT.</i>	<i>CIÊN.</i>	<i>HIST.</i>	<i>GEO.</i>	<i>RESULT. UNID.</i>	() PC - RETENÇÃO
I									() AP. P/ CONSELHO DE CLASSE
II									() CONSERV. P/ INFREQUÊNCIA
III									() EVADIDO(A)
RESULTADO PARCIAL									() TRANSFERIDO(A)
									() FALECIDO(A)
DIRETOR(A): _____		SECRETÁRIO(A): _____							
ESCOLA: _____		CÓDIGO DA ESCOLA/INEP: _____							
ENDEREÇO: _____		ANO LETIVO: _____							
EIXO: _____	TURMA: _____	TURNO: _____ () SEDE () REGIONAL							
UNIDADES	COMPONENTES CURRICULARES							() PC - PROGRESSÃO	
	<i>L.P.</i>	<i>ART.</i>	<i>E. FÍS.</i>	<i>MAT.</i>	<i>CIÊN.</i>	<i>HIST.</i>	<i>GEO.</i>	<i>RESULT. UNID.</i>	() PC - RETENÇÃO
I									() AP. P/ CONSELHO DE CLASSE
II									() CONSERV. P/ INFREQUÊNCIA
III									() EVADIDO(A)
RESULTADO PARCIAL									() TRANSFERIDO(A)
									() FALECIDO(A)
DIRETOR(A): _____		SECRETÁRIO(A): _____							
OBS:	LEGENDA PARA AS UNIDADES: AC – A Construir / EC – Em Construção/ C – Construído LEGENDA FINAL: PC – Percurso Construído (Progressão) / EP – Em Processo (Retenção)								
	LEMBRETE: O RESULTADO PARCIAL de cada disciplina será a síntese dos conceitos das três unidades. O RESULTADO das UNIDADES será a síntese dos conceitos de todas as disciplinas em cada unidade. O CONCEITO FINAL, consequentemente, corresponderá à síntese do RESULTADO das UNIDADES.								
5. ORGANIZAÇÃO E ESTRUTURA CURRICULAR - A Organização Curricular é estruturada por Tempos Formativos, e está (nos Anos Iniciais) assim organizada: EJA I (Tempo Formativo I) - Equivale à integralização dos Anos iniciais do Ensino Fundamental, com duração de 2 (dois) anos, com exceção do 1º ano que terá a duração de 1(um) ano. Cada Eixo é organizado em 3 Unidades letivas:									
<ul style="list-style-type: none"> • 1ª ETAPA - Eixo I "Alfabetização, Letramento e Matemática" (1º ano); • 2ª ETAPA - Eixo II "Identidade e Cultura" (1º e 2ª séries / 2º e 3º anos); • 3ª ETAPA - Eixo III "Saúde e Meio Ambiente" (3ª e 4ª séries / 4º e 5º anos). 									
		<i>Proposta Pedagógica (Versão Preliminar 2018)</i>							

ANEXO M –FICHA INDIVIDUAL DO ALUNO DA EJA - ANOS FINAIS - 2018

	PREFEITURA MUNICIPAL DE ARACI SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE ARACI Rua Antônio de Oliveira Mota – Centro CEP.: 48760-000 ARACI/BA		SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO							
	EJA - EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS									
FICHA INDIVIDUAL DO ALUNO – ENSINO FUNDAMENTAL - ANOS FINAIS										
Aluno(a): _____ Nº da Matrícula : _____ Endereço: _____ Bairro: _____ Data de Nasc: ___/___/___ Naturalidade: _____ Identificação Única: _____ Cert.Nasc: _____ Livro: _____ Folha: _____ CPF: _____ Apresenta necessidades especiais? [] Não [] Sim Qual(is): _____ Pai: _____ Mãe: _____			FOTO							
RESULTADOS OBTIDOS										
Escola: _____		Código da Escola/Inep: _____								
Endereço: _____		Ano Letivo: _____								
Eixo: _____	Turma: _____	Turno: _____	() SEDE () REGIONAL							
UNIDADES	COMPONENTES CURRICULARES								() PC - PROGRESSÃO	
	L.P.	ART.	L. ING.	E. FÍS.	MAT.	CIÊN.	HIST.	GEO.	RESULT. UNID.	() PC - RETENÇÃO
I										() AP. P/ CONSELHO DE CLASSE
II										() CONSERV. P/ INFREQUÊNCIA
III										() EVADIDO(A)
RESULTADO PARCIAL										() TRANSFERIDO(A)
										() FALECIDO(A)
OBS.:	LEGENDA PARA AS UNIDADES: AC – A Construir / EC– Em Construção/ C – Construído LEGENDA FINAL: PC – Percurso Construído (Progressão) / EP – Em Processo (Retenção)				LEMBRETE: O RESULTADO PARCIAL de cada disciplina será a síntese dos conceitos das três unidades. O RESULTADO das UNIDADES será a síntese dos conceitos de todas as disciplinas em cada unidade. O CONCEITO FINAL, consequentemente, corresponderá à síntese do RESULTADO das UNIDADES .					
	DIRETOR(A): _____		SECRETÁRIO(A) _____							
Escola: _____		Código da Escola/Inep: _____								
Endereço: _____		Ano Letivo: _____								
Eixo: _____	Turma: _____	Turno: _____	() SEDE () REGIONAL							
UNIDADES	COMPONENTES CURRICULARES								() PC - PROGRESSÃO	
	L.P.	ART.	L. ING.	E. FÍS.	MAT.	CIÊN.	HIST.	GEO.	RESULT. UNID.	() PC - RETENÇÃO
I										() AP. P/ CONSELHO DE CLASSE
II										() CONSERV. P/ INFREQUÊNCIA
III										() EVADIDO(A)
RESULTADO PARCIAL										() TRANSFERIDO(A)
										() FALECIDO(A)
OBS.:	LEGENDA PARA AS UNIDADES: AC – A Construir / EC– Em Construção/ C – Construído LEGENDA FINAL: PC – Percurso Construído (Progressão) / EP – Em Processo (Retenção)				LEMBRETE: O RESULTADO PARCIAL de cada disciplina será a síntese dos conceitos das três unidades. O RESULTADO das UNIDADES será a síntese dos conceitos de todas as disciplinas em cada unidade. O CONCEITO FINAL, consequentemente, corresponderá à síntese do RESULTADO das UNIDADES .					
	DIRETOR(A): _____		SECRETÁRIO(A) _____							
5. ORGANIZAÇÃO E ESTRUTURA CURRICULAR A Organização Curricular é estruturada por Tempos Formativos, e está (nos Anos Finais) assim organizada: ➔ EJA II (Tempo Formativo II) – Equivale à integralização dos Anos Finais do Ensino Fundamental, com duração de 2 (dois) anos. Cada Eixo é organizado em 3 Unidades Letivas: • 4ª ETAPA - EIXO IV "Sociedade e Trabalho" (5ª e 6ª séries / 6ª e 7ª anos); • 5ª ETAPA - EIXO V "Cidadania e Movimentos Sociais" (7ª e 8ª séries / 8ª e 9ª anos). <i>Proposta Pedagógica (Versão Preliminar 2018)</i>										

Fonte: EMJPP, 2018.

ANEXO N - QUADRO DE OFERTA DE VAGAS DE EJA NA REDE MUNICIPAL 2012 -2018

ESCOLA	MATRÍCULAS													
	ANOS INICIAIS							ANOS FINAIS						
	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018
1. Grupo Escolar Ana Oliveira	-	-	-	-				104	94	76	156	-	-	-
2. Escola Tiradentes	30	31	29	46	36	-	-	-	-	-	-	-	-	-
3. Escola Valdeci Sousa de Carvalho	44	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
4. Escola Cirilo Pereira de Matos	25	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
5. Escola Cosme de Farias	20	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
6. Escola de 1 Grau Maria Lídia	24	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
7. Escola Dom Jackson Berenger Prado*	47	78	78	45	51	89	54	121	143	128	15			
8. Escola Edmilson Matos de Sousa	21	15	-	-	-	-	-	46	-	41	24	39	-	-
9. Escola Erasmo de Oliveira Carvalho	22	-	-	18	-	-	-	-	80	17	52	-	-	-
10. Escola Faustina Lisboa Pinheiro	39	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
11. Escola Jose Bonifácio	26	-	-	-	-	-	-	19	-	46	25	-	-	-
12. Escola Jose Francisco De Souza	19	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
13. Escola Jose Pinheiro	-	17	-	-	-	-	-	76	63	33	79	-	-	-
14. Escola Júlio Ribeiro	19	-	-	17	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
15. Escola Martim Pereira Da Silva	16	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
16. Escola Osvaldo Miranda Barreto	19	-	26	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
17. Escola Produção Comunitária Da Ribeira	-	26	-	-	-	-	-	98	30	21	30	-	-	-
18. Escola Professora Maura Lopes Pinheiro	25	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
19. Escola São Jorge	11	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
20. Escola Sete De Setembro	11	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-

21. Escola Catarino Nunes Da Silva	22	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
22. Escola Francisco De Araújo	20	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
23. Escola Jose Carlos Mota	71	-	-	30	-	-	-	-	-	51	28	26	25	-	
24. Escola Jose Sebastiao	15	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
25. Escola Julia Pinheiro Araújo	19	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
26. Escola Mun. Jaconias Ferreira de Carvalho	23	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
27. Escola Olavo Bilac	59	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
28. Escola São Jose	39	28	21	20	10	14	-	20	44	23	27	30	-	-	
29. Escola Tiradentes	30	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
30. João Pereira de Pinho*	35	17	-	-	-	-	-	80	75	99	79	60	74	57	
31. Jose Reginaldo Santana	44	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
32. Escola Municipal Andreino Bispo de Sousa	19	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
33. Centro Educacional Mun. Oliveira Brito	-	-	-	-	-	-	-	269	-	-	209	188	177	184	
34. Colégio Municipal Carlos Raimundo Mota*	-	-	-	-	-	-	-	63	64	90	91	57	32	-	
35. Escola Erasmo de Oliveira Carvalho	19	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	

Fonte: SEDUC- 2018

ANEXO O – CERTIFICADO DO HAPROL

114 0302

 REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
ESTADO DA BAHIA
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO E CULTURA 

 CENTRO
DE EDUCAÇÃO TÉCNICA DA BAHIA
CETEBA-FUNDAÇÃO
DECRETO 21.455 DE 29.09.969 (D.O. 30.09.969)

CERTIFICADO DE HABILITAÇÃO PROFISSIONAL
ART. 26 DA LEI FEDERAL 5692, DE 11.08.71

CERTIFICAMOS QUE _____
MARIA ANTÔNIA PINHO

FILHO(A) DE _____
CALDINO PEREIRA DE PINHO

E DE _____
ROSA BARRETO DE PINHO

E DE _____ BA _____
ARACI

NATURAL DE _____ ESTADO D _____ NASCIDO(A)
22 DE 41

EM _____ DE 19 _____ ESTÁ LEGALMENTE HABILITADO(A) PARA
EXERCER O MAGISTÉRIO NAS ESCOLAS MUNICIPAIS DE 1º GRAU (DA 1ª À 4ª SÉRIE)
POR HAYER CONCLUÍDO O CURSO DE SUPLÊNCIA, REALIZADO PELA FUNDAÇÃO
CENTRO DE EDUCAÇÃO TÉCNICA DA BAHIA, PARA ISSO CREDENCIADA PELA
RESOLUÇÃO Nº 350 DO CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO, DE 31 DE
JANEIRO DE 1977.

_____ DE _____ DE 197 _____
SALVADOR


DIRETOR EXECUTIVO


COORDENADOR DO CURSO DE SUPLÊNCIA


DOCENTE HABILITADO

Fonte: Arquivo pessoal de Maria Antônia (2018)

ANEXO P – FOTOS ANTIGAS

Foto - 1 Apresentação cultural na praça da Conceição, Anos 50.



Fonte: www.viladoraso.com.br

Foto - 2 Desfile escolar em comemoração da primavera - sem data.



Fonte: www.viladoraso.com.br